

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Inês da Conceição Pinto de Oliveira

**USOS VERBAIS E NOMINAIS DO INFINITIVO
EM PORTUGUÊS EUROPEU**

Dissertação apresentada à

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

para obtenção do grau de Doutor em Linguística,

sob a orientação da Professora Doutora Ana Maria Brito.

Porto 2014

Aos meus pais.

Agradecimentos

Este percurso de elaboração da tese de doutoramento pautou-se por inúmeros desafios, questões, leituras, alegrias, dúvidas e incertezas. Durante esta caminhada vários foram os que direta e indiretamente me apoiaram, tornando possível a realização deste trabalho e, dessa forma, não posso deixar de lhes agradecer.

O meu primeiro e especial agradecimento é para a Professora Doutora Ana Maria Brito, pelas suas preciosas orientações, pelas leituras atentas e rigorosas das várias versões do trabalho, pela partilha de saberes, pelos comentários que suscitaram reflexões e aprofundamento de questões, pelos empréstimos bibliográficos, pelo constante apoio e disponibilidade demonstrada ao longo desta dissertação, por estimular em mim o desejo da investigação, pela amizade e confiança ao longo deste percurso.

À Faculdade de Letras agradeço a todos os docentes do ano curricular de doutoramento que contribuíram para o meu crescimento científico, à Professora Doutora Clara Barros, à Professora Doutora Fátima Oliveira, à Professora Doutora Graça Pinto e ao Professor Doutor João Veloso. Um agradecimento também à Professora Doutora Fátima Silva que, apesar de não ter sido minha professora no ano curricular, prontamente me emprestou bibliografia para a lexicalização dos infinitivos e sempre me incentivou nesta minha caminhada.

À Professora Doutora Ana Paula Quintela um importante agradecimento pelo seu carinho, pelas palavras reconfortantes de incentivo, pelos empréstimos bibliográficos e pela dedicação e rigor com que realizou as traduções dos exemplos em latim, confirmando, corrigindo e completando com todo o cuidado todas as referências das obras de autores latinos que apareciam nas gramáticas consultadas.

À amiga Joana Cardoso, pela partilha dos momentos felizes e dos momentos difíceis, pelo constante apoio e pela cumplicidade.

Às amigas Elsa Gonçalves, Marlene Sousa e Rita Soeiro, que, embora, por vezes, distantes, sempre acreditaram no meu trabalho e prontamente se disponibilizaram para as traduções do resumo.

Um último e profundo agradecimento é para a minha família, em especial para os meus pais que sentiram de perto esta exigente etapa da minha vida e que sempre me transmitiram serenidade, confiança e força para conseguir levar a bom porto este trabalho tão importante.

Ao Vítor, pelo companheirismo, incentivo e paciência.

À Ana Rita e ao Bernardo, pela ajuda no lançamento dos dados no SPSS e pelos momentos de pausa e de diálogos que me proporcionaram e me permitiram recarregar energias para continuar o trabalho.

À Sónia, ao Agostinho e ao Afonso pela ajuda e disponibilidade em imprimir os textos das minhas leituras sempre que a minha impressora avariava e por todo o incentivo ao longo desta caminhada.

Ao António e à Clarinda, pela amizade e pelo carinho.

A todos os que partilharam comigo a realização deste projeto pessoal e profissional o meu mais sincero agradecimento.

Índice

Índice.....	I
Índice de figuras.....	VI
Índice de quadros.....	VII
Índice de tabelas.....	VII
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	IX
Resumo.....	XI
Abstract.....	XII
Résumé.....	XIII
Resumen.....	XV
Introdução.....	17
1. Objeto de estudo.....	19
1.1 Objetivos e motivação.....	19
1.2 Os corpora.....	22
2. O quadro teórico: Teoria de Princípios e Parâmetros.....	23
3. Propriedades dos nomes e dos verbos.....	27
3.1 Considerações introdutórias.....	27
3.2 Caracterização dos nomes.....	29
3.2.1 Perspetiva dos clássicos e de alguns gramáticos sobre o nome.....	29
3.2.2 Propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas do nome.....	32
3.3 Caracterização dos verbos.....	35
3.3.1 Perspetiva dos clássicos e dos gramáticos sobre o verbo.....	35
3.3.2 Propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas do verbo.....	37
3.4 Algumas semelhanças e diferenças entre nomes e verbos.....	39
3.5 A criação de nomes em português.....	42
3.5.1 A conversão.....	42
3.5.2 A derivação.....	45
3.6 Síntese das propriedades dos nomes e dos verbos.....	47
4. Estrutura da dissertação.....	48

PARTE I – ALGUNS USOS VERBAIS DO INFINITIVO EM PORTUGUÊS EUROPEU.....	51
Capítulo 1. Uma primeira caracterização do Infinitivo.....	53
1.1 Do infinitivo latino ao infinitivo português – breve abordagem.....	53
1.2 A conceção tradicional do infinitivo: a visão dos gramáticos da tradição luso-brasileira.....	59
1.3 Conclusões.....	65
Capítulo 2. Infinitivos independentes.....	67
2.1 Considerações introdutórias.....	67
2.2 O infinitivo impessoal em orações imperativas.....	73
2.3 O infinitivo em orações interrogativas.....	77
2.3.1 Orações interrogativas de infinitivo impessoal.....	77
2.3.2. Orações interrogativas de infinitivo flexionado.....	80
2.4 O infinitivo em orações exclamativas.....	82
2.4.1 Orações exclamativas de infinitivo impessoal.....	82
2.4.2 Orações exclamativas de infinitivo flexionado.....	83
2.5 Conclusões.....	85
Capítulo 3. Infinitivo impessoal com auxiliares.....	89
3.1 Considerações introdutórias.....	89
3.2 Construções de auxiliares com infinitivo impessoal.....	89
3.3 Conclusões.....	95
Capítulo 4. Infinitivo impessoal e flexionado em orações subordinadas completivas.....	97
4.1 Caracterização geral das orações completivas.....	98
4.2 A questão da temporalidade nas completivas infinitivas.....	102
4.2.1 Stowell (1982).....	103
4.2.2 Roger Martin (2001).....	104
4.2.3 A visão de Raposo (1987).....	106
4.2.4 A proposta de Ambar (1992b), (1999).....	108
4.2.5 A visão de Duarte (2003d).....	110
4.2.6 A proposta de Cunha e Silvano (2006).....	111

4.3 Orações completivas infinitivas de infinitivo não flexionado /impessoal em complementação verbal.....	114
4.3.1 Breve análise de acordo com o tipo de construção e a classe semântica do verbo superior.....	114
4.3.1.1 Construções de controlo de sujeito.....	114
4.3.1.2 Construções de controlo de objeto.....	119
4.3.1.3 Construções de atribuição excecional de caso.....	121
4.3.1.4 Construções de predicado complexo.....	122
4.3.1.5 Construções de elevação.....	124
4.3.1.6 Construções de reestruturação.....	126
4.4 Orações completivas infinitivas de infinitivo flexionado/pessoal em complementação verbal.....	127
4.4.1 Breve análise de acordo com a classe semântica do verbo superior.....	127
4.4.1.1 Verbos declarativos.....	128
4.4.1.2 Verbos epistémicos e de atividade mental.....	129
4.4.1.3 Verbos trivalentes.....	130
4.4.1.4 Verbos que selecionam como argumento interno uma oração completiva regida de preposição.....	131
4.4.1.5 Verbos causativos e verbos percetivos.....	131
4.4.1.6 Verbos avaliativos de uso factivo.....	132
4.5 Conclusões.....	138
Capítulo 5. Infinitivo impessoal e flexionado em orações subordinadas adverbiais.....	143
5.1 Caracterização geral das orações adverbiais.....	143
5.2 Orações subordinadas causais infinitivas.....	147
5.3 Orações subordinadas finais infinitivas.....	152
5.4 Orações subordinadas concessivas infinitivas.....	157
5.5 Orações subordinadas temporais infinitivas.....	160
5.6 Orações subordinadas condicionais infinitivas.....	164
5.7 Conclusões.....	166
Conclusão da parte I – Alguns usos verbais do infinitivo.....	169

PARTE II – USOS NOMINAIS DO INFINITIVO EM PORTUGUÊS EUROPEU.....173

Capítulo 1. Diferentes construções de nominalização do infinitivo.....177

1.1 Considerações introdutórias sobre diferentes possibilidades de nominalização do infinitivo.....177

1.2 Metodologia de análise das construções de nominalização do infinitivo.....179

1.2.1 A constituição do corpus.....179

1.2.2 A recolha e organização de corpus.....181

1.2.3 Critérios de distinção das diferentes construções.....186

Capítulo 2. Infinitivos nominais lexicalizados.....189

2.1 Considerações introdutórias.....189

2.2 Algumas considerações sobre lexicalização.....190

2.3 Propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas dos infinitivos lexicalizados.192

2.3 Conclusões.....198

Capítulo 3. Infinitivo nominalizado.....199

3.1 Considerações introdutórias.....199

3.2 Apresentação, análise e discussão dos dados.....200

3.2.1. Propriedades sintáticas e semânticas.....200

(i) Argumento (interno ou externo) sob a forma de genitivo com “de”.....200

(ii) Não ocorrência de infinitivo flexionado.....203

(iii) Não realização de sujeito.....203

(iv) Ocorrência do infinitivo nominalizado com diferentes determinantes.....204

(v) Possibilidade de modificação adjetival e de presença de orações relativas restritivas.....209

(vi) Possibilidade de coordenação.....219

(vii) Impossibilidade de ocorrência com clíticos.....223

(viii) Ocorrência de negação.....223

(ix) Impossibilidade de ocorrência com auxiliares.....225

(x) Infinitivo nominalizado não exprime tempo.....226

(xi) Distribuição do infinitivo nominalizado na frase.....226

(xii) Tipo de verbos no infinitivo nominalizado.....230

3.3 Análise da estrutura sintática do infinitivo nominalizado.....	236
3.3.1 Diferentes propostas de análise sintática do infinitivo nominalizado apresentadas na literatura.....	236
3.3.2 Uma possível proposta de análise sintática do infinitivo nominalizado.....	241
3.4 Conclusões.....	244
Capítulo 4. Nominalização de uma oração infinitiva.....	245
4.1 Considerações introdutórias.....	245
4.2 Apresentação, análise e discussão dos dados.....	246
4.2.1 Propriedades sintáticas e semânticas.....	246
(i) Ocorrência de argumento interno.....	246
(ii) Presença de infinitivo não flexionado e de infinitivo flexionado.....	249
(iii) Argumento externo (SU) expresso ou nulo.....	250
(iv) Restrição na seleção de determinantes.....	250
(v) Modificação adverbial e por relativa apositiva.....	255
(vi) Possibilidade de coordenação.....	257
(vii) Ocorrência com clíticos.....	260
(viii) Ocorrência com negação.....	262
(ix) Ocorrência com auxiliares.....	263
(x) Nominalização da oração infinitiva expressa tempo.....	265
(xi) Distribuição da nominalização da oração infinitiva na frase.....	266
(xii) Tipo de verbos na nominalização da oração infinitiva.....	273
4.3. Análise da estrutura sintática da nominalização da oração infinitiva.....	275
4.3.1. Diferentes propostas de análise sintática da nominalização da oração infinitiva apresentadas na literatura.....	275
4.3.2 Uma possível proposta de análise sintática da nominalização da oração infinitiva.....	279
4.4. Conclusões.....	280
Conclusão da parte II - Usos nominais do infinitivo.....	281
Conclusão geral.....	283
Bibliografia.....	289

Anexos.....	307
Anexo I – Definições dos Infinitivos Lexicalizados.....	309
Anexo II - Corpus do Infinitivo Nominalizado.....	315
Anexo III - Corpus da Nominalização da Oração Infinitiva.....	355

Índice de figuras

Figura 1: Estrutura de um SN ou de um SV no quadro da Teoria X-Barra	40
Figura 2: Estrutura sintática das imperativas independentes com sujeito arbitrário	76
Figura 3: Estrutura sintática das interrogativas parciais infinitivas independentes.....	79
Figura 4: Estrutura sintática de uma interrogativa total infinitiva independente de infinitivo flexionado	81
Figura 5: Estrutura sintática das exclamativas totais independentes de infinitivo impessoal	83
Figura 6: Estrutura simplificada de um SV contendo um V auxiliar verdadeiro	92
Figura 7: Estrutura sintática de uma construção com oração completiva	98
Figura 8: Estrutura sintática de uma construção com oração completiva pronominalizada	98
Figura 9: Estrutura sintática de uma estrutura de controlo de sujeito	116
Figura 10: Estrutura sintática de uma construção de elevação.....	125
Figura 11: Estrutura sintática ilustrando movimento do auxiliar numa oração completiva de infinitivo flexionado selecionada por verbos declarativos	136
Figura 12: Estrutura sintática de uma oração completiva de infinitivo flexionado selecionada por verbos factivos.....	137
Figura 13: Estrutura sintática de uma subordinada adverbial periférica (simplificada).....	146
Figura 14: Estrutura sintática de uma subordinada adverbial integrada.....	146
Figura 15: Estrutura sintática de uma oração subordinada causal integrada.....	149
Figura 16: Estrutura sintática de uma oração causal periférica à esquerda.....	150
Figura 17: Estrutura sintática das orações finais infinitivas	154
Figura 18: Estrutura sintática de uma oração subordinada concessiva infinitiva.....	158
Figura 19: Estrutura sintática de uma oração subordinada temporal integrada.....	161
Figura 20: Estrutura sintática de uma oração subordinada condicional	165
Figura 21: Estrutura sintática de um infinitivo lexicalizado.....	196
Figura 22: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado proposta em Plann (1981, p. 222)	236
Figura 23: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado, em espanhol, proposta por De Miguel (1996, p. 48).....	238
Figura 24: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado proposta por Ramirez (2003, p. 125).....	240

Figura 25: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado, proposta em Brito (2012b, p. 111)	241
Figura 26: Estrutura sintática de uma construção de nominalização da oração infinitiva proposta em Plann (1981, p. 235).....	275
Figura 27: Estrutura sintática de uma oração nominalizada proposta por De Miguel (1996, p. 46)	276
Figura 28: Estrutura sintática de uma nominalização da oração infinitiva proposta em Ramirez (2003, p. 128).....	277
Figura 29: Estrutura sintática de uma nominalização da oração infinitiva, proposta em Brito (2012b, p. 113)	278

Índice de quadros

Quadro 1: Diferentes nomes e nominalizações e a sua aceitabilidade tendo em conta o comportamento sintático dos nomes (adaptado de Rodrigues, 2013, p. 96)	44
Quadro 2: Os tempos do infinitivo no latim.....	53
Quadro 3: Conjugações latinas e portuguesas	57
Quadro 4: Formas de infinitivo impessoal e pessoal em português	58
Quadro 5: Organização do <i>corpus</i> de ocorrências de infinitivo nominalizado (ver anexo II)	185
Quadro 6: Organização do <i>corpus</i> de ocorrências de nominalização da oração infinitiva (ver anexo III).....	185
Quadro 7: Distribuição dos infinitivos lexicalizados de acordo com o critério morfológico	194
Quadro 8: Classificação dos adjetivos encontrados na construção de infinitivo nominalizado	212
Quadro 9: Classificação dos adjetivos encontrados no infinitivo nominalizado.....	216

Índice de tabelas

Tabela 1: Frequência das ocorrências das construções de nominalização do infinitivo presentes no <i>corpus</i>	181
Tabela 2: Frequência e percentagem de ocorrências de infinitivo nominalizado com diferentes construções de genitivo.....	202

Tabela 3: Frequência e percentagem de ocorrência de infinitivo nominalizado por tipo de determinante.....	204
Tabela 4: Frequência e percentagem de ocorrências de infinitivo nominalizado modificado por adjetivo.....	210
Tabela 5: Frequência de ocorrências de construções de infinitivo nominalizado por tipo de determinante e por modificação por adjetivo	210
Tabela 6: Frequência das ocorrências de cada adjetivo anteposto ao infinitivo.....	211
Tabela 7: Frequência das ocorrências de cada adjetivo posposto ao infinitivo nominalizado	216
Tabela 8: Frequência de ocorrências de infinitivo nominalizado coordenado.....	220
Tabela 9: Frequência e percentagem de ocorrências de infinitivo nominalizado com negação	224
Tabela 10: Frequência e Percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva (infinitivo não flexionado) com argumento interno.....	247
Tabela 11: Frequência e Percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva (infinitivo não flexionado) com argumento interno.....	247
Tabela 12: Frequência e percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva por determinante	251
Tabela 13 – Frequência e percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva por advérbio	255
Tabela 14: Frequência e percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva por coordenação	257
Tabela 15: Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva por realização de argumentos sob a forma de clíticos	260
Tabela 16: Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva por presença de advérbio de negação.....	262
Tabela 17: Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva (com infinitivo flexionado) por presença de auxiliar.....	263
Tabela 18: Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva (com infinitivo não flexionado) por presença de auxiliar.....	263

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ADJ / A – Adjetivo	PE – Português Europeu
Asp – Aspeto	PERF - Perfetivo
Aux - Auxiliar	PM – Programa Minimalista
C / Compl / Comp– Complementador	PN – pessoa, número
CD – complemento direto	PRO – sujeito nulo não realizado
Conc – Concordância (Agr)	pro – sujeito nulo subentendido
D / DET – Determinante	SAdj – Sintagma adjetival
Decl - declarativo	SAdv – Sintagma adverbial
Esp - Especificador	SAsp – Sintagma aspeto
Estrutura-P – Estrutura sintática profunda	SCOMP- Sintagma complementador (CP)
Estrutura-S – Estrutura sintática de superfície	SDet / SD – Sintagma determinante (DP)
F- Frase /ST – Sintagma tempo (TP) / SFLEX – Sintagma Flexão	SGen – Sintagma genitivo
Fin - finitude	SN – Sintagma Nominal (NP)
FF – Forma Fonológica	SN _{OD} –Sintagma nominal objeto direto
FL - Forma Lógica	SN _{SU} – Sintagma nominal sujeito
FLEX / Flex – Flexão	SPrep – Sintagma preposicional (PP)
G - Genitivo	ST – Sintagma Tempo
GU – Gramática Universal	SU - sujeito
IN - Infinitivo nominalizado	SV – Sintagma verbal (VP)
	SVO – Sujeito verbo objeto
	T – Tempo

Int – interrogativo (wh)

ISV – Inversão Sujeito Verbo

N – Nome

NOI – Nominalização da Oração

Infinitiva

P /Prep- Preposição

T_{SU}- Tempo sujeito

T_{OD}- Tempo objeto direto

TMA – Tempo, Modo, aspeto

TPP – Teoria de Princípios e Parâmetros

V – verbo

Resumo

Esta dissertação procura descrever alguns dos usos verbais e os usos nominais do infinitivo em Português Europeu. Como pressuposto para a análise dos usos verbais e nominais do infinitivo, descrevem-se na introdução as propriedades dos nomes e dos verbos.

A primeira parte centra-se em alguns usos verbais do infinitivo (i) as construções de infinitivos independentes (imperativas, interrogativas e exclamativas); (ii) as construções de infinitivo precedidas de auxiliares; (iii) as construções de subordinação completiva e (iv) as construções de subordinação adverbial. Nos infinitivos independentes são descritas as suas propriedades sintáticas e semânticas e analisa-se a questão da independência destas construções, defendendo-se que a existência de um operador de tempo semântico e, por vezes, modal legitima a presença do infinitivo em construções não declarativas e a sua impossibilidade em orações declarativas, ilustrando por isso uma falsa independência destes infinitivos. Nas construções com semiauxiliares, o infinitivo parece ser defetivo temporalmente em todas as ocorrências. Nas construções de subordinação (completiva e adverbial) procura-se mostrar que o infinitivo não é totalmente desprovido de valores temporais. Reflete-se sobre as propriedades sintático-semânticas destas construções e problematiza-se a noção de oração reduzida.

A segunda parte centra-se nos usos nominais do infinitivo: os infinitivos lexicalizados, os infinitivos nominalizados e a nominalização da oração infinitiva. Para a análise dos infinitivos lexicalizados, foram usadas duas obras lexicográficas (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*) e para a análise das outras duas construções foi usado o *corp* informatizado do *CETEMPúblico*. Partindo da literatura existente para o tema, determinámos os critérios que nos permitem realmente distinguir estas construções. Mostra-se que o infinitivo não é formado apenas a partir de verbos de processo e que, por sua vez, a nominalização da oração infinitiva não é só selecionada por verbos factivos/avaliativos, como proposto em certa bibliografia. No quadro da Sintaxe Generativa, apresenta-se uma possível análise sintática das três construções.

Palavras-chave: infinitivo flexionado, infinitivo impessoal, verbo, nome, oração reduzida, independência/dependência temporal, infinitivo nominalizado, nominalização da oração infinitiva.

Abstract

This dissertation aims to describe some of verbal and nominal uses of the infinitive in European Portuguese. In the introductory section, the properties of nouns and verbs are described, as a premise for the analysis of verbal and nominal uses of the infinitive.

The first part of this dissertation focuses on some of the verbal uses of the infinitive, namely (i) independent infinitival constructions (imperative, interrogative and exclamatory); (ii) infinitival constructions preceded by auxiliaries; (iii) completive subordination constructions and (iv) adverbial subordination constructions. The syntactic and semantic properties of independent infinitives are described and the independence of these constructions analysed. We argue that the existence of a semantic, and sometimes modal, tense operator justifies the occurrence of the infinitive in non-declarative constructions and its impossibility in declarative clauses, which illustrates a false dependence of these infinitives. In constructions with semi-auxiliaries, the infinitive seems to be defective in all occurrences. In subordination constructions (completive and adverbial) we seek to demonstrate that the infinitive is not entirely devoid of tense value. We reflect on the semantic-syntactic properties of these constructions and explore the notion of reduced clauses.

The second part of this dissertation focuses on the nominal uses of the infinitive: lexicalised infinitives, nominal infinitives and the nominalisation of infinitival clauses. In order to analyse lexicalised infinitives, two lexicographic works were used (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online* and *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*). For the analysis of the other constructions, the computerised corpus *CETEMPúblico* was used. Based on the existing literature on the subject, we have established the criteria which allow for a clear distinction between these constructions. We demonstrate that the infinitive is not only formed from verbs of process and that the nominalisation of an infinitival clause is not only selected by factive/evaluative verbs, contrary to what some authors propose. Within the framework of Generative Syntax, we present a possible syntactic analysis of the three constructions.

Keywords: inflected infinitive, impersonal infinitive, verb, noun, reduced clause, temporal dependence/independence, nominal infinitive, nominalisation of an infinitival clause.

Résumé

Cette dissertation vise à décrire certains usages verbaux et les usages nominaux de l'infinitif en Portugais Européen. Comme présupposé pour l'analyse des usages verbaux et nominaux de l'infinitif, nous décrivons dans l'introduction les propriétés des noms et des verbes.

La première partie est centrée sur certains usages verbaux de l'infinitif (i) les constructions avec infinitif indépendant (impératives, interrogatives et exclamatives); les constructions avec infinitif précédé d'auxiliaires; (iii) les constructions de subordination complétives et (iv) les constructions de subordinations adverbiales. Quant aux infinitifs indépendants, nous décrivons leurs propriétés syntaxiques et sémantiques et nous analysons la question de l'indépendance de ces constructions, soutenant que l'existence d'un opérateur sémantique et parfois modale légitime la présence de l'infinitif dans des constructions non déclaratives et le rend impossible dans des phrases déclaratives, démontrant ainsi une fausse indépendance de ces infinitifs. Dans les constructions avec des semi-auxiliaires, l'infinitif semble être défectif du point de vue temporel dans toutes les occurrences. Dans les constructions de subordination (complétive et adverbiale), nous cherchons à montrer que l'infinitif n'est pas totalement dépourvu de valeur temporelle. Nous réfléchissons, aussi, aux propriétés syntaxiques et sémantiques de ces constructions et thématisons la notion de phrase réduite.

La deuxième partie est dédiée aux usages nominaux de l'infinitif: les infinitifs lexicalisés, les infinitifs nominalisés et la nominalisation de la phrase infinitive. Pour l'analyse des infinitifs lexicalisés, nous avons utilisés deux œuvres lexicographiques (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*) et pour celle des deux autres constructions, nous avons utilisés le corpus informatisé du CETEMPúblico. Partant de la littérature existante sur le thème, nous avons déterminés les critères qui nous permettent de réellement distinguer ces constructions. L'analyse montre que la formation de l'infinitif n'est pas faite seulement par des verbes de procès et que, à son tour, la nominalisation de la phrase infinitive n'est pas seulement sélectionnée par des verbes factifs/d'évaluation, comme présumé par une certaine bibliographie. Dans le cadre de la Syntaxe Générative, nous proposons une analyse syntaxique de ces trois constructions.

Mots-clés: infinitif personnel, infinitif impersonnel, verbe, nom, phrase réduite, indépendance/dépendance temporelle, infinitif nominalisé, nominalisation de la phrase infinitive.

Resumen

Esta disertación pretende describir algunos de los usos verbales y usos nominales del infinitivo en Portugués Europeo. Como presupuesto para el análisis de los usos verbales y nominales del infinitivo, se describen en la introducción las propiedades de los nombres y de los verbos.

La primera parte se centra en algunos usos verbales del infinitivo (i) las construcciones de infinitivos independientes (imperativas, interrogativas y exclamativas); (ii) las construcciones de infinitivo precedidas de auxiliares; (iii) las construcciones de subordinación completiva e (iv) las construcciones de subordinación adverbial. En los infinitivos independientes se describen sus propiedades sintácticas y semánticas y se analiza la cuestión de la independencia de estas construcciones, defendiéndose que la existencia de un operador de tiempo semántico y, a veces, modal, legitima la presencia del infinitivo en construcciones no declarativas y su imposibilidad en oraciones declarativas, ilustrando por eso una falsa independencia de estos infinitivos. En las construcciones con semiauxiliares, el infinitivo es defectivo temporalmente en todas las ocurrencias. En las construcciones de subordinación (completiva y adverbial) se intenta mostrar que el infinitivo no está totalmente desprovisto de valores temporales. Se reflexiona sobre las propiedades sintáctico-semánticas de estas construcciones y se plantea la noción de oración reducida.

La segunda parte se centra en los usos nominales del infinitivo: los infinitivos lexicalizados, los infinitivos nominalizados y la nominalización de la oración infinitiva. Para el análisis de los infinitivos lexicalizados, se han utilizado dos obras lexicográficas (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online* y *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*) y para el análisis de las otras dos construcciones se ha usado el *corpus* informatizado *CETEMPúblico*. Partiendo de la literatura existente para el tema, hemos determinado los criterios que nos permiten realmente distinguir estas construcciones. Se muestra que el infinitivo no se forma solamente a partir de verbos de proceso y que, a su vez, la nominalización de la oración infinitiva no es únicamente seleccionada por verbos factivos/evaluativos, como propuesto en determinada bibliografía. En el cuadro de la Sintaxis Generativa, se presenta un posible análisis sintáctico de las tres construcciones.

Palabras clave: infinitivo flexionado, infinitivo impersonal, verbo, nombre, oración reducida, independencia/dependencia temporal, infinitivo nominalizado, nominalización de la oración infinitiva.

Introdução

1. Objeto de estudo

Os gramáticos da tradição luso-brasileira (Said Ali, 1931/1964; Bechara, 1961, 1999; Cunha & Cintra, 1984/2000; Cuesta & Da Luz, 1980) consideram o infinitivo em português “uma forma nominal do verbo”. Esta designação encerra em si uma dupla dimensão: verbal e nominal.

O presente estudo insere-se no âmbito da linguística descritiva, procurando abordar os usos do infinitivo em português, que, pela designação dos gramáticos, tanto tem propriedades verbais como nominais. A própria organização da dissertação, como veremos, reflete esta dimensão dual.

1.1 Objetivos e motivação

O lecionar português como língua estrangeira, o contactar com alunos de outras nacionalidades que não dispõem da nominalização do infinitivo nas suas línguas e o constante questionar dos contextos em que se emprega o infinitivo em português constituiu uma primeira motivação para o estudo que agora se desenvolve: a descrição e reflexão sobre as propriedades duais do infinitivo – verbais e nominais.

O emprego do infinitivo enquanto forma verbal em português tem sido tema de trabalho de diferentes autores: Raposo (1975), (1987), Madeira (1994), Martins (1999), Duarte (2003d), Duarte, Gonçalves e Miguel (2005), Silvano (2010), Duarte, Gonçalves e Santos (2012), Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b), Barbosa e Raposo (2013), entre outros. No entanto, não existe um trabalho que discuta a sua dupla dimensão, discutindo se haverá algumas semelhanças entre as construções verbais e nominais. Existirão nos contextos de emprego do infinitivo enquanto forma verbal propriedades nominais? E nos contextos em que surge como nome, terá ele propriedades verbais?

A descrição de alguns usos verbais e dos usos nominais do infinitivo numa única dissertação justifica-se assim por diferentes motivos.

A primeira parte – Alguns Usos Verbais do Infinitivo em Português Europeu - tem como principal objetivo fazer uma descrição das propriedades verbais das construções com infinitivo em português e, em particular, discutir a existência de tempo ou não em algumas dessas construções. Nesta parte, são abordados os infinitivos independentes em orações imperativas, interrogativas e exclamativas (1), as orações subordinadas completivas com infinitivo impessoal e infinitivo flexionado (2) e as orações subordinadas causais, finais, concessivas, temporais e condicionais (3).

- (1) a) Não deitar papéis para o chão.
 - b) Cantar uma música agora?
 - c) Ah, passear por Veneza! Que maravilha!

- (2) a) A Maria deseja concluir o curso de inglês em 2015.
 - b) Surpreende-me não teres lido o último romance de Saramago.

- (3) a) Visto estar muito cansado, não fui ao concerto no domingo.
 - b) Vou estudar muito para ter uma boa nota no exame.
 - c) Apesar de termos comprado o carro, continuamos a ir de transporte público para o trabalho.
 - d) Antes de ir trabalhar, vou às compras.
 - e) No caso de chegares tarde, avisa-me.

Algumas questões se levantam na descrição dos usos verbais do infinitivo:

- (i) a ocorrência do infinitivo em orações independentes: o que possibilitará a sua ocorrência?
- (ii) a expressão de tempo nas construções com infinitivo: será o infinitivo sempre defetivo ou terá, em função de certos contextos, marcas temporais?
- (iii) terá alguma destas construções propriedades nominais?
- (iv) a noção de oração reduzida deve aplicar-se a todas as construções com infinitivo?

Assim, a primeira parte da dissertação apresenta os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever alguns dos contextos verbais de ocorrência de infinitivo em português europeu;
- b) determinar o que legitimará o uso do infinitivo em orações independentes;
- c) problematizar o conceito de oração reduzida aplicado às construções de subordinação com infinitivo;
- d) identificar se o infinitivo é defetivo em termos temporais nos contextos verbais estudados;
- e) identificar se em alguns dos contextos verbais temos alguma construção com propriedades nominais;
- f) analisar sintaticamente as construções de subordinação infinitiva no quadro da Sintaxe Generativa.

A segunda parte – Usos Nominais do Infinitivo em Português Europeu - centra-se nos usos nominais do infinitivo. De acordo com a literatura, a nominalização do infinitivo apresenta características distintas, podendo distinguir-se três construções, ilustradas em (4):

- (4) a) Os cantares que ouvimos foram belíssimos.
b) O constante falhar de passes do futebolista determinou o fim da sua carreira.
c) O vestirmos a camisola da seleção constituiu um grande orgulho.

Na construção apresentada em (4a), o infinitivo adquire plenas propriedades nominais, o que é visível na existência de pluralização: são os chamados infinitivos lexicalizados. Em (4b), o infinitivo surge nominalizado e apresenta propriedades nominais: presença de determinação e presença de genitivo. Em (4c), o infinitivo surge nominalizado e apresenta propriedades verbais: presença de argumento interno acusativo e possibilidade de sujeito expresso. Esta última construção é a nominalização de uma oração infinitiva.

Na descrição dos usos nominais do infinitivo levantam-se algumas questões:

- (i) que critérios nos permitem realmente distinguir as construções de nominalização do infinitivo?
- (ii) que subclasses sintáticas e semânticas de verbos podem aparecer nas diferentes construções?

- (iii) nas diferentes construções de infinitivo usado enquanto nome, terá este valores temporais e/ou aspetuais?
- (iv) nas diferentes construções de nominalização do infinitivo, em que nível da gramática opera tal nominalização?

Dessa forma, procuramos responder aos seguintes objetivos específicos:

- a) descrever as propriedades sintáticas, semânticas e temporais das construções de nominalização do infinitivo;
- b) determinar que critérios nos permitem distinguir as diferentes construções de nominalização do infinitivo;
- c) determinar que condições favorecem as diferentes ocorrências de infinitivos nominalizados;
- d) analisar as construções de nominalização do infinitivo no quadro da Sintaxe Generativa.

Ao longo da descrição dos contextos de uso do infinitivo, usaremos indistintamente as designações infinitivo não flexionado/ infinitivo impessoal e infinitivo flexionado/infinitivo pessoal. Barbosa e Raposo (2013, p. 1905) afirmam que nem sempre a correlação entre infinitivo não flexionado e infinitivo impessoal se observa e, dessa forma, os pares “infinitivo flexionado/não flexionado” e “infinitivo pessoal/impessoal” devem ser distinguidos. No português, podemos encontrar essa situação em exemplos como: “As minhas primas querem [fazer elas o jantar] (Barbosa e Raposo, 2013, p. 1905), coexistindo o infinitivo não flexionado com um sujeito foneticamente realizado, que só é possível aqui, porque é focalizado. Nesta dissertação não particularizemos essa distinção no uso das diferentes designações.

1.2 Os corpora

Na parte I da dissertação, na descrição dos usos verbais do infinitivo, uma vez que é um tema já bastante estudado na literatura, optou-se por criar os diferentes exemplos ilustrativos.

Na parte II da dissertação, para analisar os usos nominais do infinitivo recorreu-se, no caso dos infinitivos lexicalizados, ao *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013) e ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002).

Para o infinitivo nominalizado e para a nominalização da oração infinitiva, os exemplos foram extraídos do *corpus* do CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos Ministério Ciência Tecnologia /Público), um *corpus* informatizado, disponível em <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>, no qual constam extratos de cerca de 2600 edições do jornal *Público*, correspondendo aos anos de 1991 e 1998, de artigos publicados, bem como de outros que não chegaram a ser publicados. Os critérios de definição da amostra serão definidos ao longo da parte II da dissertação.

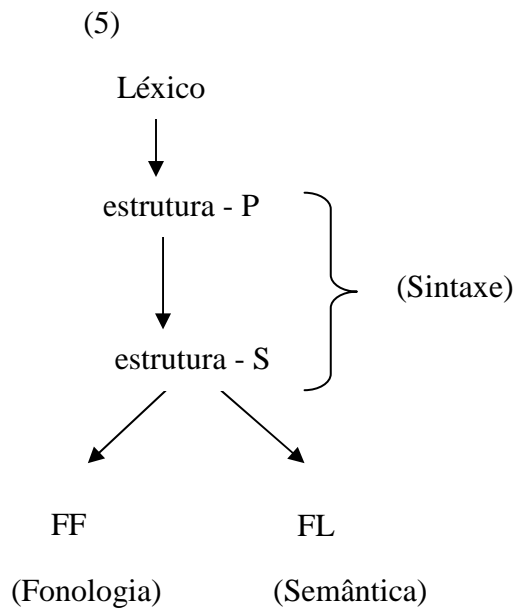
Os dados analisados e discutidos referem-se somente à variedade do PE, não tendo em conta outras variedades. Quando necessário, apresentam-se dados de outras línguas para analisar semelhanças e diferenças relevantes para a discussão.

2. O quadro teórico: Teoria de Princípios e Parâmetros

Este estudo insere-se no âmbito da Sintaxe, tendo como quadro teórico fundamental a Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP), uma vez que se procura descrever um conjunto de estruturas que fazem parte do conhecimento linguístico do falante e propor uma explicação para essas estruturas¹.

Uma ideia fundamental do generativismo é a de gramática modular, em que as diferentes componentes da gramática surgem em módulos. Em Chomsky (1981) e (1986) a sintaxe, a semântica e a fonologia surgem em interface, sendo a sintaxe a componente central. A forma da gramática que se propõe é a seguinte (modelo em Y simplificado):

¹ Para uma análise dos diferentes estudos de sintaxe generativa veja-se Brito (1999).



(Chomsky, 1986, p. 82)

A descrição estrutural é um conjunto de quatro níveis: Estrutura Profunda (Estrutura-P), Estrutura Superfície (Estrutura-S), Forma Fonética (FF) e Forma Lógica (FL).

Na Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986), Chomsky defende que o indivíduo tem uma capacidade mental inata (“Faculdade de Linguagem”), que inclui a Gramática Universal. Nessa Gramática Universal, há um conjunto de princípios fundamentais que são inatos e universais (invariantes, comuns a todas as línguas e que marcam os diferentes módulos da gramática), e de parâmetros (variam de acordo com o *input* linguístico, particular a cada língua). Os parâmetros têm um comportamento binário, podendo ter marcação positiva ou negativa, dependendo da língua em questão.

Como exemplos de princípios, temos o Princípio da Projeção (cada argumento selecionado por um predicado deve ser representado na estrutura sintática) e o Princípio da Projeção Alargada (há uma posição obrigatória para o sujeito, ainda que não seja preenchida foneticamente nas diferentes línguas)². Como parâmetros pode citar-se o Parâmetro do Sujeito Nulo. Segundo Chomsky (1981), há línguas de sujeito nulo (línguas “pro drop”) e línguas de sujeito não nulo. Embora, pelo Princípio da Projeção Alargada, haja uma posição estrutural de sujeito, há línguas que são marcadas positivamente [+ pro drop], como o português e há línguas que são marcadas

² Definição simplificada a partir de Chomsky (1981) e (1982).

negativamente [-pro drop]. No decorrer da dissertação sempre que for pertinente, voltaremos aos princípios e parâmetros acima apresentados ou outros.

Na Teoria de Princípios e Parâmetros, existem dois níveis de representação da sintaxe: a estrutura-P (estrutura profunda constituída de acordo com várias condições, mas que deve conter informações previstas no léxico) e a estrutura-S (estrutura de superfície). Estes dois níveis surgem enquadrados em diferentes princípios ou teorias: a Teoria X-Barra, a Teoria da Regência, a Teoria Temática, a Teoria do Caso, as Teorias da Ligação e do Controle e a Teoria dos Nós Fronteira.

Os princípios da teoria X-Barra regulam a configuração das categorias gramaticais (lexicais e funcionais) nos vários níveis sintáticos. Na teoria X-Barra, os nós sintáticos têm um valor categorial e um valor hierárquico, um determinado sintagma (XP) contém um especificador e um constituinte intermédio (X'), que por sua vez contém um núcleo (X) e um ou mais complementos. Cada sintagma e nó tem o mesmo valor categorial que o seu núcleo (endocentricidade). Assim, no que diz respeito ao SN, este é considerado uma projeção máxima de N. O nome é o núcleo lexical de todo o SN e tem um especificador à esquerda e um complemento. De acordo com a Teoria Temática, os argumentos de um núcleo lexical têm papéis temáticos. A Teoria do Caso, proposta por Chomsky (1981), defende que todo o SN foneticamente realizado tem um caso abstrato. Em Chomsky e Lasnik (1995), PRO pode receber caso para não haver violação da Condição de Visibilidade dos Papéis Temáticos; contudo, na Teoria da Regência e da Ligação era considerado que PRO nunca poderia receber caso. Os elementos têm de ter caso para que na forma lógica (FL) seja possível a marcação temática. Desenvolveremos esta questão no decorrer da dissertação.

Na Teoria de Princípios e Parâmetros, nas representações sintáticas, a categoria F é concebida como a projeção de flexão ou de tempo (SFLEX, ST) (Chomsky, 1995), sendo constituída pelo especificador (SN) e por FLEX'/T'. FLEX/T é o núcleo da projeção máxima SFLEX/ST e rege funcionalmente o complemento SV. Por sua vez, o SV é constituído pelo núcleo V e pelos seus complementos. As diferentes categorias vão-se dispor geralmente de cima para baixo (up-down).

A última versão da teoria sintática de Chomsky (1995, 2000) é o Programa Minimalista.

No Programa Minimalista (PM) e no Pré-minimalismo (Chomsky e Lasnik, 1995), em certa medida há uma continuação do modelo de P&P, mas há também algumas mudanças. Já não existem os dois níveis de representação: a estrutura profunda e a estrutura de superfície. Assim, a Faculdade da Linguagem é constituída por um léxico, um sistema computacional e pelos níveis de representação FF (π) e FL (λ) que estão em interface com os sistemas concetual-intencional e articulatório-percetual. No léxico estão definidas as propriedades idiossincráticas dos itens lexicais. Cada item lexical no léxico é composto por traços de categoria (N, V, ADJ, ...) e traços de concordância (número, tempo, género,..). O Verbo e os SN podem mover-se de forma a verificarem as marcas morfológicas que estariam já previstas no léxico. Como categorias lexicais temos N (nome), A (adjetivo), V (verbo) e P (preposição). Como categorias funcionais temos D (determinante), T (tempo) e C (complementador). O PM exclui a categoria Concordância (Agr) uma vez que esta não tem traços interpretáveis. As categorias funcionais estão associadas a traços gramaticais que estão disponíveis no léxico. Assim, o traço de caso nominativo está associado a Tempo e aos SN nominativos.

A ideia fundamental do Programa Minimalista é o princípio da economia, nomeadamente as derivações e as representações devem ser guiadas por princípios de economia, com um número mínimo de operações.

As relações estruturais limitam-se a um pequeno número de relações básicas: núcleo especificador e núcleo-complementos, abandonando-se as noções de regência.

A formação de uma estrutura sintática resulta de um conjunto de operações: *select* (selecionar), *merge* (compor, fundir), *agree/move* (concordar, mover) e *delete* (apagar). Assim, a partir da operação *select*, é selecionado um item lexical que entra na numeração. Depois os itens são combinados a partir da operação *merge*. A operação *move* refere-se aos movimentos que são realizados para obter determinados traços. Se o traço for forte, o movimento ocorrerá antes do *Spell-out* (soletração), se o traço for fraco ocorre depois do *Spell-out*. A operação *delete* fornece a indicação de que determinados elementos não são visíveis na forma fonética.

No PM as estruturas são construídas de baixo para cima (“bottom-up”).

3. *Propriedades dos nomes e dos verbos*

3.1 *Considerações introdutórias*

Na caracterização do infinitivo, é recorrente nos gramáticos da tradição luso-brasileira o apelidarem o infinitivo de “forma nominal do verbo”, tal como veremos na parte I desta dissertação. Nesta designação duas categorias cruzam-se: o nome e o verbo. Na primeira parte desta dissertação focaremos a descrição dos usos verbais do infinitivo e na segunda parte o objetivo fundamental é descrever os seus usos nominais. Para a concretização de tal objetivo é importante determinar que propriedades possuem os nomes e os verbos.

O nome e verbo parecem duas categorias antagônicas e, em certa medida, as suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas mostram isso.

O verbo admite, nas línguas flexionais, flexão de número, pessoa, tempo e modo, pode selecionar argumentos, conforme a sua natureza pode ser modificado por advérbios, pode ser precedido por auxiliares de vários tipos, enquanto o nome não permite muitas destas propriedades.

O nome, consoante as línguas e os tipos de nome, pode possuir traços de género e número, é o núcleo de sintagmas nominais da mais variada estrutura, sejam argumentais ou predicativos, permite coordenação com outros nomes e pode desempenhar funções de sujeito, de complemento, de complemento preposicional, desempenhar funções de carácter discursivo (foco / tópico) e estabelecer relações de concordância com o verbo e outros elementos (Bosque, 1999, p.7).

Os nomes designam objetos, entidades concretas e abstratas, em geral têm um carácter mais estático e não exprimem tempo, os verbos designariam atividades, processos e estados e têm a possibilidade de exprimir tempo. No entanto, como afirma Benveniste (1976/1995, p.164), esta distinção não se evidencia muito clara numa perspectiva de comparação e tipologia linguística. Para “desmontar” esta abordagem, o autor dá exemplos de línguas em que os nomes denotam processos e exprimem tempo, podendo mesmo ser conjugados. Vejamos alguns exemplos apresentados pelo autor. Em Hupa (Oregon)³, formas verbais ativas e passivas na terceira pessoa são usadas como

³ Hupa faz parte da família de línguas ‘Athabaskan’, falada na América do Norte, com concentrações no oeste do Canadá, Alaska, sudoeste dos Estados Unidos, litoral de Oregon e norte da Califórnia. As outras

nomes (ex. *nañya*, “ele desce” é usado para “chuva”; *nilliñ*, “ele escorre” para “riacho”). Em Zuñi⁴, o nome *yätokä*, “sol” é uma forma verbal de *yäto-*, “atravessar”. Para além disso, há formas verbais que são criadas a partir de noções que em nada correspondem a processos. O autor apresenta o exemplo do Siuslaw (Oregon)⁵ em que as partículas *wahá*, “de novo”, *yā^a xa*, “muito” são conjugadas como verbos.

Relativamente ao tempo, o autor também apresenta exemplos que demonstram que não é uma propriedade exclusiva do verbo. Nas línguas como o Hopi⁶, o verbo não tem qualquer variação temporal, mas apenas variação aspectual; nas línguas como o Tübatulabal⁷, a indicação de passado é feita no nome e não no verbo, veja-se o exemplo: *hani'l*, “a casa”; *hani'p'il*, “a casa no passado” (Benveniste, 1976/1995, p.165). Do exposto, para o autor, a distinção entre verbo e nome não pode ser baseada em noções como objeto e processo, nem na categoria do tempo, nem nas propriedades morfológicas (os seus morfemas e propriedades combinatórias), mas sim em critérios de natureza sintática como a função do verbo no enunciado⁸. Segundo Benveniste, num enunciado assertivo finito, o verbo assume duas funções: função coesiva (ligação entre os elementos do enunciado) e função assertiva (referência à realidade).

Depois desta breve introdução, é nosso objetivo procurar caracterizar as propriedades dos nomes e dos verbos. Assim, neste ponto 3 da introdução, faremos uma revisão da literatura no que concerne às propriedades dos nomes (§2.); segue-se o mesmo para os verbos (§3.) e, por fim, analisaremos as semelhanças e as diferenças entre os dois (§4.).

línguas Athabaskan da Califórnia são: El River Athabaskan, Kato, Mattole e Tolowa. Destas diferentes línguas, apenas Hupa e Tolowa são ainda faladas. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_atabascanas [acedido a 12/04/2014].

⁴ Zuñi é a língua falada pelo povo Zuni (indígenas do oeste do Novo México), cerca de 9500 pessoas, no leste do Arizona, Estados Unidos e nas proximidades de Zuni Pueblo (Novo México). Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_zuni [acedido a 12/04/2014].

⁵ Siuslaw faz parte da família de línguas ‘Athabaskan’ e é falada pelo povo de Siuslaw e está extinta desde 1970. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Siuslaw_language [acedido a 12/04/2014].

⁶ Hopi faz parte da família de línguas ‘Uto-Azteca’ e é falada por um povo indígena do nordeste do Arizona, Estados Unidos da América. Atualmente, alguns membros da tribo não a conhecem profundamente e falam inglês. No entanto, muitas crianças hopi estão a aprender a língua. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_hopi [acedido a 12/04/2014].

⁷ Tübatulabal faz parte da família de línguas ‘Uto-Azteca’ e é falada ao longo do rio Kern, a nordeste de Bakersfield (América). Inicialmente havia cerca de mil falantes, atualmente existem menos de doze. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_uto-astecas [acedido a 12/04/2014].

⁸ “É evidente, portanto, que, para caracterizar particularmente e sem consideração do tipo linguístico, a oposição entre verbo e o nome, não podemos utilizar nem noções como objeto e processo, nem categorias como tempo, nem diferenças morfológicas. O critério entretanto existe e é de ordem sintática. Prende-se à função do verbo do enunciado.” (Benveniste, 1976/1995, p.166).

3.2 *Caracterização dos nomes*

3.2.1 *Perspetiva dos clássicos e de alguns gramáticos sobre o nome*

Platão no diálogo *Sofista* faz referência ao nome através de um diálogo:

“**Estrangeiro** – O que creio eu tenhas tu em tua mente ao dar-me tu adesão a essa hipótese. Com efeito, para expressar vocalmente o ser, temos algo assim como duas espécies de signo.

Teeteto – Quais?

Estrangeiro – Se os denominas nomes ou verbos.

(...)

Estrangeiro – (...) aos sujeitos que realizam estas ações, o signo vocal que aplicamos a eles é um nome.

Teeteto. – Perfeitamente.”

[Sublinhado nosso] (Platão, E. Chambry, trad. 1950, p.126)

No diálogo *Crátilo* também surge a referência ao nome:

“**Sócrates** – Nesse caso, parece que o nome é uma imitação por meio da voz daquilo que imita e nomeia aquele que imita, quando imita por meio da voz.”

[Sublinhado nosso] (Platão, *Crátilo*, M. J. Figueiredo, trad. 2001, p.101)

No primeiro diálogo transcrito, o nome é identificado com uma das suas funções sintáticas, o surgir como sujeito; no segundo diálogo, Platão caracteriza o nome pela forma como se expressa (a voz) e considera que o nome imita as coisas.

Aristóteles (trad.1986, p.102), ao referir-se aos nomes, dota-os da capacidade de significação. A noção de nome que encontramos interliga-se com critérios semânticos, nomeadamente os nomes designam objetos. Atentemos na definição apresentada: “O nome é uma locução, que possui um significado convencional, sem referência ao tempo, e de que nenhuma parte tem significação própria quando tomada separadamente.” (Aristóteles, p.102).

Mais uma vez se realça a ausência de temporalidade dos nomes. Para Aristóteles, as categorias gramaticais relacionam-se com os “modos de predicação” e com os “modos de ser” (Bosque, 1990, p.35). De um modo geral, podemos dizer que na

tradição clássica os nomes designavam os objetos, os verbos as ações e processos, os adjetivos as qualidades e as partículas as relações.

Passaremos agora para os gramáticos da tradição luso-brasileira. Na *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536/1933) não há qualquer definição de nome, mas este é sobretudo caracterizado pelas suas características flexionais: o género e o número, uma vez que o autor está a analisar o português. O autor justifica no final do capítulo a ausência de definições quer dos nomes, quer dos verbos: “(...) não dixemos aqui (...) que cousa he nome como também fazemos aos artigos: e faremos nos verbos: porque do intento desta parte da grammatica que agora tratamos não he mais q so dar noticia das vozes e não difinições ou determinadas declarações das cousas.” (Oliveira, 1536/1933, p. 96).

João de Barros, na sua gramática de carácter pedagógico e normativo, tendo como modelo as gramáticas latinas, caracteriza o nome da seguinte forma: “Nome (segundo a difinição dos gramáticos) é aquele que se declina per casos sem tempo, significando sempre alguma cousa que tenha corpo ou sem corpo” (Barros, 1540/1971, p.299). Mais uma vez, esta definição baseia-se em critérios formais e semânticos, nomeadamente a presença de casos nos nomes e a ausência de temporalidade, assim como a sua significação léxica e classe semântica. Barros recupera os conceitos de substância e acidente de Aristóteles na caracterização dos nomes e indica que têm como acidentes: qualidade, espécie, figura, género, número e casos. Pela qualidade distingue-se o nome próprio do nome comum e o nome substantivo do nome adjetivo. Pela espécie os nomes dividem-se em primitivos e derivados (patronímicos, possessivos, diminutivos, aumentativos, comparativos, denominativos, verbais e adverbiais). Nas figuras dos nomes temos os nomes simples e os nomes compostos. Quanto ao género, considera sete: masculino, feminino, neutro, “comum a dous, comum a três, duvidoso e confuso”. Os nomes verbais como o infinitivo presente, que aqui nos interessa, (*o querer, o amar, o ler*) são do género neutro. Quanto aos casos do nome são definidos tendo em conta a ordem da oração: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo. Quanto ao número, distingue dois valores: singular e plural.

Já no século XX, Bechara (1961/1999, p.112) considera que o nome permite “significar” substâncias, objetos, qualidades, estados e processos. Nas línguas flexionais, o nome tem traços de número, marca de caso e pode ter marca de género.

Para Said Ali (1931/1964, p.54) os nomes são “As palavras com que se designam os seres e seus atributos”. Distingue, assim, nomes comuns concretos de

abstratos consoante haja referência direta ou não. Os nomes comuns remetem para um conjunto de características comuns a um dado ser, por oposição ao nome próprio que distingue um indivíduo relativamente aos outros parecidos, ignorando os aspetos genéricos.

De acordo com Cunha e Cintra (1984/2000, p.178), a função de um nome é designar ou nomear seres. Estão incluídos nesta designação “os nomes de pessoas, de lugares, instituições, de um género, de uma espécie ou de um dos seus representantes” e ainda os nomes de “noções, acções, estados e qualidades”. De acordo com os mesmos autores: “Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *primitivamente*, de núcleo do sujeito, do objecto direto, do objecto indireto e do agente da passiva. Toda a palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes substantivos, numeral ou qualquer palavra substantivada).” (Cunha & Cintra, 1984/2000, p.177).

Neves (2000) também partilha a mesma opinião de Cunha e Cintra (1984/2000), referindo que o nome denomina entidades, tendo assim “um significado lexical, decorrente de seu próprio estatuto categorial, estatuto definido basicamente pelas funções de denominação e de descrição da classe de referentes.” (Neves, 2000, p.67).

Bosque (1991:36) considera que as classes gramaticais podem ser definidas a partir das suas propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas. Assim, para o autor, os nomes (comuns) denotam objetos físicos (“casa”), processos (“envejecimiento”), estados (“inocencia”) ou ações (“destrucción”), são categorias que recebem a flexão lexicalmente e são formas não clíticas. Semanticamente, o nome pode ser um predicado. (“tener miedo”, “tener sed”, “tener razón”). Sintaticamente, o autor alerta que identificar o nome como aquele que pode ser sujeito ou objeto está correto, mas não mostra o facto de os nomes nem sempre aparecerem no mesmo contexto e de não serem seleccionados pelos mesmos predicados. Assim, o autor afirma que as categorias gramaticais não podem reduzir-se à sua mera função sintática.

Também Óscar Lopes (1971, p.35), ao referir-se ao nome, caracteriza-o pela sua função de nomeação: designar e classificar - “Um nome é sempre, ou apresenta-se como sendo, *o nome de* um dado ser (...) [de um dado] *objecto*.” O autor problematiza a definição apresentada, indicando que esta coloca dois problemas: primeiro, os nomes comuns têm singular e plural, dessa forma, não será possível identificar se o alvo da nomeação é todos ou cada um dos objetos; segundo, considerando o nome comum como referindo-se a “uma dada classe de objetos” (distinguindo-se do nome próprio que

corresponde “a um único objecto da classe”), pressupõe esclarecer as noções de classe e conjunto, pressupõe-se saber o que cada nome é e o que não é. Mais adiante, o autor completa a definição de nome, especificando o que pode ser então objeto de nomeação e considera “acções, processos, qualidades, estados, relações, abstracções, possibilidades, irrealidades.” (Lopes, 1971, p. 49).

3.2.2 Propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas do nome

Do ponto de vista semântico, os nomes têm a função de nomeação de seres/entidades individuais ou não. Alguns denotam abstrações ou conceitos. Duarte e Oliveira (2003, p.210) referem que semanticamente os nomes “ são categorias linguísticas caracterizáveis (...) por terem um potencial de referência, isto é, por serem, em geral, utilizados numa situação concreta de comunicação, com uma função designatória ou de nomeação.” As autoras distinguem nomes comuns e nomes próprios relativamente à sua função referencial. Assim, semanticamente um nome comum não tem uma referência fixa. A construção da sua referência realiza-se através de processos de determinação (artigos definidos, modificadores, relativas restritivas, complementos restritivos ou, em certos casos, o contexto situacional) que se juntam à sua forma não marcada. Por sua vez, os nomes próprios designam um referente fixo e único, não podendo ter complementos ou modificadores restritivos. Quando antecidos de determinação, são por vezes encarados como nomes comuns. Vemos que possuir referência é, assim, uma característica dos nomes próprios.

Os nomes podem ainda, semanticamente, seleccionar argumentos, veja-se por exemplo o nome “destruição”, que tem como argumento “quem destruiu” e “o que foi destruído”. Um nome é em geral o núcleo do SN. O SN pode desempenhar diferentes funções temáticas: agente (entidade que realiza uma determinada situação), experienciador (entidade que é a sede de um dado estado físico ou psicológico), paciente (entidade que sofre algo), locativo (expressão de localização espacial), fonte (entidade que é a origem de uma dada situação), alvo (entidade para a qual algo foi transferido) e tema (entidade que muda de lugar, posse ou estado), entre outras (veja-se Duarte & Brito, 2003, pp.188-190).

De acordo com Raposo e Miguel (2013, p.709), o nome tem um significado descritivo (intensional) que diz respeito às propriedades semânticas que constituem o conceito (ex. conceito “mesa” tem um tampo, pernas, um determinado tamanho) e um significado extensional, nomeadamente engloba o conjunto de entidades que satisfazem a intensão do nome (ex. mesa da sala de jantar, mesa da sala de estar).

De acordo com Baker (2002), os nomes, contrariamente aos verbos, têm “critério de identidade”:

“Semantic version: nouns and only nouns have *criteria of identity*, whereby they can serve as standards of sameness.” (traduzo: Versão semântica: os nomes e apenas os nomes têm critério de identidade, por onde podem servir como padrões de igualdade.) (Baker, 2002, p. 95)

O “critério de identidade” é explicado pelo autor a partir de uma fórmula presente em Geach (1962, citado por Baker, 2002, p. 95) e em Gupta (1980, citado por Baker, 2002, p. 95): “X is the same (whatever) as Y”. Assim, apenas os nomes têm critério de identidade e podem ocorrer nesta estrutura: “X é o mesmo _____ que Y”. Este espaço em branco só poderá ser ocupado por um nome. O critério da identidade estabelecerá padrões que nos permitem verificar se dois elementos podem ser vistos como sendo os mesmos ou não, independentemente de terem existência no mundo real.

(6) a) “That is the same man as you saw yesterday.” (Baker, 2002, p. 101) (Trad. ‘Este é o mesmo homem que tu viste ontem.’)

b) “That is the same water as was in the cup this morning.” (Baker, 2002, p. 101) (Trad. ‘Esta é a mesma água que estava no copo esta manhã.’)

Gupta (1980, p. 23, citado por Baker, 2002, p. 102) acrescenta que nomes diferentes poderão corresponder a diferentes critérios de identidade. O autor ilustra com o exemplo das palavras “pessoa” e “passageiro” que, embora possam corresponder à mesma pessoa, têm diferentes critérios de identidade.

(7) a) “Every passenger is a person.” (Baker, 2002, p. 101) (Trad. ‘Cada passageiro é uma pessoa.’)

b) National Airlines served at least 2 million passengers in 1975. (Baker, 2002, p. 101) (Trad. ‘National Airlines serviu pelo menos 2 milhões de passageiros em 1975’)

Se a Maria viaja na Airlines em dois momentos diferentes (13 de setembro de 1975 e 22 de novembro de 1975), ela é a mesma pessoa, mas não o mesmo passageiro tendo em conta o enunciado em (7b).

Em síntese, semanticamente os nomes denotam entidades, abstratas ou concretas, e, como veremos adiante, podem também designar processos e estados.

Sintaticamente, os nomes são o núcleo de um sintagma nominal que pode ser argumental ou predicativo e podem ser acompanhados de complementos, determinantes (artigos definidos, artigos indefinidos, demonstrativos, possessivos), quantificadores, modificadores adjetivais, preposicionais e oracionais, o que significa que os nomes podem ser objeto de operações de complementação, determinação e modificação, que se repercutem sobre todo o SN (Brito, 2003a, p. 329).

(8) a) realização

b) a realização do filme

c) a realização do filme sobre Salazar

d) a realização do filme sobre Salazar em Lisboa

e) a realização do filme que retrata a vida de Salazar

O conjunto formado pelo nome e pelos complementos constitui a parte lexical do SN, sendo os determinantes e quantificadores a estrutura funcional do SN. Sintaticamente, o nome pode ser sujeito ou complemento direto, entre outras funções e estabelecer relações de concordância com o verbo e outros elementos (Bosque, 1999, p. 6). Em Português Europeu o género e o número do nome determinam a concordância com determinantes, quantificadores e adjetivos no sintagma nominal; para a flexão verbal apenas conta o número e a pessoa.

De acordo com Baker (2002), os nomes comuns devem estar sempre relacionados com posições argumentais e devem receber papel temático:

“Syntactic version: X is a noun if and only if X is a lexical category and X bears a *referential index*, expressed as an ordered pair of integers.” (Trad.: ‘Versão sintática: X é um nome se e apenas se X é uma categoria lexical e tem índice referencial, expresso por um par ordenado por números inteiros.’) (Baker, 2002, p. 95)

O autor define o nome a partir da relação que estabelece dentro do sintagma. Os nomes têm um dado valor referencial que pode ser estabelecido por um índice. Um nome e uma anáfora podem estar co-indexados por c-comando, mostrando, assim, a estreita relação entre os nomes e as anáforas. O segundo membro de um par de índices

referenciais pode ser uma anáfora, um pronome, um operador nulo ou certo tipo de traços. O índice referencial remete para o referente no mundo, podendo ou não estabelecer relações anafóricas. De igual modo, os nomes podem ser sujeito ou complemento direto da frase e apenas os SN podem receber papéis temáticos.

Assim, Baker (2002, p. 95) define um nome pelo seu comportamento dentro da estrutura sintática. O critério da identidade e o índice referencial determinam que os nomes sejam os únicos que podem ocorrer com determinantes, quantificadores, podem ser pluralizados, podem estabelecer relações anafóricas e podem aparecer em posições argumentais, recebendo papéis temáticos.

Nas línguas flexionais como o português, o nome flexiona em número e pode variar em grau. O nome, morfologicamente, é constituído por radical e constituinte temático designado como “índice temático”, formando o tema. De acordo com Villalva (2003, p. 923), existem vinte e três classes temáticas. A autora distingue nomes variáveis e nomes não variáveis. Todos os nomes variáveis referem uma entidade animada. Por sua vez, os nomes invariáveis podem referir entidades animadas e não animadas.

3.3 Caracterização dos verbos

3.3.1 Perspetiva dos clássicos e dos gramáticos sobre o verbo

Platão, no diálogo *Sofista*, identifica o verbo como a expressão de ações:

“Estrangeiro – O que creio eu tenhas tu em tua mente ao dar-me tu adesão a essa hipótese. Com efeito, para expressar vocalmente o ser, temos algo assim como duas espécies de signo.

Teeteto – Quais?

Estrangeiro – Se os denominas nomes ou verbos.

Teeteto – Explique uns e outros.

Estrangeiro – Aos que expressam as ações chamamos de verbo.

Teeteto – Certo.”

[Sublinhado nosso] (Platão, E. Chambry, trad. 1950, p.127)

Aristóteles (p.102) realça na definição de verbo a presença de tempo:

O verbo é o que junta ao seu próprio significado o significado do tempo actual. Nenhuma das suas partes considerada separadamente significa seja o que for, e indica sempre algo que se predica de outro. Digo que ele significa, além do significado próprio, o tempo.⁹

Passando agora para a tradição gramatical luso-brasileira. Fernão de Oliveira (1536/1933) caracteriza o verbo com as seguintes propriedades: conjugações, modos, tempos, números e pessoas.

Na gramática de Barros (1540/1971, p. 325), encontramos a seguinte definição: “Vérbo (segundo difinçám de todos los gramáticos) é ua vóz ou palavra que demonstra obrar alguma cousa, o qual nam se declina, como o nome e pronome, per cásos, mas conjuga-se per módos e tempos como veremos per suas conjugações”. Aqui destaca-se a propriedade morfológica dos verbos: a flexão em Tempo, Modo e Aspetto e Pessoa e Número.

Já no século XX, Bechara (1961/1992) caracteriza o verbo interligando-o com a existência de categorias verbais como, por exemplo, número, pessoa, estado (afirmativo, negativo, interrogativo), aspeto (durativo, terminativo, iterativo,...), tempo, voz (ativa, passiva), modo (indicativo, conjuntivo, condicional, imperativo, opativo), entre outras.

Em Said Ali (1931/1964, p. 129) é referida a capacidade de predicção do verbo: “Verbo é a criação linguística destinada a expressar a noção predicativa. Denota ação ou estado”.

Na mesma perspetiva, Cunha e Cintra (1984/2000, p. 377) consideram o verbo “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa”. Acrescentam ainda que a função que o individualiza é a de predicado na estrutura oracional.

De igual modo, Neves (2000, p.25) refere que os verbos “constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (...) e com os demais elementos do enunciado. (...) O predicado tem propriedades sintáticas e semânticas, como a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estes impostas”. E quando um verbo é pleno constitui o núcleo semântico de uma oração. A autora exclui os verbos auxiliares como verbos que podem constituir predicado.

⁹ Já vimos anteriormente que Benveniste (1976/1995) mostra que nalgumas línguas há nomes que podem exprimir processos e exprimir tempo.

Bosque (1991, p. 31) considera que as classes gramaticais podem ser caracterizadas a partir das suas propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas. Os verbos recebem a flexão por concordância e são formas não clíticas. Semanticamente, o verbo pode ser predicado; Bosque alerta para o facto de que a descrição das categorias não pode reduzir-se às simples funções sintáticas tradicionais, uma vez que determinados elementos podem desempenhar as mesmas funções no mesmo contexto e não significa que pertençam à mesma categoria.

3.3.2 Propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas do verbo

Semanticamente, os verbos podem seleccionar um determinado número de argumentos e sintaticamente seleccionam constituintes que pertencem a determinadas categorias. Em função do número de argumentos seleccionados e da categoria gramatical desempenhada na frase distinguem-se as diferentes subclasses de verbos. (Duarte, 2003c, p. 296). Os verbos podem ser principais, auxiliares ou copulativos. São verbos principais aqueles que são núcleo semântico de uma oração, tendo diferentes propriedades de selecção semântica e sintática.

Os verbos principais podem ser:

- (i) ditransitivos - de três argumentos, um externo e dois internos com a relação gramatical de complemento direto e complemento indireto;
- (ii) transitivos de três lugares com um argumento externo e dois argumentos internos, um com a relação gramatical de complemento direto e outro de complemento oblíquo;
- (iii) verbos transitivos-predicativos, um argumento externo e um argumento interno que é uma oração pequena;
- (iv) verbos transitivos, com um argumento externo e um argumento interno com a relação gramatical de complemento direto;
- (v) verbos de dois lugares com um argumento interno objeto indireto – um argumento externo e um interno complemento indireto;
- (vi) verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo – um argumento externo e um interno complemento oblíquo;

- (vii) verbos inergativos ou verdadeiros intransitivos – com um argumento externo;
- (viii) verbos inacusativos – um argumento interno com a relação gramatical de sujeito. Os verbos inacusativos admitem a construção de particípio absoluto, podem ocorrer em posição predicativa e atributiva e não admitem facilmente nominalização em “-or”;
- (ix) verbos de zero lugares – não selecionam qualquer argumento (verbos impessoais, verbos metereológicos);
- (x) verbos de alternância – verbos que admitem duas variantes. Temos verbos de alternância causativa (admitem uma variante causativa transitiva – “Ele fechou a porta” – e, uma variante não causativa, inacusativa, sem argumento externo e argumento interno como sujeito – “A porta fechou”; alguns verbos na variante inacusativa podem admitir o clítico reflexo “se” considerado “se” ergativo) e verbos de alternância locativa (têm uma variante em que o tema tem a relação de complemento direto e o locativo uma relação oblíqua – “Ele carregou os sacos de areia na carrinha” - e têm outra variante em que o tema apresenta uma relação oblíqua e o locativo uma relação de complemento direto – “Ele carregou a carrinha com sacos de areia”).

Como vemos, os verbos apresentam em geral uma estrutura argumental. Diferentemente, os verbos auxiliares não têm propriedades de seleção semântica/temática e ocorrem em sequências de verbos. Os verbos copulativos são verbos que selecionam uma oração pequena.

Em termos aspectuais, os verbos em conjunto com os seus argumentos podem exprimir situações não dinâmicas ou situações dinâmicas. Quando um verbo exprime situações não dinâmicas designa-se estativo, na medida em que “nenhuma das entidades envolvidas sofre qualquer alteração ou transição durante o intervalo de tempo em que tais situações têm lugar” (Duarte & Brito, 2003, p. 191). As situações dinâmicas podem ser télicas ou atélicas, tenderem para um fim ou não. Como situações atélicas temos os processos cuja duração não tem limite. Como situações télicas temos os processos culminados, envolvendo um processo com resultado (de duração razoavelmente longa, situações de “accomplishment”), as culminações (“achievement”) e os pontos (de duração breve ou de nenhuma duração).

- (9) a) O Paulo está deitado. (estado)
b) A Maria lavou a roupa durante duas horas. (processo)
c) A Ana escreveu um livro em dois anos. (processo culminado)
d) A Joana nasceu às 10h. (culminação)
e) A Paula espirrou. (ponto)

De acordo com Raposo e Miguel (2013, p. 709), os verbos também podem ter um significado intensional e extensional. Intensionalmente, podem denotar estados, processos, processos culminados, culminações e pontos e, extensionalmente, todos os seres que estão dentro da intensão do verbo. Por exemplo, o verbo “cantar” intensionalmente designa uma atividade e extensionalmente engloba todos os seres que cantam.

Para Baker (2002), um verbo é: “X is a verb if and only if X is a lexical category and X is a specifier” (Baker, 2002, p. 23). (Trad: ‘X é um verbo se, e apenas se X for uma categoria lexical e X tiver um especificador.’)

Assim, em termos estruturais, os verbos podem ter especificador e complementos e têm a capacidade de atribuir papéis temáticos.

De acordo com Baker (2002), na sequência de outros autores, como vimos antes, apenas os verbos podem ter tempo. O verbo é uma categoria lexical que requer sujeito diretamente, o verbo pode mover-se para núcleo de ST e o sujeito para especificador de ST.

Contrariamente aos nomes, os verbos não podem ser individualizados, uma vez que não têm critério de identidade e não têm índice referencial:

- (10) * Eu comi ontem e este é o mesmo comi de ontem.

Morfologicamente, o verbo pode ter, conforme as línguas, afixos de tempo, modo e aspeto (TMA) e pessoa e número (PN).

3.4 Algumas semelhanças e diferenças entre nomes e verbos

Nos pontos anteriores vimos isoladamente, as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos nomes e dos verbos, faremos agora uma comparação, analisando semelhanças e diferenças que podemos encontrar.

Morfologicamente, nas línguas flexionais, o nome apresenta flexão em género e em número e o verbo flexiona em tempo, modo, aspeto, pessoa e número. Semanticamente, os nomes denotam, entre outras coisas, objetos/entidades e os verbos estados, processos, processos culminados, culminações e pontos.

Para Chomsky (1970), as classes gramaticais são vistas como um sistema de traços binários. Assim, o nome seria [+N/-V], o verbo seria [-N/+V] e o adjetivo [+N/+V]. As categorias dividir-se-iam em categorias abertas, com o N, V e Adj e categorias fechadas, incluindo as preposições e corresponderiam a categorias só com traços negativos.

Procurando encontrar semelhanças entre as categorias lexicais, Chomsky criou a teoria X-barras que mostrou que, em termos estruturais, nomes e verbos formam o mesmo tipo de sintagmas, no caso concreto SN e SV, aqui sintetizadas como SX:

(11)

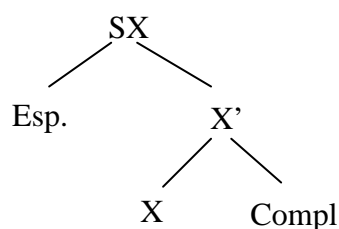


Figura 1: Estrutura de um SN ou de um SV no quadro da Teoria X-Barra

De acordo com Bosque (1991, p. 29), na tradição gramatical existem quatro fatores binários para classificar as classes gramaticais: categorias variáveis *vs.* categorias invariáveis; categorias pertencentes a séries abertas *vs.* categorias pertencentes a séries fechadas, categorias cheias *vs.* vazias e categorias maiores *vs.* menores. Assim, o nome e o verbo serão categorias abertas, admitem flexão, são ambos categorias abertas, pois estão em constante mudança, criam-se, alteram-se, perdem-se. O serem categorias cheias ou vazias relaciona-se com critérios semânticos. As categorias cheias são as que “se asocian con conceptos o ideas que pueden ser evocadas o que poseen un contenido léxico que representa algún concepto real o imaginario”, enquanto as categorias vazias “no poseen propiamente un significado léxico, y por ello son prácticamente imposibles de definir” (Bosque, 1991, p. 30). Assim, nomes e verbos são categorias cheias. O último critério distingue a capacidade de as classes maiores terem complementos/argumentos.

Do ponto de vista sintático, nome e verbo apresentam distribuições diferentes, mas, em certas circunstâncias específicas, podem assumir distribuições paralelas. Observe-se os seguintes exemplos:

(12) O prédio desmoronou lentamente.

(13) O desmoronar do prédio foi lento.

Nestes exemplos, em 12) o núcleo do SN sujeito (“o prédio”) é ocupado por um nome e em 13) por um verbo (“o desmoronar”), uma vez que é um infinitivo nominalizado.

Também vimos anteriormente que os verbos, na generalidade, têm estrutura argumental. Também os nomes deverbais são capazes de ter estrutura argumental e selecionar argumentos (14). Há certos nomes comuns, que não sendo predicados semânticos, podem ter complementos, “complementos determinativos” (15) na designação tradicional (Brito, 2003a, p. 330)¹⁰.

(14) A chegada do avião ao aeroporto foi rápida.

(15) A casa do Miguel é muito grande

Há nomes que morfologicamente se podem relacionar com outros nomes (16a), com adjetivos (16b) ou com verbos (16c). No que diz respeito aos nomes morfologicamente relacionados com verbos, a sua estrutura argumental está, na maioria dos casos, relacionada com a do verbo correspondente.

(16) a) *porteiro* de porta;

b) *magreza* de magro;

c) *destruição* de destruir;

Do ponto de vista semântico, tanto o nome como o verbo podem ser núcleo de uma predicação. A título de exemplo:

(17) Isto é um caderno.

(18) O menino entregou o relatório.

Nestes exemplos, temos em (17) uma frase predicativa em que o núcleo é um nome (“um caderno”), pois a oração é constituída pelo verbo “ser” e uma oração pequena. Em (18) o núcleo da predicação é um verbo (“entregar”).

¹⁰ Em Brito e Raposo (2013), este exemplo em (15) é claramente um modificador.

Vimos acima, através da referência a Benveniste (1976/1995), que em determinadas línguas, há ainda outro ponto de semelhança entre os nomes e os verbos, nomeadamente a nível morfológico, uma vez que a informação temporal está no nome. Não é o caso do português.

3.5A criação de nomes em português

Como temos estado a ver, nem todos os nomes são simples, mas derivados. Existem dois grandes tipos de processos de formação de palavras: processos de adição (envolvendo afixação e composição) e processos de modificação (envolvendo processos de subtração, substituição e conversão) (Pena, 1999, p. 4331; Rio-Torto, 1994, 1998, 2004; Rio-Torto, Rodrigues, R. Pereira, I. Pereira & Ribeiro, 2013). Em português, a criação de um nome pode resultar de diferentes processos: a partir de um processo de conversão em que não há qualquer junção de afixo ou a partir de processos como a derivação sufixal e a composição, entre outros. Podemos ainda formar nomes a partir de processos não morfológicos como a sigla, o acrónimo, a truncação, a amálgama. Não desenvolveremos estes tipos de processos.

Por serem de especial interesse para esta dissertação referiremos agora os processos de conversão e de derivação.

Adotando a perspectiva de Villalva (2003, p. 953), na conversão enquadrámos a “derivação imprópria”, na qual a conversão afeta toda a palavra e cria uma palavra que pertence a outra categoria sintática; e a derivação “regressiva”, sendo o radical da palavra afetado pela conversão ao qual se junta o índice temático. Na derivação sufixal, são os afixos que se juntam ao radical que atribuem as novas propriedades à palavra criada.

3.5.1 A conversão

À semelhança de outros gramáticos da língua portuguesa, Neves (2000) refere que várias são as categorias que podem ser usadas como substantivos através do processo de conversão: os adjetivos, os numerais, os verbos no infinitivo, os pronomes pessoais e os advérbios (Neves, 2000, p. 70). Este mecanismo é designado por

conversão ou “derivação imprópria”, pois se verifica uma mudança de categoria da palavra, não havendo qualquer alteração formal. Como refere Vilela (1994, p. 61): “em princípio qualquer categoria pode ser transferida duma categoria para a outra: assim, qualquer expressão pode ser substantivada”.

Atente-se nos seguintes exemplos retirados do corpus do *CETEMPúblico* que ilustram a variedade de categorias que podem ser usadas como substantivo:

- (19) a) *par=ext246908-nd-93b-5*: “**Os velhos** consomem horas sem valor. (adjetivo)
b) *par=ext641440-nd-95a-2*: Faz parte das regras do jogo. E além do mais, foste tu que me deste **o dois!**” (numeral)
c) *par=ext601606-soc-97b-2*: “A visita ao relógio de sol, por exemplo, fica para outra visita, que dê para o entardecer e ver **o nascer** da lua”. (verbo no infinitivo, o infinitivo nominalizado propriamente dito)
d) *par=ext1560440-clt-93b-2*: “A tentativa do confronto com **o eu**, como caminho único para a criação artística”. (pronome pessoal)
e) *par=ext211376-des-95a-2*: “É um dos mistérios do rãguebi **o porquê** da posição não ter, à semelhança de todas as outras, qualquer nome específico e ser mundialmente conhecida pelo número da camisola”. (advérbio interrogativo)
f) *par=ext1436594-soc-91a-2*: “**Este 25 de Abril** passaria a ficar na história por mais uma grande razão”. (sintagma nominal, mais propriamente nome de data)

Como se disse acima, na conversão é também possível incluir a derivação regressiva¹¹. A derivação regressiva é um processo de formação de palavras pelo qual se acrescentam marcas de flexão nominal a uma forma de base verbal. Por exemplo: *pescar /pesca*; *trocar/troco/troca*; *remar/remo*; *abater/abate*, entre outros. Assim, a partir do radical do verbo juntam-se as vogais *-o*, *-a* ou *-e*.

Rodrigues (2001, 2002, 2004a, 2004b) rejeita a classificação tradicional dos nomes deverbais não sufixados como sendo derivados regressivos, considera-os “nomes postverbais”. A autora apresenta os seguintes argumentos para a rejeição da hipótese regressiva nestas construções: a forma infinitiva não pode ser a forma base, visto que a autora considera que o *-r* é um morfema flexional e não derivacional e não há coincidência entre o índice temático do verbo e o marcador de classe do substantivo derivado. Assim, a forma base deve ser o radical do verbo, que, depois de sofrer um

¹¹ É precisamente Villalva (2003, p. 953) que designa este processo de derivação regressiva por “conversão”, considerando-o mais adequado, pois, contrariamente à derivação, neste processo a junção de afixo não é “uma componente nuclear”. No *Dicionário Terminológico online*, este processo é designado por “derivação não afixal”.

processo de conversão para nome, recebe um marcador de classe (-a, -o, -e). A autora apresenta diferentes critérios para reconhecer que um determinado nome é um nome “postverbal”: critérios morfofonológicos, como a acentuação (é a última sílaba do radical a acentuada) e a presença de afixos verbais no substantivo e presença de afixos nominais no verbo (o nome não pode conter afixação deverbal nem o verbo pode conter afixação denominal); critérios sintático-semânticos como a estrutura argumental (o “postverbal” deve exercer função predicativa) e a significação do “postverbal” (o nome “postverbal” deve refletir que é uma ação do verbo).

Rodrigues (2013, p. 89-120) distingue a conversão lexical, tradicionalmente considerada conversão regressiva, (“abraçar-abraço”) das nominalizações sintáticas, tradicionalmente considerada um caso de derivação imprópria, (“o abrir da porta”). Considera, dessa forma, que a nominalização do infinitivo não resulta de um processo de conversão. Partindo dos critérios de Baker (2002), expostos anteriormente para os nomes, a autora descreve o comportamento das construções com nomes concretos, com nomes deverbais sufixais, com nomes deverbais conversos e com nominalizações sintáticas.

	Nomes concretos (ex. “lápiz”)	Nomes sufixais deverbais (ex. “apodrecimento”)	Conversão de nomes deverbais (ex. “salto”)	Nominalizações sintáticas (ex. “o saltar”)
X é o mesmo que Y	+	- +	- +	- +
Determinantes	+	+	+	+
Quantificadores	+	+	+	-
Pluralização	+	+	+	-
Anáfora	+	+	+	-

Quadro 1: Diferentes nomes e nominalizações e a sua aceitabilidade tendo em conta o comportamento sintático dos nomes (adaptado de Rodrigues, 2013, p. 96)

Assim, a autora concluirá que a conversão não é um processo sintático e que os nomes conversos são verdadeiros nomes, pois apresentam as mesmas propriedades dos nomes apresentadas em Baker (2002). Dessa forma, os nomes conversos são resultado de um processo lexical que obedece a restrições estruturais que não explicadas pela sintaxe, o seu significado não depende da sintaxe e podem ser antecidos de determinante “o” ou “a”.

A nominalização sintática (caso do infinitivo nominalizado) é mais produtiva do que a construção de nomes conversos, uma vez que nem todos os verbos têm o seu

correspondente nome converso. Esta construção não apresenta as restrições que existem nos nomes conversos, não tem uma multiplicidade de significados e apenas possibilita o determinante “o”.

Por fim, a autora considera que as construções de nominalização do infinitivo não são todas iguais e distingue quatro estruturas: as nominalizações lexicalizadas (“olhares, jantar, cantar”), a nominalização de um verbo (“o observar lento de aves”), a nominalização de uma oração (“O comprar livros faz-me bem”) e a nominalização metalinguística (“Aquele ‘não tenho tempo para ler’ é falso”).

Em suma, para Rodrigues (2013) a conversão é resultado de um processo lexical e a nominalização do infinitivo é um processo sintático, sendo na sintaxe que o infinitivo se realiza como nome.

3.5.2 A derivação

Os nomes podem ser primitivos quando não derivam de nenhuma palavra da língua e derivados quando derivam de uma palavra da língua. Os nomes derivados podem formar-se a partir de um outro nome, de um adjetivo ou de um verbo. A este processo designamos de “nominalização” (morfológica).

A nominalização é um processo morfológico em que uma raiz não nominal passa a nome. Este termo, como refere Picallo (1999, p. 365), “designa a los nombres derivados así como al proceso de su formación”. A nominalização pode ser deadjetival quando a base é um adjetivo (ex. *decadentismo*, *magreza*), denominal quando a base é nominal (ex. *simbolismo*, *papelaria*) e deverbal quando seleciona uma base verbal (ex. *determinismo*, *animação*¹²) (Villalva, 2003, p. 944).

A criação de nomes deverbais pode ser realizada a partir de um processo de derivação sufixal¹³. Na derivação sufixal podemos encontrar em português diferentes sufixos: *-ança*, *-ância*, *-ença*, *-ência*, *-ante*, *-ente*, *-inte*, *-(d)or*, *-(t)or*, *-(s)or*, *-ção*, *-são*, *-douro*, *-tório*, *-(d)ura*, *-(t)ura*, *-(s)ura* e *-mento* (Cf. Cunha & Cintra, 1984/2000, p. 99; Rodrigues, 2006, 2013).

Não sendo o âmbito desta tese as nominalizações deverbais, mas sendo importante a distinção entre este processo e a nominalização sintática, veremos

¹² Os exemplos foram retirados de Villalva (2003, p. 944).

¹³ Villalva (2003, p. 943) considera que em português a derivação é exclusivamente um processo de sufixação dado que os prefixos são poucos e a sua produtividade baixa.

brevemente alguns aspetos sintáticos–semânticos das nominalizações deverbais. Na nominalização deverbal, verifica-se que os nomes derivados de verbos ou bases verbais seleccionam em geral argumentos, em certa medida semelhantes aos da estrutura argumental do verbo do qual derivam. À primeira vista, parece possível dizer que os nomes que resultam de nominalizações têm o mesmo número de argumentos do verbo que derivam. No entanto, enquanto o complemento do verbo é obrigatório (veja-se agramaticalidade de 20d), o do nome deverbal é opcional (veja-se 20a e 20b), sendo sempre precedido de preposição:

- (20) a) A construção ocorreu no reinado de D. João V.
- b) A construção do palácio ocorreu no reinado de D. João V.
- c) D. João V (agente) construiu um palácio (tema).
- d) * D. João V construiu.

Em geral, a interpretação de uma nominalização deverbal é semelhante à da base verbal de que deriva, mantendo a mesma leitura aspectual. No entanto, nem sempre essa situação se verifica e, por vezes, os nomes deverbais podem ter duas interpretações. Assim, como referem Brito e Oliveira (1997)¹⁴ e Brito (2003a, p. 333), os nomes deverbais podem ter uma leitura semelhante à do verbo (dinâmica ou não dinâmica, conforme o caso), mas também uma leitura de indivíduo ou entidade resultante. Este tipo de situação é sobretudo visível em verbos de “accomplishment”. Por exemplo:

- (21)a) A construção destruiu muitos espaços verdes. (leitura de entidade)
- b) A construção (daquele palácio) (por D. João V) ocorreu no ano de 1780.
 (processo culminado)
- c) A construção joanina daquele palácio ocorreu no ano de 1780. (processo culminado)

Em 21a), o SN “a construção”, dadas as propriedades do predicado, denota a entidade resultante do evento. Em 21b) e 21c) o SN “construção” tem uma leitura eventiva, neste caso de processo culminado, dado que pode ser localizado temporalmente (no ano x). Nos nomes deverbais com leitura eventiva, o argumento “agente” é introduzido pela preposição “por” (“por D. João V”) e o argumento “tema”

¹⁴ Esta distinção entre nominalizações deverbais com leitura de evento ou de resultado foi sobretudo desenvolvida por Grimshaw nos anos 90. Esta autora dividiu os nomes deverbais com leitura de evento em nomes de evento simples e nomes de evento complexos. Os nomes de evento simples não possuem estrutura argumental obrigatória, mas podem ter complementos ou modificadores e, deste modo, assemelham-se aos nomes de resultado. Os nomes de evento complexos possuem estrutura argumental obrigatória (Veja-se Vieira, 2009). Picallo (1999, p. 365) também divide as nominalizações em dois grandes grupos: as que têm como referente um evento ou um processo e as que denotam um objeto, um estado, uma propriedade ou um produto resultante de um processo ou acontecimento.

pela preposição “de” (“daquele palácio”). Este argumento “agente” pode ser ainda realizado por um adjetivo relacional em posição pós-nominal (“joanina”, veja-se 21c).

No entanto, quando o argumento tema é expresso por possessivo, o argumento agente não pode ser expresso por adjetivo (22a), mas apenas pela preposição “por” (22b). Por sua vez, quando o argumento agente é expresso por possessivo, o tema pode ser na mesma realizado pela preposição “de”(22c). (Brito, 2003a, p. 335)

(22) a) *A sua construção joanina ocorreu no ano de 1780.

b) A sua construção por D. João V ocorreu no ano de 1780.

c) A sua construção daquele palácio ocorreu no ano de 1780.

Na perspectiva de Grimshaw (1990), quando um nome deverbal tem uma leitura eventiva tem estrutura argumental, quando tem uma leitura de resultado não tem estrutura argumental. Importa salientar que nomes com leitura de evento têm estrutura argumental mesmo que os argumentos não estejam sintaticamente realizados.

3.6 Síntese das propriedades dos nomes e dos verbos

Vimos que o nome, semanticamente, pode denotar entidades e, em certas circunstâncias, processos e estados. Sintaticamente, o nome é núcleo de um SN, podendo ser objeto de determinação, modificação, quantificação. Por sua vez, o verbo, sintaticamente pode pertencer a diferentes subclasses (ditransitivos, transitivos, transitivos-predicativos, inergativos, inacusativos, de alternância), constitui o núcleo de um SV, tem estrutura argumental, pode estar acompanhado de auxiliares, pode exprimir situações dinâmicas ou não dinâmicas.

Referimos os processos morfológicos que, em português, nos permitem criar nomes, concentrando-nos sobretudo na derivação sufixal e na conversão.

Tendo definido as propriedades dos nomes e dos verbos estamos mais preparados para responder às seguintes questões:

- na nominalização do infinitivo, o infinitivo tem propriedades nominais ou verbais ou adquirirá propriedades mistas?
- haverá tipos distintos de infinitivos nominalizados?
- e como serão formados esses infinitivos nominalizados? Por processos morfológicos ou por processos sintáticos?

4. *Estrutura da dissertação*

Depois desta introdução, onde procurámos definir o objeto de estudo, os objetivos, o quadro teórico e a caracterização de nomes e verbos, centramo-nos agora na estrutura da dissertação.

Como veremos de seguida, não há um capítulo específico com o “estado da arte” visto que a apresentação da bibliografia sobre os vários tópicos tratados vai ser feita ao longo da dissertação.

A primeira parte da dissertação centra-se nos usos verbais do infinitivo e encontra-se estruturado da seguinte forma.

No capítulo 1 - *Uma primeira caracterização do Infinitivo* - procedemos a uma caracterização do infinitivo numa perspetiva diacrónica, descrevendo algumas das propriedades do infinitivo no Latim e as transformações ocorridas na passagem para o Português. Em seguida, faz-se a caracterização do infinitivo à luz dos gramáticos, o que permitirá elencar quais as propriedades que serão alvo de descrição ao longo de toda a parte I (nos seus usos verbais) e na parte II (nos seus usos nominais). Posteriormente, desenvolveremos a descrição de duas propriedades do infinitivo: a impossibilidade de ocorrência em orações simples e a possibilidade de ocorrência com auxiliares. A descrição destas duas propriedades procura analisar se o infinitivo terá ou não valores temporais ou se, como é referido na gramática tradicional, é defetivo temporalmente.

No capítulo 2 – *Infinitivos Independentes* - debruçar-nos-emos sobre os valores do infinitivo em orações independentes: imperativas, interrogativas e exclamativas, procurando responder a três objetivos: verificar se o infinitivo impessoal nesses contextos exprime tempo, determinar o que legitimará o uso de infinitivo impessoal/pessoal nessas construções independentes e ver até que ponto podemos realmente considerar esses infinitivos como independentes.

No capítulo 3 – *Infinitivo impessoal com auxiliares* – analisamos que auxiliares podem ocorrer com infinitivo impessoal e se nas suas diferentes ocorrências terá valores temporais.

No capítulo 4 – *Infinitivo impessoal e flexionado em orações completivas* - analisaremos um contexto de excelência do uso do infinitivo - a subordinação completiva - e desenvolveremos o uso do infinitivo impessoal e do infinitivo flexionado na subordinação completiva. Num primeiro momento, faremos uma caracterização geral

das orações completivas e analisar-se-á brevemente a questão da temporalidade nalgumas destas construções. Segue-se a análise das orações completivas de infinitivo impessoal em complementação verbal e, depois, das orações completivas de infinitivo pessoal em complementação verbal.

No capítulo 5 – *Infinitivo impessoal e flexionado em orações subordinadas adverbiais* – estudaremos as orações subordinadas adverbiais; depois de uma breve caracterização das suas propriedades, serão descritas as orações causais, finais, concessivas, temporais e condicionais. Nessa descrição, as orações são analisadas sintaticamente quanto à relação com a subordinante, se são periféricas ou integradas, uma breve caracterização quanto a alguns valores semânticos veiculados por elas e a estrutura sintática.

Seguem-se em – *Conclusão da parte I - alguns usos verbais do infinitivo* - as conclusões desta primeira parte.

A segunda parte da dissertação, centrada nos usos nominais do infinitivo, encontra-se estruturada em cinco capítulos.

O capítulo 1 – *Diferentes construções de nominalização do infinitivo* – é um capítulo introdutório, em que são referidas as diferentes construções de nominalização do infinitivo e alguns aspetos de metodologia de análise das diferentes construções.

O capítulo 2 – *Infinitivos nominais lexicalizados* - centra-se nos infinitivos lexicalizados, nas suas características e nas ocorrências de infinitivos lexicalizados em duas obras lexicográficas.

O capítulo 3 – *Infinitivo nominalizado* - e o capítulo 4 – *Nominalização de uma oração infinitiva* - contemplam, respetivamente a descrição do infinitivo nominalizado e da nominalização da oração infinitiva, das suas propriedades sintáticas, semânticas, aspetuais, tendo por base um *corpus* extraído do *CETEMPúblico*. Propomos ainda uma possível análise da sua estrutura sintática.

Em - *Conclusão da parte II - usos nominais do infinitivo* – fazem-se as conclusões desta segunda parte.

Na parte final, seguem-se as conclusões gerais da tese e a bibliografia.

Nos anexos, incluiremos o quadro com as definições dos infinitivos lexicalizados encontradas no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013) (Anexo I) e o *corpus* que serviu de apoio à descrição das construções de infinitivo nominalizado (Anexo II) e de nominalização da oração infinitiva, extraído do *corpus* informatizado do *CETEMPúblico* (Anexo III).

**PARTE I – ALGUNS USOS VERBAIS DO
INFINITIVO EM PORTUGUÊS EUROPEU**

Capítulo 1. Uma primeira caracterização do Infinitivo

1.1 Do infinitivo latino ao infinitivo português – breve abordagem

A conjugação latina possuía « uerbum finitum », as formas do modo indicativo e as do conjuntivo, e « uerbum infinitum », as formas nominais do verbo, sendo estas o infinitivo, o gerúndio, o particípio passado e o supino. O infinitivo era considerado uma forma nominal, apresentando traços nominais, bem como verbais. Enquanto verbo tinha diferentes tempos (presente, perfeito e futuro) e voz ativa e passiva, como é ilustrado no seguinte quadro, elaborado a partir de Freire (1987):

Infinitivo						
Conjugações	Presente		Perfeito		Futuro	
	Voz ativa	Voz passiva	Voz ativa	Voz passiva	Voz ativa	Voz passiva
1ª(Tema em A)	-āre	-āri	-isse	S. -um, -am, -um + esse	S. -urum, -am, -um + esse	-um iri
2ª(Tema em E)	-ēre	-ēri		P. - os, - as, - a + esse	P. - uros, -as, -a + esse	
3ª(Tema em consoante)	-ĕre	-i				
4ª (Tema em I)	-īre	-īri				

Quadro 2: Os tempos do infinitivo no latim

Embora existam três tempos, a forma mais frequente é a do infinitivo presente. Para muitos autores, a forma primitiva do infinitivo é nominal. Atenemos nas seguintes citações:

“l’infinitif présent, actif et passif, est un ancien substantif” (Ernout & Thomas, 1953, p. 255)

“The Latin infinitives were in origin cases of verbal nouns which gradually divested themselves of some of their nominal functions and became more closely attached to the verbal system, acquiring in the process morphological distinctions for time and voice” (Palmer, 1988, p. 317)

“un nombre abstracto, un nomen actionis” (Lisardo Rubio, 1989, p. 249)

“Las formas más antiguas de infinitivo (amare y amari) no son otra cosa que substantivos verbales fosilizados” (Mariano de Climent, 1983, p. 23)

“The Infinitive is the substantive form of the verb” (Gildersleeve & Gonzalez Lodge, 1986, p. 274)

Estas diferentes citações realçam o carácter nominal do infinitivo no latim. São vários os exemplos que encontramos nos autores consultados. Em Ernout & Thomas (1953, p. 256) temos os seguintes exemplos:

(1) a) “Hic uereri perdidit” (Plauto, *As Báquides*, 158) – Trad. - Este perdeu *o tratar com respeito*;

b) “meum enim intellegere nulla pecunia uendo” (Petrônio, 52,3) – Trad. - na verdade não vendo *o meu saber* por dinheiro nenhum;

c) “... quos omnes eadem cupere, eadem odisse, eadem metuere in unum coegit” (Salústio, *A Guerra contra Jugurta*, 3I, I4) – Trad. - todos aqueles a quem *o mesmo querer, o mesmo malquerer, o mesmo “temer”* congregaram;

d) “... uideamus beate uiuere uestrum quale sit” (Cícero, *Acerca do Supremo Limite dos Bens e dos Males [De Finibus ...]*, 2, 86) – Trad. - *vejamos qual é o teu feliz viver*;

e) “... nil sibi legatum praeter plorare” (Horácio, *Sátiras*, V,69) – Trad. - nada lhe foi negado para além do *chorar*.

Nos exemplos em (1a) o infinitivo nominalizado (“uereri”) surge no acusativo (complemento direto); em (1b) surge novamente no acusativo (“intellegere”) e acompanhado de determinante possessivo; em (1c) os infinitivos (“cupere”, “odisse” e “metuere” – sujeito composto) surgem no nominativo; em (1d) infinitivo (“uiuere”) no nominativo acompanhado de possessivo e em (1e) infinitivo (“plorare”) surge no acusativo dependente da preposição “praeter”.

Em Palmer (1988, p. 318) são referidos os seguintes exemplos de infinitivos:

(2) a) “... tuum conferto amare” (Plauto, *O Gorgulho*, 28) – Trad. - *hás de aplicar esse teu bem-querer*;

b) “... istuc nihil dolere” (Cícero, *As Tusculanas*, 3.6.I2) – Trad. - *este não penar*;

c) “... meque ... hoc ipsum nihil agere et plane cessare delectat” (Cícero, *Acerca do Orador*, 2.24) – Trad. - *este mesmo “nada fazer” e o “repousar” plenamente deleitam-me* ;

d) “... ut inter optime ualere et grauissime aegrotare nihil prorsus dicerent interesse” (Cícero, *Acerca do Supremo Limite dos Bens e dos Males [De Finibus ...]*, 2.43) – Trad. - de tal modo que eles diziam que entre o “*ter uma excelente saúde*” e o “*estar muitíssimo doente*” não havia absolutamente diferença nenhuma;

e) “... cuius non dimicare uincere fuit” (Valério Máximo, 7.3.7) – Trad. - cujo “*vencer*” consistiu no “*não pelear*”;

f) “... illud iners quidem, iucundum tamen nihil agere” (Plínio o Moço, *Epístolas*. 8.9.I) – Trad. - *aquele improdutivo, por certo, mas agradável “nada fazer”*.

Em (2a) o infinitivo (“amare”) está no acusativo e acompanhado de possessivo; em (2b) (“dolere”) no nominativo (sujeito) acompanhado de demonstrativo; em (2c) “agere” e “cessare” são um sujeito composto, surgem no nominativo e surgem com advérbio (“plane”); em (2d) os infinitivos (“ualere”, “aegrotare”) surgem no acusativo dependentes da preposição “inter” e com advérbios (“optime”, “grauissime”); em (2e) temos presença de genitivo e em (2f) o infinitivo (“agere”) surge no nominativo e acompanhado de demonstrativo e de dois adjetivos qualificativos.

Gildersleeve & Gonzalez Lodge (1968, p. 179) referem alguns exemplos que comprovam que o infinitivo enquanto substantivo era usado mais frequentemente com as formas do presente e menos com as do perfeito e que o infinitivo enquanto substantivo é neutro:

(3) a) “Quibusdam totum hoc displicet philosophari” (Cícero, *Acerca do Supremo Limite dos Bens e dos Males [De Finibus ...]*, I,1) – Trad. - a alguns desagrada *todo este “filosofar”*;

b) “... plus proderit demonstrasse rectam protinus uiam quam reuocare ab errore iam lapsos” (Quintiliano, II, 6,2) – Trad. - será mais proveitoso *o “ter indicado”* imediatamente o bom caminho do que *o “fazer retroceder”* aqueles que se tinham extraviado;

c) “Incipere multo est quam impetrare facilius” (Plauto, *O Jovem Cartaginês*, 974) – Trad. - *O começar é muito mais fácil do que o “ter êxito”*;

d) “Miserum est deturbari fortunis omnibus” (Cícero, *Em Defesa de Quíncio*, 31, 95) – Trad. - É lamentável o “*ser despossado*” de todos os seus bens.

Os infinitivos presentes em (3) (“philosophari”, “demonstrasse”, “reuocare” “incipere”, “impetrare”, “deturbari”) surgem no nominativo (sujeito). Em (3a) temos dois adjetivos pronominais.

De Climent (1983, p. 360) refere também um exemplo com adjetivo que ilustra este uso nominalizado do infinitivo no latim.

(4) a) “... *ad...nostrum istud uiuere triste aspexi*” (Pérsio, *Sátiras*, I, 9) – Trad. - olhei para *este nosso triste viver*;

Em (4a) o infinitivo (“uiuere”) surge no acusativo dependente da preposição “ad” e acompanhado de dois adjetivos pronominais (um possessivo e um demonstrativo).

Este emprego nominal do infinitivo era sobretudo usado para a expressão de ideias abstratas¹⁵. Ao longo da evolução do latim, foi-se alargando o uso nominal do infinitivo, atribuindo-se-lhe marcas de nome, como o acompanhamento de adjetivo ou de genitivo, acabando por vir a ser regido por preposições. O uso nominal do infinitivo com preposição “inter” é dado por Cícero (veja-se 2d) e com a preposição “ad” por Pérsio (4a). Só numa época tardia surgiu o seu uso com outras preposições como “contra”, “de” e “iuxta”.

As formas do infinitivo presente latino eram as que apareciam usadas enquanto substantivo. Nos exemplos anteriores, temos diferentes formas verbais nominalizadas, do infinitivo presente na voz ativa “amare”, “dolere”, “cessare”, “ualere”, “aegrotare”, “uincere”, “agere”; do infinitivo presente voz passiva “uereri”, “philosophari” e “deturbari” e “uinci”. Saliente-se que nas formas de infinitivo usadas como substantivo, está presente o morfema *-re* ativo ou *-ri* passivo, é precisamente o *-r* que se vai manter nas línguas românicas como forma de infinitivo.

Como afirmado pelos autores, são pouquíssimas as ocorrências de infinitivo nominalizado no latim com as formas do infinitivo perfeito (como em “amasse”, “habuisse” e “contendisse”):

¹⁵ Este aspeto vem reforçar a caracterização de Bréal relativamente ao infinitivo: “ El infinitivo es una conquista de la abstracción” (Bréal, *Essai de sémantique*, Paris, 1924, p. 82, citado por Rubio, 1989, p. 249)

(5) a) “Quod crimen dicis praeter amasse meum?” (Ovídio, *Heroides*, 7,I64) – Trad. - De que crime me acusas para além do de “ter amado”?

b) “Habere eripitur, habuisse nunquam.” (Séneca, *Cartas a Lucílio*, XVI,98) – Trad. - “O possuir” tira-se, o “ter possuído” nunca.

c) “Non tam turpe fuit uinci quam contendisse decorum est” (Ovídio, *Metamorfoses*, IX.6) – Trad. - Não foi tão vergonhoso o “ser vencido” quanto é glorioso o “ter lutado”.

Em (5a) o infinitivo surge no acusativo e dependente da preposição “praeter” e em (5b) e (5c) os infinitivos (“habere”, “habuisse”, “uinci” “contendisse”) surgem no nominativo (sujeito).

O infinitivo usado enquanto substantivo possuía apenas dois casos, o nominativo e o acusativo. Os restantes (vocativo, genitivo, dativo e ablativo) eram dados pelo gerúndio e pelo supino, o que ilustra um caso de supletivismo, isto é, o recurso a formas de outros paradigmas para completar um que seja defetivo.

Como o grego possuía artigos – que faltavam em latim -, acredita-se que terá sido por influência deste idioma que, por via erudita, ocorreu o uso nominal do infinitivo em latim. (Ernout & Thomas, 1953, p. 255)

Na passagem para o português, das quatro conjugações latinas apenas ficaram três, tendo sido distribuídos pelas segunda e terceira conjugações portuguesas os verbos de tema em consoante e também alguns de tema em –e (respetivamente terceira e segunda conjugações do latim), como é ilustrado no seguinte quadro¹⁶:

Conjugações em latim		Conjugações em português
1 ^a	- āre	1 ^a conjugação – A-
3 ^a	- ěre	
2 ^a	- ěre	2 ^a conjugação – E-
3 ^a	- ěre	
4 ^a	- ĩre	3 ^a conjugação – I -
3 ^a	- ěre	
2 ^a	- ěre	

Quadro 3: Conjugações latinas e portuguesas

¹⁶ Este quadro foi elaborado tendo em conta as indicações de Cuesta e Da Luz (1980, p. 406)

Relativamente ao infinitivo português, conservam-se apenas as formas do infinitivo latino presente, como está ilustrado no quadro anterior. Curiosamente, eram sobretudo estas formas que surgiam nominalizadas. O português vai desenvolver uma forma simples do infinitivo e uma forma composta (auxiliar “*ter*” mais o verbo principal no particípio passado) do infinitivo impessoal e vai formar a voz ativa e a voz passiva com “*ser + particípio passado*”.

A par desta forma impessoal do infinitivo, o português possui uma inovação, a existência do infinitivo pessoal/flexionado. Existem várias hipóteses sobre a origem do infinitivo flexionado. Uns veem a sua origem no infinitivo impessoal ao qual se acrescentaram afixos de pessoa e número. Outros defendem que surgiram das formas do imperfeito do conjuntivo latino. Não nos alongaremos nesta discussão (ver Martins, 1999 e bibliografia referida neste trabalho, ver também Juten, 2013).

O seguinte quadro sintetiza as formas de infinitivo em português:

Infinitivo impessoal		Infinitivo pessoal	
Forma simples	Forma composta	Forma simples	Forma composta
	Auxiliar <i>ter</i> + particípio passado do verbo principal	Verbo no infinitivo impessoal + desinências de PN Eu ---∅ Tu --- -es Ele/Ela --- ∅ Nós ---mos Vós --- des Eles / Elas --- -em	Auxiliar <i>ter</i> no infinitivo pessoal + particípio passado do verbo principal Eu ter ... Tu teres ... Ele /Ela ter ... Nós termos ... Vós terdes ... Eles / Elas terem ...
Voz ativa	Voz passiva	Voz ativa	Voz passiva
	<u>Infinitivo impessoal presente</u> Auxiliar <i>ser</i> no infinitivo impessoal + particípio passado do verbo principal <i>ser</i> ... <u>Infinitivo impessoal pretérito</u> Auxiliar <i>ser</i> infinitivo impessoal passivo + particípio passado do verbo principal <i>ter sido</i> ...		<u>Infinitivo pessoal presente</u> Auxiliar <i>ser</i> no infinitivo pessoal + particípio passado do verbo principal <i>ser / seres</i> ... <u>Infinitivo pessoal pretérito</u> Auxiliar <i>ser</i> infinitivo pessoal passivo + particípio passado do verbo principal <i>ter/teres/ termos... sido</i> ...

Quadro 4: Formas de infinitivo impessoal e pessoal em português

Em suma, na passagem do latim para o português, apenas ficam as formas de infinitivo presente, o *-r* mantém-se como morfema de infinitivo, codificando simultaneamente propriedades nominais e verbais. As quatro conjunções do latim reduzem-se a três e surge uma forma flexionada de infinitivo.

O uso nominal do infinitivo ocorria em latim para a transmissão de ideias abstratas e manteve-se em todos os períodos, coexistindo com o seu uso como verbo. A partir dos diferentes exemplos do latim, não é de estranhar que na passagem do infinitivo latino para o português haja vários tipos de nominalização do infinitivo, como veremos na segunda parte da dissertação aquando da descrição dos usos nominais do infinitivo.

Depois de uma breve descrição do infinitivo em latim e das transformações que ocorreram na sua passagem para o português, observemos de que forma o infinitivo tem sido visto por alguns gramáticos da tradição luso-brasileira.

1.2 A conceção tradicional do infinitivo: a visão dos gramáticos da tradição luso-brasileira

A caracterização do infinitivo presente em diferentes gramáticas é ambígua, pois é apresentado como pertencendo morfológicamente a uma classe (verbo), mas adotando o comportamento de outra (nome) ao não possuir traços temporais. As diferentes designações que o infinitivo assume são ilustrativas de uma miscelânea de propriedades: “verdadeiro substantivo appellativo verbal” (Barbosa, 1822, p. 264); “formas com aparência e função de substantivo (infinitivo) (...) São estas as formas infinitas do verbo” (Ali, 1931/1964:129); “sustantivo verbal” (Cuesta & Da Luz, 1980, p. 404); “forma nominal do verbo” (Cunha & Cintra, 1984/2000, p. 378), entre outras.

Nestas gramáticas não há em geral critérios que permitam distinguir com clareza as propriedades nominais e as propriedades verbais do infinitivo.

Em Fernão de Oliveira (1536/1933), não há uma caracterização do infinitivo. A referência ao infinitivo surge em três momentos, para determinar a atribuição de acento nas palavras agudas e nas palavras esdrúxulas, aquando da indicação dos modos, tempos, números e pessoas do verbo e na caracterização do verbo, indicando a existência de três conjugações.

Na gramática de João de Barros (1540/1971), a referência ao infinitivo encontra-se em dois momentos. Num primeiro, aquando da caracterização dos “nomes vèrbaés” uma vez que, segundo o autor, os infinitivos antecidos de artigo são também nomes verbais (Barros, 1540/1971, p. 306). Num segundo, quando se refere aos “módos de

verbo”, indicando que o infinitivo é um modo não acabado, que não tem morfemas de pessoa e número. Acrescenta ainda que o infinitivo, sendo não acabado, pode exprimir um tempo passado a partir da forma composta (“ter amado, lido, ouvido, sido”) e um tempo futuro através da perífrase (“[H]aver d’amár, ler, ouvir, ser”) (Barros, 1540/1971, p. 330).

Barbosa (1822, pp. 263-264) caracteriza o infinitivo como sendo indeterminado, sem tempos, assemelhando-se, dessa forma, ao “nome appellativo e adjectivo”. No modo infinitivo, o autor enquadra o infinitivo pessoal e o infinitivo impessoal, o particípio perfeito e o particípio imperfeito. Ao infinitivo impessoal, considera-o “hum verdadeiro substantivo appellativo verbal” e enumera os seus usos verbais (“enunciar vagamente a coexistencia de huma idea em outra”) e os seus usos nominais (“ser sujeito e attributo de outro verbo, e de si mesmo, como: *Ser he* melhor que não *Ser*; ja em fim complemento objectivo, como: *Desejo ser*; ja em fim complemento de qualquer preposição, como *A ser, De ser, Para ser*”). Conclui, indicando que não exprime tempo. Ao infinitivo pessoal, atribui a mesma designação “substantivo appellativo verbal”, tendo as mesmas propriedades que o infinitivo impessoal, mas possibilitando a existência de sujeitos diferentes em orações subordinadas.

Na gramática de Bento de Oliveira (1880), o infinitivo é caracterizado como sendo de “significação indeterminada, [não podendo] só por si determinar tempos”. (Oliveira, 1880, p. 67). O autor aponta os usos verbais do infinitivo impessoal (formando um complexo verbal com os auxiliares, enquanto complemento regido de preposição, junto de verbos de movimento) e pessoal (com presença de sujeito lexical e sujeitos disjuntos). No caso do infinitivo impessoal, destaca ainda o seu uso nominal, enquanto “substantivo verbal abstracto”, dando como exemplo “O ler é proveitoso” (Oliveira, 1880, p. 67).

Epifânio da Silva Dias (1889, p. 129) considera o infinitivo como remetendo para uma ação de caráter geral, sendo a referência do sujeito indeterminada. Sistematiza os usos verbais do infinitivo na subordinação, os seus usos como infinitivo independente e faz uma pequena referência ao seu uso como nome, dando como exemplo: “Soava um correr de cavalo á rédea solta. Encantava-me o formoso e energico viver d’outrora” (Dias, 1889, p. 130).

Said Ali (1931/1964, p. 129) caracteriza o infinitivo como “forma com aparência e função de substantivo”. No entanto, ao referir-se ao emprego, quer do infinitivo impessoal, quer do infinitivo pessoal elenca quase exclusivamente os seus usos verbais:

a combinação com auxiliares, com ou sem preposições, mostra que estas formas surgem na dependência de outros elementos. O único caso de uso independente do infinitivo que o autor enuncia restringe-se ao infinitivo pessoal em frases interrogativas e exclamativas (aspeto este que será desenvolvido num próximo capítulo). Do uso nominal do infinitivo, há apenas duas referências. No capítulo sobre o artigo, refere que este vem sempre junto do nome de que depende, podendo este ser de qualquer classe, dando aí um exemplo de um verbo “o escrever” (Ali, 1931/1964, p. 123). Algumas páginas à frente, na formação de palavras refere que as línguas enriquecem não só a partir da junção de prefixos e sufixos, mas também a partir da mudança de categoria de certas palavras que adquirem um novo sentido, como é caso de infinitivos que também são substantivos, dando como exemplos “ser, jantar, dever, poder”. (Ali, 1931/1964, p. 230).

Na mesma linha, Evanildo Bechara (1961/1999, p. 224) considera o infinitivo uma das “formas nominais do verbo”, assinalando o seu valor nominal a par do verbal (“Recordar é viver” / “A recordação é vida”). O autor sistematiza os usos verbais da forma flexionada e da forma não flexionada de infinitivo (Bechara, 1961/1999, p. 284-286).

Cuesta e Da Luz (1980¹⁷, p. 529) caracterizam o infinitivo como um “substantivo verbal masculino” que tanto tem um uso nominal como verbal. Nesta gramática, há uma maior descrição do uso nominal do infinitivo e das construções nominais em que surge. No seu uso nominal, de acordo com as autoras, pode levar artigo, construindo-se geralmente com preposição e em certos contextos até pode admitir plural. Neste uso nominal, também pode admitir a construção verbal e ser acompanhado de advérbios, e de pronomes átonos de complementos direto ou indireto. Em Cuesta e Da Luz (1980, p. 529) encontrámos os seguintes exemplos:

- (6) a) “O pôr-do-Sol é lindíssimo nesta terra.”
- b) “O viajar muito tempo a seguir cansa.”
- c) “Não se deve fazer caso dos dizeres da gente.”
- d) “Não tenho vontade de falar nisso.”
- e) “Esse viver constantemente em luta.”
- f) “Dizer-lhe aquilo era difícil.”
- g) “Demorar a partida não é prudente.”

¹⁷ A edição original desta gramática, feita na língua castelhana, é de 1949. A versão portuguesa de 1980 foi feita a partir da 3ª edição espanhola de 1971.

Vemos que os exemplos dados pelas autoras são de tipos diferentes: infinitivos lexicalizados em (6a) e (6c); em (6b) e (6e) temos infinitivos nominais e, por sua vez, (6d), (6f) e (6g) não constituem infinitivos nominais, mas sim orações infinitivas, distinção que desenvolveremos ao longo desta dissertação.

A nominalização da oração infinitiva com infinitivo flexionado aparece quando há um sujeito exposto. Quando a seguir ao infinitivo nominalizado se seguem mais infinitivos flexionados, sendo o sujeito o mesmo, o primeiro infinitivo pode manter-se pessoal, apesar de não ser, para as autoras, uma construção muito frequente. Veja-se os exemplos de (7).

(7) a) “Irem-se (ou O irem-se) embora já é uma grande coisa.” (Cuesta & Da Luz, 1980, p. 534)

b) “O vir para ficarem e estudarem acho-o boa ideia.” (Cuesta & Da Luz, 1980, p. 534)

Para além da descrição dos usos nominais do infinitivo, com a referência às duas construções de nominalização do infinitivo, uma com propriedades nominais e outra com propriedades verbais (6), bem como a apresentação de exemplos de nominalização de uma oração infinitiva (7), Cuesta e Da Luz (1980) sistematizam os diferentes usos verbais do infinitivo impessoal e do infinitivo pessoal.

Assim, no infinitivo impessoal referem o seu uso com sujeitos correferentes, o seu uso nas formas perifrásticas, em orações completivas, em orações independentes imperativas e interrogativas, em orações subordinadas, precedido de diferentes preposições. Para o infinitivo pessoal, referem a existência de sujeitos disjuntos, em orações independentes exclamativas (aspeto que será desenvolvido mais adiante), na presença de certas conjunções ou locuções subordinativas, em orações completivas, entre outros usos.

O primeiro trabalho amplo sobre o infinitivo impessoal/não flexionado e infinitivo pessoal/flexionado surge com Raposo (1975). Raposo (1975, p. 9) não procurou, contrariamente ao que era realizado pelos gramáticos, descrever os contextos em que surge o infinitivo, mas responder aos seguintes objetivos: “como e a que nível da derivação é o infinitivo introduzido nas estruturas sintáticas em que ocorre; e quais e de que natureza são as restrições sintáticas que governam, de um modo generalizado, as derivações em que ele ocorre e a sua distribuição nalguns contextos definidos”. Assim, o autor explica o uso do infinitivo flexionado e do infinitivo não flexionado por regras transformacionais. Na estrutura profunda, existiria sempre um sujeito que pode

aparecer na estrutura de superfície, se o sujeito for apagado antes de receber as marcas de concordância do verbo, surge infinitivo não flexionado; se estiver presente, recebe as marcas de concordância e temos infinitivo flexionado (Raposo, 1975, p. 8). Na parte I desta dissertação voltaremos ao trabalho de 1987 de Eduardo Paiva Raposo.

Observemos agora a caracterização do infinitivo presente na gramática de Mateus (1983/1989):

O infinitivo, o particípio passado e o gerúndio são formas morfológicamente ligadas ao verbo mas com funções nominais, adjetivais e adverbiais que, sintacticamente, ocorrem em regra em orações dependentes de uma oração finita. Não exprimem, em si mesmas, qualquer dos tempos naturais, sendo a sua função de localização temporal subsidiária da oração finita de que dependem. [sublinhado nosso] (Mateus et al., 1983/1989, p. 84).

Na caracterização de Mateus et al. (1983/1989), destaca-se o caráter nominal do infinitivo, bem como a ausência de temporalidade e a dependência em relação a uma oração. Em termos temporais, considera-se que a forma do infinitivo é subsidiária do tempo da frase matriz, exprimindo geralmente simultaneidade ou posterioridade. Em diferentes capítulos desta mesma gramática, são referenciados os usos verbais do infinitivo: ocorrência com diferentes auxiliares e semiauxiliares, ocorrência em construções de subordinação adverbial, completivas, ocorrência em orações independentes imperativas. Relativamente ao uso nominal do infinitivo, poucas referências existem, apenas uma menção aquando das completivas em que são apresentados exemplos de uma nominalização da oração infinitiva.

Cunha e Cintra (1984/2000) referem-se ao infinitivo da seguinte forma:

São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Caracterizam-se todas por não poderem exprimir **por si** nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem. [sublinhado e negrito nosso] (Cunha & Cintra, 1984/2000, p. 480)

Os autores destacam o facto de as formas de infinitivo individualmente não possuírem traços de tempo, estando dependentes de outros elementos da frase para veicularem essas informações temporais e modais. Na descrição do infinitivo, são privilegiados pelos autores os seus usos verbais, elencando não as regras, mas as

“tendências” de emprego quer da forma não flexionada do infinitivo, quer da forma flexionada. Concluem que, muitas vezes, o que determina usarmos infinitivo não flexionado ou infinitivo flexionado é “um emprego selectivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática” (Cunha & Cintra, 1984/2000, p. 487). Do uso nominal do infinitivo, apenas há uma pequeníssima referência na derivação imprópria, em que indicam que antepondo um artigo a qualquer palavra, ela se torna um substantivo. Tal processo também pode ocorrer com verbos e apontam os exemplos: “afazer, jantar e prazer” (Cunha & Cintra, p. 106). Efetivamente, à semelhança do que se encontra em outras gramáticas do português, os exemplos dados de um uso nominal do infinitivo correspondem a verbos que estão já na língua portuguesa como verdadeiros nomes, sendo infinitivos nominais lexicalizados. Por fim, os autores reiteram a ausência de temporalidade das formas do infinitivo e o seu caráter de dependência.

Barbosa e Raposo (2013), na mesma linha, consideram a forma infinitiva defetiva em termos temporais, e, dessa forma, a subordinação é o seu contexto de excelência. A este uso acrescentam a ocorrência da forma infinitiva com auxiliares, em construções independentes (interrogativas, exclamativas e imperativas) e a ocorrência enquanto forma nominal. Salientam a existência de duas formas do infinitivo em português: uma não flexionada, que não permite a realização do SU e uma flexionada que permite a presença de SU realizado foneticamente.

Uma caracterização próxima das encontradas nas gramáticas da tradição luso-brasileira está presente em Hernanz (1999) para o infinitivo em espanhol. Assim, a autora afirma que:

Los infinitivos constituyen, junto a los participios y los gerundios, las formas no personales del verbo (también denominadas ‘no flexivas’ o ‘nominales’). Al igual que estos, se oponen a las formas conjugadas del paradigma verbal en que se hallan desprovistos de morfemas de persona y de tiempo. Ello los inhabilita doblemente en el plano sintáctico: por un lado, no pueden entablar relaciones de concordancia con un sujeto; por otro, son incapaces de expresar **por sí** mismos una referencia temporal específica. [sublinhado e negrito nosso] (Hernanz, 1999, p. 2201)

À semelhança do que encontramos nos gramáticos portugueses, na caracterização encontrada em Hernanz (1999), privilegia-se a ausência de temporalidade (“por si só”) e a impossibilidade de o infinitivo estabelecer concordância já que o

espanhol não dispõe de infinitivo pessoal. Na sistematização final dos usos do infinitivo, esta autora aborda não só os verbais, como também os usos nominais do infinitivo em espanhol.

Em suma, na tradição gramatical luso-brasileira e também nalguns gramáticos de referência moderna realça-se a impossibilidade de o infinitivo ter marcas de concordância (caso do infinitivo impessoal em espanhol), e o facto de não exprimir tempo; o português é sempre destacado por ter infinitivo flexionado.

Para além disso, é unânime, nos autores, a dupla função do infinitivo: o seu uso enquanto verbo e a possibilidade de ocorrer nominalizado. No entanto, este segundo aspeto é pouco afluído nas diferentes gramáticas e, por vezes, os exemplos dados são os mesmos, correspondendo muitas vezes a infinitivos lexicalizados. Dessa forma, os gramáticos ao designarem o infinitivo “forma nominal do verbo”, não afastam da descrição dos usos do infinitivo a sua ocorrência como substantivo, mas dão sobretudo grande enfoque ao seu uso verbal.

1.3 Conclusões

O infinitivo latino, enquanto forma verbal, possuía três tempos (presente, perfeito, futuro), voz ativa e voz passiva. Na passagem do latim para o português, mantiveram-se as formas do infinitivo presente latino, tendo-se perdido, no entanto, a distinção entre morfemas *-re* ativo e *-ri* passivo.

A par de um uso verbal, no latim, o infinitivo aparecia nominalizado, sendo precisamente com as formas do infinitivo presente que tal era mais recorrente. Diferentes autores (Ernout & Thomas, 1953; Palmer, 1988; Lisardo Rubio, 1989; Mariano de Climent, 1983; Gildersleeve & Gonzalez Lodge, 1986) consideram que essa era a sua forma primitiva.

No português, os usos verbais e nominais do infinitivo mantiveram-se e a grande inovação é a existência de duas formas do infinitivo: uma não flexionada e outra flexionada.

Nos gramáticos da tradição luso-brasileira, reafirma-se a ausência de valores temporais do infinitivo e a sua dupla função, enquanto verbo e nome, embora esta última não seja muito desenvolvida, cingindo-se quase exclusivamente a casos de infinitivos lexicalizados.

Capítulo 2. Infinitivos independentes

2.1 Considerações introdutórias

O infinitivo impessoal não é empregue em orações simples independentes, como se observa pela agramaticalidade dos seguintes exemplos:

- (1) a) *Eu ler o livro.
- b) *Nós participar no encontro de música.
- c) * Comer uma maçã.
- d) * Eles lerem o livro.

No quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e aceitando a Teoria do Caso é possível compreender a impossibilidade do uso do infinitivo em orações simples independentes.

De acordo com Raposo (1992), os SN só são legítimos em contextos em que lhes é atribuído Caso abstrato, que pode ser ou não realizado morfológicamente. O Caso “é uma marca morfológica nos DPs¹⁸ que tem como função identificar a sua função gramatical e/ou a sua função semântica” (Raposo, 1992, p. 349). Em português o Caso concretiza-se no sistema de pronomes pessoais, existindo nesses pronomes quatro informações Casuais: nominativo, acusativo, dativo e oblíquo. São certas categorias que atribuem o Caso ao SN mais próximo. Assim, aceitaremos aqui, sem grande problematização, que o Caso nominativo é atribuído pela categoria Flexão [+ Conc], o Caso acusativo é atribuído pelo núcleo verbal e o Caso oblíquo é atribuído pela(s) preposição(ões).

Associado ao princípio do Caso, está o Filtro do Caso, segundo o qual todos os SN foneticamente realizados devem ter um Caso abstrato. Assim, os SN “Eu” em (1a) e “Nós” em (1b) deveriam receber o Caso nominativo. No entanto, esses SN não têm

¹⁸ Raposo (1992) usa sempre DP para os SNs.

nenhuma fonte de atribuição Casual dado que o infinitivo não possui o elemento [+Conc] capaz de atribuir o Caso nominativo. Dessa forma, o filtro marcará estes SN e os exemplos em que se inserem como mal formados. Em (1c), mesmo estando presente um sujeito nulo, em que se poderia pensar que o filtro passasse a ser irrelevante, não é possível uma oração independente ser infinitiva. Nesta perspectiva, como afirma o autor, “A atribuição Casual a um DP é feita sob a regência do DP pela categoria que lhe atribui Caso” (Raposo, 1992, p. 353). A condição de minimalidade vem assegurar que cada categoria possua apenas um único regente. Cada DP é regido por uma única categoria regente: Flex/Conc rege o DP sujeito, V rege o DP objeto e P rege o DP oblíquo (Raposo, 1992, p. 353).

Em suma, de acordo com a Teoria do Caso, orações independentes como (1) são agramaticais porque o infinitivo impessoal com Flex [-Conc] não é um adequado regente e atribuidor de Caso (nominativo). No entanto, em (1d), mesmo na presença de infinitivo flexionado / pessoal numa oração independente em que está presente o traço [+Conc], a frase é agramatical. Aqui o valor [+Conc] não é suficiente para a atribuição de Caso nominativo, resultando a frase agramatical porque o infinitivo expressa [-Tempo]¹⁹ tanto do ponto de vista sintático como semântico.

Face ao exposto, esperar-se-ia que em português não surgissem nunca orações infinitivas independentes. Ora, sabemos que o infinitivo impessoal pode surgir isoladamente em frases imperativas, em frases interrogativas e em frases exclamativas, bem como o infinitivo flexionado em orações interrogativas e exclamativas.

A possibilidade de o infinitivo impessoal e de o infinitivo flexionado surgirem em orações independentes era já referenciada em diferentes autores portugueses.

Dias (1889, p. 134) refere a existência de infinitivo impessoal em construções independentes com valores de ordem, imperativo e em exclamações, mencionando que, enquanto valor imperativo, não tem sujeito “Tu” ou “Vós”:

- (2) a) “Companheiros, despedir esta noite da montanha e das tristezas, e aparelhar para amanhã me seguides”
b) “Não haver quem me salve!”

¹⁹ A frase ilustrada em (1) torna-se gramatical, de acordo com Ambar (1992, p. 91) alterando a entoação ou na ordem ISV: “ELES lerem o livro!” ou “Lerem eles o livro!”. Nestes enunciados, exprime-se uma certa estranheza, surpresa com o sucedido. Estes casos ilustram construções de infinitivos independentes com valor expressivo, sendo estas construções exploradas mais adiante. Como veremos, para legitimar orações exclamativas independentes infinitivas, exploraremos a hipótese de Tempo Semântico.

Gomes (1935, p. 128) também sublinha o uso do infinitivo impessoal em orações imperativas e exclamativas, dando os seguintes exemplos:

- (3) a) “Falar pouco”
- b) “Alegar que é chegada a hora.”
- c) “Mentir eu!”

Bechara (1961/1999, p. 283) menciona o uso do infinitivo impessoal apenas em orações independentes imperativas para indicar ordens rápidas:

- (4) “Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar, rapazes*” (AH. 2.98)

Teyssier (1989, p. 296) recorda o uso do infinitivo impessoal enquanto imperativo:

- (5) a) “Não fumar!”
- b) “Deixar a porta aberta.”
- c) “Apagar a luz antes de sair.”

Cunha e Cintra (1984/2000, p. 483) também salientam o valor de imperativo do infinitivo impessoal:

- (6) a) “E Deus responde: - Marchar!” (Castro Alves, *EF*, 2.)
- b) “Formar! – ordenou o sipaio Jacinto.” (Castro Soromenho, *V.*, 197)
- c) “Se o indez morre, deixá-lo” (Mário de Sá-Carneiro, *P.*, 142)

Said Ali (1931/1964, p. 343) considera a existência de infinitivo pessoal em orações independentes exclamativas e interrogativas (veja-se exemplos em 7). Nestas mesmas construções com sujeito expreso, explicita o autor que pode ocorrer o infinitivo impessoal de forma a acentuar o contraste entre o agente e a ação, evidenciando surpresa (veja-se 8):

- (7) a) “E *ousares* tu, ladrão, calumniar tal santo!” (Castilho, *Tart.* 99)
- b) “- Tu, Hermengarda, *recordares-te?!?*” (Herculano, *Eur.* 46)
- c) “- *Morreres?!?* Oh não!” (Herculano, *Eur.* 289)
- d) “- *Assassinares* uma fraca mulher, assassinar-te a ti proprio e *renegares* da vida eterna.” (Herculano, *M. de C.* 1,2)
- (8) a) “*Vós arriscar* vossa Pessoa, e a vossa vida! *Vós ir* padecer e morrer a mãos de vossos inimigos.” (Vieira, *Serm.* 7, 269)
- b) “E bem, Senhor, *vós a mim lavar-me* os pés.” (Vieira, *Serm.* 7, 354)

Cuesta e Da Luz (1980, pp. 531-532) apontam o uso do infinitivo impessoal em orações independentes imperativas, exprimindo ordens rápidas a um público indefinido

e vago, e em orações independentes interrogativas deliberativas. Acrescentam o uso de infinitivo pessoal em orações independentes em expressões de admiração e frases irónicas.

- (9) a) “Apontar! Fogo!”
- b) “Não cuspir no chão.”
- c) “Para quaisquer informações telefonar para o número.”
- d) “Que fazer?”

- (10) a) “Terem morrido *tantos homens de valor e ele continuar neste mundo!*”
- b) “*Tu, Hermengarda, recordares-te?*” (Herculano, Eur. 46)
- c) “*Quererem eles, infames, desmentir-me!*”

Para Ambar (1992, pp. 89-90) a única construção de infinitivo independente que pode ocorrer com infinitivo impessoal é a construção de expressão de ordem, o imperativo (11b, 11c, 11d), defendendo a possibilidade de infinitivos flexionados nas orações exclamativas/interrogativas (11a). Vejamos os exemplos apresentados pela autora:

- (11) a) “Dizeres-me TU a verdade!?”
- b) “Sair!”
- c) “Não fumar!”
- d) “Comer imediatamente a sopa!”

Em síntese, é unânime nos autores apresentados que em construções independentes imperativas apenas pode ocorrer infinitivo impessoal. Em construções independentes interrogativas e exclamativas, alguns autores consideram a possibilidade de ocorrência de infinitivo impessoal, bem como de infinitivo flexionado.

Hernanz (1999, p. 2333), analisando o espanhol, ao caracterizar os infinitivos independentes considera três grupos: os infinitivos fragmentários, os infinitivos modalizados e outros infinitivos independentes.

Os “infinitivos fragmentários” (12) englobam construções de infinitivo que necessitam de um contexto de forma a serem inteligíveis. Por exemplo, no caso de um diálogo em situações de pergunta-resposta, os infinitivos surgem de forma a ilustrar o que é dito anteriormente, não tendo assim autonomia.

- (12) a) “¿ Quieres algo? Estar bueno.” (Hernanz, 1999, p. 2333)

b) “Quedaban otras cosas, claro está: traer el agua de la fuente del patio.”
(Hernanz, 1999, p. 2334)²⁰

Os “infinitivos modalizados” abarcam as orações infinitivas imperativas, exclamativas e interrogativas. Contrariamente ao primeiro grupo, estas construções independentes apresentam uma maior autonomia sintática e semântica.

No que designa “outros infinitivos independentes” refere três casos: o infinitivo histórico, narrativo ou descritivo que pode aparecer nas descrições literárias (13a); o caso do infinitivo que é habitual na língua falada, aparecendo com uma conjunção coordenada e precedido de verbos ou expressões aspectuais “a”, “venga (a)”, “vuelta a”, “otra vez a” (13b) e o caso dos infinitivos enunciativos usados na língua falada, interligados com o contexto de enunciação (13c). Por fim, refere ainda o caso dos infinitivos topicalizados em que o infinitivo “duplica” e antecede um verbo flexionado (13).

- (13) a) “No *saber* nada. No *saber* que la tierra es redonda. No *saber* que el sol está inmóvil, aunque parece que sube y baja (...)”
b) “Llegábamos del cine y a *preparar* las clases para el día siguiente”
c) “Tras las palabras de José Luis, *decirles* que su familia ha recibido la historia de su liberación con gran alegría”
d) “*Llorar*, cualquiera llora.”

O português apresenta igualmente “infinitivos fragmentários” em que a oração infinitiva aparece ligada a elementos anteriores. Observe-se os exemplos (14):

- (14) a) - O que desejas? - Comer um gelado.
b) - O que vais fazer? – Pois trabalhar.

Nestes exemplos, a resposta não pode ser vista como isolada e fora da pergunta. É como se tivessem uma frase subordinada: “ Eu desejo comer um gelado”.

Em comparação com os infinitivos fragmentários, os infinitivos modalizados têm uma maior autonomia sintática e um carácter não rígido.

Em português também é possível uma construção de oração infinitiva em tópico:

- (15) a) Chorar, qualquer um chora.
b) Andar de bicicleta, qualquer um anda.

²⁰Hernanz (1999) considera que este exemplo de infinitivo fragmentário demonstra que em alguns contextos o infinitivo tem um estatuto semelhante ao das posições, sendo usado para explicar, precisar ou exemplificar o que é dito anteriormente.

Embora não seja o âmbito desta dissertação as construções de topicalização, esta última construção mostra que não é total a independência de tais infinitivas, visto que o verbo no infinitivo topicalizado é o mesmo da oração matriz.

Como vimos no início, se a impossibilidade de ocorrência do infinitivo em orações independentes, de acordo com a Teoria do Caso, está relacionada com os traços [-Tempo], [-Conc.], o que legitimará a possibilidade de ocorrência do infinitivo impessoal em orações independentes exclamativas, interrogativas, imperativas e a sua impossibilidade em orações independentes declarativas? Quanto às construções independentes com infinitivo flexionado, o que justificaria a sua impossibilidade em orações declarativas e a sua possibilidade em orações interrogativas e exclamativas?

Nos próximos pontos, analisaremos as construções de infinitivos independentes em orações imperativas, interrogativas e exclamativas, com os seguintes objetivos:

- (i) analisar sintaticamente as construções de infinitivos independentes em orações imperativas (Cf. §2.), interrogativas (Cf. §3.) e exclamativas (Cf. §4) ;
- (ii) analisar as propriedades temporais do infinitivo nestes contextos, verificando se será realmente [-tempo];
- (iii) determinar se estas construções, pelas suas propriedades, deverão ser realmente consideradas construções independentes;
- (iv) determinar o que legitimará o uso de infinitivo impessoal nas construções independentes imperativas, interrogativas e exclamativas e a sua impossibilidade em construções independentes declarativas;
- (v) determinar o que legitimará o uso de infinitivo flexionado nas construções independentes interrogativas e exclamativas e a sua impossibilidade em construções independentes declarativas e imperativas.

2.2 O infinitivo impessoal em orações imperativas

Dependendo do contexto situacional ou linguístico, as frases imperativas podem exprimir diferentes valores: pedido, exortação, conselho, instrução. As frases imperativas com uso de infinitivo aparecem sobretudo na oralidade e tanto podem designar um destinatário específico, como em (16) a (19), como um destinatário não específico, indeterminado, como em (20)²¹.

- (16) a) Meninos, sair imediatamente da sala.
b) *Meninos, saírem imediatamente da sala.
- (17) a) Crianças, comer já a sopa.
b) *Crianças, comerem já a sopa.
c) Comer já a sopa, crianças.
d) *Comerem já a sopa, crianças.
- (18) a) ??? Comer, tu /o senhor, imediatamente a sopa.
b) *Tu, comeres já a sopa.
- (19) Dormir já.

Note-se que nas frases imperativas é usado o infinitivo não flexionado, como em (20). Mesmo quando o destinatário é específico, o uso do infinitivo flexionado torna as frases agramaticais (16b, 17b, 17d e 18b).

- (20) a) Por favor não fumar.
b) Não deitar lixo para o chão.
c) Usar luvas de proteção.

Nestes casos, parece mesmo preferível o uso do infinitivo em vez da forma do imperativo/conjuntivo. Os exemplos de (20) mostram um uso frequente desta forma de infinitivo imperativo destinado a fazer um pedido ao público em geral.

Como vemos, o sujeito das frases imperativas não está expresso, surgindo antes muitas vezes o vocativo. O vocativo da frase imperativa tanto pode surgir em posição pré-verbal (16a), (17a) como pós-verbal (17c). Quando surge em posição pós-verbal, a expressão encontra-se focalizada e só é possível a ocorrência com pronomes pessoais ou

²¹ Alguns falantes aceitam com estranheza a presença do vocativo em (16) e (17) e, de igual modo, o exemplo em (19), admitindo com naturalidade os exemplos de (20) a um destinatário genérico. Para aceitarem os exemplos (16), (17) e (19) seria necessário um contexto prévio. Assim, propomos alguns contextos onde poderiam ocorrer os exemplos apresentados: (16) “- São 10 horas, vai haver uma aula a seguir. Meninos, sair imediatamente da sala”; (17) “-Duas horas e ainda têm aí o prato da sopa. Crianças, comer já a sopa.”; (19) – “Ainda a ver televisão a esta hora. Dormir já.”. A presença destes diferentes contextos vem reforçar que a independência do infinitivo nestas construções nem sempre é clara.

fórmulas de tratamento. Nas orações infinitivas imperativas, geralmente os sujeitos não estão expressos porque Flex é [-Conc,-Tempo] e não pode haver atribuição de caso nominativo. Quando ocorre uma expressão nominal antes do verbo (posição periférica) ou em posição pós-verbal é interpretada como um vocativo e tal posição é periférica em ambos os casos. Nestas construções de infinitivo, embora tenhamos, por vezes, um destinatário específico, não é possível a ocorrência de infinitivo flexionado.

Geralmente, o infinitivo com valor de imperativo substitui a segunda pessoa do plural (*vós*), como vocativo, pois a forma está em desuso na língua portuguesa. Com a segunda pessoa do singular, o uso de infinitivo enquanto imperativo é pouco frequente e marginal (ver 18a) e (18b).

Nos exemplos (16a), (17a/17c), (19) e (20a) o infinitivo vem acompanhado de certos marcadores de intensificação ou atenuação, como *já*, *imediatamente*, *por favor*, de forma a intensificar a necessidade de levar o outro a realizar uma ação. Os marcadores *já* e *imediatamente* surgem a seguir ao verbo para reforçar a ordem e *por favor* pode surgir na periferia direita ou esquerda (Matos, 2003a, p. 460).

O uso do infinitivo enquanto imperativo é visível em português ainda nas construções com a preposição *a*²². Observem-se os seguintes exemplos:

(21) a) A trabalhar já.

b) *A temer o professor.

(22) a) O livro, a lê-lo já.

b) *A lavar-se já.

c) A sopa, comê-la já.

d) Esta roupa, não a lavar na máquina.

(23) “Primero a trabajar y luego a divertirse! (Hernanz, 1999, p. 2340).

Como se percebe, este tipo de construções combina-se sobretudo com verbos de processo (21a), (22a), (22c) e não com verbos estativos (21b).

Esta construção pode igualmente aparecer com clíticos, como em (22), em que a expressão “o livro” surge topicalizada. No entanto, ao contrário do espanhol (23), em que se emprega o clítico impessoal ou nominativo *se*, no português este tipo de construção não pode aparecer com o clítico nominativo *se* (22b), o que mostra que não são gramaticais imperativas de tipo “impessoal” ou arbitrário. Pelo contrário, os clíticos

²² De acordo com Hernanz (1999), para o espanhol, a construção de preposição *a* mais infinitivo exprime um carácter prospetivo à oração e a autora refere que será uma versão elíptica da perífrase: “ir a + infinitivo”. Esta construção pode igualmente conter o clítico impessoal “se”, como no exemplo (23).

não impessoais, não arbitrários, como “-o, -a, -os, -as” podem surgir neste tipo de imperativas infinitivas em posição pós-verbal em frases afirmativas (22a), (22c) e em posição pré-verbal (22d) em frases negativas.

A presença dos clíticos juntamente com o infinitivo é, aliás, uma possibilidade que merece ser enfatizada. Com efeito, tal possibilidade comprova que o infinitivo é aqui claramente uma forma verbal. Os pronomes clíticos surgem com um verbo e não com um nome. Por outro lado, como afirmam Brito, Duarte e Matos (2003, p. 830) “os pronomes clíticos não cliticizam em qualquer forma verbal. As formas flexionadas exibindo tempo gramatical não inerte são aparentemente os únicos hospedeiros legítimos dos clíticos especiais”. Tempo não inerte significa não deficitário, tendo informações temporais ativas. Dessa forma, os clíticos surgem em formas verbais que exibem tempo gramatical ativo. O facto de surgirem clíticos nas formas do infinitivo ilustra que o domínio infinitivo numa oração imperativa tem tempo semântico. Dessa forma, pode concluir-se desde já que o infinitivo impessoal nestas construções tem valores de temporalidade, o que se justifica pelo facto de que as frases imperativas remetem para uma orientação futura. Levanta-se, assim, a hipótese de que as frases imperativas têm tempo semântico, exprimindo, geralmente, uma orientação futura. Barbosa e Raposo (2013, p. 1904) defendem que nas orações infinitivas independentes “a referência temporal do infinitivo é tipicamente interpretada como coincidindo com o ato de fala.”. Pensamos, ao contrário, que, nos diferentes exemplos apresentados anteriormente, as frases imperativas projetam a realização de algo para um tempo posterior ao tempo da enunciação.

De acordo com F. Oliveira (2013, p. 503), o tempo semântico é “tempo da localização das situações”, sendo diferente do tempo morfológico, nomeadamente “as marcas temporais morfológicas que ocorrem como sufixos verbais”. A existência de um tempo semântico poderá ser uma possível justificação para a ocorrência de infinitivo em construções independentes imperativas. Embora, em termos morfológicos, o infinitivo seja defetivo, semanticamente exprime um valor de futuro. A visão de que o infinitivo tem tempo semântico foi expressa por Stowell (1982), por Martin (2001), para o inglês, e Âmbar (1992b, 1999) para o português, como veremos no capítulo 4.

Em virtude do exposto, há que explorar agora a sintaxe das orações imperativas infinitivas independentes. Assim, nas orações imperativas infinitivas, seguindo o modelo de Chomsky (1982) e, desenvolvendo a perspectiva de Ambar (1992) para as orações exclamativas, defendemos a existência de um nó à esquerda, COMP com os

traços [-declarativo], [+ ordem] e [+tempo semântico] (neste caso, valor de orientação temporal de futuro). Sendo assim, nos infinitivos imperativos a independência é apenas aparente, uma vez que na periferia esquerda da frase há uma categoria funcional com traços [-decl, +ordem, + tempo]. Na categoria funcional equivalente à frase, ST²³, temos a informação [- tempo / - finito] e [-Conc] (explicando a não atribuição de nominativo).

(24)

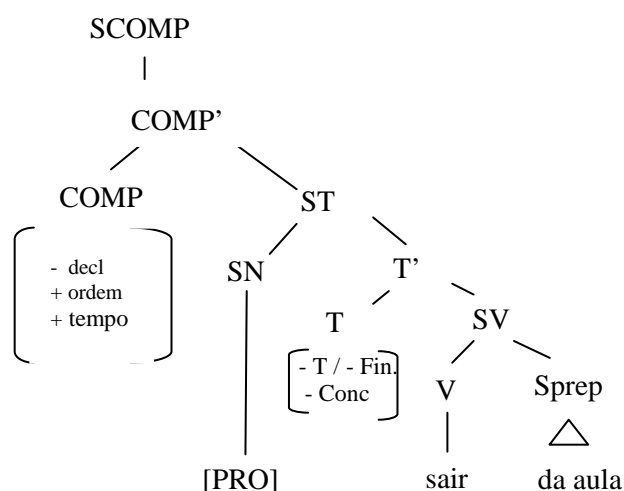


Figura 2: Estrutura sintática das imperativas independentes com sujeito arbitrário

Em suma, nas orações infinitivas imperativas, que não têm sujeito, mas que podem ter vocativo, o destinatário pode ser específico e não específico. Mesmo quando este é específico, não é possível o uso de infinitivo flexionado²⁴. Como o infinitivo é [-Conc / - Tempo] não há sujeitos expressos e não pode haver atribuição de caso nominativo. Embora nestas construções não haja tempo sintático, propõe-se a existência de um tempo semântico, geralmente de valor futuro, e incluímos essa informação na estrutura como um traço semântico na periferia esquerda, em COMP.

²³ Nas estruturas sintáticas, adotou-se para representar a frase a categoria ST uma vez que SFLEX é problemática, pois não há concordância. Além disso, defendemos que há alguns valores temporais.

²⁴ Atualmente, no português não é possível a ocorrência de infinitivo flexionado com orações independentes imperativas. No português antigo, Martins (1999, p. 12) refere a existência de orações independentes de infinitivo flexionado, geralmente com valor imperativo e optativo (“E ffazerem a dita cassa e Reffazerem de todo casso fortoyto.”). De acordo com a autora, a existência de infinitivos flexionados independentes imperativos poder-se-ia justificar defendendo a existência de um operador modal ou de um verbo causativo foneticamente não realizado que selecionaria um infinitivo como complemento. Assim, o modal ou o verbo causativo seria licenciado por um operador diretivo em Comp, dando a força ilocucionária imperativa. No entanto, esta hipótese levanta vários problemas uma vez que no português antigo não se atesta nenhuma ocorrência de infinitivo flexionado como complemento selecionado por verbos causativos ou perceptivos, era sobretudo o infinitivo não flexionado que surgia. Apenas a partir do século XVI surge a possibilidade de infinitivo flexionado como complemento de verbos causativos (veja-se Martins, 2004). A autora avança a hipótese de que, no português antigo, no infinitivo flexionado, o tempo é como T finito, permitindo atribuir Caso nominativo.

2.3 O infinitivo em orações interrogativas

2.3.1 Oações interrogativas de infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal também pode aparecer em frases interrogativas, mas, como veremos, nem sempre o valor destas orações é o de fazer um pedido de informação ao alocutário²⁵.

Observem-se os exemplos de (25):

- (25) a) Telefonar à mãe hoje?
- b) Paulo, ir ao cinema logo à noite?
- c) Ficar aqui?
- d) Cantar ELA e não ele?

Estes exemplos ilustram casos de interrogativas totais, não havendo pronomes interrogativos. Dessa forma, estas construções requerem uma entoação particular para a interpretação. Em termos sintáticos, pode não ocorrer qualquer modificação de ordem de palavras relativamente à frase declarativa. Pode, no entanto, também apresentar uma ordem diferente, como ilustrado em (25d).

Analisando os exemplos, observa-se que nem sempre a distinção entre uma frase exclamativa ou interrogativa é muito clara nestes contextos, pois em alguns casos os infinitivos interrogativos exprimem mesmo surpresa e admiração (veja-se 25d).

Vemos que este tipo de orações interrogativas infinitivas de *sim/não* (25a a 25d) mantém uma relação de dependência com o enunciado anterior e o seu valor parece ser o de confirmação ou de elucidação do que foi dito anteriormente. Assim, a independência do infinitivo é de novo questionável, na medida em que o contexto se

²⁵ Agradeço ao público do IX Fórum de Partilha Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa as observações realizadas. Alguns dos participantes não consideram que os exemplos apresentados em (25) constituam casos de verdadeiras interrogativas, defendendo que se trata mais de uma reação negativa e não de uma pergunta, acrescentando que o contexto será determinante para as considerar como interrogativas. Assim, indo ao encontro do que temos defendido, a independência do infinitivo nestas construções é apenas aparente, necessitando de um contexto prévio que legitime estes enunciados. Tal como afirmado no início deste subcapítulo, nestas frases interrogativas nem sempre se procura obter uma informação da parte do alocutário e, algumas delas, constituem perguntas-eco em que se repete o que foi dito sem procurar uma resposta. Vejamos alguns possíveis contextos onde surgirão estes enunciados: (25a) “Vamos telefonar à mãe hoje. / Telefonar à mãe hoje? Sim, seria uma ótima ideia.”; (25b) “- Paulo, ir ao cinema logo à noite? Que dizes?”; (25c) “-Vamos ficar aqui. / Ficar aqui? É um pouco frio.”; (25d) “- No festival da canção, ganhou a Maria Fonseca para representar Portugal, o Carlos Mota ficou em segundo lugar. / Cantar ELA e não ele?”.

revela importante para determinar a referência temporal e mesmo a referência do sujeito implícito.

Nem sempre estas interrogativas podem induzir uma resposta de *sim/não*, podendo constituir um caso de “pergunta-eco”, como referido em Barbosa e Raposo (2013, p. 1904).

Nas interrogativas parciais ou de constituintes (com a presença de “pronomes”, “adjetivos” ou “advérbios” interrogativos), ilustradas nos exemplos (26) a (33), o infinitivo parece ter uma independência maior, estando mais desligado do contexto²⁶.

Atentemos nos seguintes exemplos:

- (26) a) Que fazer?
- b) * Que fazeres?
- (27) Que dizer-lhe perante esta situação?
- (28) Porquê ir ao cinema?
- (29) O que comer?
- (30) Onde ir logo?
- (31) Como abrir isto?
- (32) Quando sair?
- (33) Por que abandonar uma criança tão pequena?

Nestes exemplos podemos ter verdadeiras perguntas ou não, como é o caso de (26), tantas vezes usada como pergunta retórica. As perguntas retóricas (26) são construídas não para obter uma resposta, mas com um objetivo argumentativo ou procurando expressar a avaliação que o falante faz de uma determinada situação.

Dos exemplos elencados atrás comprova-se que o português não admite interrogativas *Q*-independentes de infinitivo flexionado (ver agramaticalidade de 26b). Acresce ainda a ausência de sujeito expreso. Observa-se, de novo, que o sujeito não está presente dada a natureza temporal defetiva do infinitivo do ponto de vista sintático, pois não há condições de atribuição de caso nominativo. O sujeito nulo só pode ser um PRO (nominal), adquirindo com frequência uma leitura indefinida ou genérica (Raposo, 1992, p. 322).

²⁶ O público do IX Fórum de Partilha Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa aceita sem qualquer restrição os exemplos de (26) a (33), considerando que não é necessário qualquer contexto prévio e, assim, têm um comportamento diferente das construções dos exemplos (25).

Repare-se que, à semelhança das orações imperativas infinitivas (§1.), nas orações independentes interrogativas infinitivas as frases veiculam uma orientação futura; conforme o contexto, poderão exprimir outros valores. Em qualquer dos casos, tal informação é mais uma vez uma informação temporal de natureza semântica.

De igual modo, nestas construções a independência do infinitivo parece ser aparente, podendo-se mesmo pensar que estamos perante estruturas elípticas (“O que (devemos) fazer?”).

Adotando o modelo de Chomsky (1982), as orações interrogativas, à semelhança das imperativas, terão um nó à esquerda que será COMP com traços, eventualmente um traço de tempo (semântico), além de [+int] e [+Q]. Este núcleo COMP em interrogativas independentes de *sim/não* não é preenchido em português. Em interrogativas parciais ou de constituintes, os morfemas interrogativos mover-se-ão para a posição de especificador de SCOMP.

A estrutura sintática apresentada a seguir ilustra a frase (29), em que ocorre movimento do constituinte *Q* para uma posição à esquerda da frase. Assim, o morfema interrogativo, estando numa posição interna à frase, move-se para a posição de especificador de SCOMP²⁷.

(34)

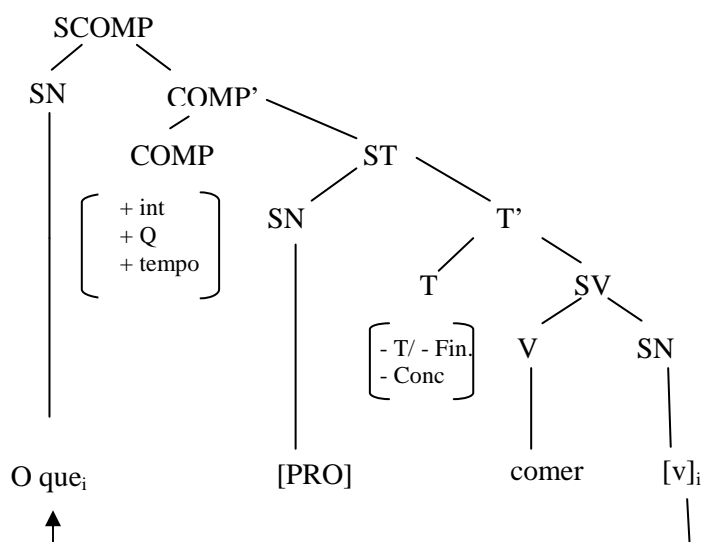


Figura 3: Estrutura sintática das interrogativas parciais infinitivas independentes

²⁷ Neste tipo de interrogações infinitivas, pode não ocorrer movimento sintático dos constituintes *Q* para a esquerda da frase. A título de exemplo: “Ir ao cinema porquê?”. Regra geral, as interrogativas sem movimento *Q* em sintaxe adquirem duas interpretações: uma interpretação normal de pedido de informação e uma interpretação em que o locutor revela surpresa pela informação transmitida (interpretação de “eco”) (Brito, 2003a, pp. 465, 475).

2.3.2. Orações interrogativas de infinitivo flexionado

O infinitivo flexionado pode ocorrer apenas em interrogativas totais, veja-se os exemplos em (35)²⁸:

(35) a) (Nós) Telefonarmos à mãe hoje ou amanhã?

b) (Nós) Ficarmos aqui?

À semelhança das construções com infinitivo impessoal, estas construções requerem uma entoação particular para as distinguir das orações independentes exclamativas.

Analisando os exemplos, parece que há algo anteriormente do qual dependem. Por exemplo, “- Vamos ficar aqui hoje. – Ficarmos aqui?”. Assim, este tipo de orações nem sempre introduz uma resposta de *sim/não*, podendo constituir o que Barbosa e Raposo (2013, p. 1904) defendem como “perguntas-eco”, em que se repete algo dito anteriormente, sem necessitar obrigatoriamente de uma resposta.

Tal como visto nas interrogativas de infinitivo impessoal, poderá haver uma estrutura elíptica: “(Devemos) telefonar à mãe hoje ou amanhã?”, mostrando que a independência do infinitivo nestas construções é de novo apenas aparente.

Ao contrário das interrogativas independentes com infinitivo impessoal, estas construções com infinitivo flexionado admitem a presença de um sujeito lexical. Como proposto por Ambar (1992b, 1999), Duarte (2003d), o infinitivo flexionado tem um traço de [+Tempo] e [+Conc], o que justifica um sujeito foneticamente realizado. De acordo com Raposo (1987), o infinitivo seria [-tempo] e, dessa forma, justificava a sua impossibilidade em orações independentes. Assume-se, na perspetiva de Ambar (1992b, 1999) e Duarte (2003d), que há um valor positivo de tempo morfológico e sintático no infinitivo flexionado, o que justificará a sua possibilidade nestas construções. À semelhança das orações imperativas, defendemos que nas exclamativas há tempo semântico, geralmente uma orientação futura relativamente ao tempo de enunciação e que tempo semântico se relaciona com um operador semântico de ordem (imperativas) ou interrogação (interrogativas). Este operador está excluído das orações

²⁸ Alguns participantes do IX Fórum de Partilha Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa não aceitam facilmente a presença de interrogativas infinitivas de infinitivo flexionado. Assim, as exclamativas parecem ser realmente o contexto privilegiado de ocorrência de infinitivo flexionado.

independentes declarativas. Como refere Hernanz (1999, p. 2333), as construções de infinitivos independentes constituem “infinitivos modalizados”, por isso, a existência de um operador modal à esquerda, possibilitaria a ocorrência de infinitivo flexionado em construções independentes. Veja-se a estrutura proposta em (36):

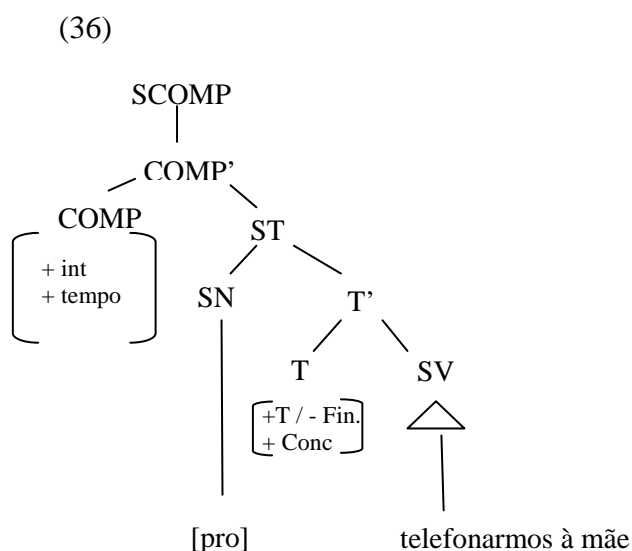


Figura 4: Estrutura sintática de uma interrogativa total infinitiva independente de infinitivo flexionado

Em suma, nas interrogativas independentes, com infinitivo não flexionado, o sujeito não está expresso uma vez que o infinitivo é [-Tempo/-Conc] e assim não atribui caso nominativo. Com infinitivo flexionado, o infinitivo é [+Tempo/+Conc] e por isso o SN_{SU} pode surgir.

A independência do infinitivo, quer em interrogativas de *sim/não*, quer de constituintes, é apenas aparente, o que motivou a proposta de uma estrutura com uma posição à esquerda. À semelhança das orações infinitivas imperativas, propõe-se a existência de um tempo semântico, de orientação futura, ou outra, dependendo do contexto e que tal informação temporal está estreitamente ligada a um operador semântico ou de ordem (imperativas), de interrogação (interrogativas) e, como veremos já seguir, de avaliação (exclamativas).

2.4 O infinitivo em orações exclamativas

2.4.1 Orações exclamativas de infinitivo impessoal

O infinitivo surge também em frases exclamativas, quase sempre associado a um significado avaliativo. Embora, de novo, estejamos perante orações independentes, a interpretação destes enunciados resulta do contexto, mantendo uma relação de dependência com o enunciado ou contexto anterior.

O infinitivo surge em exclamativas parciais, em que a exclamação recai sobre um advérbio de quantificação (37) ou então em exclamativas totais (38) (ver Duarte, 2003a, p. 479)²⁹. Pode também aparecer em exclamativas parciais com morfemas *Q* (39):

(37) a) Ih, comer tanto!

b) Ih, ler tanto!

(38) Ah, ir a Veneza!

(39) Qual trabalhar qual carapuça!

Vemos que estas orações são marcadas por processos prosódicos e que a fronteira entre estas orações e as interrogativas retóricas é ténue.

À semelhança das orações infinitivas interrogativas com infinitivo não flexionado, também nestes exemplos o sujeito é nulo, é um PRO genérico, arbitrário, não constituindo portanto, qualquer problema para a Teoria do Caso.

Em termos temporais, estas orações exclamativas independentes adquirem um valor genérico, mas, dependendo do contexto, podem exprimir outros valores semânticos. Por essa razão, consideramos, na sua estrutura, tal como tem sido proposto para as outras orações infinitivas independentes, a existência de um nó à esquerda com traços, um traço avaliativo e um traço semântico de tempo (veja-se Figura 5).

²⁹ À semelhança das construções anteriores, indicaremos alguns contextos em que possam surgir os enunciados de (37) e (38): (37) “– São as bodas de prata dos nossos pais. / - Ih, comer tanto!”; (38) “- Leiam o livro d’*Os Maias* no próximo fim de semana. / Ih, ler tanto!”.

(40)

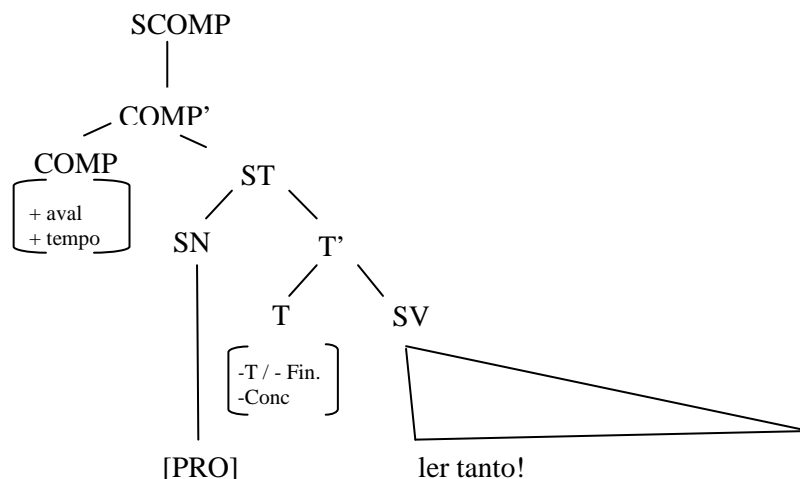


Figura 5: Estrutura sintática das exclamativas totais independentes de infinitivo impessoal

2.4.2 Orações exclamativas de infinitivo flexionado

Ao contrário do que sugere Raposo (1987), o infinitivo flexionado não surge somente em subordinação, podendo surgir em exclamativas independentes, como assinalado por Said Ali (1931/1964, p. 343), Cuesta & Da Luz (1980, pp. 531-532), Âmbar (1992a) e Martins (1999). Atente-se nos seguintes exemplos:

- (41) Cantares dessa forma no festival!
(42) a) Fazeres-me tu isso na véspera do meu aniversário!
b) TU fazeres-me isso na véspera do meu aniversário!

Nos exemplos (42), o sujeito, quando presente, adquire um valor de foco quer com Inversão Sujeito Verbo (42a) quer quando há um acento de intensidade sobre o mesmo (42b). Com ordem SVO a entoação é importante para a gramaticalidade, ver (42b).

Como estas frases comportam infinitivo flexionado, elas parecem ter um valor positivo de tempo ([+tempo]), para além da concordância ([+Conc]), possibilitando a presença de um sujeito lexical, como propuseram Ambar (1992b, 1999) e Duarte (2003d). Verificámos nas considerações introdutórias deste capítulo que o infinitivo flexionado não ocorre em frases declarativas independentes. O seu uso em frases

exclamativas independentes justifica-se pela existência de uma posição à esquerda, comportando um operador semântico de avaliação.

Ambar (1992a, pp. 88-90) estudou as exclamativas independentes de infinitivo flexionado, propondo que, por serem “enunciado[s] de valor ilocutório expressivo”, isso justifica a sua gramaticalidade.

A autora considera ainda que nas construções com infinitivos independentes não é possível a anteposição de constituintes (43a); não é permitido a presença de um interrogativo *Q* em posição inicial (43b) e não é possível a coocorrência de uma relativa (43c).

- (43) a) “* A verdade, tu dizeres-me. / *A verdade, dizeres-me tu” (impossibilidade de anteposição de constituintes) (Ambar, 1992a, p. 90)
- b) “*Que me dizeres tu? /* Quando me dizeres tu a verdade?” (impossibilidade de presença de interrogativo em posição inicial) (Ambar, 1992a, p. 90)
- c) “*A verdade que tu me dizeres” / * A verdade que me dizeres tu” (impossibilidade de coocorrerem com um relativo) (Ambar, 1992a, p. 90)

Nesta perspectiva, de acordo com a autora (1992a, p. 209), o uso do infinitivo flexionado nas orações independentes justifica-se pela existência de um operador avaliativo na periferia esquerda, um operador nulo, de natureza pragmática, expressando a atitude do falante.

Segundo a autora (1992a, p. 209), como o operador modal nulo ocupa a posição de Esp. de SCOMP, justificando-se a impossibilidade de ocorrência nestas construções de um morfema interrogativo em posição inicial, uma vez que não é possível esta posição ser duplamente preenchida. Uma vez que o tempo nas construções exclamativas de infinitivo é fraco, esse tempo é identificado pelo operador modal em Esp. de SCOMP. Depois de ser identificado, ele passa a legitimar a Conc.

- (44) a) “Dizeres-me tu a verdade!” (Ambar, 1992a, p. 208).
- b) “[COMP”Op_i [COMP’ dizeres_{jk} [FLEX” tu v_{jk} v_k a verdade.]]]” (Ambar, 1992a, p. 208).
- c) “TU dizeres-me a verdade!” (Ambar, 1992a, p. 208).
- d) “[COMP”Op_i [COMP’ [FLEX” tu V-FLEX_k v_k a verdade.]]]” (Ambar, 1992a, p. 208).

Em (44a) como o operador é nulo, não podemos ter a subida do verbo para C (44b). Na estrutura sem inversão do sujeito (44c), V-FLEX não se move para COMP e a estrutura sintática é a indicada em (44d).

Em síntese, o uso deste infinitivo flexionado nas exclamativas é justificado por Ambar (1992a) defendendo a existência de um operador avaliativo à esquerda que acaba por identificar o tempo (sintático) da frase exclamativa apesar de tal informação corresponder a uma informação de tempo fraco. Nas exclamativas e uma vez que pode haver movimento do V para C, o operador semântico avaliativo não pode estar em C, mas em Esp. de CP (com Ambar, 1992a).

2.5 Conclusões

Como observado nas considerações introdutórias, o infinitivo impessoal não tem nem tempo morfológico nem sintático, o que explica, à luz da Teoria do Caso, a impossibilidade da sua ocorrência em orações declarativas independentes. No entanto, embora não possa surgir em orações independentes declarativas, surge em orações independentes não declarativas (imperativas, interrogativas, exclamativas). Por sua vez, o infinitivo flexionado, tendo tempo sintático pode aparecer em orações independentes interrogativas e principalmente em exclamativas, mas não pode surgir em orações independentes imperativas.

Nas orações imperativas infinitivas apenas pode ocorrer infinitivo impessoal, sendo o sujeito nulo, arbitrário e genérico. Como o infinitivo é [-Conc/-T], não há atribuição de caso nominativo, não há sujeitos expressos.

Nas orações interrogativas infinitivas, pode ocorrer infinitivo impessoal e, sendo o infinitivo [-Conc/-T], não há sujeitos expressos, o sujeito é um PRO (nominal), adquirindo frequentemente uma leitura indefinida e genérica. Nas interrogativas de *sim/não*, a entoação revela-se muito importante para as distinguir das exclamativas independentes, podendo conter infinitivo flexionado. As interrogativas de constituintes adquirem, muitas vezes, valor retórico.

Nas construções de exclamativas infinitivas independentes tanto pode surgir o infinitivo impessoal, como o infinitivo flexionado e, por essa razão, este tipo de estruturas é o mais estudado na literatura sobre o assunto (Cf. os trabalhos de Ambar

1992b, 1999 e Martins, 1999). Com a presença de infinitivo flexionado é possível a existência de sujeito lexical uma vez que a Flex é [+ Tempo / +Conc].

Nas construções independentes com infinitivo impessoal estudadas, apesar de o infinitivo não ter tempo morfológico nem sintático, pode ter tempo do ponto de vista semântico. A visão de que o infinitivo tem tempo semântico foi expressa por Stowell (1982), por Martin (2001), para o inglês, e Ambar (1992b, 1999) para o português. Assim, o infinitivo nas orações imperativas e exclamativas tem uma orientação temporal, geralmente futura, mas que pode variar de acordo com o contexto.

Nas construções independentes interrogativas e exclamativas com infinitivo flexionado, o traço temporal tem repercussão na sintaxe e por essa razão são as únicas frases que podem ter sujeito próprio, atribuição de caso nominativo e infinitivo flexionado.

A independência das construções imperativas, interrogativas e exclamativas é aparente, na medida em que a sua interpretação, em muitos casos, está dependente do contexto, que é importante quer para determinar a referência temporal, quer a referência do sujeito. Assim, a “independência” das construções de infinitivo independente é relativa e propusemos a existência de uma periferia esquerda, com um operador avaliativo (exclamativas), interrogativo (interrogativas), de ordem (imperativas) e com orientação temporal (tempo semântico), legitimado pelo operador semântico. Justificar-se-á, assim, a análise de Ambar (1992a), segundo a qual pelo menos nas exclamativas o operador semântico de avaliação está na posição de Esp. de SCOMP de modo a explicar o movimento de V para C e a possível ordem V SN_{SU}.

À semelhança do que Hernanz (1982, 1999) defende, também em português as orações exclamativas, interrogativas e imperativas infinitivas podem ser consideradas “infinitivos modalizados”, uma vez que todas elas exprimem valores semânticos fortes, (surpresa, admiração, interrogação, avaliação). Do ponto de vista temporal, são aparentemente opacas, mas frequentemente têm uma orientação temporal, geralmente futura.

O conceito de modalização é importante na medida em que permite explicar a ocorrência de infinitivo em orações independentes e permite justificar a sua impossibilidade com orações independentes declarativas, pois estas não têm nenhum operador avaliativo.

Na descrição dos infinitivos independentes vimos que certas construções admitem somente o infinitivo impessoal (imperativas) e outras tanto admitem infinitivo impessoal como infinitivo pessoal (interrogativas e exclamativas).

Capítulo 3. Infinitivo impessoal com auxiliares

3.1 Considerações introdutórias

O infinitivo impessoal aparece em português em orações simples declarativas contendo auxiliares. Nestas construções, contrariamente às enunciadas anteriormente, o verbo principal aparece no infinitivo não flexionado e a frase resulta gramatical, porque o auxiliar tem marcas de concordância e tempo, permitindo a atribuição de caso nominativo ao SN sujeito. Nestas construções o infinitivo é [-Conc, -Tempo] e é deficitário de muitos pontos de vista, como é tradicionalmente considerado e como confirmaremos agora.

Embora os auxiliares não sejam tema específico desta dissertação, dedicaremos aqui alguma atenção às construções com auxiliares, dado que neste contexto encontraremos sempre infinitivos impessoais.

3.2 Construções de auxiliares com infinitivo impessoal

Gonçalves e Costa (2002), a partir de diferentes propriedades sintáticas e semânticas, classificam os verbos quanto à sua auxiliaridade. Através dessas propriedades distinguem os verdadeiros auxiliares dos semiauxiliares (os que contêm propriedades de auxiliar e de verbo principal).

Assim, um verdadeiro auxiliar não seleciona complementos frásicos, mas apenas verbais e apresenta as seguintes propriedades sintáticas e semânticas:

- (i) não coocorrem com orações completivas finitas;
- (1) a) “O João tem ido ao cinema ultimamente”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 19)
 b) “*O João tem [que (a Maria) ~~vai/vá~~] ao cinema ultimamente” (Gonçalves & Costa, 2002, p. 19)
- (ii) o domínio encaixado não pode ser substituído por uma forma pronominal demonstrativa (*o*) ;
- (2) “*O João tem [resolvido todos os exercícios propostos pelo professor], mas a Ana não o tem”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 23)
- (iii) apenas é permitida uma posição sintática de sujeito;
- (3) “* O João tinha a Maria comprado o jornal”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 24)
- (iv) a passivização do verbo encaixado não provoca alteração do significado básico da ativa correspondente;
- (4) a) “O próprio director tem entrevistado os candidatos”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 28)
 b) “Os candidatos têm sido entrevistados pelo próprio director”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 28)
- (v) apenas há um domínio de legitimação do operador de negação frásica e dos clíticos (em adjacência ao verbo auxiliar);
- (5) a) “A Maria não tem visto a Ana”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 31)
 b) “*A Maria tem não visto a Ana”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 31)
 c) “*O João tinha visto-me no cinema”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 34)
 d) “O João tinha-me visto no cinema”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 34)
- (vi) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito (impossibilidade de ocorrência de adverbiais de tempo do mesmo tipo);

(6) a) “O João, ontem, tinha ido ao cinema (quando eu telefonei)”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 55)

b) “*O João, amanhã, tinha ido ao cinema (quando eu lhe telefonei)”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 55)

(vii) em termos semânticos, não selecionam a expressão que ocupa a posição sintática de sujeito e não lhe atribuem papel semântico, nem impõem restrições semânticas. Nos exemplos seguintes, é o verbo “comer” e não “ter” a impor restrições de seleção ao sujeito.

(7) a) “Ultimamente, [o Pedro] tem comido muitos doces”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 37)

b) “Ultimamente, [os meus gatos] têm comido muitos doces”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 37)

(viii) podem coocorrer com qualquer classe aspectual de predicados verbais.

(8) a) “O João tem *estado doente* (estados)”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 41)

b) “Os atletas do Benfica têm *corrido* (actividades)”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 41)

c) “Os assaltantes têm *destruído a cidade* (processos culminados)”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 41)

d) “Quando se deu a guerra, o João já tinha *nascido* (culminações)”. (Gonçalves & Costa, 2002, p. 41)

Dessa forma, como verdadeiros auxiliares em português temos os verbos “ter” e “haver” seguidos de particípio passado e o verbo “ser” como auxiliar da passiva³⁰.

Em termos sintáticos, um verdadeiro auxiliar seleciona um complemento de natureza verbal (um SV). Brito (2003c, p. 408) apresenta a seguinte estrutura simplificada³¹:

³⁰ Veja-se também Raposo (2013b, p. 1255) para a distinção dos auxiliares e dos semiauxiliares.

³¹ Gonçalves (1995, p. 18) propõe uma estrutura um pouco diferente da apontada na figura 6, em que o complemento do auxiliar é uma oração pequena de tipo verbal. Assim, o SV da estrutura anterior é um V^{\max} , formando o verbo auxiliar e o verbo principal um só domínio verbal. A autora propõe a seguinte estrutura, em que o verbo superior sobe para Conc e para T: [_{ST} [_T T [_{SCONC} [_{CONC} CONC [_{V^{max}} [_{SV} [_V ter [_{V^{max}} [_{SV} [_V encontrado ... (Gonçalves, 1995, p. 18) (O João tem encontrado a Ana no café.). Gonçalves está a usar a Flexão cindida de Pollock (1987), Belletti (1990).

(9)

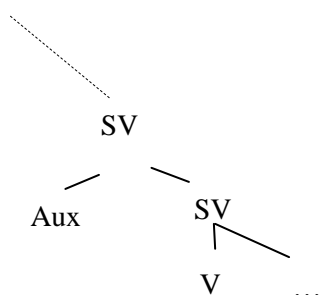


Figura 6: Estrutura simplificada de um SV contendo um V auxiliar verdadeiro

O infinitivo impessoal não aparece com os verdadeiros auxiliares, pois estes tendencialmente escolhem um SV participial, mas com os semiauxiliares temporais, aspectuais e modais, é a forma de infinitivo impessoal a usada (Gonçalves 1995; Gonçalves & Costa, 2002; Duarte 2003c).

Os verbos que não apresentam todas as propriedades de um verbo auxiliar verdadeiro, mas apenas algumas delas são considerados semiauxiliares. Os semiauxiliares partilham apenas algumas das propriedades dos auxiliares. Assim, das propriedades sintáticas e semânticas elencadas anteriormente, os semiauxiliares apenas apresentam as propriedades (i) a (iv) e a (vii): (i) não coocorrem com orações completivas finitas; (ii) o domínio encaixado não pode ser substituído por uma forma pronominal demonstrativa “o”; (iii) apenas é permitida uma posição sintática de sujeito; (iv) a passivização do verbo encaixado não provoca alteração do significado básico da ativa correspondente; (vii) não selecionam a expressão que ocupa a posição sintática de sujeito e não lhe atribuem papel semântico nem impõem restrições semânticas. É o que acontece com os semiauxiliares temporais “*haver de*”, “*ir*”, “*vir*” e os semiauxiliares aspectuais “*andar a + infinitivo*” (ou gerúndio) ou “*estar a*”, “*começar a*”, “*continuar a*”, etc

Serão semiauxiliares: os semiauxiliares temporais *haver de* (10a), *ir* (10b) e *vir* (10c). Estes verbos são semiauxiliares pois permitem a manutenção de clíticos em adjacência ao verbo no infinitivo (10c) (Gonçalves & Costa, 2002, p. 98). Semanticamente, estes semiauxiliares veiculam um valor de futuro próximo.

- (10) a) Hei de ler o romance.
b) Eu vou ler o romance.
c) Eu vou lê-lo.
d) Ele vem participar no congresso.

O infinitivo pode ainda ser empregue com verbos semiauxiliares aspectuais seguidos de *de*, *para* e *por*, como é o caso de *começar (a)*, *estar (a)*, *acabar (de)* e *tornar a* (Gonçalves & Costa, 2002):

- (11) a) A Ana começou a ler o livro.
b) A Ana está a ver televisão.
c) *A Ana está-a a ver.
d) Os meninos tornaram a sair da sala de aula mais cedo.
e) A Ana acabou de ler o livro.

A estes verbos, elencados por Gonçalves e Costa (2002), podemos ainda acrescentar outros verbos aspectuais do português como: *deixar (de)*, *parar (de)*, *acabar (por)*, *acabar (de)*, *andar (a)*, *passar (a)*, *continuar (a)* (Cf. Cunha, 1998).

- (12)
- a) A Paula anda a fazer ginástica.
b) A Paula anda a ler este livro.
c) *A Paula anda a ser alta.
d) A Paula anda a morrer.
e) A Ana passou a ir ao ginásio.
f) A Ana continuou a ter aulas de matemática
g) A Paula deixou de fumar.
h) Os alunos pararam de fazer barulho.
i) O João acabou de sair de casa.
j) Ele acabou por ir ao teatro.

Ao contrário dos verdadeiros auxiliares, os semiauxiliares aspectuais não permitem clíticos no domínio matriz (veja-se agramaticalidade de 11c) e impõem restrições quanto à classe aspectual dos predicados verbais com os quais se combinam (veja-se o verbo aspectual “andar a” que é incompatível com estados não faseáveis) (Gonçalves & Costa, 2002, p. 98). Por estas razões os auxiliares aspectuais são considerados semiauxiliares.

Gonçalves (1995: 27) considera nos semiauxiliares uma categoria ‘Sintagma Aspeto’. Para a autora, por exemplo, em “estar a”, “a” é um marcador aspectual³².

O infinitivo aparece também com os verbos modais como “dever”, “poder”, “ter de” ou “haver de”. Estes verbos, ao contrário dos verdadeiros auxiliares, permitem a ocorrência do operador de negação no complemento infinitivo (13b), (14b); permitem clíticos em adjacência ao verbo no infinitivo (14c); certos verbos impõem restrições quanto à classe aspectual a que pertence o predicado verbal do complemento e permitem a presença de adverbiais do mesmo tipo (14d), demonstrando que há dois domínios temporalizados: um na oração de “poder” e outro na oração infinitiva de “levar”. (Gonçalves, 1995; Gonçalves & Costa, 2002, p. 98; Duarte, 2003c; Brito, 2003c).

(13) a) A Maria deve ir ao cinema amanhã.

b) A Maria deve não ir ao cinema amanhã.

(14) a) O pai pode levar o filho à escola.

b) O pai não pode não levar o filho à escola.

c) O pai pode levá-lo à escola.

d) Ontem, o pai podia levar o filho amanhã à escola; hoje já não pode ir.

e) O pai pode ter levado o filho à escola ontem.

(15) A Maria tem de ir ao médico hoje.

(16) Havia de ter ido à conferência.

(17) Pode-se entrar com o cão neste café.

Saliente-se que com verbos modais pode aparecer infinitivo simples ou composto, como em (14e). Os semiauxiliares modais exprimem a atitude do falante relativamente à situação descrita, podendo veicular valores de probabilidade (13a), possibilidade (14a), obrigatoriedade (15), (16) e permissão (17). Estes são os valores dominantes, podendo, no entanto, as frases veicular outros valores semânticos.

Gonçalves e Costa (2002) defendem a auxiliaridade como um conceito escalar, assim haverá semiauxiliares mais próximos dos auxiliares e outros que se afastam mais. Assim, os diferentes verbos semiauxiliares distribuir-se-iam num contínuo de auxiliaridade: *ser* passivo, verbos temporais (*ir*, *vir*, *haver (de)*), verbos modais (*poder*,

³² Gonçalves (1995, p. 28) para a frase “Os meninos estão a fumar.” apresenta a seguinte estrutura: “..estão [ASP^{max} [SASP [ASP’ a [ST T [T’ [SCONC OS meninos fumar]]]]]”

dever) e aspectuais seguidos de “a” e, por fim, os verbos modais (*ter de*) e verbos aspectuais (seguidos de *de, para e por*).

Em síntese, em todas as construções com semiauxiliares temporais e aspetuais, o que esperamos é o uso do infinitivo impessoal a seguir ao semiauxiliar, dado que estamos perante uma única oração, um único domínio temporalizado, sendo a segunda forma verbal uma forma temporalmente deficitária, como vimos acima.

Alguns autores consideram que com os chamados semiauxiliares modais há um domínio infinitivo que pode ser uma oração com valores temporais³³. Dessa forma, haveria dois domínios frásicos (veja-se a possibilidade de negação encaixada, a presença de dois advérbios temporais do mesmo tipo e clíticos em adjacência aos dois verbos). De qualquer modo, o uso do infinitivo impessoal é absolutamente obrigatório, razão pela qual os gramáticos da tradição luso-brasileira incluem os modais também na subclasse dos auxiliares.

3.3 Conclusões

O infinitivo impessoal usado com semiauxiliares é desprovido de valores temporais, sendo estes que possuem as marcas de concordância e de tempo. Da análise das construções do infinitivo com semiauxiliares, concluiu-se que nem todas as construções têm as mesmas propriedades. Com os modais, o infinitivo parece exprimir valores temporais, mas não nos alongaremos em relação a estes verbos.

³³ Para este assunto, ver Gonçalves (1995, 1999), Duarte (2003c, pp. 303-305, 315-316), Brito (2003c, p. 408).

Capítulo 4. Infinitivo impessoal e flexionado em orações subordinadas completivas

Nas orações analisadas anteriormente, o infinitivo surge dependente de um verbo semiauxiliar. Nesses contextos, o infinitivo não constitui uma oração plena e o seu valor temporal é determinado pelo verbo auxiliar, embora a sua ocorrência com os chamados semiauxiliares modais seja um pouco distinta. O infinitivo juntamente com o auxiliar forma um grupo verbal complexo.

A situação de ocorrência do infinitivo impessoal apresentada anteriormente é distinta das construções que analisaremos de seguida – da subordinação completiva -, em que o infinitivo surge dependente de um predicador, aqui o infinitivo constitui uma oração plena capaz de selecionar argumentos.

Muitos autores consideram o infinitivo defetivo em termos temporais, surgindo na subordinação como o seu contexto de excelência, na medida em que ocorre interligado com um domínio temporal matriz. Neste capítulo e nos próximos capítulos, vamos analisar as diferentes orações subordinadas em que pode aparecer o infinitivo, discutindo vários aspetos da sintaxe dessas construções e, em particular, se será realmente defetivo em termos temporais. Começaremos pela subordinação completiva e analisaremos a questão da temporalidade nestas construções (capítulo 4). Segue-se as orações subordinadas adverbiais (capítulo 5) e, adotando a visão de Lobo (2003, 2013) e Brito (2003d), enquadraremos as orações temporais, causais, finais, condicionais e concessivas, uma vez que apresentam um comportamento semelhante. Excluiremos, assim, das adverbiais as consecutivas, as comparativas e as relativas que não serão analisadas.

4.1 Caracterização geral das orações completivas

Neste capítulo, abordaremos o uso do infinitivo em português nas orações subordinadas substantivas completivas quer as que contêm o infinitivo não flexionado/impessoal quer as que contêm o infinitivo flexionado.

As orações subordinadas completivas são tradicionalmente designadas *substantivas*, pois possuem uma distribuição semelhante à das expressões nominais, podendo ser substituídas por um SN ou pelo pronome demonstrativo *isso*. Observemos a sua estrutura simplificada:

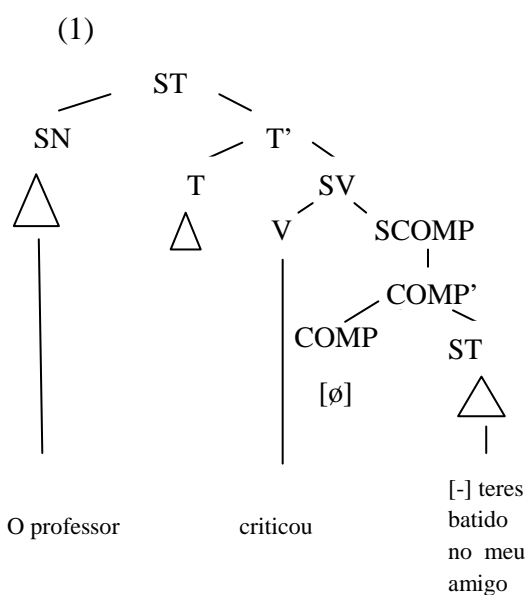


Figura 7: Estrutura sintática de uma construção com oração completiva

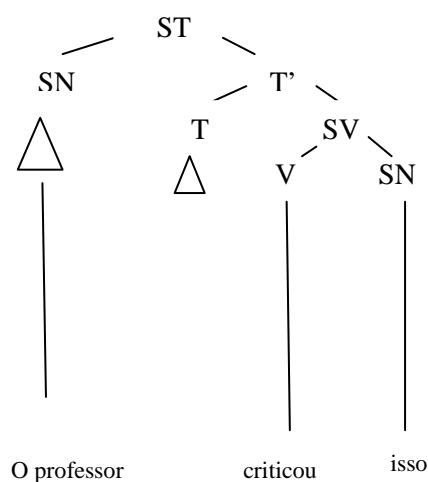


Figura 8: Estrutura sintática de uma construção com oração completiva pronominalizada

Como se observa pela estrutura, a oração completiva é argumento interno, é complemento do verbo “criticar” contido na frase superior.

As orações completivas podem assumir as funções atribuídas a uma expressão nominal: sujeito (2a), complemento direto (2b), complemento preposicional (2c), complemento nominal (2d), predicativo do sujeito (2e), complemento adjetival (2f).

- (2) a) [Não teres entregue o relatório a tempo e horas] surpreende-me.
- b) O professor criticou [teres batido no teu melhor amigo].
- c) A minha mãe obrigou-me [a ter os cadernos sempre em ordem].
- d) A possibilidade [de ter um carro novo] alegra-me.
- e) O mais importante é [teres bons amigos].
- f) Os jogadores estão alegres [por fazerem parte da equipa do Mourinho].

Como os exemplos já revelam, as orações subordinadas completivas podem ser selecionadas por nomes, verbos e adjetivos, designando-se a construção de complementação nominal (2d), verbal (2a), (2b) ou adjetival (2f) consoante a natureza do núcleo que seleciona a completiva.

Regra geral, as orações completivas infinitivas não possuem um complementador realizado lexicalmente, à exceção de alguns verbos declarativos de ordem que podem selecionar o complementador *para*³⁴ (3a) ou *se* na subordinação interrogativa indireta (3b). Acrescente-se ainda as preposições *a*, *de*, *em* e *por* que são selecionadas por alguns verbos (3c), (3d) ou nomes (3e), (3f). (Barbosa e Raposo, 2013, p. 1914).

- (3) a) Eu disse [para saíres].
b) “Face a este espetáculo, não sei [[*or se rir*] ou [*or se chorar*]].” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1915)
c) “Obrigaram as crianças a examinar atentamente o problema” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1914)
d) “Insisto em oferecer-te o jantar”. (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1914)
e) “A minha filha sentiu um enorme [orgulho em/por ter passado o ano]. (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1914)
f) “A [tentativa de fugir da prisão] falhou.” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1914)

Os complementadores “para” e “se” fazem parte da própria oração infinitiva, enquanto as preposições “a”, “de”, “em” e “por” são selecionadas pelo predicador e não integram a oração infinitiva.

Como é visível nos exemplos, as orações subordinadas substantivas completivas infinitivas tanto podem aparecer com verbo no infinitivo impessoal / não flexionado, como no infinitivo pessoal/ flexionado, de acordo com várias propriedades, o tipo de sujeito da oração completiva e principalmente a natureza semântica do predicado verbal /adjetival /nominal que seleciona a própria oração completiva. Analisaremos adiante as construções que aparecem com infinitivo impessoal/não flexionado e as construções que aparecem com infinitivo pessoal/flexionado.

³⁴ “Para” é aqui um complementador e não uma preposição simples porque a sua distribuição é paralela à do complementador “que”. Dessa forma, “para” não pode coocorrer com “que” (Duarte, 2003d, p. 621). Veja-se também a análise das orações subordinadas adverbiais finais, capítulo 5.3.

Dessa forma, um dos factos fundamentais para se perceber o tipo de oração infinitiva seleccionada é a categoria e a natureza semântica do predicado superior. Tome-se em primeiro lugar as orações completivas seleccionadas por predicados adjetivais.

Os exemplos de (4) ilustram construções com infinitivo não flexionado/impessoal. Os exemplos (4a) e (4b) contêm adjetivos avaliativos de uso factivo e o exemplo (4c) tem um adjetivo modal.

(4) a) É comovedor [[-]_{PRO} ter havido tantos donativos para a UNICEF].

b) [[-]_{PRO} Estar a chover em Agosto] é estranho.

c) É necessário [[-]_{PRO} haver eleições de quatro em quatro anos].

Nos exemplos de (4), o sujeito da oração completiva é um PRO impessoal/arbitrário e a ocorrência de um verbo impessoal/existencial como “haver” ou de verbos meteorológicos como “chover” favorece o uso de infinitivo não flexionado.

Os exemplos de (5) ilustram construções com adjetivos avaliativos de uso factivo³⁵, que, como vemos, admitem na oração completiva o uso de infinitivo flexionado, por vezes, mesmo a nominalização da oração completiva (veja-se 5c; 8b/c).

(5) a) É lamentável [o facto de [-] teres perdido a pulseira].

b) É lamentável [[-] teres perdido a pulseira].

c) É lamentável [o [-] teres perdido a pulseira].

(6) É complicado [[-] sair de casa].

(7) [[-]Ter tido um acidente vascular cerebral] é complicado.

(8) a) É complicado [[-]viveres nessas condições].

b) É complicado [o facto de [-] viveres nessas condições].

c) É complicado [o [-]viveres nessas condições].

(9) É difícil [[-] ler estes livros todos numa semana].

³⁵ Alguns dos adjetivos avaliativos factivos são: aborrecido, agradável, angustiante, animador, bizarro, bom, censurável, comovedor, contagiante, decisivo, desagradável, desgostante, emocionante, estranho, fastidioso, honroso, humilhante, impressionante, justo, lamentável, maçador, perigoso, perturbador, reprovável, satisfatório, simpático, surpreendente, trágico, benéfico, complicado, custoso, difícil, fácil, simples, urgente, útil (Brito, 1983/1989, p. 280).

O exemplo (10a) ilustra uma construção com adjetivos epistémicos³⁶ e os exemplos de (10b/c/d) com adjetivos modais³⁷:

- (10) a) É certo [-] teres um carro na próxima semana].
b) É necessário [-] termos os passaportes sempre em dia].
c) [-] termos os passaportes sempre em dia] é necessário.
d) É necessário [o [-] termos os passaportes sempre em dia].

Como verificamos pelos exemplos, a oração completiva pode aparecer em posição inicial de sujeito ou depois do adjetivo. Em construções de não correferencialidade de sujeitos e quando o sujeito da oração completiva não é um sujeito genérico, ocorre preferencialmente o infinitivo flexionado, como nos exemplos apresentados anteriormente.

Também os nomes podem selecionar orações subordinadas completivas. Barbosa e Raposo (2013, p. 1937) distinguem as orações completivas tendo em conta a relação que estabelecem com o nome: oração completiva verdadeira (11a) (completa o sentido do nome e pode ser substituída pelo demonstrativo neutro *isso*) e oração especificativa (não pode ser substituída por *isso*), veja-se (11b).

- (11) a) “[A ânsia de ter(mos) mais dinheiro] levou-nos a assaltar um banco.”
(Barbosa & Raposo, 2013, p. 1937)
b) “A nossa ânsia disso levou-nos a assaltar um banco.” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1937)
c) “[A hipótese de fazer(mos) férias nos Açores] agrada-nos.” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1937)
d) “*A hipótese disso agrada-me.” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1937)

Em (12) temos um nome epistémico; como na completiva o verbo é impessoal (“*haver*”), ocorre infinitivo não flexionado.

- (12) É uma certeza [_{PRO} *haver* novas eleições].

Nos exemplos (13) e (14) temos o uso de infinitivo flexionado pois a oração tem sujeito próprio. De acordo com a Gramática Gerativa, o sujeito nulo pronominal nas orações de infinitivo flexionado é um [pro]. Em (13), (14a) e (14b) o nome é avaliativo factivo, em (14c) é epistémico.

³⁶ Os adjetivos epistémicos são: certo, ciente, consciente, sabedor, seguro, claro, nítido, óbvio, visível. (Duarte, 2003d, p. 600).

³⁷ Os adjetivos modais são: contingente, desnecessário, falso, impossível, improvável, necessário, obrigatório, permitido, possível, provável, verdadeiro (Brito, 1983/1989, p. 281).

- (13) a) É um perigo [[-] saltares esse muro].
b) [[-] Saltares esse muro] é um perigo.
c) [O [-] saltares o muro tão depressa] é um perigo.
- (14) a) A chatice está [em nós termos partido a jarra de vidro].
b) O benefício [de [-] estares perto de casa prevaleceu na tua decisão].
(infinitivo flexionado)
c) É uma certeza [[-] irmos ao cinema hoje]

Assim, nomes avaliativos factivos³⁸, nomes epistémicos³⁹, nomes declarativos⁴⁰, entre outros, podem selecionar completivas de infinitivo flexionado e não flexionado. A distribuição do infinitivo flexionado e do infinitivo não flexionado relaciona-se com as propriedades da oração, nomeadamente a presença de sujeito próprio na oração completiva e as propriedades semânticas do predicado superior. Em certos casos, a oração completiva pode ser nominalizada, como em (13c). Voltaremos a tudo isto nos capítulos seguintes. O foco da nossa atenção serão as completivas selecionadas por verbos, mas antes da análise das completivas infinitivas em complementação verbal, observaremos o que é dito na literatura sobre a expressão de temporalidade do infinitivo nestas construções.

4.2 A questão da temporalidade nas completivas infinitivas

O infinitivo impessoal, como veremos, aparece em diferentes construções completivas: de controlo de sujeito e de objeto, em construções de elevação de objeto, em construções de marcação excecional de caso e de predicado complexo, estas últimas selecionadas por verbos causativos e percetivos. Será que em algumas delas poderá exprimir-se valores temporais? Observemos primeiro o que é dito na literatura.

³⁸ Os nomes avaliativos factivos são: aflição, afronta, benefício, chatice, crueldade, deslumbramento, encanto, honra, horror, injúria maravilha, pena, perigo, provocação, tristeza, vantagem (Brito, 1983/1989, p. 285).

³⁹ Os nomes epistémicos são: certeza, verdade, realidade, evidência, facto, hipótese, ideia, problema, questão, suposição, intenção, proposta (Duarte, 2003d, pp. 600-602).

⁴⁰ Os nomes declarativos são: afirmação, conhecimento, conclusão, demonstração, prova (Duarte, 2003d, p. 600).

4.2.1 Stowell (1982)

Um dos primeiros linguistas a pôr em causa a visão tradicional de que o infinitivo não exprime tempo foi Stowell para o inglês.

Stowell analisa o tempo no infinitivo e no gerúndio, considerando que a grande diferença entre o infinitivo e o gerúndio em inglês é a presença de um operador tempo. Para Stowell, o infinitivo, embora não tenha um traço morfológico [+/- passado], não significa que não possa ter um operador de tempo. O tempo no infinitivo aponta para um futuro possível, para algo não realizado.

O autor apresenta alguns exemplos de forma a mostrar o contraste entre o infinitivo e o gerúndio nesta língua (Stowell, 1982, pp. 563-564):

- (15) a) “Jenny remembered [PRO to bring the wine].”
- b) “Jenny remembered [PRO] bringing the wine.”
- c) “John convinced his friends to leave.”

Como se verifica pelos exemplos (15a) e (15c), o tempo do complemento infinitivo é não realizado, mas o seu valor é determinado internamente, como nas orações finitas. Por sua vez, o gerúndio (15b) é passado relativamente ao tempo da matriz, sendo o seu tempo determinado externamente pela semântica do verbo de controlo.

De acordo com o autor, as frases infinitivas e as finitas têm duas propriedades que não estão presentes no gerúndio: ambas podem comportar uma posição de COMP, onde podem aparecer complementadores ou sintagmas *WH* e podem conter um operador de tempo que determina a localização temporal do complemento relativamente à matriz. No gerúndio não há posição de COMP, logo não comporta nenhum operador de tempo.

O autor analisa a presença do infinitivo em construções de controlo, em construções de marcação de caso excecional e em construções de elevação.

Para Stowell, quer nos complementos infinitivos de controlo de sujeito (15a), quer nos complementos infinitivos de controlo de complemento direto (15c), o tempo do infinitivo é não realizado, sendo determinado internamente.

Contrariamente às construções de controlo, nas construções de marcação de caso excecional, o valor temporal dos infinitivos é marcado pelo significado do verbo superior.

- (16)a) “Bill considers [himself to be the smartest].” (Stowell, 1982, p. 565)

- b) “I expect John to win the race.” (Stowell, 1982, p. 566)
- c) “I remember John to be the smartest.” (Stowell, 1982, p. 566)

Assim, segundo Stowell, estes infinitivos podem ter um valor de tempo presente (16a), um tempo futuro (16b) ou de tempo passado (16c). Esta situação é o resultado da ausência da posição de COMP, permitindo que seja o verbo principal não só a atribuir caso acusativo à posição de sujeito da oração infinitiva como a determinar o seu valor temporal.

Os complementos infinitivos em estrutura de elevação também não são internamente especificados para tempo. Têm, assim, um estatuto semelhante ao dos gerúndios e à das construções de marcação de caso excepcional.

(17) “John appears to like poker.” (Stowell, 1982, p. 567)

Em síntese, de acordo com Stowell há dois tipos de infinitivo em orações completivas, uns com tempo interno e outros sem tempo interno. Os complementos de controlo são interpretados como tendo um tempo não realizado, mas que, de acordo com o seu ponto de vista, é determinado internamente pela semântica da própria oração envolvida. Nas construções de atribuição excepcional de caso, o valor temporal do infinitivo é unicamente marcado pelo significado do verbo superior. A presença ou ausência de tempo no infinitivo correlaciona-se, desta forma, com diferentes estruturas sintáticas e suas propriedades. O autor relaciona a existência de um tempo semântico com a posição de COMP.

4.2.2 Roger Martin (2001)

À semelhança de Stowell, que, como vimos atrás, defendia que as propriedades temporais dos infinitivos de controlo são diferentes dos infinitivos de elevação, também Martin (2001, p. 141) considera que nos infinitivos de controlo há [+tempo], orientado para um futuro; por sua vez, os infinitivos de elevação serão [-tempo].

Roger Martin (2001, p. 141) analisa o caso nulo e a distribuição de PRO em construções infinitivas para mostrar que as orações infinitivas em inglês não são todas iguais no que diz respeito ao tempo. O autor afirma que Tempo infinitivo confere caso nulo e que somente PRO tem caso nulo. PRO pode ter referência do sujeito da oração matriz (18a), do complemento direto (18b) ou ser arbitrário (18c).

- (18) a) “Kerry attempted PRO to study physics.” (controle de sujeito)
b) “Kerry persuaded Sarah PRO to study physics.” (controle de objeto)
c) “It is not easy PRO to study physics.” (construção arbitrária)

De acordo com o autor, nas construções infinitivas de controle, o tempo verifica caso, enquanto nas construções infinitivas de elevação, o tempo não verifica caso.

Quer dizer, o autor defende que nas estruturas infinitivas de controle há algum elemento temporal. Assim, refere o caso dos predicados eventivos que surgem somente em estruturas de controle, mas não em infinitivos de elevação. Os predicados eventivos precisariam de ser ligados por tempo ou por um operador modal ou temporal. Os infinitivos de controle permitem predicados eventivos pois estes têm tempo. O tempo no infinitivo seria invariavelmente modal e o gerúndio um tempo puro. Vemos assim que esta visão do gerúndio como [+tempo] contraria a perspectiva de Stowell (1982).

O autor analisa os infinitivos complementos de verbos volitivos como “to want” e considera que o sujeito pode ser PRO ou lexical. Observem-se os exemplos dados pelo autor (Martin, 2001, p. 155):

- (19) a) “John wants [PRO to win].”
b) “John wants [for his team to win].”
c) “John wants [his team to win].”

A possibilidade de um sujeito PRO mostra que o caso nulo é confirmado pelo tempo não finito dos complementos infinitivos.

Em seguida, o autor analisa os predicados de elevação com adjetivos e verbos e mostra que estes são [-tempo], desenvolvendo neste caso a perspectiva de Stowell (1982). Aqui há um vestígio de SN porque há movimento de sujeito baixo da oração infinitiva para sujeito da frase mais alta.

- (20) a) “Sarah_i is likely/certain [-]_i to leave.” (Martin, 2001, p. 159)
b) “Kim_i seems [-]_i to be intelligent.” (Martin, 2001, p. 162)
c) “John_i appears [-]_i to like Bill.” (Martin, 2001, p. 162)

Seguindo a perspectiva de Stowell (1982), embora diferindo nalguns pontos de análise do autor, Martin (2001) conclui que os infinitivos não são todos iguais, uns são [+tempo] e confirmam caso (os de estruturas de controle) e outros são [-tempo] e não confirmam caso (os de estruturas de elevação).

Em síntese, estes dois estudos realizados para o inglês vêm colocar em destaque que nem todas as construções com infinitivo têm as mesmas propriedades temporais, havendo construções em que o infinitivo pode exprimir tempo.

Observemos, de seguida, o que é dito na literatura sobre o infinitivo em português.

4.2.3 *A visão de Raposo (1987)*

Já vimos no capítulo 1 (§2.) que a conceção tradicional é a de que as orações infinitivas não têm informação temporal. Assim, as completivas de infinitivo não flexionado apresentariam as propriedades [-tempo] e [-concordância] e as de infinitivo flexionado apresentam as propriedades [-tempo] e [+ concordância]. Raposo (1987, p. 86), no quadro da Teoria da Regência e da Ligação, continua essa posição tradicional, propondo que o infinitivo flexionado é marcado por concordância com o sujeito da oração, mas não tem propriedades temporais. Raposo (1987) refere as propriedades distributivas do infinitivo flexionado dentro do quadro da Teoria da Regência e da Ligação, relacionando o seu aparecimento com o Parâmetro da Flexão e o Parâmetro do Sujeito Nulo.

Sintaticamente, a grande diferença seria que o infinitivo flexionado/pessoal admite presença de sujeito lexical porque é [-T/+Conc.] (21a) enquanto o infinitivo não flexionado/impessoal seria especificado para [-Tempo] e [-Conc] (21b) e associado a um sujeito nulo, um PRO sujeito. Para Raposo, ambos não podem surgir como orações principais ou independentes.

(21) a) “Será difícil [eles aprovarem a proposta].” (Raposo, 1987, p. 86)

b) “Será difícil [PRO aprovar a proposta].” (Raposo, 1987, p. 86)

Raposo (1987) propõe que o infinitivo flexionado é dependente de dois parâmetros: um morfológico (Parâmetro da Flexão) e um sintático (Parâmetro do Sujeito Nulo). Segundo o Parâmetro da Flexão, a escolha de [+tempo] não é dependente de [+ Conc], havendo a possibilidade, em português europeu, de seleccionar [- Tempo] numa flexão [+Conc]⁴¹ enquanto a maioria das línguas teria [+ Tempo], [+Conc] ou [- tempo], [-Conc]. Assim, mesmo na ausência de [tempo], no infinitivo flexionado, há atribuição de caso nominativo a um sujeito lexical uma vez que flexão tem a marca [+ concordância].

⁴¹ “Agreement (Agr) in its node must be Case-marked, if it [inflected infinitive] is to assign nominative Case of the subject of its clause” (Raposo, 1987, p. 92).

De acordo com o Parâmetro do Sujeito Nulo, a concordância verbal nas línguas de sujeito nulo é especificada para caso. Numa estrutura de infinitivo flexionado, a concordância (na oração subordinada) apresenta propriedades nominais e como tal precisa de ser ela própria marcada pelo caso de um regente exterior juntamente à frase matriz (Raposo, 1987, p. 92).

De acordo com Raposo (1987, p. 93), numa língua de sujeito nulo, consoante o Parâmetro da Flexão seja [+tempo] ou [-tempo] e a concordância esteja ou não especificada para caso, pode haver quatro tipos de estruturas:

a) SN [+tempo] Conc SV

- Conc

b) SN [-tempo] Conc SV

-Conc

c) SN [+tempo] Conc SV

+Conc

d) SN [-tempo] Conc SV

+Conc

No caso da estrutura a), o autor assume que a presença de [+tempo] em Flexão permite a atribuição de Caso nominativo ao SN por flexão (ou concordância por flexão). Caso contrário, numa língua de SU nulo, o caso nominativo podia não ser atribuído ao SN. A estrutura a) representa o caso do chinês que, embora tenha [+tempo], não é especificado em marcas de número e pessoa [-concordância].

Na estrutura b) flexão não pode atribuir caso nominativo, pois é [-tempo] e não é especificada para Caso. Esta configuração surge em contextos de marcação de caso excepcional com NP sem caso oblíquo, atribuído por um regente externo, mas não em posição de caso nominativo atribuído por Flexão (“Eu mandei a Maria sair”).

A estrutura c) satisfaz todas as condições para atribuir caso nominativo, ocorre com [+Tempo] e [+Conc] (“Eu mandei que os alunos saíssem”)

De acordo com Raposo, quando há infinitivo flexionado, há [-tempo] (estrutura d), mas Conc atribui caso nominativo ao SN especificado para Caso e permite atribuir caso nominativo (“Eu pedi para eles saírem” / “Eu lamento eles terem saído”).

Em síntese, Raposo considera o infinitivo impessoal e pessoal como [-tempo], o primeiro com o traço [-Conc] e o segundo [+Conc]. A concordância no infinitivo flexionado em línguas de sujeito nulo como o português é de natureza nominal e pronominal e, dessa forma, é capaz de atribuir caso ao SN sujeito. Para o autor, o

infinitivo flexionado presente em português resulta da combinação de dois parâmetros: o Parâmetro do Sujeito Nulo e o Parâmetro da Flexão.

4.2.4 A proposta de Ambar (1992b), (1999)

Partindo do essencial de Raposo (1987), Ambar (1992b) analisa também a questão do tempo no infinitivo. Dessa forma, analisa a distribuição do infinitivo flexionado e não flexionado em construções de correferência obrigatória e não obrigatória vs. referência disjunta. Na sua proposta, parte das seguintes hipóteses: há presença obrigatória de tempo e concordância na estrutura da frase, embora possam não ser realizados foneticamente; há existência de dois tempos – tempo morfológico, interligado com a flexão, e tempo semântico, presente como um operador em COMP.

Assim, no caso do infinitivo flexionado, o tempo morfológico é foneticamente vazio, o tempo semântico está presente em COMP e a concordância é foneticamente realizada.

A autora analisa a presença de tempo em completivas selecionadas por três subclasses verbais: declarativos e epistémicos, volitivos e factivos.

Com os verbos epistémicos, cujo comportamento é semelhante ao dos verbos declarativos, analisa as seguintes frases (Ambar, 1992b, pp. 41-42):

- (22) a. “*?Penso comprarem eles o livro.”
b. “Penso terem eles comprado o livro.”
c. “Penso comerem eles demasiados chocolates.”

A agramaticalidade de (22a) é justificada pelo facto de a concordância não ser regida por tempo. No entanto, noutros contextos com esta subclasse de verbos é possível o infinitivo flexionado (22c). Neste último caso, a leitura genérica da frase contribui para a sua gramaticalidade.

O uso de infinitivo flexionado também é possível em estruturas de controlo com verbos epistémicos, dando os seguintes exemplos:

- (23) a. “Eles_i pensam pro_{i/k} terem comprado esse livro.” (Ambar, 1992b, p. 43)
b. “Eu_i penso pro_{i/k} ter comprado esse livro.” (Ambar, 1992b, p. 43)

No entanto, a frase (23a) é ambígua, podendo ter uma interpretação correferencial ou disjunta. Quando há uma interpretação disjunta, a concordância é pronominal, quando há uma interpretação correferencial a concordância é anafórica. De

acordo com a autora, ao entendermos nas frases anteriores a concordância como anafórica (com Tempo semântico em COMP), governada por “ter” e com sujeito acessível no domínio encaixado, a frase é mal formada pois a concordância não tem antecedente (violação do princípio A da teoria da ligação). Ao entendermos a concordância como pronominal, ela é regida por “ter”, tem um sujeito acessível (Tempo semântico- Tempo morfológico) e a frase é bem formada, podendo, assim, ter duas interpretações: disjunta e correferencial, embora a interpretação disjunta seja preferencial.

Nos verbos volitivos não é possível infinitivo flexionado e a correferencialidade dos sujeitos é obrigatória, pois não há, de acordo com a autora, tempo semântico em COMP e o tempo morfológico é foneticamente nulo. Nestes casos, a concordância só pode ser anafórica.

(24) a) “Quero resolver o problema.” (Ambar, 1992b, p. 44)

b) “* Quero resolveres o problema.” (Ambar, 1992b, p. 44)

Com verbos factivos, a correferencialidade não é obrigatória, podemos ter contextos de correferencialidade e de sujeitos disjuntos. Nos complementos de verbos factivos, a concordância não pode ser anafórica.

(25) a) “Lamento dizer isso.” (Ambar, 1992b, p. 45)

b) “Lamento ter dito isso.” (Ambar, 1992b, p. 45)

c) “Lamento dizeres isso.” (Ambar, 1992b, p. 45)

d) “Lamento teres dito isso.” (Ambar, 1992b, p. 45)

No seu artigo de (1999), Ambar analisa o infinitivo e o particípio e assume que ambos podem exprimir tempo, tendo, no entanto, comportamentos distintos relativamente à expressão do tempo.

A autora assume que, na estrutura da frase, podem ser projetados dois tempos, um tempo alto associado ao caso nominativo, e um tempo baixo responsável pelo caso acusativo. Cada um dos tempos pode ter realização fonética (“overt”) ou não ter realização fonética e pode ter traços fortes ou fracos. As frases terão duas zonas, uma pertencendo ao sujeito e outra ao complemento direto. Dependendo do estatuto fraco ou forte dos seus tempos e das relações que estabelecem com os nós que os dominam, podem ser ativos ou não ativos e inertes.

Ambar analisa a proposta de Raposo (1987) sobre os verbos declarativos e epistémicos, em que era defendido que a presença de infinitivo flexionado nestas estruturas só era possível com a presença do auxiliar “ter”. Para a autora, quando a frase

tem uma leitura genérica é possível a ocorrência de infinitivo flexionado, veja-se exemplo (22c) aqui repetido:

(22) c) “Penso comerem eles demasiados chocolates” (Ambar, 1992b, p. 42)

Assim, para Ambar a gramaticalidade ou agramaticalidade no uso de infinitivo flexionado com verbos epistémicos mostra que a interpretação temporal nesses casos resulta da interação de diferentes fatores: tempo morfológico, tempo lexical, determinação e quantificação. Para a autora, na estrutura das frases estarão sempre presentes dois tempos: T^{Su} e T^{Obj} ; para além disto, distingue tempo semântico e tempo morfológico, de forma a atribuir propriedades ao sujeito.

4.2.5 *A visão de Duarte (2003d)*

Duarte (2003d, p. 629) parte do texto de Raposo (1987), mas introduz algumas alterações importantes. Assim, não partilha da mesma opinião do autor e considera que nas construções com infinitivo flexionado ou não flexionado existe [+ Tempo [- finito]]. Outra diferença relativamente à análise de Raposo relaciona-se com a natureza SFLEX/ST ou SCOMP de alguns complementos oracionais.

Para a autora, as diferentes ordens de palavras nas orações completivas resultam dos núcleos que as selecionam. Assim, as completivas de infinitivo flexionado que apresentam a ordem canónica são categorialmente SFlex/ST, como é o caso das completivas selecionadas por verbos factivos/avaliativos que tenham a ordem canónica.

(26) “[Os miúdos *terem* chegado cedo a casa] surpreendeu-nos.” (Duarte, 2003d, p. 627)

As completivas de infinitivo flexionado que não apresentam a ordem canónica são categorialmente SComp (como em 27b). Aqui se incluem também as completivas selecionadas por verbos epistémicos e declarativos e as completivas selecionadas por verbos volitivos e optativos.

(27) a) “O João pensa [ir a Maria ao cinema logo].” (Duarte, 2003d, p. 627)

b) “O júri anunciou [não preencherem três candidatos as condições legalmente fixadas].” (Duarte, 2003d, p. 627)

As completivas selecionadas por verbos epistémicos e declarativos podem ocorrer com infinitivo flexionado desde que o seu núcleo COMP tenha um operador semântico de tempo (como em 27a e 27b). Nos verbos optativos (“desejar”), os SCOMP não têm tempo independente. Assim, como afirma a autora, “ a distribuição do infinitivo flexionado nas infinitivas canónicas é condicionada por dois factores: (i) ocorrência da completiva no contexto de um atribuidor de Caso; (ii) o estatuto temporal da oração infinitiva.” (Duarte, 2003d, p. 625). Apenas as completivas com tempo independente, ou seja, não dependentes temporalmente da oração subordinante, podem aparecer com infinitivo flexionado.

Assim, Duarte justifica a ocorrência de infinitivo flexionado na oração completiva pelo estatuto temporal da oração infinitiva. Dessa forma, considera que existe um operador semântico de tempo nas completivas selecionadas por verbos declarativos e epistémicos. Nestas construções, existe na completiva tempo independente, contrariamente às completivas selecionadas por verbos volitivos, em que existe sempre tempo dependente, e por isso só comportam infinitivo impessoal.

4.2.6 A proposta de Cunha e Silvano (2006)

Cunha e Silvano (2006), na sequência de trabalhos de Silvano (2002)⁴², procuram mostrar que o infinitivo simples em construções completivas apresenta marcas de temporalidade. Neste texto, analisam essencialmente verbos introdutores como *dizer* e *afirmar* que são considerados “neutros” no que diz respeito à marcação temporal e analisam a natureza aspectual dos verbos das orações completivas de modo a

⁴² Veja-se também Cunha e Silvano (2008). A proposta de Cunha e Silvano de 2008 vem no seguimento da anterior (2006), analisando-se exclusivamente a questão da temporalidade nas orações completivas com verbos como *dizer* e *afirmar*, considerando estes verbos “relativamente neutros em termos de localização temporal das situações” (Cunha & Silvano, 2008, p. 180). Os verbos neutros não representam qualquer obstáculo quanto à localização da frase subordinada, podem estabelecer com esta uma relação de anterioridade (construções com formas de infinitivo perfeito com verbo *ter* + participípio passado), uma relação de posterioridade (construções com *ir* + infinitivo) e uma relação de sobreposição (construções com infinitivo simples). De forma a argumentar a favor da temporalidade do infinitivo simples em orações completivas comparam-nas com o presente do indicativo. Dessa comparação, obtêm um conjunto de propriedades comuns às duas construções, provando, dessa forma, que essa partilha de propriedades só poderia resultar do facto de ambos apresentarem traços de temporalidade. Assim, o presente do indicativo e o infinitivo simples apresentam um traço de [- anterioridade] que corresponde, nos estados, a uma leitura de sobreposição e, nos eventos, a uma leitura de sobreposição ou de posterioridade (Cunha & Silvano, 2008, p. 190).

determinar se os verbos declarativos se combinam ou não indiferentemente com qualquer tipo de predicado na oração completiva.

Através de um conjunto de exemplos, os autores verificam que os verbos introdutores *dizer* e *afirmar* são compatíveis com a presença de estados na oração completiva, não apresentando nenhuma restrição. Por sua vez, a presença de eventos causa alguma anomalia semântica. Observemos, a título exemplificativo, três casos dados pelos autores:

- (28) a) “Ao telefone com um intérprete, disse estar cheio de medo que o matassem. (estado de estádio)” (Cunha & Silvano, 2006, p. 304)
- b) “# A Ana disse correr. (processo)” (Cunha & Silvano, 2006, p. 304)
- c) “A Ana disse estar a correr. (estado progressivo)” (Cunha & Silvano, 2006, p. 304)

Através do teste do progressivo (28c), os autores verificam que, quando os eventos se transformam em estados, a frase já resulta gramatical, comprovando que a distinção entre estados e eventos é determinante com esta subclasse de verbos. Os estados mantêm uma relação de sobreposição com o ponto de perspectiva temporal enquanto os eventos estão incluídos no intervalo de tempo. Desta forma, como os eventos não têm uma interpretação temporal específica, podendo ter valores de anterioridade, posterioridade e sobreposição, e ao considerar-se que o infinitivo também não tem marcas temporais, isso levará a que exemplos de eventos no contexto dos verbos *dizer* e *afirmar* sejam agramaticais.

No entanto, os autores, através de um conjunto de exemplos, verificam a presença de eventos no contexto de verbos introdutores como *dizer* e *afirmar* e a frase resulta gramatical (29).

- (29) “O terrorista afirmou transportar consigo uma bomba-relógio.” (Cunha & Silvano, 2006, p. 306)

Assim, tal situação só pode ser explicada defendendo a existência de temporalidade no infinitivo, no contexto de verbos introdutores neutros, veiculando neste caso uma leitura de sobreposição.

Para os autores, o infinitivo é uma forma defetiva em termos temporais na medida em que apenas localiza eventos em relação a um determinado ponto de perspectiva temporal, não estabelecendo qualquer ligação entre o tempo do ponto de perspectiva temporal e o tempo da enunciação. Assim, concluem que, com verbos introdutores neutros (*dizer*, *afirmar*), o infinitivo simples mantêm uma relação de

sobreposição com o ponto de perspectiva temporal e o infinitivo perfeito mantém uma relação de anterioridade com o ponto de perspectiva temporal.

De seguida, analisam alguns casos em que as informações temporais do verbo introdutor se sobrepõem ao infinitivo, como é o caso dos verbos *pensar*, *prometer*, *lembrar* ou *recordar*. Os verbos *prometer*, *decidir*, *desejar*, *querer* e *esperar* determinam uma leitura de futuro nas orações completivas infinitivas. Os verbos *pensar* e *jurar* podem determinar uma leitura de sobreposição (30a) quando temos predicados estativos e podem determinar uma leitura de posterioridade quando temos predicados eventivos (30b). O verbo *prever* pode determinar uma leitura de sobreposição (30d) ou posterioridade (30e) dependendo dos predicados. Vejam-se os seguintes exemplos (Cunha & Silvano, pp. 309-311):

- (30) a) “O advogado pensava estar de acordo com o seu cliente.”
- b) “Moscovo pensa proibir a saída dos especialistas nucleares.”
- c) “O arquiteto jurou cumprir o prazo de entrega do projecto.”
- d) “A Maria prevê estar grávida.”
- e) “A Maria prevê estar grávida no próximo mês.”

No final do artigo, os autores voltam a sublinhar que o infinitivo simples pode ter informação temporal. Os verbos introdutores neutros (*dizer* e *afirmar*) determinam uma relação de sobreposição. Há, no entanto, outros verbos introdutores em que a leitura temporal se sobrepõe à do infinitivo e é preferida em relação a este (os verbos expostos no parágrafo anterior, veja-se exemplo 30). Concluem que o infinitivo é defetivo em termos temporais e, dependendo do verbo introdutor, a sua informação temporal pode estar ou não “visível ou activa” (Cunha & Silvano, 2006, p. 313). Assim, ao determinar o tempo nas orações completivas infinitivas é necessário ter em conta diferentes elementos: o tipo semântico do verbo introdutor, a natureza aspectual do predicado da oração infinitiva, o tipo de predicado e a presença de advérbios temporais.

Verificamos, assim, que semanticistas como Cunha e Silvano consideram que as orações infinitivas seleccionadas por verbos declarativos comportam marcas de temporalidade. O infinitivo simples nestas construções pode veicular leituras de sobreposição e posterioridade, as suas marcas temporais estão ativas. Nas construções com verbos introdutores como “prometer”, “jurar”, “planear”, “desejar”, “querer”,

“pensar” e “lembrar-se”, a informação temporal do infinitivo está inativa, prevalecendo a marca temporal do verbo introdutor.⁴³

Tendo apontado algumas referências bibliográficas que discutem a questão da temporalidade nas orações infinitivas em completivas, nos capítulos seguintes faremos uma análise sintática das construções de complementação verbal em português e usaremos algumas das noções apresentadas anteriormente.

4.3 Orações completivas infinitivas de infinitivo não flexionado /impessoal em complementação verbal

4.3.1 Breve análise de acordo com o tipo de construção e a classe semântica do verbo superior

Observemos em primeiro lugar os contextos em que ocorre o infinitivo impessoal em construções de complementação verbal em português.

4.3.1.1 Construções de controlo de sujeito

O infinitivo impessoal aparece em diferentes tipos de construção, nomeadamente em construções de controlo, quer construções de controlo de sujeito, quer construções de controlo de complemento direto. No primeiro caso, é o sujeito da frase subordinante que controla a referência do sujeito (sem realização lexical) da frase subordinada. No segundo caso, é o complemento direto que controla a referência do sujeito sem realização lexical da frase subordinada.

Barbosa e Raposo (2013, p. 1941) distinguem nas construções de controlo de sujeito duas construções: as de controlo obrigatório e as de controlo não obrigatório. Nas primeiras, o sujeito nulo da oração subordinada é obrigatoriamente correferente do sujeito da oração subordinante; nas segundas, o sujeito nulo da oração subordinada não é correferente com o da oração subordinante, o sujeito da oração infinitiva tem uma interpretação indefinida. Neste segundo caso, a oração completiva tem a função de sujeito.

⁴³ Para esta questão, veja-se ainda F. Oliveira (2013, pp. 547-549).

(31) a) “Os médicos desejam [or [-] examinar a Ana.” (Barbosa & Raposo⁴⁴, 2013, p. 1941)

b) “É importante (para as pessoas) [or [-] não fumar nos recintos desportivos.” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1941)

Os exemplos (32) a (35) ilustram construções de controlo de sujeito selecionadas por verbos declarativos (32), verbos de atividade mental (33), verbos avaliativos de uso factivo (34), verbos casualmente defetivos (35).

(32) Eles afirmaram [[-] ter sido muito teimosos na alteração da lei].

(33) Nós admitimos [[-]ter sido intransigentes contigo].

(34) Os ministros criticam [[-] ter aprovado a nova lei sem a discutirem em assembleia].

(35) O Miguel insistiu em [[-] soltar o cão].

Como estamos a ver, com os verbos declarativos e epistémicos o uso de infinitivo impessoal é mais frequente, o que significa que estamos perante construções de controlo. Os verbos avaliativos de uso factivo, embora ocorram preferencialmente com infinitivo flexionado, podem igualmente aparecer em construções de controlo.

Certas expressões (lexias complexas) com o verbo leve “ter”⁴⁵ ocorrem também em construções de controlo com infinitivo impessoal, como é ilustrado nos seguintes exemplos:

(36) a) A Paula teve a alegria de [[-] receber um elogio].

b) O Miguel tem a intenção de [[-] fazer uma grande viagem pelo mundo].

Os verbos volitivos e optativos⁴⁶ também aparecem em construções de controlo de sujeito e permitem apenas infinitivo não flexionado (37a):

(37) a) A Paula deseja [[-] ter um carro novo].

b) Ele decidiu-se a [[-] estudar teatro em Londres].

Este tipo de verbos, como referido anteriormente, só admite construções de controlo. Também os verbos volitivos inerentemente reflexivos⁴⁷ (37b) admitem construções de controlo de sujeito, aparecendo a completiva precedida de preposição.

⁴⁴ Barbosa e Raposo (2013) usam “oração”, mas no quadro desta dissertação seria “ST”.

⁴⁵ Na complementação nominal podem aparecer ainda algumas locuções verbo-nominais tais como: ter a alegria (de), ter conhecimento (de), ter (a) coragem (de/para), ter em conta, ter em consideração, ter dificuldade (em), ter a felicidade (de), ter gosto (em), ter (a) ideia (de), ter (o) cuidado (de/em), ter (a) infelicidade (de), ter a intenção (de), ter oportunidade (de/para), ter paciência (de/para), ter tempo (de/para), ter sentido (de) (Brito, 1983/1989, p. 285).

⁴⁶ Verbos volitivos e optativos: desejar, esperar, ousar, preferir, pretender, querer, recear, recusar, tencionar, tentar (Brito, 1983/1989, p. 273).

A estrutura sintática de uma construção de controlo de sujeito com um verbo volitivo é a que se descreve a seguir:

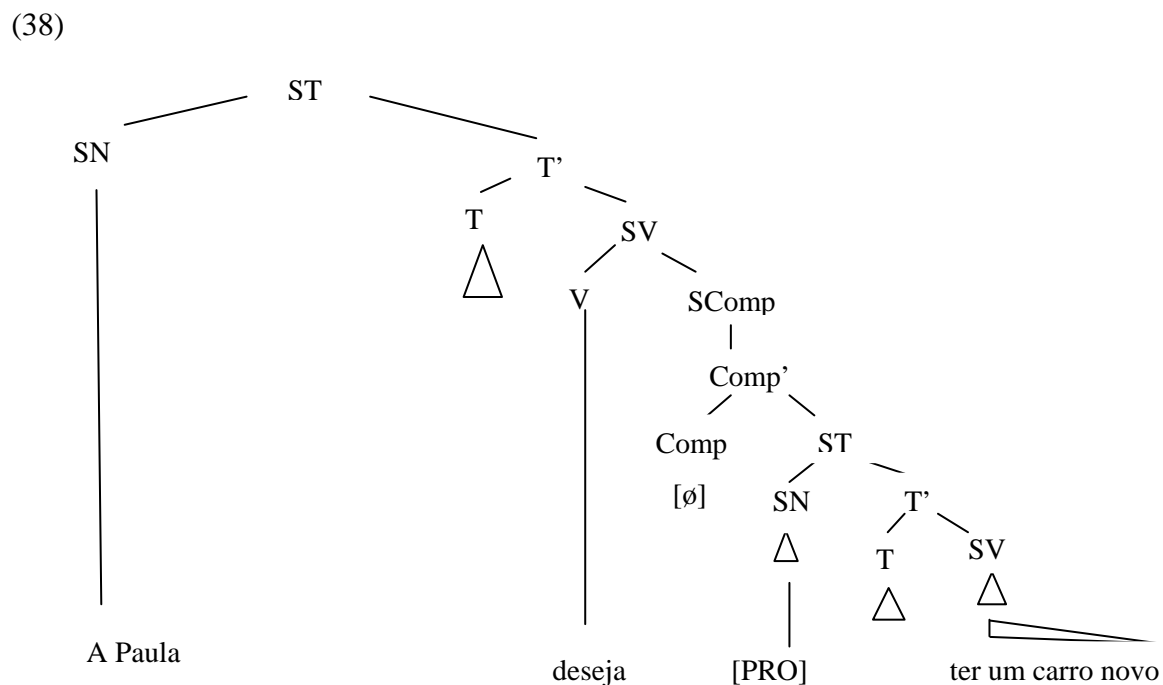


Figura 9: Estrutura sintática de uma estrutura de controlo de sujeito

Duarte, Gonçalves e Santos (2012) analisam de novo as estruturas de controlo de sujeito de forma a verificarem a distribuição do infinitivo flexionado e do infinitivo não flexionado. Os exemplos (39) ilustram casos de controlo obrigatório e os exemplos (40) de controlo não obrigatório.

(39) a) “[Eles]_i preferiram/prometeram [PRO]_{i/*j/*arb} ir ao cinema logo.” (Duarte, Gonçalves & Santos, 2012, p. 218)

b) “* [Eles] preferem/prometem [PRO]_{expl} nevar.” (Duarte et al., 2012, p. 218)

(40) a) “[Eles]_i proibiram [os filhos]_j de *ec*_j acampar para PRO_{i/*j} os_j castigar.” (Duarte et al., 2012, p. 218)

b) “[O chocolate]_i foi deixado ao sol para PRO_{arb} [o]_i derreter.” (Duarte et al., 2012, p. 218)

⁴⁷ Verbos volitivos inerentemente reflexivos: abalançar-se (a), afoitar-se (a), atrever-se (a), decidir-se (a), resolver-se (a) (Duarte, 2003d, p. 638).

- c) “[Eles]_i vestiram o casaco por PRO_{expl} estar frio.” (Duarte et al., 2012, p. 218)

As autoras defendem que a distribuição do infinitivo flexionado em certos contextos está relacionada com as relações de natureza temporal. Em estruturas de controlo de sujeito há tempo dependente e impossibilidade de ocorrência de infinitivo flexionado. Há tempo dependente quando duas situações partilham o mesmo domínio temporal. Em contextos de controlo obrigatório (controlo de SU em completivas) há tempo dependente. Em construções de controlo não obrigatório (orações em posição de SU e orações adjuntas) verifica-se tempo independente. Assim, o tempo dependente não ocorre em contextos de infinitivo flexionado porque só há tempo dependente em estruturas de controlo de sujeito (de infinitivo impessoal).

Mesmo havendo tempo independente não significa que exista infinitivo flexionado, como se verifica na agramaticalidade de (41b).

- (41) a) “Eles prometeram acabar o trabalho amanhã.” (Duarte et al., 2012, p. 224)

b) “* Eles prometeram acabarmos trabalho (amanhã).” (Duarte et al., 2012, p. 224)

De forma a explicarem situações como as ilustradas acima, propõem o conceito de “orientação temporal”, que, segundo as autoras, é “uma propriedade lexical dos verbos que selecionam complementos oracionais, que determina a localização temporal da situação descrita na frase encaixada como anterior/posterior/sobreposta à situação descrita na oração matriz” (Duarte et al., 2012, p. 224).

Assim, em contextos de controlo obrigatório de sujeito, apenas ocorre infinitivo flexionado se a orientação temporal do verbo da oração principal seleciona uma orientação temporal não especificada (veja-se 42); quando a interpretação temporal é não especificada determina sempre uma leitura de tempo independente dos complementos infinitivos; se a orientação temporal do verbo da oração principal é especificada, quer tenha ou não a completiva tempo dependente ou independente, é obrigatório o uso de infinitivo não flexionado (veja-se 43). No contexto de tempo dependente é impossível a ocorrência de infinitivo flexionado (Cf. 41b).

- (42) “Ela acredita acabarem os primos o trabalho amanhã.” (Duarte et al., 2012, p. 224)

Os verbos “acreditar” e “afirmar”, como têm uma orientação temporal não especificada, neutra, como Cunha e Silvano (2006, 2008) já tinham mostrado, veiculam leituras de sobreposição, de anterioridade e de posterioridade, podendo ocorrer em

infinitivo não flexionado e infinitivo flexionado (veja-se 43 e 44) (Duarte et al., 2012, p. 224):

(43) a) “Ela_i afirmou [PRO_i estar doente].” (sobreposição)

b) “Ela_i afirmou[PRO_i ter estado doente].” (anterioridade)

c) “Ela_i afirmou[PRO_i ir à festa amanhã].” (posterioridade)

(44) a) “Ela afirmou estarem as crianças doentes.” (sobreposição)

b) “Ela afirmou terem as crianças estado doentes.” (anterioridade)

c) “Ela afirmou irem as crianças à festa amanhã.” (posterioridade)

Por sua vez, os verbos “querer”, “decidir”, “conseguir” e “prometer” têm uma orientação temporal especificada, logo só ocorre infinitivo não flexionado.

(45) a) “Os ministros_i decidiram PRO_i suspender a lei.” (posterioridade) (Duarte et al., 2012, p. 225)

b) “Os ministros_i conseguiram PRO_i suspender a lei.” (sobreposição) (Duarte et al., 2012, p. 225)

As autoras defendem que contextos de verbos que selecionam uma orientação temporal não especificada possibilitam a ocorrência de infinitivo flexionado; quando há tempo independente, SCOMP é completo em termos temporais. Por sua vez, em contextos de verbos que selecionam uma orientação temporal especificada, o SCOMP infinitivo é incompleto em termos temporais e obtém-se uma estrutura de controlo, com infinitivo não flexionado (Duarte, Gonçalves & Santos, 2012, p. 232).

4.3.1.2 Construções de controlo de objeto

Os exemplos anteriores ilustravam casos de controlo de sujeito; no entanto, o infinitivo impessoal aparece ainda em construções de controlo de complemento direto, surgindo sobretudo com verbos trivalentes⁴⁸, veja-se (46):

- (46) a) A Paula impediu [[os meninos] de [[-] comprar chocolates]].
b) A Paula aconselhou [[-nos] a [[-] apresentar o trabalho]].

Os verbos trivalentes selecionam um argumento externo e dois internos: um nominal e um preposicionado, contendo a oração infinitiva. O argumento nominal desempenha a função de complemento direto e o preposicional tem uma função oblíqua que contém a oração completiva: o sujeito da completiva é um pronome nulo (PRO), correferente ao complemento direto da oração subordinante.

Nestas construções de controlo de objeto pode ainda surgir o que Barbosa e Raposo (2013: 1946) designam “controlo implícito” em que o complemento direto e o sintagma que controla a sua referência não estão realizados foneticamente:

- (47) “Dantes, os médicos aconselhavam a [or [-] fazer exercício.” (Barbosa & Raposo, 2013, p.1946)

O infinitivo impessoal pode ainda aparecer em construções de controlo de objeto indireto, como ilustrado nos seguintes exemplos⁴⁹:

- (48) A Joana disse à avó [para [-] lhe dar um telemóvel].

Nestas construções também pode aparecer infinitivo flexionado, levando a que haja uma interpretação de correferência entre o sujeito do SN (pronominal ou nulo) da oração completiva e o SN complemento indireto da oração subordinante⁵⁰.

⁴⁸ Alguns verbos trivalentes: excluir, impedir, impossibilitar, interditar, dispensar (de), incumbir (de), isentar (de), privar (de), aconselhar (a), acusar (de/por), censurar (por), criticar (por), forçar (a), impedir (de), obrigar (a), persuadir (a/de) (Veja-se Duarte, 2003d, pp. 637, 639 e Brito, 1983/1989, p. 278). Como veremos adiante, os verbos trivalentes que regem preposição “a” podem também selecionar infinitivo flexionado. Barbosa e Raposo (2013:1944) consideram como verbos que selecionam construções de controlo de objeto: os verbos transitivos de sentido direto, os verbos que regem preposição “a” (aconselhar, ajudar, animar, convencer, convidar, encorajar, ensinar, forçar, impulsionar, incentivar, incitar, induzir, instar, motivar, obrigar) e verbos que têm preposição “de” (impedir, proibir).

⁴⁹ Pode surgir também com os verbos “implorar”, “insistir (com)” e “pedir”. De igual modo, com o verbo “mandar” podemos ter também uma construção de controlo de objeto indireto (“Mandei-lhes/às crianças] [or[-] sair do quarto há muito tempo.” Também os verbos “ocorrer”, “acontecer”, “parecer” e “suceder” podem surgir nestas construções de controlo de objeto indireto (“Pareceu-lhes [or [-] ter ouvido um barulho esquisito.”)(Barbosa & Raposo, 2013, p. 1945)

⁵⁰ A título de exemplo: “A Joana disse-nos [para [-] lhe darmos um telemóvel].”

Estas construções de controlo descritas atrás enquadram-se nas construções que são apontadas por Barbosa e Raposo (2013) como “construções de controlo obrigatório”. No entanto, os autores referem outro grupo nas construções de controlo, apelidando-o de “construções de controlo não obrigatório”. Nestas construções a oração completiva aparece em posição de SU. Vejam-se os exemplos em (49) e (50) apontados pelos autores (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1947).

- (49) a) “[_{or} [-] fumar durante a gravidez] vai fazer mal à *Paula*.”
b) “[_{or} [-] ouvir crianças a berrar] incomoda/chateia o *Pedro*.”
c) “[_{or} [-] apanhar sol] é bom para {*as crianças / as pessoas* }²
- (50) a) “[_{or} [-] fumar durante a gravidez] faz mal.”
b) “[_{or} [-] ouvir crianças a berrar] incomoda/chateia.”
c) “[_{or} [-] apanhar sol] é bom.”

Apesar de num primeiro momento, os exemplos poderem ilustrar casos de controlo semelhantes aos analisados anteriormente, os autores consideram que estas construções (na posição de SU) têm propriedades distintas das construções em que a oração completiva aparece na função de complemento direto e devem ser analisadas separadamente. Dessa forma, apresentam dois argumentos que legitimam essas diferenças: (i) em certos contextos, o SU da oração infinitiva é interpretado como sendo indefinido, não sendo possível estabelecer correferência de controlo (51a); (ii) o sintagma que controla a referência da oração infinitiva não é nenhum constituinte da oração que domina a frase infinitiva (51b).

- (51) a) “[_{or} [-] caminhar desprotegido sob um sol muito forte] faz mal à *pele*.”
(Barbosa & Raposo, 2013, p. 1948)
b) “O médico disse à Maria [que [_{or} [-] fumar durante a gravidez] faz mal].”
(Barbosa & Raposo, 2013, p. 1948)

Os verbos causativos e os verbos percetivos⁵¹ podem ocorrer com infinitivo impessoal em dois tipos de construções: construção de atribuição excecional de caso e a construção de predicado complexo/união de orações. Em qualquer dos casos há defetividade temporal do infinitivo. Vejamos cada uma destas construções de seguida.

⁵¹ Para uma análise detalhada dos verbos causativos e percetivos ver Gonçalves (1999), Gonçalves e Duarte (2001), (2003b) e Raposo (1981).

4.3.1.3 *Construções de atribuição excepcional de caso*

Os verbos causativos (52a) e os verbos percetivos (52b) podem ocorrer em construção de atribuição excepcional de caso⁵².

(52) a) Eu deixei [os meninos saltar à corda].

b) Ela viu [os irmãos sair de casa].

Na construção de marcação excepcional de caso ou de “infinitivo com sujeito acusativo” (uma vez que o sujeito se encontra no acusativo), o infinitivo tem pouca autonomia sintática; ainda assim, esta construção admite negação frásica (53a), a colocação de clíticos no domínio encaixado (53b) e tempos compostos (53c) (Duarte, 2003d, p. 642).

(53) a) Eu deixei o menino não fazer o trabalho.

b) Eu deixei o menino vê-lo.

c) Eu deixei-os ter lançado os balões.

Estas construções apresentam propriedades distintas das construções analisadas anteriormente, as construções de controlo de objeto. Assim, nas construções de marcação excepcional de caso ou de elevação de sujeito para objeto (designação de Barbosa & Raposo, 2013), o complemento direto (“o menino”) não é argumento do verbo da oração subordinante, mas sim da oração infinitiva; a completiva não é introduzida por uma preposição e não admitem passivização (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1960).

Os verbos percetivos admitem também a construção de infinitivo não flexionado com a preposição “a” (54a). Como nestas construções o infinitivo preposicionado pode ser substituído por uma construção com gerúndio, Duarte (2003d, p. 643) apelida-as “construções de infinitivo gerundivo”. Barbosa e Raposo (2013, p. 1969) designam-nas “construção de infinitivo preposicionado”.

⁵² Barbosa e Raposo (2013: 1958) consideram os exemplos apresentados em (52) e (53) como “construções de elevação de SU para objeto” em que o complemento direto não é argumento do verbo da oração subordinante, mas do verbo infinitivo, elevando-se para uma posição de complemento direto da oração subordinante, deixa um “vestígio” na posição de sujeito da oração subordinada. Estas construções, de acordo com os autores, surgem com verbos causativos (“mandar”, “fazer”), verbos de permissão (“deixar”) e verbos de perceção (“ver”, “ouvir”, “sentir”).

(54) a) Ela viu [os irmãos a sair de casa].

b) Ela viu [os irmãos saindo de casa].

A ordem sintagma nominal + verbo + infinitivo não flexionado (52b) parece ser um pouco menos aceitável do que as correspondentes “a” (PE) (54a) e gerúndio (PB) (54b), mas não desenvolveremos aqui esta questão.

As construções de “Infinitivo Gerundivo” apresentam as seguintes propriedades (Duarte, 2003d, p. 643):

- possibilidade de alternância de infinitivo não flexionado com infinitivo flexionado:

(55) Ela viu [os irmãos a saír(em) de casa].

- o constituinte à direita do verbo perceptivo forma um só constituinte, o que é visível em testes de topicalização e pseudo-clivagem:

(56) a) [Os irmãos a sair(em) de casa], ela viu.

b) O que ela viu foi [os irmãos a sair(em) de casa].

- impossibilidade de ocorrência de qualquer elemento entre *a* e o infinitivo:

(57) *Ela viu os irmãos a de facto saír(em) de casa.

- impossibilidade de ocorrência de auxiliar *ter* no domínio do infinitivo:

(58) *Ela viu os irmãos a ter(em) saído de casa.

- impossibilidade de ocorrência de negação no domínio do infinitivo:

(59) ? Ela viu os irmãos a não saír(em) de casa.

- ocorrência dos clíticos na forma acusativa adjacentes ao verbo perceptivo:

(60) Viu-os a sair(em) de casa.

4.3.1.4 Construções de predicado complexo

Os verbos causativos (61a) e perceptivos (61b) podem ainda ocorrer em construções de predicado complexo/união de orações com infinitivo não flexionado:

(61) a) Eu deixei [saltar à corda os meninos].

b) Ela viu [sair de casa os irmãos].

c) Eu deixei-os saltar à corda.

d) *Ele viu [comprar o Paulo a camisola]

Na construção de união de orações ou de predicado complexo (61a), o verbo da oração completiva é movido para o início da oração; como o verbo é transitivo, o sintagma nominal “os meninos” é o complemento direto do complexo verbal “deixei saltar”. A presença do clítico em (61c) demonstra que o domínio encaixado não tem autonomia sintática, formando um domínio mono-oracional.

Na construção de união de orações com verbo percetivo (61b), o verbo da oração completiva é também movido para o início da oração e o sintagma nominal “os irmãos” é o complemento direto do complexo verbal “vir sair”. A diferença relativamente às construções com verbos causativos é que nas construções com verbos percetivos, a união de orações é preferencial quando o verbo do domínio encaixado é intransitivo ou inacusativo. Quando o verbo é transitivo ou ditransitivo, opta-se preferencialmente pela construção de marcação excepcional de caso ou de infinitivo flexionado (61d).

As construções de predicado complexo/união de orações, contrariamente à construção de marcação excepcional de caso, não admitem negação frásica no domínio encaixado (62a), nem tempos compostos (62b), admitem, no entanto, movimento longo do objeto (o argumento interno do verbo da completiva poder ocorrer como sujeito numa construção de “se” passivo, veja-se 62c) (Duarte, 2003d, p. 641).

- (62) a) * Eu deixei não saltar à corda os meninos.
- b) *Eu deixei ter saltado à corda os meninos.
- c) Deixaram-se saltar à corda os meninos.

Esta apresentação mostra que os verbos causativos e percetivos têm propriedades similares quando formam quer a construção de atribuição excepcional de caso, quer a de predicado complexo/união de orações, mas há uma perda acentuada de autonomia sintática da parte infinitiva na construção de predicado complexo/união de orações. Em ambas as construções o SU da oração subordinada realiza-se como complemento direto da oração subordinante; no entanto, na construção em §3.1.3. (elevação de SU para objeto) temos duas orações e na construção em §3.1.4. (união de orações) temos apenas uma oração (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1964).

O infinitivo impessoal pode ser usado em ambas as construções, mostrando defetividade temporal, já que, como vimos, não pode ser usado o infinitivo composto. Voltamos a este tema no ponto 4.4.

4.3.1.5 Construções de elevação

Consideremos agora as construções de elevação. Os verbos que admitem construções de elevação não selecionam qualquer argumento externo e o sujeito superficial da frase é o sujeito da oração subordinante, movido, elevado a partir da oração completiva, daí a designação deste tipo de construção. Este tipo de construções só admite infinitivo não flexionado, surgindo somente em completivas não finitas. O verbo típico que surge neste tipo de construção é *parecer*⁵³, como ilustrado no seguinte exemplo:

(63) a) Os alunos parecem [_{PRO} estudar muito para matemática].

b) *Os alunos parecem [_{pro} estudarem muito para matemática].

Nestes exemplos, o constituinte “os alunos” é o argumento do verbo “estudar” e não do verbo “parecer”, sendo um constituinte deslocado para a posição de sujeito superior. O SN “os alunos”, sujeito da oração completiva, não recebe caso, pois o infinitivo impessoal é marcado por [-Conc], mas o SN tem uma função semântica. Como o verbo “parecer” não seleciona um argumento sujeito, por movimento o SN “os alunos” vai ocupar essa posição e recebe aí caso nominativo da flexão do verbo superior (Raposo, 1992; Duarte, 2003d; Barbosa & Raposo, 2013).

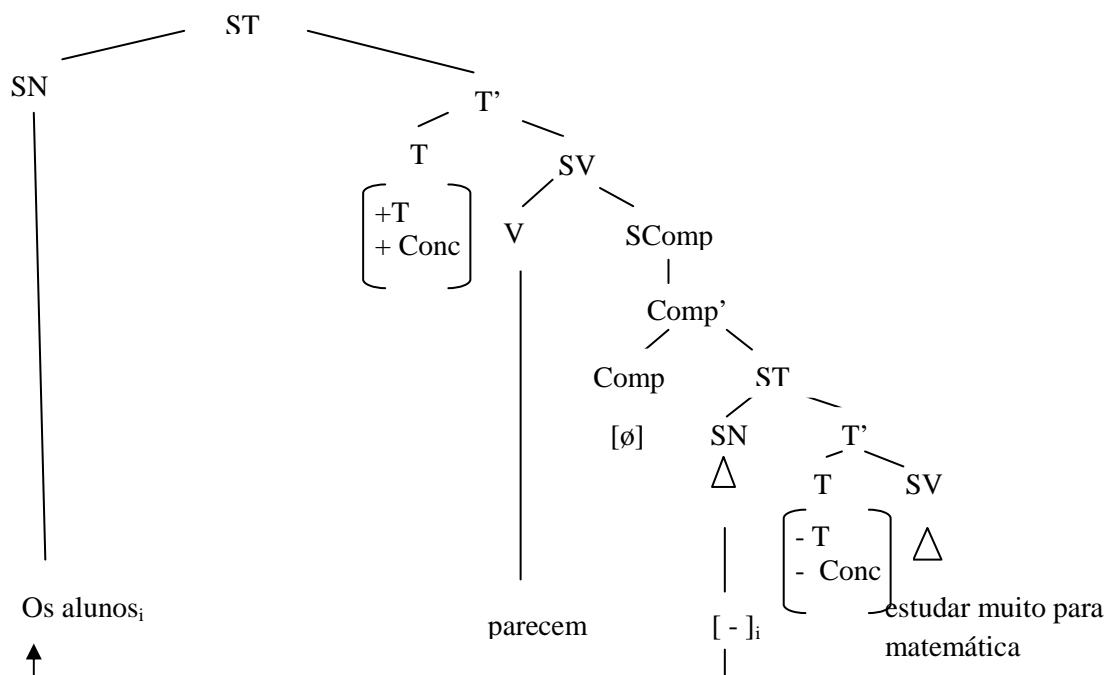
O exemplo (63b) é agramatical pois na oração completiva ocorre infinitivo flexionado e a flexão é marcada por [+Conc]. Uma vez que o mesmo SN teria condições para duas atribuições de caso nominativo, a elevação nestes contextos não deveria ter ocorrido⁵⁴.

A estrutura sintática a seguir descreve o fundamental da elevação de sujeito.

⁵³ Barbosa e Raposo (2013, p. 1956) apelidam estas construções de (63a) “Elevação do sujeito para sujeito”. Para além do verbo “parecer, podem ocorrer com os verbos “calhar, demorar” e “tardar”.

⁵⁴ O infinitivo flexionado pode aparecer em construções com o verbo “parecer” (“Os alunos parece terem estudado muito para matemática.”; “Parece terem estudado os alunos muito para matemática”), no entanto, não ilustra uma construção de elevação uma vez que o SN sujeito da oração subordinada estabelece concordância com o infinitivo flexionado.

(64)



Em (64) o SN da oração infinitiva é movido para a posição de sujeito da oração subordinante (“parecer”, deixando na oração subordinada um “vestígio”, um sintagma nulo, sem realização fonética).

Comparando com as construções de controlo vemos que nas construções de controlo, o SN da oração subordinante é argumento do V superior e na oração subordinada existe um [PRO]; nas construções de elevação o SN da oração subordinante não é argumento do verbo dessa oração, mas do infinitivo⁵⁵.

⁵⁵ Barbosa e Raposo esclarecem as propriedades que diferenciam as construções de elevação das construções de controlo. Assim, nas construções de elevação, o verbo “parecer” não impõe restrições ao seu sujeito (“As pedras parecem [_{or} [-] ter acertado na cabeça do Luís.”) e admite passivização sem alterar as propriedades semânticas das orações (“O professor parece [_{or} [-] não ter corrigido os testes.”; “Os testes parecem [[-] não ter sido corrigidos pelo professor.”) (Barbosa & Raposo, 2013, pp. 1953-1954).

4.3.1.6 Construções de reestruturação

O infinitivo impessoal pode ainda surgir em construções de reestruturação. As construções de reestruturação designam casos em que o verbo da oração subordinante e o verbo da oração subordinada formam uma só unidade sintática, uma espécie de predicado complexo, como “querer + verbo infinitivo”. O domínio encaixado possui, dessa forma, pouca autonomia sintática. Barbosa e Raposo (2013, p. 1967) defendem que as construções de reestruturação são “mono-oracionais” tal como as construções de “união de orações”.

Gonçalves, Cunha e Silvano (2010) consideram nas construções de reestruturação os verbos optativos e os volitivos (verbos de controlo de sujeito).⁵⁶

(65) A Joana conseguiu dar-lhe o presente no dia de Natal.

Segundo Gonçalves, Cunha e Silvano (2010, p.435), as construções de reestruturação apresentam as seguintes características:

(i) subida do clítico – o clítico encontra-se adjacente ao verbo principal, como em (66a), em comparação com (66b) em que o clítico tem o verbo encaixado como hospedeiro;

(66) a) “Os jornalistas não o quiseram entrevistar.” (Gonçalves, Cunha & Silvano, 2010, p. 436)

b) “Os jornalistas não quiseram entrevistá-lo.” (Gonçalves et al., 2010, p. 436)

(ii) movimento longo do objeto – o complemento direto do verbo da oração subordinante realiza-se como sujeito da oração subordinante;

(67) “Durante algum tempo, quiseram-se incentivar os investimentos na banca.” (Gonçalves et al., 2010, p. 436)

(iii) impossibilidade de coocorrência com adverbiais com valores temporais distintos;

(68) “*Os jornalistas, ontem, conseguiram entrevistar o ministro hoje.” (Gonçalves et al., 2010, p. 436)

⁵⁶ Barbosa e Raposo (2013, p. 1966) consideram que a construção de reestruturação ocorre com os verbos: “conseguir”, “pretender”, “querer”, “tencionar” e “tentar”. Gonçalves, Cunha e Silvano (2010) consideram que além dos verbos optativos e volitivos, entram também em construções de reestruturação os verbos semiauxiliares modais.

Nem todos os verbos volitivos e optativos e de elevação permitem estas três propriedades e, além disso, há casos em que um mesmo verbo permite as duas opções (reestruturação ou não), veja-se (66a) e (66b).

Os autores, ao analisarem as construções de reestruturação selecionadas por verbos volitivos, classicamente consideradas orações “defetivas” temporalmente, defendem que o que determina a construção de reestruturação não será tanto a subclasse do verbo, mas a interpretação temporal da situação representada pelo infinitivo. Nas construções de reestruturação há dependência temporal, o complemento infinitivo depende do domínio superior. O verbo matriz fixa a localização temporal da situação encaixada; só dessa forma serão permitidas construções de reestruturação. Como o tempo do infinitivo é defetivo, justifica a subida do clítico.

Em síntese, para acontecer reestruturação, o tempo do infinitivo tem de ser [-ativo] e o do verbo principal [+ativo]. Os dois formam uma só frase temporalizada; desta forma, os autores captam a ideia clássica/tradicional de que os complementos infinitivos dos verbos volitivos / optativos são defetivos temporalmente.

4.4 Orações completivas infinitivas de infinitivo flexionado/pessoal em complementação verbal

4.4.1 Breve análise de acordo com a classe semântica do verbo superior

No ponto anterior, já vimos em que contextos de orações completivas o infinitivo não flexionado pode ser usado. No seguinte ponto analisamos as orações completivas de infinitivo flexionado, que estudaremos de novo de acordo com a classe sintático-semântica do verbo superior.

4.4.1.1 Verbos declarativos

Fora as construções iniciadas por “para”, o infinitivo flexionado na completiva não é esperado com verbos declarativos⁵⁷ na frase superior (69c), pois é sempre preferível uma construção finita com um complementador expresso (*que*). No entanto e nas condições semânticas já apontadas nos pontos anteriores, o infinitivo flexionado pode ocorrer quando o sujeito da oração completiva não é correferente do sujeito da oração principal, desde que haja uma alteração de ordem de palavras (69a), (69d) (Raposo, 1987).

- (69) a) Ele afirmou [ter a Ana perdido o telemóvel no cinema].
b) ? ?Ele afirmou [a Ana ter perdido o telemóvel no cinema].
c) *Ele afirmou [a Ana perder o telemóvel no cinema].
d) Os emigrantes do país de Leste afirmaram [terem [-]_{pro} entregado o cartão de identificação].
e) *Os emigrantes do país de Leste afirmaram [[-]_{pro} entregarem o cartão de identificação].

Analisando os exemplos de (69), verificamos que, com esta subclasse de verbos, a ordem preferencial é “Auxiliar + SN sujeito + Verbo principal”, construção essa obtida pelo movimento do auxiliar “ter” (69a) para COMP (Raposo, 1987). O mesmo acontece com os verbos epistémicos⁵⁸ como veremos em seguida.

A ordem com o sujeito em posição pré-verbal levanta algumas questões de gramaticalidade, como se verifica no exemplo (69b).

Em (69c), a não correferencialidade dos sujeitos permitiria o uso de infinitivo flexionado. No entanto, a frase resulta agramatical. O infinitivo flexionado composto é mais aceitável nestas construções para descrever uma situação passada, como em (69a) e (69d), evidenciando a temporalidade das orações completivas.

Em (69d) a categoria vazia [-]_{pro} cria alguma ambiguidade, podendo ser interpretada ou não como correferente do sujeito da oração principal. A categoria [-]_{pro} poderá referir-se aos “emigrantes do país de Leste” ou, por exemplo, aos “sindicatos”.

⁵⁷ Verbos declarativos: acrescentar, afirmar, alegar, assegurar, observar, concluir, concordar, confessar, criticar, declarar, decidir, desculpar, dizer, insinuar, insistir, jurar, pregar, proclamar, prometer, sugerir. (Brito, 1983/1989, p. 270).

⁵⁸ De acordo com Ambar (1992a, p. 97) uma estratégia alternativa à inversão seria a introdução de operadores de foco. A frase exemplificada em (69) ficaria “Ele afirmou só a Ana ter perdido o telemóvel”. Dessa forma, de acordo com a autora, com verbos declarativos e epistémicos, a presença de um auxiliar e de um operador de foco permite a manutenção da ordem SVO.

Novamente neste exemplo se coloca a questão da ordem de palavras e da temporalidade: o infinitivo flexionado composto é mais aceitável do que o simples, na ordem “Aux+ SN_{SU} + V”.

Certos verbos declarativos admitem o complementador “*para*+infinitivo flexionado” ou “*que*+conjuntivo” quando o verbo tem valor de ordem (70)⁵⁹:

(70) Eu disse-te [para [-] saíres] / [que saíesses].

Em (70) a oração completiva é argumento interno do verbo e assume a função de complemento direto, sendo introduzida por “*para*” (complementador).⁶⁰ Estes verbos (declarativos de ordem) ocorrem preferencialmente em construções com sujeitos não correferentes e, dessa forma, só admitem infinitivo flexionado.

4.4.1.2 Verbos epistémicos e de atividade mental

À semelhança dos verbos declarativos, com os verbos epistémicos e de atividade mental⁶¹ a oração completiva é argumento interno do verbo. O infinitivo flexionado aparece quando o sujeito não é correferente (71a/ 72 a/b) nas duas orações, embora também possa surgir com sujeitos correferentes (71b/ 72d).

(71) a) Eles admitiram [ser o João o autor daquela confusão].

b) Eles admitiram [_{pro} terem sido os autores daquela confusão].

(72) a) Os administradores pensam [terem os funcionários levado os computadores].

b) ? Os administradores pensam [os funcionários terem levado os computadores].

c) * Os administradores pensam [os funcionários levarem os computadores].

d) Os administradores pensam [_{pro} terem levado os computadores].

À semelhança do que acontece com os verbos declarativos, o infinitivo flexionado não é a escolha preferencial: se os sujeitos são disjuntos emprega-se preferencialmente uma oração infinitiva com “*que*”; se os sujeitos são correferentes

⁵⁹ Verbos declarativos de ordem: consentir, exigir, ordenar, permitir (Brito, 1983/1989, p. 273). Barbosa e Raposo (2013, p. 1914) incluem como verbos que admitem complementador “*para*”: dizer, pedir, insistir, rogar, implorar.

⁶⁰ “*Para*” é complementador, como se pode comprovar pela pronominalização de toda a oração completiva: “Eu disse isso” / “*Eu disse [para isso]”.

⁶¹ Verbos de atividade mental e epistémicos: aceitar, achar, acreditar, admitir, calcular, compreender, considerar, certificar, crer, descobrir, duvidar, entender, fingir, ignorar, imaginar, pensar, prever, reconhecer, supor (Brito, 1983/1989, p. 270).

temos uma construção de controlo com infinitivo impessoal nas condições semânticas apresentadas nos pontos anteriores. No entanto, o infinitivo flexionado pode ocorrer desde que haja sujeitos disjuntos.

De acordo com Raposo (1987, p. 98), os verbos epistémicos (de atividade mental) manifestam um comportamento idêntico ao dos verbos declarativos no que diz respeito ao emprego do infinitivo flexionado. Assim, só admitem infinitivo flexionado com o sujeito da oração subordinada em posição pós-verbal ou com a presença de auxiliar e com a ordem de palavras “Auxiliar + Sujeito + Verbo” (72a)⁶². O sujeito nulo, como em (72d) pode criar uma situação ambígua: o sujeito tanto pode ser “os administradores” ou alguém diferente.

4.4.1.3 *Verbos trivalentes*

Os verbos trivalentes, com um sintagma nominal complemento direto na frase superior e a oração completiva regida de preposição⁶³ também podem surgir com infinitivo flexionado. Duarte (2003d, p. 637) apelida estes verbos de trivalentes dado que possuem três argumentos: um externo, um interno (o SN_{OD}) e um interno (preposicional), a própria oração infinitiva.

(73)a) Eu autorizei os alunos [a saírem da escola].

b) Eu autorizei os alunos [a que saíssem da escola].

c) Eu convenci os alunos [a empenharem-se mais nas aulas].

d) Eu convenci os alunos [a que se empenhassem mais nas aulas].

Nestes exemplos, o uso de infinitivo flexionado está ligado à não correferencialidade dos sujeitos (73a e 73c) e à temporalidade da oração completiva. Quanto ao sujeito da oração completiva, ele é claramente correferente ao sintagma nominal complemento direto superior. A oração completiva é um complemento preposicional do verbo da oração subordinante. Com este conjunto de verbos “a” é uma preposição e não um complementador pois, nas completivas finitas, a preposição precede o complementador “que”, como em (73b) e (73d).

⁶² Barbosa e Raposo (2013, p. 1928) consideram que com a presença de advérbios de focalização (“apenas, até, só”) ou quantificadores indefinidos (“alguém, nenhum, ninguém, todos”) é possível a ordem canónica: “Dizem os entendidos só os Ferraris poderem ganhar a corrida”; A funcionária garante todos se terem enganado nas contas” (Barbosa & Raposo, 2013, p. 1929).

⁶³ Nestes mesmos contextos surgem os verbos: aconselhar (a), acusar (de/por), censurar (por), criticar (por), forçar (a), impedir (de), obrigar (a), persuadir (a/de), proibir (de) (Brito, 1983/1989, p. 278).

4.4.1.4 Verbos que selecionam como argumento interno uma oração completiva regida de preposição

Os verbos que selecionam como argumento interno uma oração completiva regida de preposição também podem aparecer com infinitivo flexionado. Observe-se os seguintes exemplos:

- (74) a) O professor insistiu [em _{pro} teres um bom trabalho].
b) O professor insistiu [nisso].
c) O professor insistiu [que tivesses um bom trabalho].

O infinitivo flexionado nestas construções ocorre quando os sujeitos não são correferentes e quando a oração completiva exprime temporalidade. As formas que introduzem as completivas são preposições e não complementadores, podendo, dessa forma, ser retomadas quando se substitui a completiva pelo pronome demonstrativo *isso* (74b). Estes verbos são designados por Duarte (2003d, p. 636) por casualmente defetivos pois apresentam propriedades distintas em contexto de completivas finitas e completivas não finitas. Assim, selecionam completivas finitas não preposicionadas como em (74c) e completivas não finitas preposicionadas como em (74a).

4.4.1.5 Verbos causativos e verbos percetivos

Os verbos causativos⁶⁴ (75) e os verbos percetivos⁶⁵ (76), para além de outras construções infinitivas já referidas e analisadas, podem selecionar orações de infinitivo flexionado, em construções em que os sujeitos das duas orações não são correferentes⁶⁶.

- (75) a) Eu deixei [os meninos saltarem à corda].
b) *Eu deixei [saltarem os meninos à corda].
- (76) a) Ela viu [os irmãos saírem de casa].
b) * Ela viu [saírem os irmãos de casa].

⁶⁴ Verbos causativos: mandar, deixar, fazer (Brito, 1983/1989, pp. 275-276).

⁶⁵ Verbos percetivos: ver, ouvir, sentir, etc (Brito, 1983/1989, pp. 275-276).

⁶⁶ Para uma análise mais detalhada ver Gonçalves (1999), Gonçalves e Duarte (2001), Raposo (1981).

Em (75b) e (76b) a alteração de ordem de palavras resulta agramatical com infinitivo flexionado, mostrando que a construção de “união de orações” ou de “predicado complexo” apenas opera com a forma de infinitivo impessoal, isto é, com uma forma defetiva temporalmente; pelo contrário, (75a) e (76a) comportam infinitivo flexionado e têm valores de temporalidade.

Deixámos para último lugar nesta apresentação breve de completivas infinitivas as seleccionadas por verbos avaliativos de uso factivo. Esta é a subclasse de verbos em que ocorre preferencialmente o infinitivo flexionado.

4.4.1.6 Verbos avaliativos de uso factivo

Com os verbos avaliativos de uso factivo⁶⁷ as frases completivas podem ocupar a posição de sujeito, constituindo o argumento externo do verbo, como é o caso do exemplo com o verbo *surpreender* (77d, 77e, 77f); podem igualmente surgir como complemento do verbo, constituindo o argumento interno desse verbo, como é o caso do exemplo com o verbo *lamentar* (78). Quer ocupem a posição de sujeito, quer ocupem a posição de complemento direto, as completivas seleccionadas por verbos factivos avaliativos exibem ou a ordem canónica em que o sujeito surge em posição pré-verbal ou a ordem "Aux + SN_{SU} + V principal":

- (77) a) Surpreendeu o Paulo [ela ter sido despedida].
- b) Surpreendeu o Paulo [a Maria ter sido despedida].
- c) Surpreendeu o Paulo [ter a Maria sido despedida].
- d) [O facto de a Maria ter sido despedida] surpreendeu o Paulo.
- e) [O ter a Maria sido despedida] surpreendeu o Paulo.
- f) [O ela ter sido despedida] surpreendeu o Paulo.

⁶⁷De acordo com Brito (1983/1989, p. 268) verbos avaliativos de uso factivo são: “aborrecer, agradar, angustiar, animar, comover, confundir, contrariar, culpabilizar, desagradar, desgostar, desinteressar, emocionar, entristecer, humilhar, impressionar, incomodar, interessar, maçar, ofender, perturbar, preocupar, seduzir, surpreender, transtornar. Para além destas, a autora ainda menciona os seguintes: lamentar, deplorar, desculpar, detestar, reprovar, suportar, tolerar (Brito, 1983/1989, p. 272).

- (78) a) Os deputados do bloco de esquerda lamentam [ter o ministro das finanças aumentado os impostos].
- b) Os deputados do bloco de esquerda lamentam [o ministro das finanças ter aumentado os impostos].
- c) Os deputados do bloco de esquerda lamentam [o ter aumentado o ministro das finanças os impostos].
- d) [O ter aumentado o ministro das finanças os impostos] os deputados do bloco de esquerda lamentam.

De acordo com Raposo (1987, p. 96) “factive predicates select for semantically propositional nominal constructions”. Os verbos avaliativos factivos selecionam uma oração subordinada com estatuto nominal. Diversos fatores apontam para o facto de estas orações terem um estatuto nominal mais forte do que as orações completivas referidas até agora. Assim, podemos ter construções com o complemento do nome “o facto de” + infinitivo flexionado, como em (77d) e construções com artigo definido “o” + infinitivo flexionado (quando o sujeito é pronome), como em (77e/f) e (78d).

Em (77a/b/c) e (78a/b/c) o SN sujeito pode aparecer em posição pré-verbal, sem movimento do auxiliar ou com movimento do auxiliar.

Os exemplos (77e/f) e (78c/d) ilustram a possibilidade de as orações completivas selecionadas por verbos factivos serem precedidas de artigo definido “o”. Como devemos então analisá-las? Com uma estrutura de SN que domina a frase ou como uma oração selecionada diretamente por um verbo? Que relação entre o carácter nominal e a temporalidade de uma oração completiva? Na segunda parte da dissertação voltaremos a este assunto, determinando que contextos possibilitam a nominalização da oração infinitiva.

Os verbos avaliativos de uso factivo com infinitivo flexionado aparecem em estruturas em que não há correferencialidade de SN sujeitos (77) e (78), mas podem igualmente ocorrer em contextos de sujeitos correferentes. Como ilustrado em (79), em contextos de sujeito nulo na oração completiva, este é interpretado como correferente do sujeito da oração principal.

- (79)(a) Nós lamentámos [[-] termos saído da escola sem permissão do professor].
- (b) Nós lamentámos [o facto de [-] termos saído da escola sem permissão do professor].

(c) Nós lamentámos [o [-] termos saído da escola sem permissão do professor]

Atentemos agora nas estruturas em que a completiva surge precedida de artigo definido (77e/f), (78d) e as estruturas em que a completiva surge com complemento do nome “o facto de” (77d). Estas duas estruturas podem ser entendidas como paráfrases uma da outra. Será que deverão ter uma análise sintática semelhante? Tomemos alguns dos exemplos de (77) aqui renumerados como (80):

(80)a) Surpreendeu o Paulo [_{SN} o facto de [_{ST} a Maria ter sido despedida]]

b) Surpreendeu o Paulo [_{SN}O [_{ST}(ela) ter sido despedida]]

c) Surpreendeu o Paulo [_{SN} [_{ST} a Maria ter sido despedida]]

As construções completivas de infinitivo flexionado com complemento do nome “o facto de” admitem posição pré-verbal do sujeito mesmo quando este é um sintagma nominal pleno. Veja-se a gramaticalidade do exemplo (80a). As completivas precedidas de artigo só admitem a posição pré-verbal do sujeito quando este é um pronome (80b).

A relação de paráfrase poderia justificar uma análise segundo a qual a estrutura primitiva, básica, é como em (80a), sendo as variantes (b) e (c) derivadas por redução. É a análise seguida por Casteleiro (1981). De certo modo, é esta também a análise preconizada por Brito (1983/89) e Barbosa e Raposo (2013)⁶⁸, mas como Duarte (2003d, p. 631) evidencia, os três tipos de construções apresentam propriedades sintáticas distintas relativamente à extração de argumentos através de interrogativas-*Q*. Observem-se os testes apresentados pela autora:

(81) a) “*[O que]_i é que é aflitivo [_{SN} o [_{SFLEX=N} ele ter tido[_V]_i]]?” (Duarte, 2003d, p. 631)

b) “*[O que]_i é que é aflitivo [_{SN} o facto de [_{SFLEX} ele ter tido [_V]_i]]?” (Duarte, 2003d, p. 631)

c) “[O que]_i é que é aflitivo [_{SFLEX} ele ter tido[_V]_i]]?” (Duarte, 2003d, p. 631)

⁶⁸ Barbosa e Raposo (2013, p.1977) também consideram que as construções antecedidas de artigo e as construções com “o facto de” são semelhantes, quando não aparece “facto de” seria vista como uma elipse do nome e da preposição. Ambas teriam a mesma representação “[_{SN} o ~~facto de~~ [_{or}[-] terem sido absolvidos injustamente]] indignou-nos a todos.”. De igual modo, os autores acrescentam que mesmo nas construções em que não temos nem presença de artigo “o” nem presença de “o facto de”, nomeadamente construções integradas num SN, também teremos uma interpretação factiva visto que é o predicador que atribui essa leitura (por exemplo, “Eles têm que agradecer-nos *termos lutado por uma democracia*.”).

Transpondo esses mesmos testes para as frases de (80) obteríamos o mesmo tipo de resultado exposto em (82):

- (82) a) *[O que] é que te surpreendeu [_{SN}o [_{ST=N}(ela) ter sido[_V]]]?
b) *[O que] é que te surpreendeu [_{SN} o facto de [_{ST}(ela) ter sido[_V]]]?
c) [O que] é que te surpreendeu [_{ST}ela ter sido[_V]])?

Vemos que (81a/b) e (82a/b) são agramaticais, ao contrário de (81c) e (82c). Se as orações com artigo definido “o” e as orações de “o facto de” são barreiras à extração de argumentos, diferentemente das orações infinitivas sem “o” e sem “o facto de”, então é porque há mais constituintes nas duas primeiras do que na terceira e as análises já preconizadas em (80), (81) e (82) afiguram-se corretas. Como afirma Brito (2003b, p. 468) “um constituinte *Q* não pode ultrapassar um SN complexo, i.e., um SN com núcleo nominal explícito” contendo uma oração no seu interior. Na mesma linha, Duarte (2003d, p. 606) considera que as completivas quando não permitem a extração de argumentos funcionam como ilhas fortes e quando o permitem são apenas ilhas fracas⁶⁹.

Em síntese, as orações completivas com verbos avaliativos factivos admitem a construção nominal com “o facto de” e admitem ser precedidas de artigo definido “o” (construção que será analisada com mais detalhe na segunda parte da dissertação), além de permitirem uma oração completiva sem qualquer dos elementos referidos. Uma e outras têm comportamentos distintos relativamente a fenómenos de extração e devem por isso ter uma estrutura sintática diferente. De qualquer modo, em qualquer destas alternativas vemos que as orações selecionadas por verbos factivos têm fortes traços nominais, ideia já discutida em Raposo (1987) e que esta análise confirma.

Vejamos de novo o problema da ordem de palavras nas orações completivas selecionadas por este tipo de predicados verbais. Os predicados factivos não apresentam restrições na ordem interna, podendo apresentar a ordem canónica “Sujeito – Verbo” ou “Sujeito-Auxiliar-Vprincipal”, contrariamente aos predicados epistémicos e declarativos que preferencialmente admitem completivas com a ordem “Verbo Auxiliar- Sujeito-Verbo”. Vejam-se os exemplos contidos em §4.1.1 e §4.1.6, agora aqui repetidos.

- (69) a) Ele afirmou [ter a Ana perdido o telemóvel no cinema].
b) ? Ele afirmou [a Ana ter perdido o telemóvel no cinema].

⁶⁹ Ver Ross (1967): condição do SN complexo, um caso particular de Subjacência (uma ilha forte).

(78) a) [Os deputados do bloco de esquerda lamentam [ter o ministro das finanças aumentado os impostos].

b) [Os deputados do bloco de esquerda lamentam [o ministro das finanças ter aumentado os impostos].

De acordo com Raposo (1987), nas orações com verbos declarativos e epistémicos, o movimento do auxiliar para a periferia esquerda da frase, isto é para COMP, o lugar vazio do complementador, é obrigatório; nos verbos avaliativos factivos, esse movimento não é obrigatório.

De acordo com o mesmo autor, os verbos epistémicos e declarativos subcategorizam uma completiva SCOMP, mas nestas o sujeito da oração completiva não tem acesso ao caso nominativo visto existir [-T] e [+Conc], para que a oração seja aceitável, a ordem deve ser invertida. Esta ordem resulta do movimento de V+Flex para COMP. A estrutura que ilustra esse movimento é a seguinte (Raposo, 1987, p. 100):

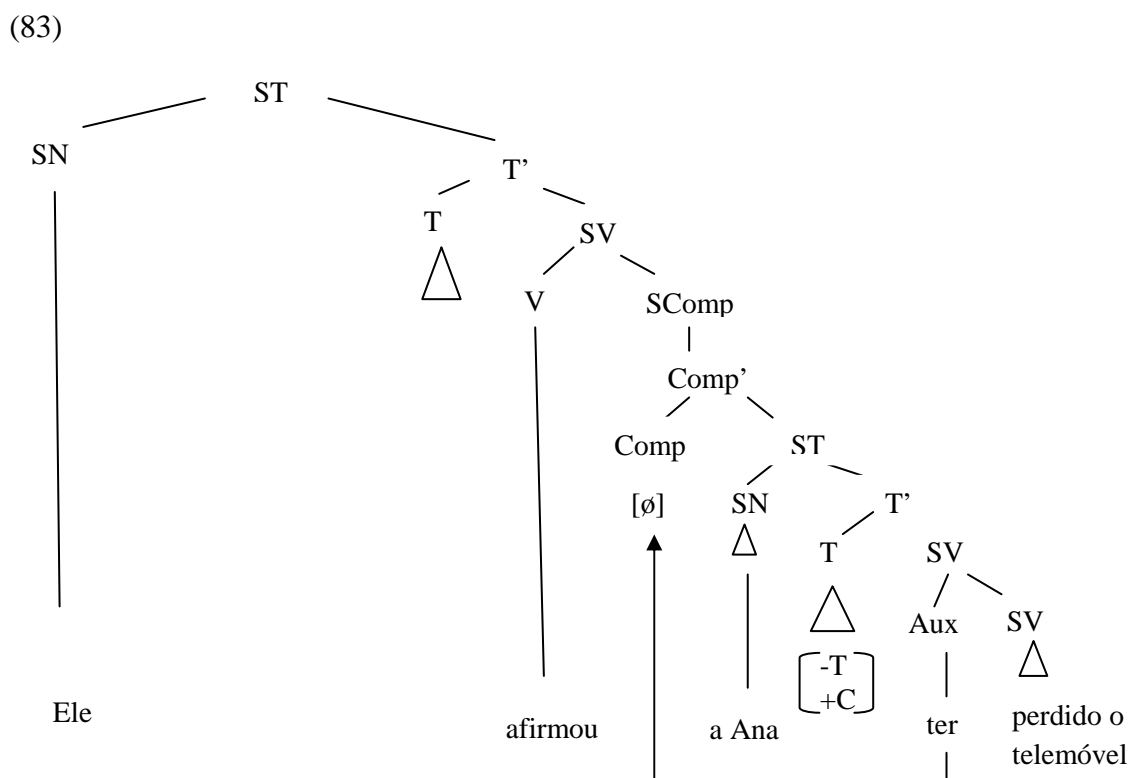


Figura 11: Estrutura sintática ilustrando movimento do auxiliar numa oração completiva de infinitivo flexionado selecionada por verbos declarativos

No caso dos verbos factivos, eles subcategorizam uma oração com forte natureza nominal que pode ser expressa ou não por “o facto de” e não apresentam restrições na

ordem de palavras na oração completiva. Como a oração completiva infinitiva tem esse estatuto nominal, ela recebe caso diretamente de algum elemento da oração principal, em particular do verbo superior, o verbo factivo. Segundo Raposo, é esta a condição para que a atribuição de caso nominativo se faça no interior da oração completiva.

Pelo contrário, nos casos das orações selecionadas pelos verbos declarativos e epistémicos, a atribuição de caso ao SN_{SU} da oração completiva resulta do movimento do auxiliar para COMP. A estrutura sintática de uma oração completiva selecionada por um verbo factivo é representada a seguir (Figura 12):

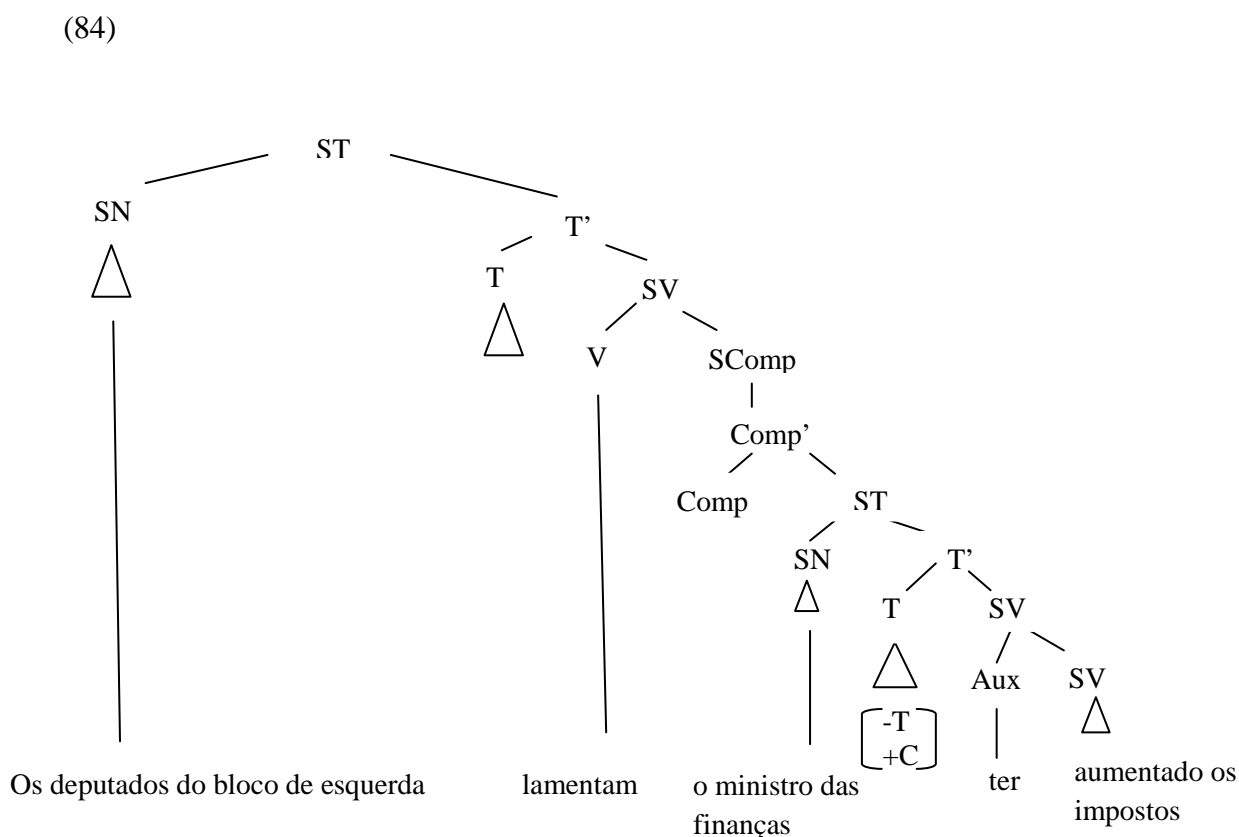


Figura 12: Estrutura sintática de uma oração completiva de infinitivo flexionado selecionada por verbos factivos

Em síntese, de acordo com Raposo, a oração completiva selecionada por verbos epistémicos e declarativos não tem a mesma natureza nominal que caracteriza as completivas selecionadas por verbos avaliativos/ factivos.

Os verbos volitivos e optativos subcategorizam um SCOMP sem propriedades nominais. Nos verbos volitivos, não há operador de tempo e por isso não admitem infinitivo flexionado.

Nos verbos declarativos e epistémicos, a oração tem uma fraca natureza nominal, mas, através do movimento de Aux para COMP, a construção permite infinitivo flexionado.

No caso dos verbos factivos, sublinha o autor, a completiva é fortemente nominal; não é necessário que o auxiliar se mova para COMP, permitindo por isso duas ordens de palavras Aux-SU e SU-Aux (Raposo, 1987, p. 99).

Vimos anteriormente que esta análise não está isenta de críticas. De facto, vários autores têm apontado que quer as orações completivas selecionadas por verbos declarativos e epistémicos quer as selecionadas por verbos factivos têm tempo. No entanto, Raposo (1987) tem razão ao sublinhar a diferença de estatuto nominal das completivas selecionadas por estes diferentes tipos de verbos.

4.5 Conclusões

No capítulo 4, estudámos o uso do infinitivo em orações subordinadas completivas. Após uma caracterização geral das completivas (§1.), analisou-se a temporalidade nestas construções (§2.). Na literatura para o inglês foi Stowell (1982) quem pela primeira vez questionou a natureza atemporal do infinitivo, defendendo que, nas estruturas de controlo, o infinitivo tem um operador de tempo, contrariamente ao que acontece nas construções de elevação e nas construções de marcação excepcional de caso.

No caso do português, os gramáticos da tradição luso-brasileira consideram que o infinitivo é desprovido de tempo. Raposo (1987) continua essa posição, defendendo que as orações completivas infinitivas são defetivas temporalmente, referindo que quer o infinitivo impessoal/não flexionado, quer o infinitivo flexionado são [-tempo], distinguindo-se porque o infinitivo impessoal é [-Conc] e o infinitivo flexionado é [+Conc].

Ambar (1992b) é a primeira autora que, para o português, defende a existência de duas noções de tempo: um tempo morfológico (na flexão) com repercussões na sintaxe e um tempo semântico que estaria em COMP como traço, com consequências para o uso do infinitivo pessoal.

Na sequência de Ambar e outros autores, Duarte (2003d) considera o infinitivo flexionado como [+tempo [-finito]].

Numa perspetiva semântica, Cunha e Silvano (2006, 2008) defendem que em construções com verbos neutros (declarativos como *dizer* e *afirmar*) o infinitivo tem marcas de temporalidade, exprimindo uma leitura de sobreposição com estados, uma leitura de sobreposição ou posterioridade com eventos (infinitivo simples) e uma leitura de anterioridade (infinitivo composto). Por sua vez, em verbos volitivos a marca temporal do infinitivo não está ativa, o que justifica a conceção tradicional de que com esta subclasse de verbos o complemento infinitivo é dependente, assumindo sempre um valor futuro dependente da semântica dos predicados volitivos. Esta conceção é confirmada pela análise de Gonçalves, Cunha e Silvano (2010).

Gonçalves, Cunha e Silvano (2010), ao analisarem as construções de reestruturação com verbos volitivos, verificam que o infinitivo exprime tempo, formando com o verbo matriz um domínio temporalizado. Nesse domínio temporalizado, o tempo do infinitivo é [-ativo] e o tempo do verbo matriz é [+ativo].

Vemos que os diferentes estudos realçam que o infinitivo impessoal não tem as mesmas propriedades temporais com todas as subclasses de verbos e em todas as estruturas em que aparece. Para compreender a temporalidade do infinitivo é importante, tal como Duarte, Gonçalves e Santos (2010) defendem, a orientação temporal do verbo principal. Dessa forma, consideramos que afirmar haver “tempo dependente” ou “tempo independente” nas construções do infinitivo não significa negar que exista valor temporal. Assim, consoante as estruturas em que ocorre, o valor temporal do infinitivo pode estar ativo ou não ativo.

Desenvolvendo algumas destas perspetivas, neste capítulo 4, no §3., analisámos brevemente as completivas infinitivas de infinitivo não flexionado de acordo com o tipo de construção e a classe semântica do verbo superior. As orações completivas de infinitivo impessoal não admitem a presença de um sujeito nominativo⁷⁰ já que este não tem condições de lhe ser atribuído caso nominativo. Assim, em português, o infinitivo impessoal encontra-se em construções de controlo de sujeito, em construções de

⁷⁰ Ambar (1992a, p. 98) refere que há um conjunto de construções de infinitivo impessoal com verbos volitivos que pode coocorrer com sujeitos foneticamente realizados. Apresenta os seguintes exemplos: “a. Os meninos querem fazer eles o trabalho” / “b. As crianças decidiram ir elas à praia” / “c. O Pedro quer comprar ele as flores”. Estas construções tornam-se agramaticais sem a inversão (“* Os meninos querem eles fazer o trabalho”), com o pronome em posição final (“*Os meninos querem fazer o trabalho”), com um operador de foco no sujeito matriz (“*Só os meninos querem fazer eles o trabalho”), com ausência de argumentos do segundo verbo (“*?Os meninos querem sair eles.”) e com extração de complementos do verbo (“* Que querem os meninos fazer eles?”). Assim, nestes contextos (verbos volitivos com pronomes sujeitos foneticamente realizados) a ISV é obrigatória. Não nos deteremos aqui nesta questão.

controlo de objeto, em construções de elevação e em construções de atribuição excecional de caso e de predicado complexo/união de orações, estas últimas selecionadas por verbos causativos e percetivos.

Nas construções de controlo (correferência obrigatória), a posição de sujeito é ocupada por uma categoria vazia argumental, um pronome nulo (PRO). Esta categoria vazia é controlada pelo sujeito da oração subordinante ou pelo complemento direto. Em certos contextos este sujeito nulo não é controlado por nenhum argumento da frase e tem uma referência “impessoal” ou “arbitrária”. Duarte, Gonçalves e Santos (2010) analisaram as estruturas de controlo introduzindo uma noção importante para a temporalidade do infinitivo: a noção de “orientação temporal”. Quando a orientação temporal que o verbo matriz seleciona é não especificada, há tempo independente e ocorrência de infinitivo flexionado. Quando a orientação temporal é especificada, há tempo dependente e ocorre uma estrutura de controlo com infinitivo não flexionado.

Nas construções de elevação, não existe argumento externo na oração superior e o sujeito da oração completiva é movido para o SN superior; tais construções exibem também o infinitivo impessoal.

Nas construções de atribuição excecional de caso e de predicado complexo selecionadas por verbos causativos e percetivos, o infinitivo é defetivo em termos temporais, embora a defetividade seja maior nas construções de predicado complexo, como vimos no §3.1.3.

No §4., analisámos as orações completivas com infinitivo flexionado. O infinitivo flexionado ocorre em construções completivas em que há preferencialmente não correferencialidade de sujeitos relativamente à frase subordinante.

O sujeito da oração completiva pode ou não ser realizado foneticamente e ser constituído por uma categoria vazia *pro*. No entanto, mesmo não sendo realizado foneticamente, é possível identificar o sujeito pela concordância verbal.

O infinitivo flexionado é selecionado preferencialmente por verbos factivos avaliativos, podendo ocorrer com sujeitos disjuntos ou correferentes. Quando o sujeito é correferente o infinitivo flexionado não é obrigatório.

O infinitivo flexionado pode também aparecer com verbos declarativos e epistémicos com sujeitos disjuntos; não sendo esta a subclasse de verbos preferencial, apresenta algumas condições: o infinitivo flexionado geralmente aparece com um auxiliar e quando há movimento do auxiliar para COMP. Com verbos declarativos, o

infinitivo flexionado pode aparecer na oração subordinada completiva introduzido com “para”.

Vimos também que o infinitivo flexionado pode ser selecionado por verbos causativos, percetivos, verbos trivalentes e verbos casualmente defetivos em contextos de não correferencialidade dos sujeitos.

Concluindo, a distribuição do infinitivo impessoal/não flexionado e do infinitivo flexionado em orações completivas mostra que há construções distintas, em que o valor temporal das orações completivas depende crucialmente do predicado superior; mas confirma-se a ideia de que o infinitivo em orações completivas não é uniformemente uma forma verbal desprovida de valores temporais.

No próximo capítulo vamos ver se algumas destas propriedades se confirmam na subordinação adverbial.

Capítulo 5. Infinitivo impessoal e flexionado em orações subordinadas adverbiais

5.1 Caracterização geral das orações adverbiais

Na análise da subordinação completiva, vimos que em determinadas construções o infinitivo impessoal exprime tempo. Dessa forma, quisemos analisar se essa situação também se verifica nas construções de subordinação adverbial, mostrando se a classificação de “oração reduzida” às construções com infinitivo se aplica.

Na literatura fundamental sobre o português (Lobo, 2001, 2003, 2013; Brito, 2003d, 2011), as orações subordinadas adverbiais são caracterizadas como apresentando os seguintes comportamentos:

(i) admitem anteposição em relação à oração subordinante;

- (1) a) [Por seres muito empenhado], foste promovido. (causal)
- b) [Para ter boa nota no teste], estudei. (final)
- c) [Apesar de estar frio], vou correr. (concessiva)
- d) [Até lavar os cestos], é vindima. (temporal)
- e) [No caso de faltar a luz logo à noite], tens aqui uma lanterna. (condicional)

(ii) admitem coordenação;

- (2) a) Foste promovido, [por seres muito empenhado] e [por teres tido uma ótima avaliação].
- b) Estudei [para ter boa nota no teste] e [para alegrar os meus pais].
- c) [Apesar de estar frio] e [apesar de estar a chover], vou correr.
- d) [Até lavar os cestos] e [até colher as uvas], é vindima.
- e) [No caso de faltar a luz logo à noite] e [no caso de teres medo], tens aqui uma lanterna.

(iii) não permitem a ligação de mais do que dois elementos com o apagamento do conector da oração encaixada;

(3) a) *Foste promovido, [(por) seres muito empenhado], [por teres tido uma ótima avaliação].

b) *Estudei [(para) ter boa nota no teste], [para alegrar os meus pais].

c) [* (Apesar de) estar frio], [apesar de estar a chover], vou correr.

d) *É vindima [(até) lavar os cestos], [até colher as uvas].

e) *Tens aqui uma lanterna [(no caso de) faltar a luz logo à noite], [no caso de teres medo].

(iv) admitem geralmente próclise;

(4) a) Foste promovido pelo patrão ao receberes o relatório, [por o entregares a tempo e horas].

b) Queria muito um carro. Trabalhei durante as férias [para o comprar].

c) Li todas as obras de Saramago. [Apesar de as ter lido], reprovei no exame.

d) A sopa está em cima da mesa. [Quando a terminares], podes sair.

e) Tiveste boa nota no teste, podes comprar o MP3 que me pediste. [No caso de o comprares amanhã], tens aqui o dinheiro.

(v) não admitem a extração de um constituinte do seu interior (por exemplo, um constituinte interrogativo);

(5) a) * [O que] é que tu foste promovido, por seres [-]?

b) * [O que] é que tu estudaste para ter [-]?

c) * [Como] é que vais correr, apesar de estar [-]?

d) * [O que] é que é vindima, até lavar [-]?

e) * [O que] é que tens aqui uma lanterna, no caso de faltar [-]?

(vi) são suprimíveis, o que pode ser observado nos exemplos correspondentes aos anteriores, sem qualquer oração subordinada adverbial;

(6) a) Foste promovido [-].

b) Estudei [-].

c) [-], vou correr.

d) [-], é vindima.

e) [-], tens aqui uma lanterna para alumiar.

(vii) podem ser substituídas por uma expressão adverbial não frásica;

- (7) a) Foste promovido [pelo teu empenhamento].
b) Estudei [para uma boa nota].
c) [Apesar do frio], vou correr.
d) [Até ao final da lavagem dos cestos], é vindima.
e) [No caso da falta de luz logo à noite], tens aqui uma lanterna.

(viii) permitem interrogação com o verbo *fazer* / *acontecer*, isolando na pergunta a oração subordinada adverbial.

- (8) a) O que é que aconteceu por seres muito empenhado? / -Fui promovido.
b) O que é que fizeste para ter boa nota? - Estudei.
c) O que é que fizeste apesar de estar frio? - Fui correr.
d) O que é que acontece até lavar os cestos? - É vindima.
e) O que é que acontece no caso de faltar a luz logo à noite? Tens aqui uma lanterna.

Do exposto com estes testes, verifica-se que as orações subordinadas adverbiais têm um estatuto não argumental e são adjuntos. A sua posição é determinada por vários fatores, pelo conteúdo semântico, o facto de a informação ser conhecida, dada ou pressuposta ou pela natureza do conector.

Relativamente à dependência em relação à oração subordinante, as orações subordinadas adverbiais podem ser integradas (no SV) ou periféricas (em adjunção a F à direita ou à esquerda)⁷¹, como ilustrado simplificadamente nas seguintes estruturas sintáticas:

⁷¹Como afirma Lobo (2003, p. 160): “Tanto as periféricas como as não periféricas podem ocorrer em posição inicial, embora para algumas orações essa seja claramente uma opção mais marcada. (...) As condicionais com *se*, no entanto, parecem distinguir-se das restantes orações do mesmo grupo sintático por ocorrerem preferencialmente em posição inicial. Também as orações temporais ocorrem com muita facilidade em posição inicial, ao contrário do que acontece com finais, causais, e modais, cuja ocorrência em posição inicial é relativamente marcada.” Para uma análise mais detalhada ver Lobo (2003), Lobo (2013), Brito (2003b), Tapazdi (1999a, 1999b).

(9)

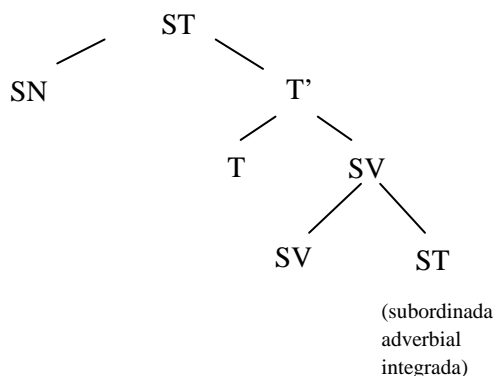


Figura 14: Estrutura sintática de uma subordinada adverbial integrada

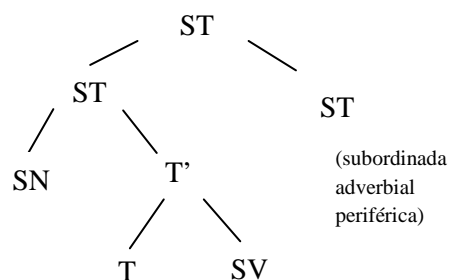


Figura 13: Estrutura sintática de uma subordinada adverbial periférica (simplificada)

A distinção entre subordinadas adverbiais integradas e subordinadas adverbiais periféricas baseia-se na posição que podem ocupar na oração principal e no seu comportamento relativamente a um conjunto de testes, como a focalização por clivagem ou por advérbios como *só*, o escopo da negação, a resposta a interrogativas *Q* e a possibilidade de ocorrerem em interrogativas e negativas alternativas.

As subordinadas adverbiais integradas ocorrem em final de frase à direita e são, geralmente, compatíveis com processos de focalização. As subordinadas adverbiais periféricas ocorrem tipicamente à esquerda e apenas ocorrem à direita quando antecedidas de pausa entonacional e não são compatíveis com processos de focalização.

Dentro deste quadro, as orações subordinadas causais, as finais podem ser integradas ou periféricas. As condicionais podem ser integradas (*no caso de, com a condição de*) e periféricas (condicionais-concessivas e as bicondicionais). As temporais são integradas, quando surgem à direita da oração subordinante e as concessivas são sempre periféricas. (Veja-se Lobo, 2003, 2013; Brito, 2003d, 2011).

Analisaremos neste capítulo 5, estas diferentes construções para nos determos no uso do infinitivo, no §2. as orações subordinadas causais infinitivas, no §3. as orações subordinadas finais infinitivas, no §4. as orações subordinadas concessivas infinitivas, no §5. as orações subordinadas temporais infinitivas e no §6. as orações subordinadas condicionais infinitivas.

5.2 Orações subordinadas causais infinitivas

As orações subordinadas causais infinitivas podem ser introduzidas pela preposição *por*⁷², mas também pelas locuções prepositivas: *devido a*, *devido ao facto de*, *graças a*, *por causa de*, *pelo facto de*, *à força de* ou *através visto/ dado*.

A preposição “por” é um complementador de base preposicional dado que não pode coocorrer com o complementador “que”, embora saibamos que *por+que* se reanalisou na língua portuguesa no complementador *porque*⁷³ (10a). A oração infinitiva propriamente dita é pronominalizável através de *isso* (10c).

- (10) a) Os pais colocaram os filhos de castigo, [porque chegaram tarde da festa].
b) *[Por que chegam tarde da festa], os pais colocaram os filhos de castigo.
c) Os pais colocaram os filhos de castigo [por isso].

As orações subordinadas causais podem exprimir diferentes valores. Brito (2003d, p. 711) refere dois valores semânticos fundamentais: causa/consequência e razão /motivo, considerando que, semanticamente, mantêm algumas semelhanças com as orações condicionais e com as coordenadas conclusivas e explicativas. A autora acrescenta que as orações causais podem ser orações “de re” ou orações “de dicto”⁷⁴. No primeiro caso, expõe-se a causa da situação descrita pela oração principal e no segundo caso descreve-se a razão, mas de acordo com o ato de enunciação. Lopes (2004:37) considera que do ponto de vista linguístico tanto a causa explicativa como a causa não explicativa podem ser *de re* como *de dicto*⁷⁵.

⁷² A preposição *por* não pode ser substituída por *de* para exprimir causalidade (veja-se (1) e (2)). Contrariamente ao espanhol (3), em português a preposição *de* não pode isoladamente exprimir causalidade (2), surgindo apenas como parte de certas locuções já enunciadas anteriormente. Com efeito, em espanhol, é produtivo a ocorrência da preposição *de* para exprimir causalidade, aparecendo acompanhada de intensificadores como “tan/tanto” (4). A possibilidade de ocorrência da preposição *de* com quantificadores leva a que alguns autores considerem essas construções como uma variante das consecutivas. (Hernanz, 1999, p. 2312). A alternância entre construção finita e não finita só é possível em construções com quantificadores. Em português também é possível a construção com quantificadores, no entanto, algumas destas orações podem ser consideradas consecutivas infinitivas.

(1) Não posso conduzir por ter o pé partido.

(2) *Não posso conduzir de ter o pé partido.

(3) De verlas en estampas, me eran familiares sus concepciones (Hernanz, 1999, p. 2312)

(4) “Les salieron ampolas en los pies de tanto caminar” (Hernanz, 1999, p. 2312)

(5) Dói-lhe a cabeça de tanto que estudou / de tanto estudar.

Quer dizer, em português a preposição “de” não tem valor causal como em espanhol.

⁷³ Ver Peres e Mória (1995).

⁷⁴ Para uma análise mais aprofundada das orações causais ver Lopes (2004), Lobo (2003, 2013).

⁷⁵ A autora apresenta os seguintes exemplos: “A janela está estragada, pois a dobradiça partiu” (causa explicativa *de re*), “A janela está estragada, pois não a consigo abrir” (causa explicativa *de dicto*), “Foi idiota por não aceitar a proposta” (causa não explicativa *de re*), “Acho-o idiota por não aceitar a proposta” (causa não explicativa *de dicto*) (Lopes, 2004, pp. 37-38).

Relativamente à relação com a oração matriz, diferentes autores consideram dois tipos de orações subordinadas causais, as integradas e as periféricas. Assim, de acordo com Hernanz (1999, p. 2311):

(...) de los dos grandes tipos de subordinadas causales (...) sólo las denominadas ‘centrales’, integradas, o causales propiamente dichas, esto es, las que exponen los motivos de lo dicho en la principal (como *No vio el semáforo porque conducía borracho*) disponen de una posible variante en infinitivo (*No vio el semáforo por conducir borracho*). Por el contrario, las ‘periféricas’ o explicativas, es decir, las que aluden a las razones que llevan a enunciar lo dicho en la principal (como *Conducía borracho, porque no vio el semáforo*) no admiten una versión con verbo no flexionado (**Conducía borracho, por no ver el semáforo*).

Também em português há orações causais integradas (no sintagma verbal) ou periféricas (à direita ou à esquerda) (Lobo, 2001, 2003; Brito, 2003d, 2011; Silvano, 2010).

Analisaremos as orações causais infinitivas, através dos testes sintáticos já referidos anteriormente, nomeadamente a clivagem, a negação, a focalização e a resposta a interrogativas *Q*, elencados por Lobo (2003).

Os seguintes exemplos ilustram orações causais infinitivas integradas:

- (11) a) Os empregados foram despedidos [por causa de terem feito greve ontem].
b) Foste promovido [por seres muito empenhado todos os dias].
c) Os empregados foram despedidos [por ter feito greve ontem].

O seu estatuto de orações integradas pode ser comprovado pelo comportamento relativamente aos testes apontados na literatura:

- (12)a) Foi por causa de terem feito greve ontem que os empregados foram despedidos. (a clivagem afeta a oração causal)
b) Os empregados não foram despedidos por causa de terem feito greve ontem, mas por causa de a situação financeira ser difícil. (a negação inclui a oração causal)
c) Os empregados só foram despedidos por causa de terem feito greve ontem. (o operador de foco “só” abrange a oração causal, “foi só por eles terem feito greve ontem que foram despedidos”)

- d) Por que razão foram os empregados despedidos? Por causa de terem feito greve ontem. (oração causal pode ocorrer como resposta a interrogativas *Q*)
- e) Os empregados foram despedidos por causa de terem feito greve ontem ou por causa de não haver dinheiro? (duas orações causais infinitivas incluídas numa interrogativa alternativa)

Com estes testes, verifica-se que estas orações causais são integradas. De acordo com Lobo (2003, p. 192), as orações integradas à direita são adjuntas ao predicado e ocupam uma posição baixa, adjuntas a SV. Quando estas orações estão à esquerda assemelham-se a um tópico e aproximam-se das causais periféricas, sendo assim geradas em adjunção a uma posição mais alta da periferia esquerda. A estrutura sintática de uma oração causal integrada à direita pode ser descrita como na Figura 15:

(13)

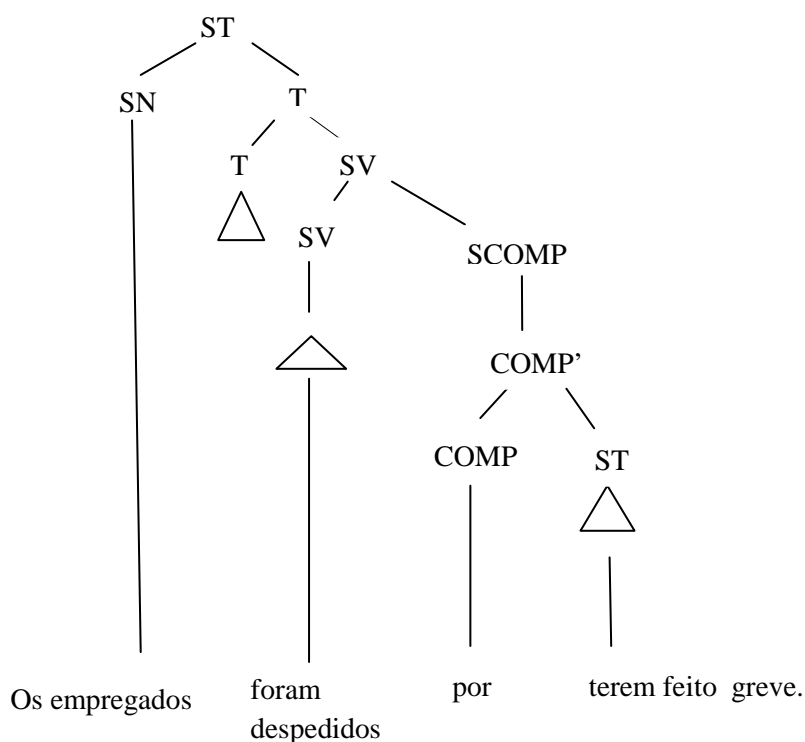


Figura 15: Estrutura sintática de uma oração subordinada causal integrada

Atentemos agora nas orações subordinadas causais infinitivas periféricas à esquerda:

- (14) a) [Visto ter tido muito trabalho], fiquei em casa⁷⁶.
 b) *Foi visto ter tido muito trabalho que fiquei em casa todo o dia. (clivagem)
 c) Visto ter tido muito trabalho, só fiquei em casa (o operador de foco “só”
 abrange apenas oração subordinante) / * Só visto ter tido muito trabalho, fiquei
 em casa. (agramatical com foco na oração infinitiva causal preposta).
 d) *Não foi visto ter tido muito trabalho que fiquei em casa, mas visto sentir-
 me doente. (clivagem e negação)
 e) Porque ficaste em casa todo o dia? * Visto ter tido muito trabalho.
 (resposta a interrogativas *Q*)

Como os exemplos comprovam, as orações causais não são facilmente objeto de focalização, de negação e de clivagem e não são facilmente resposta a uma interrogativa *Q*, pelo que se confirma a sua natureza periférica, o que pode ser descrito através da estrutura sintática seguinte:

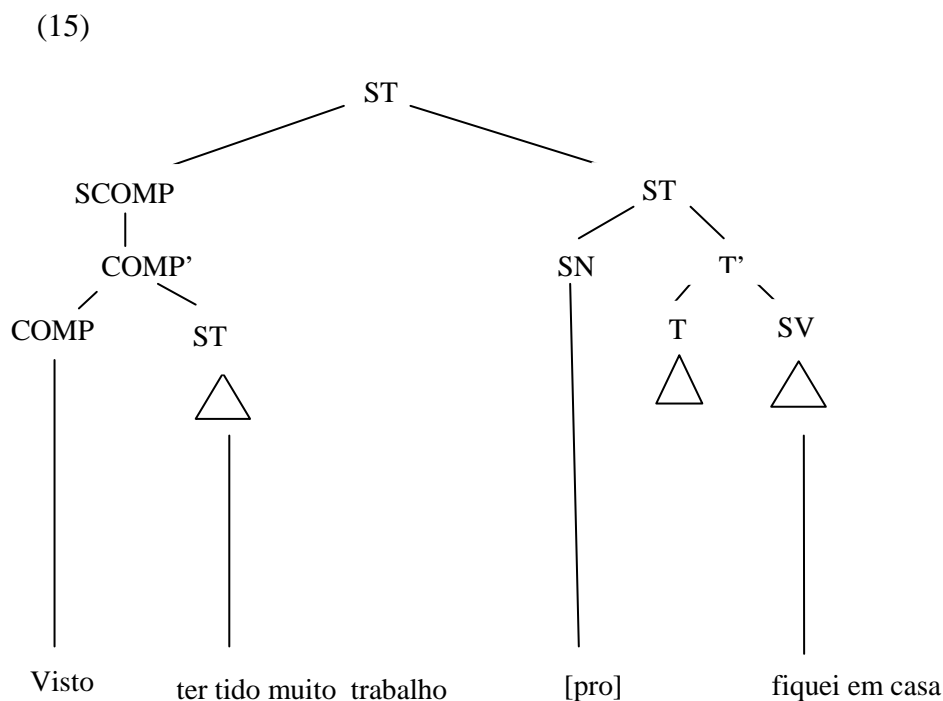


Figura 16: Estrutura sintática de uma oração causal periférica à esquerda

⁷⁶ Quando as orações causais com os conectores “visto” e “dado” estão em posição final, estas orações são sempre precedidas de uma pausa (Lobo, 2001, p. 299).

Do ponto de vista da forma infinitiva, as orações infinitivas podem admitir infinitivo não flexionado com sujeito implícito (11c) ou infinitivo flexionado simples com sujeito pronominal ou nulo (11b) ou composto (11a). O uso da forma composta de infinitivo denota anterioridade relativamente ao tempo da oração principal. Como refere Lobo (2003, p. 72), quando o verbo é estativo ocorre normalmente infinitivo simples e com verbos não estativos infinitivo composto. Com verbos estativos apenas pode ocorrer infinitivo composto quando a causa é já um estado terminado como em (16).

(16) Não venceu a prova, [por ter estado muito doente].

Quando os sujeitos são correferentes, a construção infinitiva é preferível e ocorre sujeito nulo na oração infinitiva (veja-se, por exemplo 16). No caso de sujeitos disjuntos, para evitar ambiguidade a oração infinitiva comporta um sujeito lexical (17a).

(17) a) Arruma a casa [por eu ter de estudar para o teste].

Para além disso, pode ocorrer em orações causais infinitivas sujeitos nulos expletivos, atente-se em (18) e (19), exemplos extraídos de Lobo (2003, p.73):

(18) “O Zé ficou em casa por estar muito frio.”

(19) “A sessão começou mais tarde por haver pouca gente na sala.”

Lobo (2003, p. 72) refere que o uso de infinitivo não flexionado nas orações causais levanta dúvidas nos juízos de gramaticalidade dos falantes:

(20) a) “%Os meninos ficaram de castigo por se ter portado mal.”

b) “Os meninos ficaram de castigo por se terem portado mal.”

O que importa reter é que qualquer que seja o tipo/subtipo (factual ou hipotética) de oração causal, a causalidade pode ser expressa com construções infinitivas. Conforme a existência de sujeito específico ou genérico ou não, assim se usa infinitivo flexionado (simples ou composto) ou infinitivo não flexionado. Os sujeitos podem ser disjuntos e temos infinitivo flexionado e podem ser correferentes, podendo ter infinitivo flexionado com sujeito pronominal nulo e infinitivo não flexionado com sujeito implícito.

As construções com infinitivo composto, ilustradas atrás, deixam transparecer que o infinitivo possui marcas temporais, expressando anterioridade. Mesmo quando não é usada a forma composta, as orações causais infinitivas também expressam tempo na medida em que temos infinitivo flexionado e poderão ocorrer diversos tipos de advérbios de tempo.

5.3 Orações subordinadas finais infinitivas

As conjunções que introduzem as orações subordinadas adverbiais finais infinitivas são: *para*⁷⁷, *a fim de*, *com o intuito de*, *com a finalidade de*, *com o fim de*⁷⁸, podendo o verbo estar no infinitivo impessoal ou pessoal. O uso de infinitivo impessoal com estas construções implica a correferencialidade dos sujeitos (21a); o uso de infinitivo flexionado está reservado a orações subordinadas finais com sujeito disjuncto do sujeito da oração matriz (21b).

(21) a) Esforcei-me todo o ano nos estudos [a fim de poder ganhar a bolsa para Londres].

b) Saí de casa [para os meus pais não me chatearem].

Em muitos casos as preposições *a* e *para* podem ser substituídas uma pela outra. Atente-se nos seguintes exemplos:

(22) a) Eles saíram [para fazer compras].

b) Eles saíram [a fazer compras].

c) Eles saíram [a fazer compras para se distraírem do mau dia que tiveram].

Como o exemplo (22b) mostra, se na frase subordinante se usarem verbos de movimento, para além da preposição *para*, pode surgir também a preposição *a*; no entanto, elas têm significados diferentes. Enquanto *para* tem um valor nitidamente final (22a), *a* é uma preposição pedida pela regência do verbo (22b) (Berta, 1999, p. 124); além disso, *a* e *para* podem ocorrer numa mesma frase (22c). Portanto, “a” não é uma conjunção final.

⁷⁷ Esta conjunção final também existe no espanhol, sendo que Hernanz (1999, p. 2314) relembra que nem sempre *para* indica finalidade, podendo também introduzir uma subordinada de valor consecutivo (1), concessivo (2) e condicional (3). À semelhança com orações consecutivas resulta de presença de intensificadores como em (1).

(1) “Es muy tarde para volver a empezar. / La casa es demasiado pequena para albergar a tanta gente. / Iba demasiado rápido para ver el semáforo” (Hernanz, 1999, p. 2316)

(2) “Sabe mucha gramática para ser médico. / Julia trabaja demasiado para estar embarazada”. (Hernanz, 1999, p. 2316)

(3) Para estar tú tan satisfecho, han debido trabajar bien. (Hernanz, 1999, p. 2316)

⁷⁸ Berta (1999, p. 119) inclui ainda “para o fim de” e “com a mira de”, mas consideramos que tais formas não são atualmente produtivas em português. Não existe nenhuma ocorrência no *corpus* do *CETEMPúblico*. Relativamente ainda às conjunções que introduzem as finais infinitivas, Lobo (2003, p. 76) considera “por causa de” (dialectal), “por via de” e “por mor de” (registos não standard).

Em (22a) e (22c) *para*, de acordo com Brito (2003d, p. 718), é uma preposição. Esta situação pode ser comprovada pelo facto de nas orações finais finitas a preposição *para* coocorrer com o complementador *que* (23a) e, para além disso, a oração final pode ser substituída pelo pronome “isso”(23b). Tal situação não se verifica quando “para” é usado como complementador (23c), como é confirmado pela agramaticalidade de (23d), em que toda a oração subordinada substantiva completiva é substituída por “isso”, incluindo o próprio complementador (ver 23d e 23e).

- (23) a) Corri [para que ele não fosse apanhado pela polícia].
- b) Corri [para isso].
- c) Eu disse [para saíres].
- d) *Eu disse [para isso].
- e) Eu disse [isso].

Relativamente à dependência em relação à oração principal, as orações subordinadas adverbiais finais são integradas (a SV), como se comprova pelos seguintes testes:

- (24) a) Foi para fazer compras que eles saíram. (clivagem)
- b) Eles não saíram para fazer compras, mas para ir à farmácia. (negação, que abrange a oração subordinada final)
- c) Eles só saíram para fazer compras. (operador de foco “só” abrange apenas a oração final)
- d) Saíram para quê? Para fazer compras. (resposta a interrogativas *Q*)

Nestes testes, verificamos que as orações finais são focalizáveis (24a), que a negação da oração subordinante nega também o conteúdo da oração subordinada (24b), que o operador de foco “só” tem escopo sobre a oração final e que estas orações permitem interrogativas *Q*. Assim, as orações finais infinitivas são integradas, o que é descrito pela seguinte estrutura sintática simplificada:

(25)

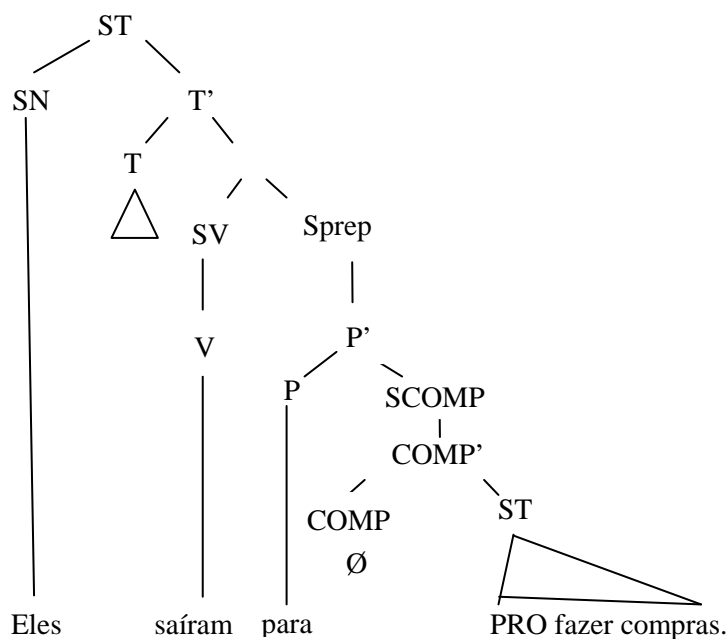


Figura 17: Estrutura sintática das orações finais infinitivas

Do ponto de vista semântico, as orações subordinadas finais podem ser factuais, hipotéticas ou contrafactuais. Nas factuais (26) indica-se algo certo, real, na oração subordinante o tempo é tipicamente o pretérito perfeito. Estas orações subordinadas finais exprimem finalidade ou intenção (Brito, 2003d, p. 717; Hernanz, 1999, p. 2313; Berta, 1999, p. 115). Veja-se, por exemplo, paráfrase com o verbo *querer* em (26b).

(26) a) Estudei [para ter boa nota no teste].

b) Estudei [para querer ter boa nota no teste].

Nas hipotéticas (27), o tempo da principal é o futuro ou o presente com valor de futuro.

(27) Eles vão enviar o relatório [para conseguires fazer a encomenda].

Nas contrafactuais (28), o tempo é o mais-que-perfeito composto do indicativo ou o condicional composto (Brito, 2003d, p. 717).

Vemos que na subordinação final emprega-se o conjuntivo (*para que...*) ou o infinitivo (*para, a fim de, ...*) consoante a conjunção. Temporalmente as duas proposições devem estar em concordância para se estabelecer uma relação semântica de propósito ou finalidade.

- (28) Nós tínhamos / teríamos feito tudo [para te entregar o carro a tempo e horas] (mas não o fizemos).

Lobo (2003, 2013) e Silvano (2010, p. 86) consideram que, à semelhança das outras orações adverbiais, se possa distinguir entre orações finais *de re* (finais de evento) e orações finais *de dicto* (finais de enunciação). Silvano (2010) considera que, nestas últimas, a posição inicial da oração subordinada é a não marcada, sendo em alguns contextos obrigatória, não requerendo uma dependência temporal com a oração subordinante.

- (29) Para que saibas, hoje fico em casa. (Silvano, 2010, p. 88)

Nas orações finais de evento, pressupõe-se que haja alguém que intencionalmente realizou algo para concretizar um determinado objetivo (Lobo, 2003, 2013).

- (30) a) A Paula estudou para ter boas notas.
b) Os meninos estudaram para a mãe ficar contente.

Quando os sujeitos das duas orações são disjuntos temos infinitivo flexionado. Quando o sujeito da oração final é implícito, podemos ter infinitivo não flexionado.

As orações finais de enunciação não são orações integradas, mas orações periféricas, ocorrendo em posição inicial. Vejam-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (31) a) “*Para serem sinceros, aqueles alunos não vão passar no exame.” (Lobo, 2003, p. 74)
b) “Para ser sincero, aqueles alunos não vão passar no exame.” (Lobo, 2003, p. 74)
c) “Para que todos fiquem informados, o Zé disse que aquele aluno vai reprovar.” (Lobo, 2003, p. 74)
d) “* O Zé disse que, para que todos fiquem informados, aquele aluno ia reprovar.” (Lobo, 2003, p. 74)

Lobo (2003, p. 74) considera que existem restrições quanto à ocorrência das construções finais de enunciação. Assim, a autora nota que, com estas construções, em certos predicados, só pode ocorrer o verbo flexionado na 1ª pessoa (31a/b) e, de igual modo, em certos contextos, é impossível tais orações ocorrerem em encaixadas (veja-se 31d).

À semelhança das orações subordinadas causais, as orações subordinadas finais exprimem dependência em relação à oração subordinante. No entanto, apresentam também diferenças: a construção finita final pode envolver conjuntivo, a causal envolve indicativo. Nas causais há possibilidade de ocorrência de uma forma composta de infinitivo (veja-se 16) enquanto nas finais tal não é possível, como se comprova pela agramaticalidade de (32a). De acordo com Lobo (2003, p. 77), o uso de infinitivo composto pode acontecer nas finais apenas quando o verbo da oração principal tem um verbo modal no futuro do pretérito e o evento final é interpretado como não realizado. No exemplo dado (32b), a autora levanta dúvidas quanto à gramaticalidade.

(32) a) *Comprei um carro [para ter ido a Espanha].

b) “?A Ana teria de ter trabalhado mais para ter conseguido uma nota melhor.” (Lobo, 2003, p. 77)

Isto mostra que em termos de ordenação temporal entre a oração subordinante e a oração subordinada, se verifica o contrário das orações causais, na medida em que o tempo da subordinada é sempre posterior ao da oração subordinante. Daí não poder aparecer infinitivo composto, como ilustrado em (32).

Sintetizando, há orações subordinadas finais de infinitivo pessoal quando não há correferencialidade do sujeito e de infinitivo impessoal em contextos de correferencialidade de sujeitos. Nas construções finais infinitivas não é possível infinitivo composto, porque, em termos temporais, estas orações se distinguem das causais, veiculando valores de posterioridade relativamente ao tempo da oração subordinante.

5.4 Orações subordinadas concessivas infinitivas

No português a única construção concessiva que envolve o infinitivo é introduzida por *apesar de*⁷⁹, podendo surgir com infinitivo impessoal (33a), infinitivo pessoal (33b) a (33f), infinitivo simples (33a), (33b), (33f) ou composto (33c), (33d), (33e).

- (33) a) [Apesar de estar frio], vou correr.
- b) [Apesar de termos ginástica no ginásio], no inverno fico sempre com gripe.
- c) [Apesar de ter lido o livro há duas semanas], não o consegui resumir.
- d) [Apesar de termos corrido muito durante duas horas], não ganhámos a maratona.
- e) Fui ao cinema [apesar de ter tirado negativa no teste].
- f) [Apesar de poder trabalhar], prefiro ficar em casa.

Vemos que em (33a) o uso de infinitivo impessoal está associado ao verbo meteorológico. Em (33b) a não correferencialidade dos sujeitos implica o uso de infinitivo pessoal. Em (33c) a (33f) temos correferencialidade do sujeito e uso de infinitivo pessoal composto, de forma a expressar anterioridade relativamente à oração subordinante.

⁷⁹ Em espanhol, contrariamente ao português, o leque de possibilidades que pode introduzir este tipo de orações é muito mais vasto. Segundo Hernanz (1999) há possibilidade de construção de orações concessivas infinitivas com as preposições *com*, *sem* e *para*. Relativamente à preposição *com* (1), considera que não é tão frequente, sendo mais usado na oralidade a conjunção adversativa “contudo”. A preposição *sem* (2) regra geral aparece com o advérbio “mesmo” (“aun”) de forma a possibilitar uma leitura concessiva. A preposição *por* (3) aparece com quantificador “por mais que”, “por muito que”, podendo admitir uma variante infinitiva. Relativamente à preposição *para* (4) com valor concessivo, é importante que esta apareça com um quantificador na oração principal para ser gramatical.

(1) “Con ser tan ricos, viven miserablemente” (Hernanz, 1999, p. 2323).

(2) “Sin ser el hombre de mis sueños, Juan me resulta muy simpático” (Hernanz, 1999, p. 2324).

(3) “No por mucho llorar y gritar conseguirá que le hagan caso” (Hernanz, 1999, p. 2324).

(4) “Para ser tan estudioso, há sacado muy malas notas” (Hernanz, 1999, p. 2324).

Em português a preposição *para* pode surgir fora de um domínio oracional e nesse caso pode exprimir valor de concessão, como em exemplos do tipo: “Para ministro da cultura, deixa muito a desejar”.

Sintaticamente, as orações subordinadas concessivas infinitivas são periféricas (Lobo 2003, Brito, 2011), como se comprova pelos seguintes testes:

- (34) a) *Foi apesar de estar frio que fui correr. (clivagem)
 b) *Não vou correr apesar de estar frio, mas apesar de estar cansada. (negação)
 c) * Só vou correr apesar de estar frio. (operadores de foco)
 d) Em que circunstâncias é que vais correr? *Apesar de estar frio.

Nestes testes, observa-se que a clivagem, a focalização, a negação e a resposta a interrogativas *Q* com orações subordinadas concessivas produzem resultados agramaticais, mostrando que tais orações ocupam uma posição periférica.

A seguinte estrutura sintática ilustra esta situação, uma oração subordinada concessiva infinitiva de adjunção a ST à direita:

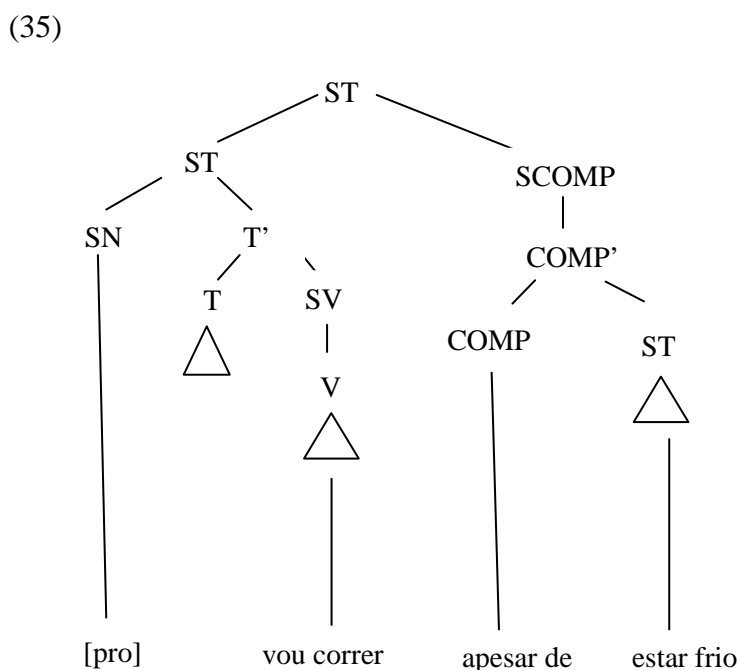


Figura 18: Estrutura sintática de uma oração subordinada concessiva infinitiva

Semanticamente, as orações subordinadas concessivas exprimem um obstáculo para a concretização de algo, que, contudo, não impede a realização da situação descrita pela oração subordinante⁸⁰. De acordo com Silvano (2010, p. 72), enquanto nas orações

⁸⁰ Como afirma Hernanz (1999, p. 2323), esta caracterização semântica leva alguns autores a relacioná-las com as orações condicionais e também com as orações adversativas. No entanto, enquanto as orações

causais as duas situações estão em consonância, nas concessivas não estão, o efeito/causa esperado é rejeitado, estabelecendo-se uma incompatibilidade entre as duas orações.

Brito (2003d, p. 718) enquadra as orações subordinadas concessivas em factuais, hipotéticas e contrafactuais. De acordo com Silvano (2010, p. 75), estas diferentes leituras resultam da combinação de fatores morfológicos, semânticos e pragmáticos e da combinação de traços do conector e de características verbais, de tempo, modo e aspeto. Assim, uns conectores marcam uma leitura factual, outros leituras hipotéticas e contrafactuais, existindo casos em que podem marcar as três leituras. Nos conectores que podem exprimir essas três leituras encontramos, segundo a autora, “ainda que” e “mesmo se”. Como estes conectores não ocorrem com infinitivo, não desenvolveremos esta questão. Assim, retomando os exemplos, a locução *apesar de* pode aparecer em construções factuais (33a) - (33e) ou hipotéticas (33f)⁸¹.

Para as construções concessivas com infinitivo, Berta (1999, p. 111) propõe a designação de “proposições concessivas subordinadas reduzidas”; no entanto, esta designação é discutível, como veremos em diversos casos desta dissertação, pois tais orações exprimem valores temporais.

De qualquer modo, o que importa é realçar que “apesar de” surge nestes contextos como um conector de base preposicional e por isso podemos encontrar, conforme a natureza do sujeito da oração concessiva, o infinitivo impessoal, quando, por exemplo, o verbo é meteorológico; ou o infinitivo flexionado quando os sujeitos das duas orações não são correferentes. A presença de infinitivo flexionado, a presença de tempos compostos e de adverbiais de tempo evidencia temporalidade na oração subordinada adverbial concessiva infinitiva.

condicionais permitem uma leitura real, potencial e irreal, segundo Hernanz as orações concessivas apenas admitem a primeira das leituras, pois em espanhol, podem usar-se com indicativo, não excluindo o uso de conjuntivo. Da mesma forma, Silvano (2010, p. 74) também afirma que o estatuto semântico-lógico híbrido das concessivas com leituras hipotéticas e contrafactuais leva a que alguns autores a considerarem estas orações como “concessive conditionals”, aproximando-as mais das condicionais e outros a apelidá-las de “conditional concessive clauses”, aproximando-as mais das concessivas. De acordo com Peres, Mória e Marques (1999), as condicionais – concessivas ou incondicionais – são introduzidas pelos conectores “mesmo que”, “mesmo se”, “por muito que”, “por mais que”, “nem que”, “quer...quer” e “qualquer que seja”.

⁸¹ Lobo (2013, p. 2015) também distingue nas orações subordinadas concessivas: as orações subordinadas concessivas-factuais (as orações subordinadas concessivas de enunciação e orações subordinadas concessivas de evento) e as orações condicionais concessivas (concessivas não factuais). Apenas as primeiras, com a locução “apesar de” podem ocorrer com infinitivo. De igual modo Silvano (2010, p.73) também distingue as concessivas de evento das concessivas de enunciação.

5.5 Orações subordinadas temporais infinitivas

As orações temporais infinitivas são introduzidas pelas preposições *até* e *após*, pelas locuções *antes de* e *depois de* e por *ao*.

- (36) a) [Ao saíres], fecha a porta.
b) Fecha a porta [ao saíres].
- (37) a) [Ao ter feito o trabalho], verifiquei que precisava de ler mais sobre o tema.
b) Verifiquei que precisava de ler mais sobre o tema [ao ter feito o trabalho].
- (38) a) [Ao tocar a campainha], os alunos começaram a prova de português.
b) Os alunos começaram a prova de português [ao tocar a campainha].
- (39) a) [Até lavar os cestos], é vindima.
b) É vindima [até lavar os cestos].
- (40) a) [Após a minha avó ter ido viajar], fui morar com os meus pais.
b) Fui morar com os meus pais [após a minha avó ter ido viajar].
- (41) a) [Depois de verificar a garantia da máquina], liguei para o técnico.
b) Liguei para o técnico [depois de verificar a garantia da máquina].
- (42) a) [Antes de comeres], lava as mãos.
b) Lava as mãos [antes de comeres].

Como os exemplos revelam, as orações subordinadas adverbiais temporais podem construir-se com infinitivo, quer impessoal (quando há um sujeito genérico – ver 39), quer pessoal. Pode surgir a forma simples (36), (38), (39), (41) e (42) ou a forma composta (37) e (40). Lobo (2013: 1988) considera que a presença de infinitivo composto com a preposição “ao” não é muito comum, adquirindo a oração uma leitura causal. Acrescenta que esta leitura causal também ocorre com predicados estativos e com negação⁸².

⁸² A autora apresenta os seguintes exemplos: “Ao ser tão arrogante, o Zé afasta todos os amigos. (predicado estativo)”;

“Ao não responder à questão, o ministro tornou clara a sua posição. (negação)” (Lobo, 2013, p. 1998).

Relativamente à dependência em relação à oração subordinante, as orações subordinadas temporais são integradas à direita, podendo também aparecer em posição inicial. Os seguintes testes comprovam que as orações subordinadas temporais são integradas:

(43) a) Foi depois de verificar a garantia da máquina que liguei para o técnico.

(clivagem)

b) Não liguei para o técnico depois de verificar a garantia da máquina, mas depois de ter ocorrido a avaria. (negação)

c) Só liguei para o técnico depois de verificar a garantia da máquina. (operador de foco “só”)

d) Quando é que ligaste para o técnico? Depois de verificar a garantia da máquina. (resposta a interrogativas *Q*)

Verificamos, assim, que as orações subordinadas temporais responderam afirmativamente a todos os testes de caráter integrado quando estão numa posição interna a SV, o que se descreve na estrutura seguinte:

(44)

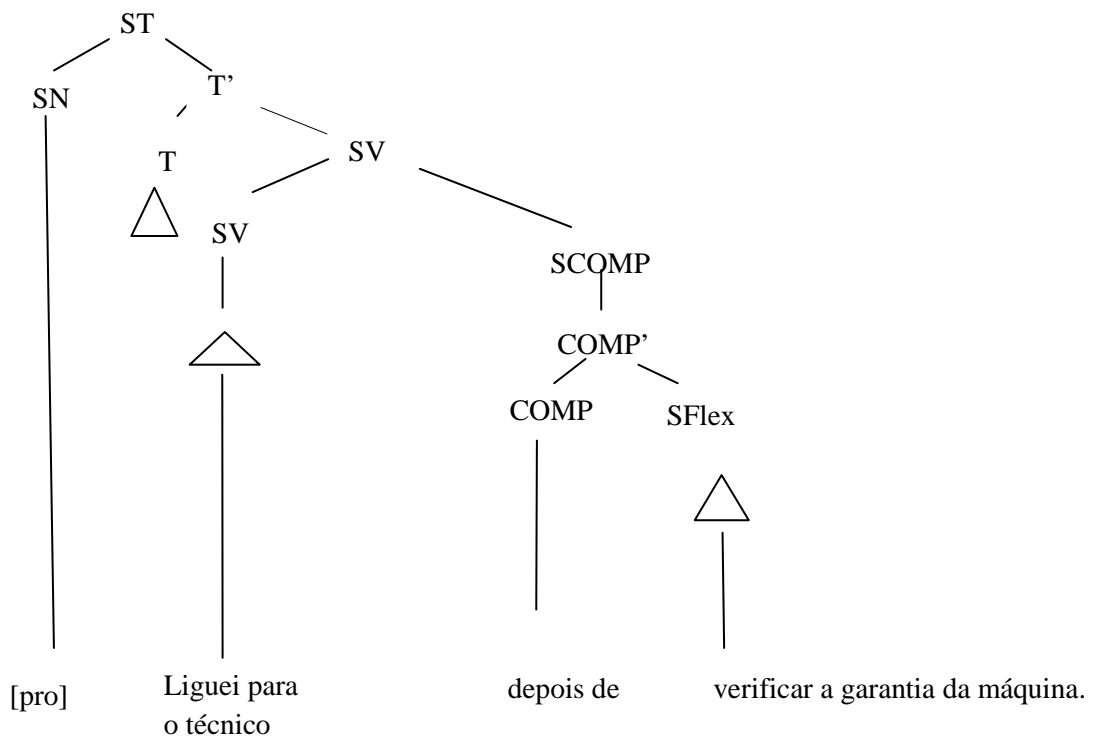


Figura 19: Estrutura sintática de uma oração subordinada temporal integrada

Semanticamente as orações subordinadas temporais localizam/enquadram temporalmente o evento denotado pela oração subordinante.

Ao exprime geralmente simultaneidade (36), podendo também exprimir anterioridade (37)⁸³ e posterioridade (38); a preposição *até* (39) exprime limite temporal; a preposição *após*⁸⁴(40) e as locuções *depois de* (41), *antes de*⁸⁵(42) exprimem sucessividade.

Silvano (2010) considera que a localização temporal das situações com o conector “depois de” depende do tipo de situações envolvidas. Assim, quando as duas situações são eventos ou quando a oração subordinante é um estado e a oração subordinada é um evento estabelece-se uma relação de posterioridade (45a/b). Quando as duas situações são estados ou quando a oração subordinante é um evento e a oração subordinada é um estado, a primeira está incluída na segunda (45c/d). De acordo com a autora, o conector “antes de” e “até” exprimem uma relação de anterioridade. O conector “antes de”, contrariamente a “depois de”, pode ter uma leitura não factual dado que as situações que representa podem não acontecer (45e). Esta leitura não factual só é compatível com construções finitas.

- (45) a) “Depois de o João chegar a casa, a Maria fez o almoço”. [dois eventos] (Cunha, 2004, p. 282, citado por Silvano, 2010, p. 42)
- b) “Depois de correr, o João sentiu-se cansado”. [evento + estado] (Cunha, 2004, p. 282, citado por Silvano, 2010, p. 42)
- c) “Depois de ser Presidente da República, Jorge Sampaio esteve em Paris”. [dois estados] (Cunha, 2004, p. 282, citado por Silvano, 2010, p. 42)
- d) “Depois de ser presidente, Jorge Sampaio inaugurou este monumento”. [estado + evento] (Cunha, 2004:284, citado por Silvano, 2010, p. 43)
- e) “Arruma os brinquedos antes que o pai se zangue!” (Silvano, 2010, p. 53)

⁸³ “As to the clauses introduced by *ao* and followed by *Infinitivo* (“Infinitive”) they can establish two different temporal ordering, the immediate posteriority and simultaneity duration (...) It is said that the stative situations are excluded and that if they are accepted they acquire a causal interpretation as it happens when the situation is represented by the *Infinitivo Perfeito* (“Infinitive Perfect”)” (Silvano, 2010, p. 47).

⁸⁴ A preposição “após” é referenciada em Szijj (1999, p. 37)

⁸⁵ Brito (2003b, p. 723) designa “antes de” e “depois de” como ‘conectores de base adverbial’, “até” como “conectores de base prepositiva”.

O infinitivo pode ainda surgir com as locuções de valor temporal *na hora de* (46) e *no momento de* (47)⁸⁶, orações que podem ser parafraseadas por orações subordinadas relativas e que por essa razão não serão objeto de análise nesta dissertação.

(46) a) [Na hora de sair], ligue-me.

b) Na hora em que sair, ligue-me.

(47) a) [No momento de apresentares o trabalho], estarei a pensar em ti.

b) No momento em que apresente o trabalho, estarei a pensar em ti.

Nas construções temporais, os conetores “antes de” e “depois de” podem ser usados com valores comparativos, sendo parafraseáveis, respetivamente, por “mais cedo do que” e por “mais tarde do que”. De acordo com Matos (2003b, p. 752), estas estruturas são apelidadas de “comparativas-temporais”. Estas construções podem surgir com infinitivo simples ou composto.

(48) Ele entregou o parecer [antes de a Ana ter lido a ata].

(49) Ele entrega sempre o relatório [antes de o diretor o pedir].

Pela descrição feita, mais uma vez se verificou que também nas orações subordinadas temporais o infinitivo pode exprimir tempo (como já referido por Silvano, 2010). O uso de infinitivo flexionado e não flexionado depende da existência ou não de correferencialidade dos sujeitos ou do uso de sujeitos genéricos.

As construções temporais com infinitivo, tal como outras orações subordinadas infinitivas, são designadas por Brito (2003d, p. 725) “orações reduzidas” juntamente com as gerundivas e as participiais, mas, como estamos a ver, esta designação é discutível, pois há diferentes valores temporais expressos por estas orações.

⁸⁶ Brito (2003b, p. 723) subdivide os diferentes elementos que ligam orações temporais em diferentes categorias e enquadra as locuções “no momento em que”, “na altura em que”, “todas as vezes que” e “cada vez que” em “locuções conjuncionais de base nominal”. Acrescentamos a esta categoria as seguintes: “no momento de”, “na altura de”, “na hora de”.

5.6 Orações subordinadas condicionais infinitivas

As orações subordinadas condicionais infinitivas são introduzidas por certas preposições ou locuções, tais como: *a, na condição de, com a condição de e no caso de*. Nestas construções, na oração subordinante ocorre o presente, o futuro do indicativo, o imperfeito do indicativo ou o condicional, tendo em conta o grau de probabilidade e a localização temporal da situação descrita. Atente-se nos seguintes exemplos:

- (50) [A realizar-se esse torneio], fico em casa dos meus avós.
- (51) Terás o teu papel no filme [na condição de teres um bom desempenho nos ensaios de amanhã].
- (52) Entras para a escola de música [com a condição de não descurares os teus estudos no colégio].
- (53) [No caso de faltar a luz logo à noite], tens aqui uma lanterna para alumiar.
- (54) [No caso de teres suspeitado da mentira], ter-te-ia mostrado as provas.

Sintaticamente, as orações subordinadas condicionais são periféricas, como se comprova pelos seguintes testes (Lobo, 2003, 2013):

- (55) a) *É no caso de faltar a luz logo à noite que tens aqui uma lanterna. (clivagem)
- b) * Não tens aqui uma lanterna, no caso de faltar a luz logo à noite, mas sim no caso de teres medo. (a negação não abrange a condicional)
- c) Só tens aqui uma lanterna no caso de faltar a luz logo à noite. (operador de foco “só” não abrange a condicional)
- d) ?Em que circunstâncias tens aqui uma lanterna? No caso de faltar a luz logo à noite. (resposta a interrogativas *Q*)

À semelhança das orações concessivas, as orações subordinadas condicionais não são compatíveis com processos de focalização (55a) e a negação tem o seu escopo apenas na oração subordinante (55b). Assim, estarão sintaticamente numa posição periférica. A estrutura sintática de uma oração subordinada condicional periférica à esquerda parece ser como em seguida se descreve:

(56)

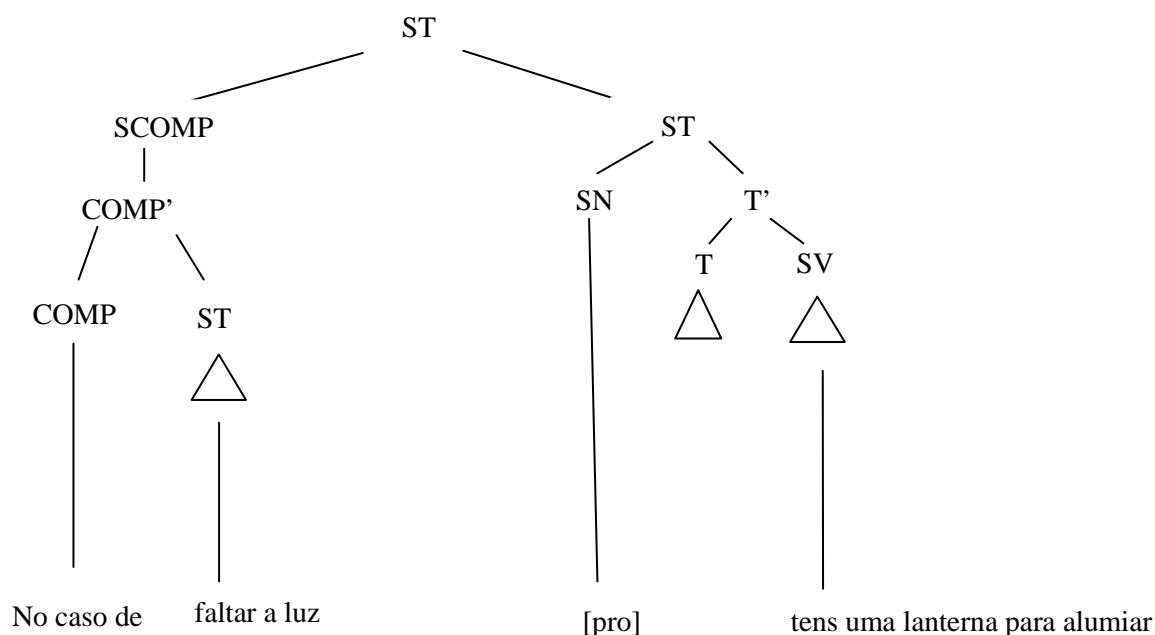


Figura 20: Estrutura sintática de uma oração subordinada condicional

Semanticamente as orações subordinadas adverbiais condicionais estabelecem uma relação de dependência: a oração subordinada exprime a condição e a subordinante a consequência, podendo na sua forma prototípica ser precedida de “então”. Nas orações subordinadas adverbiais condicionais, a combinação de diferentes tempos e modos verbais estabelece três tipos de orações: factuais (reais), hipotéticas (potenciais) ou contrafactuais (irreais). De acordo com Silvano (2010, p. 81), nas orações condicionais há um alto grau de probabilidade, nas hipotéticas um alto grau de improbabilidade e nas contrafactuais a irrealidade, algo contrário aos factos. Nas orações factuais, o modo associado na oração principal é sobretudo o modo indicativo (presente ou futuro); nas orações hipotéticas temos o imperfeito do indicativo ou o condicional e nas orações contrafactuais, o tempo da oração subordinante é o mais-que-perfeito composto do indicativo ou o condicional simples ou composto ou o imperfeito do indicativo.

Contrariamente às subordinadas condicionais finitas, a distinção verificada atrás entre orações condicionais reais e irreais é sobretudo verificada através da oração subordinante, dado que o infinitivo apenas possui uma forma simples ou composta, sendo raro o uso da forma composta (54) mesmo quando se exprime a irrealidade.

Brito (2003d, p. 710) considera que estas construções com infinitivo são “orações ‘reduzidas’”, mas mais uma vez a ideia de “reduzida” aplicada às orações condicionais infinitivas parece discutível, já que podem ter infinitivo flexionado e temos valores temporais, marcado pela presença de advérbios de tempo e pela possibilidade de uso do auxiliar *ter*.

5.7 Conclusões

Neste capítulo analisámos alguns aspetos sintáticos das orações subordinadas adverbiais, destacando sobretudo o tipo de conector que se pode iniciar e as condições de uso do infinitivo.

As orações subordinadas adverbiais sintaticamente diferem entre si pois umas podem ser integradas, adjuntas a SV (as orações finais, causais e temporais) ou periféricas, adjuntas a Frase (ST) (as concessivas e as condicionais). As orações subordinadas prepostas parecem ser sempre periféricas.⁸⁷

Nas orações subordinadas adverbiais existem diferentes conectores que possibilitam o uso de infinitivo, seja impessoal ou flexionado. Verificou-se que o uso de infinitivo impessoal ou flexionado se relaciona com a presença ou não de sujeito, em particular, com a correferencialidade dos sujeitos ou com a presença de sujeitos disjuntos.

Para Cunha e Cintra (1984/2000), Bechara (1961/1999) e Brito (2003d), as construções subordinadas adverbiais com infinitivo são apelidadas de “reduzidas”. Bechara (1961/1999, p. 513) apresenta a noção de oração reduzida presente nos gramáticos: “ a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial.”. Esta designação de oração reduzida para as construções de infinitivo não se revela adequada, na medida em que na maior parte das orações não só é possível o infinitivo flexionado, como também as orações de infinitivo não flexionado expressam valores temporais. Vimos que as orações subordinadas causais infinitivas podiam veicular anterioridade (com infinitivo

⁸⁷ Lobo (2013, p. 2032) considera nas orações integradas: a maioria das orações temporais, as orações finais de evento, as condicionais introduzidas por “no caso de” e as orações causais introduzidas por “por”. Nas orações periféricas enquadra as orações causais introduzidas por “visto” e “dado”, as orações finais de enunciação e as concessivas.

composto) ou outros valores temporais. As orações subordinadas finais infinitivas exprimem, em geral, valores de posterioridade; nas concessivas e nas condicionais, também é possível o infinitivo composto e a presença de adverbiais de tempo; e nas temporais, consoante o conector exprime-se anterioridade, simultaneidade ou posterioridade relativamente ao tempo da oração subordinante.

Conclusão da parte I – Alguns usos verbais do infinitivo

Na parte I desta dissertação, estudámos o que chamámos os usos verbais do infinitivo, porque em todas as construções estudadas o verbo no infinitivo apresenta estrutura argumental própria desta classe de palavras, nomeadamente um argumento externo, genérico ou específico e complementos e possibilidade de ser modificado por expressões adverbiais.

Tradicionalmente, o infinitivo é caracterizado como forma nominal do verbo e como defetivo em termos temporais. Esta ideia de que não há valores temporais pode ser explicada pela sua origem: as formas primitivas do infinitivo em latim eram nominais e na passagem para o português adquiriu traços verbais (veja-se capítulo 1 §1.). Em português, a situação é bem mais complexa do que no latim, visto que o infinitivo perde alguns traços nominais (por exemplo, o caso) e existem duas formas de infinitivo, o impessoal/não flexionado e o pessoal/flexionado. No infinitivo impessoal, a dita defetividade em termos temporais é acompanhada de defetividade em concordância, não podendo atribuir caso nominativo aos sujeitos e, dessa forma, não pode aparecer em orações simples. Em construções com auxiliares o infinitivo impessoal ocorre, dado que as marcas de concordância e de tempo estão no auxiliar.

A partir desta conceção tradicional do infinitivo descreveu-se os seus usos verbais, procurando analisar-se se nas diferentes construções em que ocorre, pode exprimir qualquer tipo de informação temporal. Através da análise dos infinitivos independentes em orações interrogativas, imperativas e exclamativas, verificou-se que, embora o infinitivo não tenha tempo nem morfológico nem sintático, tem tempo semântico, dependendo do contexto, geralmente de posterioridade, de futuro, relativamente ao tempo da enunciação. É precisamente pelo facto de o papel do contexto, muitas vezes, ser determinante para a interpretação temporal e referencial

destas construções, que se observou que a independência do infinitivo é apenas aparente. Dessa forma, na estrutura sintática destas construções propôs-se, à semelhança de Ambar (1992), um traço [+ interrogativo] nas interrogativas, nas exclamativas [+ avaliativo] e nas imperativas um traço [+ ordem] na periferia esquerda, legitimando o aparecimento do infinitivo nestas orações e atribuindo uma orientação temporal à oração. As exclamativas têm aqui um comportamento especial uma vez que são as orações independentes que mais facilmente podem conter infinitivo flexionado e além disso o uso de infinitivo flexionado em interrogativas não é aceite por alguns falantes.

As orações subordinadas infinitivas foram analisadas em vários capítulos. Tradicionalmente são consideradas “reduzidas”, pois são aquelas cujo verbo está numa forma não finita, sendo introduzidas por conetores preposicionais ou de base preposicional. Por serem dependentes da oração subordinante têm dependência (maior ou menor) relativamente à oração subordinante. É assim nas conceções de Cunha e Cintra (1984/2000), Cuesta e Da Luz (1980) e ainda de Mateus et al. (1989) e ainda de certo modo em Mateus (2003). Por isso, analisámos diversos tipos de orações subordinadas com o objetivo de analisar os valores do infinitivo.

Nas orações completivas, de acordo com o tipo de construção e a subclasse superior do verbo, pode ocorrer infinitivo impessoal ou flexionado. Vimos que estudos recentes vêm refutar a visão tradicional da ausência de tempo no infinitivo e na subordinação completiva. Vejam-se as propostas de Cunha e Silvano (2006, 2008), Gonçalves, Cunha e Silvano (2010), Duarte (2003d), Gonçalves e Duarte (2012), Duarte, Gonçalves e Santos (2010), entre outros já revistos anteriormente. Destas diferentes propostas, destacamos em particular a noção de orientação temporal proposta por Duarte, Gonçalves e Santos (2010). Efetivamente, em função do verbo do predicado superior e da sua orientação temporal, as marcas temporais do infinitivo estão ativas ou não.

Da análise das várias construções de subordinação adverbial (causais, temporais, finais, concessivas, condicionais), verificou-se que o infinitivo adquire nestas construções um valor temporal. A temporalidade do infinitivo é visível sobretudo quando temos a forma composta, como expressão de anterioridade. No entanto, mesmo usando a forma simples, há valores temporais implícitos dados por vários fatores, como os conetores e a própria relação oração subordinante – oração subordinada. Na subordinação adverbial, o uso do infinitivo impessoal e o uso do infinitivo flexionado é essencialmente determinado pela correferencialidade/ pelo carácter disjunto dos sujeitos.

Com o infinitivo flexionado podemos ter sujeito foneticamente realizado ou não (pronome nulo), sendo a sua identificação captada pelas marcas de concordância verbal presentes na forma do infinitivo.

A presença de marcas temporais implícitas nas construções de subordinação com infinitivo leva a que a designação atribuída por alguns gramáticos a estas construções de “reduzidas” não seja a mais adequada.

Assim, não se pode negar a existência de tempo no infinitivo, como se observou ao longo das construções analisadas na parte I, embora esse tempo não seja visível morfológicamente, ele faz parte do infinitivo, sendo dado por vários fatores contextuais.

**PARTE II – USOS NOMINAIS DO INFINITIVO EM
PORTUGUÊS EUROPEU**

Na primeira parte desta dissertação analisaram-se alguns contextos verbais em que surge o infinitivo: em orações independentes, em construções com auxiliares, em subordinação completiva e em construções de subordinação adverbial.

Nesta segunda parte, analisaremos os usos nominais do infinitivo. Na nominalização do infinitivo, partir-se-á dos infinitivos que assumem plenas propriedades de um nome (infinitivos lexicalizados), seguindo-se a análise das duas construções de nominalização do infinitivo: uma com mais propriedades nominais, outra com mais propriedades verbais, apoiando-nos em exemplos de *corpora*.

No capítulo 1, apresentaremos algumas considerações teóricas e metodológicas que subjazem à análise das construções de nominalização do infinitivo, nomeadamente a existência na literatura de três propostas de construções distintas do infinitivo enquanto nome, a metodologia de recolha, a análise e a organização do *corpus* e os critérios que estarão na base da análise das construções de nominalização do infinitivo. Nos capítulos seguintes, abordaremos separadamente as três construções apresentadas a título exemplificativo em (1):

- (1) a) Os *poderes* ficaram concentrados numa só pessoa – o rei.
- b) O *medir de forças* entre patrões e sindicatos durou três anos.
- c) O *limpar as ruas*, no São João, não foi tarefa fácil.

No capítulo 2, centramo-nos nos infinitivos lexicalizados (1a). No capítulo 3 e no capítulo 4, seguem-se as duas construções de nominalização do infinitivo, respetivamente o infinitivo nominalizado (1b) e a nominalização da oração infinitiva (1c). Apontaremos as propriedades sintáticas das construções, seguindo os critérios existentes na literatura, e definir-se-ão quais as classes semânticas de verbos (natureza semântica) que podem surgir com infinitivo nominalizado e as que não podem. Nas suas propriedades semânticas, levantar-se-á já uma questão abordada na parte I desta dissertação, a questão da temporalidade.

Esta parte II da dissertação procura responder aos seguintes objetivos:

- (i) Descrever as propriedades sintáticas, semânticas e temporais das construções de nominalização do infinitivo;
- (ii) Determinar que critérios nos permitem realmente distinguir as diferentes construções e que condições favorecem as suas ocorrências;
- (iii) Analisar sintaticamente as construções de acordo com desenvolvimentos da Sintaxe Generativa;
- (iv) Definir o estatuto categorial do infinitivo.

Capítulo 1. Diferentes construções de nominalização do infinitivo

1.1 Considerações introdutórias sobre diferentes possibilidades de nominalização do infinitivo

Como analisado na parte I desta dissertação (capítulo 1, §2.), a semelhança do infinitivo com a categoria do nome parece logo antever-se nas várias designações que lhe são atribuídas pelos gramáticos da tradição luso-brasileira: “substantivo verbal” (Cuesta & Da Luz, 1980, p. 404), “forma nominal do verbo” (Cunha & Cintra, 1984/2000, p. 378), “formas com aparência e função de substantivo (infinitivo) (..) São estas as formas infinitas do verbo” (Ali, 1931/1964, p. 129).

Os diferentes gramáticos, quando comparam o infinitivo ao nome, baseiam a sua aproximação em provas de índole funcional, distribucional e formal. Do ponto de vista funcional, defendem que o infinitivo pode desempenhar na oração a mesma função de um substantivo, nomeadamente, a função de sujeito, de complemento do verbo, de complemento do nome. Do ponto de vista distribucional e formal, defendem que é possível coordenar um substantivo com um infinitivo e que o infinitivo tem a capacidade de ser antecedido de determinantes⁸⁸. Hernanz (1999, p. 2202), para o Espanhol, procura mostrar que estes critérios nem sempre são os mais rigorosos. No que diz respeito às provas de índole funcional, a autora acrescenta que este aspeto não é exclusivo do infinitivo, pois os adjetivos também o permitem⁸⁹. Nas provas de índole distribucional, refere que esta possibilidade de coordenação também acontece com as

⁸⁸ Estes aspetos foram já ilustrados na descrição dos usos verbais do infinitivo, na parte I desta dissertação.

⁸⁹ Como exemplo de um adjetivo funcionando como substantivo veja-se exemplos de conversão dados no capítulo 3 da introdução desta dissertação.

orações substantivas com verbo finito⁹⁰. E, por fim, nas provas de índole formal chama a atenção para o facto de a presença de determinantes não ser garantia de que a construção adquira propriedades nominais⁹¹.

Vásquez (2002, p. 143) considera que a posição dos gramáticos nem sempre é clara. Para uns, o infinitivo é uma categoria mista [+/- V, +/-N], em que, mediante o contexto, ocorre a neutralização de um dos traços. Para a maior parte da tradição gramatical espanhola, o infinitivo é, segundo a autora, uma forma nominal por quatro razões: o infinitivo ocupa a mesma posição canónica de um nome, há impossibilidade de exprimir concordância e tempo, exhibe ocorrência com determinante e, em alguns contextos, mostra indiferenciação do significado relativamente ao do nome deverbal correspondente.

No entanto, De Miguel (1996), entre outros autores, considera que o infinitivo não é uma categoria mista dado que não exhibe propriedades nominais e verbais todas ao mesmo tempo.⁹²

Com efeito, diferentes autores têm mostrado que quando há nominalização do infinitivo estamos perante construções diferentes.

Para o espanhol, Plann (1981), Bosque (1990), De Miguel (1996), Yoon e Bonet-Farran (1998) e Hernanz (1999) consideram existirem dois tipos de construção do infinitivo, uma que exhibe propriedades nominais e outra que exhibe propriedades verbais. Vásquez (2002, p. 144), na mesma linha, considera a existência de duas construções de nominalização do infinitivo para o espanhol e de três para a italiano. Ramirez⁹³ (2003), para o espanhol, para além do infinitivo nominal e do infinitivo verbal, admite a existência de uma terceira construção de infinitivo nominalizado com propriedades mistas, construção essa que De Miguel (1996, p. 49) enquadra nos “problematic cases” e Hernanz (1999, p. 2347) nos “infinitivos híbridos”.

⁹⁰ Como exemplo deste aspeto temos: “Comeres bem e bom senso são duas das tuas qualidades”.

⁹¹ Hernanz (1999, p. 2205) apresenta duas construções de infinitivo antecedidas de determinante artigo definido, uma (“Se oía a los lejos *el* monótono zumbir de las abejas.”) tem um comportamento nominal e a outra (“*El* compartir las penas sempre es un consuelo.”) tem um comportamento verbal. Estas construções serão analisadas respetivamente nos capítulos 3 e 4 da parte II desta dissertação.

⁹² “I shall defend here (...) the infinitive is not a mixed category because it never exhibits both the properties of verbs and those of nouns at the same time. It can be either verbal and nominal, and, as a consequence, different kinds of structures (sentential vs. nominal) are projected depending on the kind of infinitive that heads them.” (De Miguel, 1996, p. 33)

⁹³ “I argue that there is a third pattern (c). Consistent restrictions in its internal structure, such as the incompatibility of the presence of adverbs and genitive subjects, as well as accusatives and genitive subjects, among others, suggest that type (c) is not an exception but an actual pattern.” (Ramirez, 2003, p. 117)

Para o italiano, Salvi (1983) considera a existência de três construções: uma com propriedades nominais, outra com propriedades verbais e outra com propriedades mistas. Em Zwart (1987) temos sobretudo a análise da construção com propriedades verbais do italiano. Pérez Vásquez (1998) e Szilagyi (2008, 2009) analisam as três construções do infinitivo no italiano.

Para o francês, Sleeman (2010) considera que existiam duas construções (nominal e verbal) no francês antigo e que atualmente existe apenas uma construção (nominal) presente em contextos muito restritos.

Para o português, Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b) defende a existência de três construções: o infinitivo nominalizado, a nominalização da oração infinitiva e uma construção com propriedades mistas (para além dos infinitivos nominais lexicalizados).

Os exemplos já apresentados em (1), na introdução desta II parte, ilustram três diferentes construções de nominalização do infinitivo. Repetimos em (2) os exemplos:

- (2) a) Os *poderes* ficaram concentrados numa só pessoa – o rei.
b) O *medir de forças* entre patrões e sindicatos durou três anos.
c) O *limpar as ruas*, no São João, não foi tarefa fácil.

O primeiro caso ilustra um infinitivo lexicalizado que assume plenas propriedades de nome; o segundo, uma construção com propriedades nominais, o infinitivo nominalizado propriamente dito e, o terceiro, uma oração nominalizada, uma construção com claras propriedades verbais, mas convertida numa expressão nominal, sem deixar de ser oracional. É a análise destes três tipos de construções que constitui o objetivo dos capítulos que se seguem.

1.2 Metodologia de análise das construções de nominalização do infinitivo

1.2.1 A constituição do corpus

Para a recolha dos infinitivos lexicalizados, optou-se por obras lexicográficas uma vez que rapidamente se tem acesso a um grande número de lexemas. Selecionaram-se como obras lexicográficas *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013), disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx> e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002). Recorreu-se ainda ao *corpus*

informatizado do *CETEMPúblico* para verificar a existência de pluralização dos infinitivos.

O *corpus* para análise das construções de nominalização do infinitivo é extraído de um *corpus* informatizado – *CETEMPúblico*. Optámos por dar exemplos de nominalização do infinitivo a partir deste *corpus* pela autenticidade das ocorrências; atestar-se-á a existência deste processo de nominalização no português europeu, do mesmo modo que se descreverá as suas propriedades sintáticas e semânticas.

O *CETEMPúblico* (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos) é um *corpus* informatizado, resultado do projeto “Processamento Computacional do Português” em abril de 2000, em virtude de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia português e o jornal *Público*. Este *corpus* está disponível em <http://www.linguateca.pt/cetempublico/> no qual constam extratos de cerca de 2600 edições do jornal *Público*, correspondendo aos anos de 1991 e 1998, de artigos publicados, bem como de outros que não chegaram a ser publicados. A distribuição de textos por ano e semestre também é desigual. A maioria dos extratos está na variante europeia, embora haja também alguns textos de autores brasileiros e africanos.

A versão utilizada na pesquisa foi a 1.7⁹⁴. Em cada entrada do extrato há uma classificação indicando: o número (n) de ordem do extrato no *corpus*; a secção onde se enquadra (soc = sociedade; pol = política portuguesa e internacional; opi = opinião; eco = economia; des = desporto; clt = cultura; nd = não determinado; com = informática) e o semestre (s), representado por dois dígitos, indicando o ano e uma letra (“a” – 1º semestre desse ano; “b” – 2º semestre desse ano) (Rocha e Santos, 2000).

A seguinte tabela ilustra o número de ocorrências das duas construções de nominalização do infinitivo que analisaremos ao longo desta segunda parte da dissertação. Relativamente à primeira construção usámos uma amostra; no global, os exemplos correspondem a 9,8% do universo total de ocorrências, o que é, desde já, uma amostra significativa, permitindo-nos obter algumas conclusões. Da segunda construção, do *corpus* faz parte todo o universo de ocorrências encontradas.

⁹⁴ O *corpus* do CETEMPúblico desde a sua criação em 2000 até setembro de 2001 teve diferentes versões (sete) em que se foram corrigindo problemas, eliminando extratos com conteúdos inválidos, procurando melhorar sempre a versão anterior. A versão utilizada na pesquisa é a mais recente, é a última que ficou disponível a partir de 18 de setembro de 2001.

Tabela 1:

Frequência das ocorrências das construções de nominalização do infinitivo presentes no *corpus*

	Frequência do Universo	Frequência da amostra
Infinitivo nominalizado	5231	511 (9,8%)
Nominalização da oração infinitiva com infinitivo não flexionado	218	218
Nominalização da oração infinitiva com infinitivo flexionado	34	34
Total	5480	763

1.2.2 A recolha e organização de corpus

Como se disse anteriormente, no levantamento dos infinitivos lexicalizados, num primeiro momento, extraíram-se do *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013) todas as formas verbais infinitivas que possuíam uma dupla entrada, como verbo e como substantivo. Apareceram 143 ocorrências. Depois, analisando-se a entrada de cada um e os diferentes significados, foram excluídas aquelas cujo significado era totalmente distinto da forma verbal correspondente, ficando 97 ocorrências.

Num segundo momento, os lexemas encontrados no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013) foram confrontados com as informações presentes no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002).

Numa fase posterior, para atestar a existência de pluralização dos infinitivos, recorreu-se ao *corpus* informatizado do *CETEMPúblico*.

Na análise das duas construções de nominalização do infinitivo (infinitivo nominalizado e nominalização da oração infinitiva) recorreu-se ao *corpus* informatizado do *CETEMPúblico*. A recolha dos dados iniciou-se em 2011. A partir de uma fórmula, foram solicitadas ocorrências de infinitivos antecidos de determinante artigo definido ("o" [temcagr="INF"]⁹⁵). No entanto, a partir dessa indicação o número de ocorrências tornou-se excessivo (27062 ocorrências). Nessa primeira procura, foi possível observar que os exemplos de infinitivo nominalizado eram superiores aos da nominalização da

⁹⁵ Num momento inicial de pesquisa no *corpus* do *CETEMPúblico*, na indicação da fórmula, agradeço a ajuda da Professora Doutora Belinda Maia.

oração infinitiva. De ressaltar que nessas ocorrências também apareciam inúmeros casos em que o “o” era um pronome que estava a retomar um antecedente, não constituindo um caso de nominalização do infinitivo e por isso foram rejeitados.

Numa segunda etapa, optou-se por dar uma indicação mais restrita no motor de busca. Para a construção de infinitivo nominalizado, o critério adotado foi a coocorrência do infinitivo nominalizado com genitivo (de+SN) e para a nominalização da oração infinitiva a coocorrência com complemento verbal (SN acusativo, entre outros).

Abaixo temos alguns exemplos de instruções dadas, nesta segunda etapa:

Exemplos de instruções dadas:

```
"o" [temcagr="INF"]"de" [pos="N"]  
"o" [pos="ADJ"] [temcagr="INF"] "de"  
"o" [temcagr="INF"] [pos="ADJ"] "de"  
"o" [temcagr="INF"] [pos="N"]  
"o" [temcagr="INF"] [pos="ADV"]  
"o" "não" [temcagr="INF"]  
"o" "ter" [temcagr="PCP"] [pos="N"]  
"o" [pos="V\+PERS.*"]
```

Baseando-nos no que era dito na literatura, na identificação da construção de infinitivo nominalizado fomos definindo os seguintes critérios para a indicação das fórmulas de pesquisa e, conseqüente, de recolha de exemplos:

- a ocorrência com determinante artigo definido, artigo indefinido, possessivo ou demonstrativo;
- a modificação por adjetivo;
- a modificação por relativa;
- a presença de coordenação.

Em todos estes casos, foram apenas selecionados os exemplos em que coocorria o genitivo (“de+SN”), eliminando-se os casos ambíguos em que não aparecia o genitivo⁹⁶. Nos casos em que o número de ocorrências era excessivo para cada propriedade, optou-se por aleatoriamente escolher apenas 5% do universo para análise.

⁹⁶ Vejam-se a título exemplificativos alguns casos ambíguos: “par=ext767635-soc-92b-2: Choque neurovegetativo, o **rir** beneficia o sistema cardiovascular.”; par=ext1029529-nd-98a-1: -- Ora, tive mais

Na nominalização da oração infinitiva, baseando-nos na literatura, orientámos a pesquisa tendo por base os seguintes critérios:

- a ocorrência com determinante artigo definido;
- a modificação por advérbio;
- a presença de coordenação;
- a presença de clíticos;
- a presença de negação;
- a presença de auxiliares;

À semelhança da primeira construção, em todos estes contextos, foram apenas registados os exemplos em que o infinitivo nominalizado coocorria com complemento verbal ou predicativo do sujeito. No caso da nominalização da oração infinitiva, como o número de ocorrências não era excessivo, do *corpus* faz parte todo o universo de ocorrências.

Se num primeiro momento, na definição dos critérios de pesquisa, nos baseámos nos critérios que eram propostos na literatura (referidos anteriormente) para cada construção, numa segunda fase testámos todas as hipóteses, todos os critérios (diversidade na determinação, modificação por relativa, adjetivo e advérbio, presença de clíticos, presença de negação, auxiliares, ocorrência com coordenação) para ambas as construções.

Após a recolha realizada, procedeu-se à organização dos exemplos num ficheiro em *Word*, dividindo os exemplos encontrados pelas suas diferentes propriedades. Nessa organização, foram encontrados exemplos repetidos e os mesmos foram eliminados e substituídos por outros.

prejuízo com **o vir** para aqui do que com o que ele bebeu.”; “par=ext492472-eco-91a-2: Chegará o dia em que basta sujar, porque **o limpar** é automático.”, entre outros.

Assim, o *corpus* em anexo, para o infinitivo nominalizado, está organizado da seguinte maneira:

Presença de determinação antes do infinitivo nominalizado	<p>A. Determinante artigo definido</p> <p>A.I.a Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no singular)]</p> <p>A.I.b Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]</p> <p>A. II.a. Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN com determinação definida no singular]</p> <p>A.II. b. Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação definida e no plural)]</p>
	<p>B. Determinante artigo indefinido</p> <p>B.I.a Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no singular)]</p> <p>B.I.b Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]</p> <p>B. II.a. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN com determinação no singular]</p> <p>B.II. b. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação definida e no plural)]</p>
	<p>C. Determinante possessivo</p> <p>C.I.a Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]</p> <p>C. II.a. Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN com determinação no singular]</p> <p>C.II. b. Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação e no plural)]</p>
	<p>D. Determinante demonstrativo</p> <p>D.I.a Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no singular)]</p> <p>D.I.b Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]</p> <p>D. II.a. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN com determinação no singular]</p> <p>D.II. b. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação e no plural)]</p>
Modificação	<p>E. Modificação por adjetivo do infinitivo nominalizado</p> <p>E.I Modificação adjetivo – adjetivo posição pré-nominal</p> <p>E.II Modificação adjetivo – adjetivo posição pós-nominal</p>
Presença de coordenação	F. Coordenação entre infinitivo nominalizado e outras construções nominais

Modificação por relativa	G. Modificação do infinitivo nominalizado por relativa restritiva
Presença de clíticos	H. Presença de clíticos
Presença de negação	I. Presença de negação

Quadro 5: Organização do *corpus* de ocorrências de infinitivo nominalizado (ver anexo II)

Na nominalização da oração infinitiva, os exemplos estão distribuídos pela seguinte organização:

A. Presença de infinitivo não flexionado	
Presença de determinação antes do infinitivo nominalizado	A.I.a Determinante artigo definido + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração) A.I.b. Determinante artigo definido + verbo “ser” no infinitivo + Predicativo do Sujeito A.I.c. Determinante artigo indefinido + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração) A.I. d. Determinante demonstrativo + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração)
Modificação	A. II. Modificação por advérbio
Presença de clíticos	A.III. Presença de clíticos argumentais
Presença de negação	A.IV. Presença de negação
Presença de auxiliares	A.V. Presença de auxiliares
Presença de coordenação	A. VI. Coordenação entre nominalização da oração infinitiva e outros elementos nominais
B. Presença de infinitivo flexionado	
Presença de determinação antes do infinitivo nominalizado	B.I.a Determinante artigo definido + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração) B.I.b. Determinante artigo definido + verbo “ser” no infinitivo + Predicativo do Sujeito
Modificação	B. II. Modificação por advérbio
Presença de clíticos	B.III. Presença de clíticos argumentais
Presença de negação	B.IV. Presença de negação
Presença de auxiliares	B.V. Presença de auxiliares
Presença de coordenação	B.VI. Coordenação entre nominalizações da oração infinitiva e outras construções nominais

Quadro 6: Organização do *corpus* de ocorrências de nominalização da oração infinitiva (ver anexo III)

Após a organização e análise dos exemplos do *corpus*, foi criada uma base de dados no programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) em que a cada exemplo foi atribuído um número e foram elencadas as suas propriedades. Dado que, por vezes, um mesmo exemplo assumia duas propriedades (p.ex. uma construção de infinitivo nominalizado antecedida de determinante artigo definido e modificada por adjetivo) no ficheiro em *Word* não se repetiu esse exemplo em momentos diferentes (neste caso, não se colocou na alínea A, do determinante artigo definido e, depois, novamente na alínea E), a introdução na base de dados permitiu contemplar todas as propriedades de cada exemplo. De igual modo, estando cada exemplo analisado, permitiu-nos cruzar os diferentes dados a fim de observar regularidades.

1.2.3 Critérios de distinção das diferentes construções

Baseando-nos na bibliografia existente para o espanhol (Plann, 1981; De Miguel, 1992; Hernanz, 1999; Vásquez, 2002 e Ramirez, 2003), para o francês (Sleeman, 2010) e em quatro artigos de Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b) serão referidos os critérios que têm sido usados para distinguir diferentes valores do infinitivo nominalizado.

Os critérios adotados para distinguir uma construção nominal e outra verbal são os seguintes:

- presença de um complemento genitivo (“de”) ou de um argumento sujeito;
- estrutura argumental realizada ou não;
- modificação por um adjetivo ou advérbio;
- modificação por relativa restritiva ou não;
- realização de argumento verbal sob a forma de pronome clítico;
- presença de diferentes determinantes ou apenas artigo definido;
- presença de auxiliares (auxiliares dos tempos compostos, passiva, modal, aspectual);
- aceitação de negação;
- presença de infinitivo flexionado ou não;
- natureza dos verbos que selecionam a nominalização do infinitivo;
- natureza semântica do verbo no infinitivo.

Partindo destes critérios, caracterizar-se-ão as propriedades principais do infinitivo nominal ou nominalizado e da nominalização de uma oração infinitiva, ilustrando cada caso com exemplos retirados do *corpus CETEMPúblico*.

Posto isso, estruturamos a descrição dos usos nominais do infinitivo em três momentos: num primeiro, os infinitivos lexicalizados; num segundo, o infinitivo nominalizado e, num terceiro, a nominalização da oração infinitiva.

Capítulo 2. Infinitivos nominais lexicalizados

2.1 Considerações introdutórias

Nos usos nominais do infinitivo, há certos infinitivos que são verdadeiros nomes. O seu sentido afasta-se do sentido do verbo de qual derivaram, perdendo o significado de verbo. Vejam-se os seguintes exemplos:

(1) a) *par=ext170610-nd-94a-4*: Em Atenas **os andares** não ultrapassam determinada altura.

b) *par=ext8047-pol-94b-1*: O terceiro Estado europeu onde **os poderes** regionais são realmente importantes é a Espanha.

Estes infinitivos estão completamente lexicalizados como nomes. São designados por Varela (1979) como “false infinitives” e por Gili Gaya (1943, p. 142) como “substantivos permanentes”. Como observámos na parte I desta dissertação, aquando da caracterização do infinitivo, o uso nominal do infinitivo era a sua função primitiva em latim, sendo vários os exemplos em que aparece com determinação (demonstrativo ou possessivo). Com a passagem para as línguas românicas modernas, essa forma nominal foi adquirindo traços verbais, permanecendo, no entanto, certos infinitivos com natureza nominal. Diferentes questões se levantam:

- (i) serão os infinitivos lexicalizados todos iguais?
- (ii) o que levará certos infinitivos a serem lexicalizados e outros não?
- (iii) que infinitivos na língua estão verdadeiramente lexicalizados?
- (iv) quais as suas propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas?
- (v) qual a sua análise sintática, será o núcleo um nome ou um verbo?

Assim, na análise dos infinitivos lexicalizados definimos os seguintes objetivos:

- (i) definir que infinitivos estão atualmente lexicalizados, tendo por base duas obras lexicográficas;
- (ii) determinar as propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas dos infinitivos lexicalizados;
- (iii) propor uma análise sintática dos infinitivos lexicalizados;
- (iv) discutir que condições terão possibilitado a lexicalização de certos infinitivos.

2.2 Algumas considerações sobre lexicalização

Na literatura, a lexicalização é vista como uma mudança histórica da qual resulta a produção de uma nova forma lexical. Nesse processo, uma forma linguística torna-se mais lexical e menos gramatical. O *input* deste processo inclui palavras compostas, construções sintáticas e itens gramaticais e o seu *output* é lexical. Este processo é gradual, de uma escala de menos lexical para mais lexical, podendo ocorrer mudanças morfológicas, fonológicas e semânticas (Pena, 1976). Como afirma Pena (1976, p. 26), a lexicalização é:

“el proceso histórico que resulta en la asociación de una nominalización con un significado, muchas veces no transparente semánticamente, esto es, no recuperable del verbo del que deriva. Por su uso frecuente, las nominalizaciones lexicalizadas pueden llegar a tener una entrada léxica, independiente del verbo. Una vez aceptada la nominalización como nombre convenido por la comunidad de hablantes, puede llegar a ser un signo tan arbitrario como cualquier sustantivo no derivado.”

A questão da lexicalização é também abordada em Vilela (1994, p. 58), que considera como critérios fundamentais para a ocorrência de lexicalização: a frequência e perda de vínculo semântico com a forma original. Assim, para o autor, há lexicalização quando existe:

“memorização da palavra derivada e a ligação entre o derivado e o *denotatum*, [perdendo-se] a motivação e o derivado fica armazenado unitariamente no léxico, e a relevância de relação semântica entre os constituintes da construção fica esvaziada.”

Moreno Cabrera (1998, p. 214) caracteriza a lexicalização como um processo que parte da sintaxe para o léxico: “lexicalization obtains when a phrase or a syntactically-determined lexical item becomes a full-fledged lexical item in itself” (a

lexicalização obtem-se quando uma frase ou um item lexical sintaticamente determinado se torna um item lexical de pleno direito em si).

O autor procura defender que a lexicalização é um processo complementar da gramaticalização, tendo relativamente a esta uma direção oposta:

“quality > time > space > process > object > person”

Um dos vários exemplos apresentados pelo autor é o verbo “reading” que em inglês se lexicalizou um nome, passando de processo a objeto.

De acordo com Lehman (2002, p. 14) uma forma é lexicalizada quando pertence ao inventário lexical: “lexicalization is a process in which something becomes lexical (...) belonging to the inventory”.

Brinton e Traugott (2005, p. 21) caracterizam ainda a lexicalização como um processo resultante de mudanças inferidas pelo significado convencionalizado, nomeadamente a partir da polissemia semântica e pragmática. Estas interpretações semânticas ou pragmáticas seriam determinadas pelo contexto, sobretudo os “bridging contexts”, nomeadamente contextos específicos que permitem a inferência de um novo significado. Assim, ocorre lexicalização quando um item se torna convencionalizado, começando a pertencer ao inventário lexical de uma dada língua (“adoption into the lexicon”), quando há institucionalização dessa forma linguística. Para além disso, a lexicalização ocorre quando uma forma já não pode ser descrita de acordo com as regras regulares da gramática (“falling outside the productive rules of grammar”).

Para os autores, a lexicalização apresenta um conjunto de processos, interligando-se, a nível diacrónico, com os processos de fusão (sequências complexas tornam-se simples, havendo uma diminuição da autonomia) e separação (aumento de autonomia).

Em suma, a lexicalização é vista como um processo histórico, sendo o critério da frequência de nominalizações lexicalizadas um dos requisitos para ser aceite e ter entrada própria no dicionário.

2.3 Propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas dos infinitivos lexicalizados

Lapesa (1984/2000, pp. 520-529) considera quatro classes nos infinitivos lexicalizados em espanhol:

- a) os infinitivos consolidados como substantivos (lexicalizados) que admitem plural, dando como exemplos: *aver/haber, cantar, comer, yantar, pesar, placer, poder, querer, andar, saber, decir, parecer, ser, proceder, sentir, amanecer, deber, anochecer, atardecer, acontecer*;
- b) os infinitivos consolidados como substantivos, com aceção distinta da ação verbal e sem plural atestado como *cuydar, catar, beber, entender, valer, ver*;
- c) os infinitivos sujeitos a substantivação ocasional sem plural conhecido como *versificar, calçar, vestir*;
- d) os infinitivos sujeitos a substantivação ocasional com plural como *velares, traeres, taneres, dares e tomares*.

Muitos dos infinitivos lexicalizados do Espanhol elencados em Lapesa (1984/2000), encontramos-los também no português. Fazendo uma pesquisa no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]⁹⁷ (2008-2013), indicando como diretrizes o aparecerem nas definições as designações de verbo e substantivo masculino, é possível encontrar 97 ocorrências, correspondendo às seguintes formas verbais:

(o) afolhar, (o) alvorecer, (o) amanhecer, (o) andar, (o) anoitecer, (o) arrulhar, (o) barbear, (o) bater, (o) bracejar, (o) cair, (o) cantar, (o) cessar-fogo, (o) chiar, (o) cismar, (o) coaxar, (o) comer, (o) correr, (o) cucular, (o) dançar, dares e tomares, (o) despertar, (o) despontar, (o) desprazer, (o) dispor, (o) dever, (o) dizer, (o) dormir, (o) entardecer, (o) entender, (o) estar, (o) falar, (o) fazer, (o) folgar, (o) gargantear, (o) grasnar, (o) grivar, (o) haver (os haveres), (o) jantar, (o) jazer, (o) levantar, (o) linguajar, (o) maldizer, (o) malquerer, (o) manjar, (o) manquejar, (o) meditar, (o) nitrir, (o) ofegar, (o) olhar, (o) palrar, (o) parecer, (o) penar, (o) pensar, (o) pesar, (o) piar, (o) pintar, (o) pipiar, (o) poder (os poderes), (o) pôr, (o) prazer, (o) proceder, (o) pulsar, (o) quebrar, (o) querer, (o) recolher, (o) relancear, (o) respirar, (o) restolhar, (o) ribombar, (o) rinchar, (o) rodar, (o) rugir, (o) saber, (o) saudar, (o) sentir, (o) ser (os seres), (o)

⁹⁷ Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/> . Em anexo, constam as definições encontradas para as ocorrências de formas verbais como substantivo.

soluçar, (o) sonhar, (o) sorrir, (o) tanger, (o) tardar, (os) teres, (o) trajar, (o) tramontar, (o) trinfar, (o) trovejar, (o) trucilar, (o) ulular, (o) vagar, (o) vagir, (o) vaguear, (o) varrer, (o) ver, (o) viver, (o) volver, (o) vozear, (o) zinzilular.

Confrontando as formas verbais nominalizadas encontradas no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013) com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002), das 97 formas verbais, apenas 48 têm entrada como verbo e substantivo, nomeadamente:

(o) alvorecer, (o) amanhecer, (o) andar (andares), (o) anoitecer, (o) cair, (o) cantar, (o) cismar, (o) coaxar, (o) comer, (o) despertar, (o) desprazer, (o) dever, (o) dizer, (o) dormir, (o) entardecer, (o) entender, (o) falar, (o) haver (os haveres), (o) jantar, (o) linguajar, (o) maldizer, (o) malquerer, (o) olhar, (o) parecer, (o) penar, (o) pensar, (o) pesar, (o) pipiar, (o) poder (os poderes), (o) pôr, (o) prazer, (o) proceder, (o) pulsar, (o) quebrar, (o) querer, (o) rodar, (o) rugir, (o) saber, (o) saudar, (o) sentir, (o) ser (os seres), (o) tanger, (os) teres, (o) trovejar, (o) vagar, (o) ver, (o) viver, (o) zinzilular.

Para cada um destes infinitivos, no dicionário aparece uma dupla classificação, como verbo e como nome. Em todos os casos, à exceção das palavras “prazer” e “manjar”, aparece primeiro a entrada como verbo e só depois como nome. Alguns dos infinitivos surgem mesmo lexicalizados em compostos ou expressões, como os casos de “andar modelo”, “a meu ver”, “até mais ver”, “recolher obrigatório”, “cessar-fogo”, “pôr do sol”, “poder de compra”, “poder paternal”, “poder radiante”, “poder temporal”, “ser humano”, “ser pensante”, “o Ser dos Seres”, “um volver de olhos”.

No entanto, para além destas formas presentes no dicionário, no *corpus* do *CETEMPúblico* aparece o verbo “nascer” lexicalizado nas expressões “o nascer do sol” e “o nascer do dia”. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002), contrariamente ao *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013) considera o verbo “nascer” como nome:

“nascer: s.m. acto de nascer <o n. do sol> n. acrónico / n. agora / n. cósmico <o nascer cósmico não é observável, mas calculável> / n. helíaco” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002, p. 2589, Vol.3)

Adotando esta perspectiva, Brito (2012a,2012b, 2013a, 2013b) considera que o verbo “nascer” não pode ocorrer com infinitivo nominalizado (2b), mas surge como lexicalizado (2a, 2c).

(2) a) “Os nasceres do sol em África são belíssimos!” (Brito, 2012b, p.108)

b) “*O nascer da bebé foi uma bênção!” (Brito, 2012b, p.108)

c) “O nascer do dia foi uma bênção!” (Brito, 2012b, p.108)

Adaptando a classificação de Lapesa (1984/2000, pp. 68-73), o critério morfológico do número, poderíamos dividir os infinitivos lexicalizados do português em dois grupos: infinitivos lexicalizados que admitem plural e infinitivos lexicalizados sem plural atestado. Recorremos ao *corpus* do *CETEMPúblico* para ver a pluralização das formas verbais e verificámos que nesse *corpus* há infinitivos nominais que nunca surgem no plural:

Infinitivos Lexicalizados I (com plural)	Infinitivos Lexicalizados II (sem plural)
(o) andar	(o) alvorecer
(o) cantar	(o) amanhecer
(o) comer	(o) anoitecer
(o) despertar	(o) cair
(o) dever	(o) cismar
(o) dizer	(o) coaxar
(o) entardecer	(o) dormir
(o) falar	(o) entender
(o) haver	(o) linguajar
(o) jantar	(o) maldizer
(o) olhar	(o) malquerer
(o) parecer	(o) penar
(o) pensar	(o) pipiar
(o) pesar	(o) pôr
(o) poder	(o) proceder
(o) prazer	(o) quebrar
(o) pulsar	(o) rodar
(o) querer	(o) rugir
(o) saber	(o) saudar
(o) sentir	(o) tanger
(o) ser	(o) trovejar
(o) ter	(o) ver
(o) vagar	(o) viver
	(o) zinzilular

Quadro 7: Distribuição dos infinitivos lexicalizados de acordo com o critério morfológico

No entanto, em algumas das formas verbais em que não encontramos ocorrência de pluralização no *corpus* do *CETEMPúblico*, a nossa competência enquanto falantes, leva-nos a admitir a existência de pluralização em algumas dessas formas. Também nas definições encontradas no dicionário, das formas de infinitivos lexicalizados, apenas

aparecem com plural quatro delas: “haveres”, “poderes”, “pores-do-sol” e “seres”. Assim, em termos morfológicos, parece-nos que os infinitivos lexicalizados não são todos iguais, uma vez que alguns admitem mais facilmente a pluralização do que outros.

Semanticamente, analisando as definições de cada infinitivo lexicalizado, vemos que a forma verbal infinitiva enquanto nome pode adquirir diferentes sentidos: o resultado / o produto da ação verbal; o processo designado pelo verbo correspondente; “o modo/a maneira”; a(s) entidade(s) presente(s) no processo do verbo correspondente (Cf. Anexo definições de cada infinitivo lexicalizado).

Em termos de subclasses aspetuais, temos verbos de estado, de processo e, em menor número, de processo culminado e de culminação.

Sintaticamente, os infinitivos lexicalizados adquirem as propriedades dos nomes referidas no capítulo 3 da introdução da dissertação: são núcleo de um SN, podem ser alvo de operações de determinação, complementação e modificação (3).

- (3) a) Estes cantares de Natal encantam-me.
- b) Estás com um olhar luminoso.
- c) O gato comeu o jantar que estava em cima da mesa.
- d) O cair da noite no outono ocorre muito cedo.

Em (3a) o infinitivo lexicalizado surge antecedido de determinante demonstrativo e surge pluralizado; em (3b) antecedido de determinante artigo indefinido e modificado por adjetivo; em (3c) surge antecedido de determinante artigo definido e modificado por relativa e em (3d) antecedido de determinante artigo definido e acompanhado de argumento interno.

Defendemos assim que nos infinitivos lexicalizados, o núcleo lexical é inserido na derivação com o traço [+ nome], não necessitando de se mover para o núcleo de uma projeção funcional nominal a fim de receber os traços [+ N]. Nesta situação, o infinitivo é um N já no léxico. Veja-se a estrutura simplificada proposta em (4):

(4)

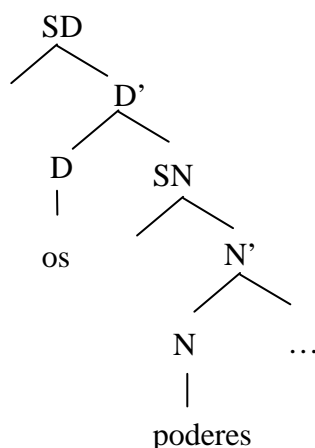


Figura 21: Estrutura sintática de um infinitivo lexicalizado

Como vimos anteriormente, a lexicalização é resultado de uma mudança histórica, sendo provável que muitos dos infinitivos que agora estão lexicalizados como nomes tenham ocorrido ao longo de diferentes períodos do português. No período medieval, por exemplo na primeira parte da *Primeyra Partida*, existiam já ocorrências dos seguintes infinitivos lexicalizados: “poder”, “saber”, “fazer”, “querer”, “comer”, “auer”, “cantar”, “entender” e “pesar” (antecedidas de determinação) e quatro ocorrências pluralizadas, nomeadamente “poderes”, “saberes”, “comeres” e “aueres”. No período clássico (análise do “Índice de Formas” de Paiva (2002), que contempla um *corpus* bastante extenso, abarcando o período de 1536 a 1606), surgem no *corpus* analisado as seguintes formas classificadas como plenamente lexicalizadas, com uma entrada de substantivo: “entender”, “falar”, “auer”, “parecer”, “poder”, “saber” e “ser”. “entenderes” e “pareceres” (I. Oliveira, 2013). Estes infinitivos lexicalizados mantiveram-se no português e, como vimos anteriormente, a sua frequência como nomes é um dos fatores que contribui para a sua lexicalização.

Lapesa (1984/2000, p. 546) defende que para o espanhol, entre estes nomes (infinitivos lexicalizados) e a forma verbal correspondente há diferentes graus de independência semântica. De igual modo, Negroni e Gelbes (2011) reiteram que os infinitivos lexicalizados não constituem uma classe homogênea, há infinitivos que estão mais próximos da base verbal e outros que estão mais afastados.

Procurando responder à segunda questão levantada no capítulo 2, no §1.: por que razão nem todos os infinitivos estão lexicalizados? De acordo com Negroni e Gelbes (2009), são os traços aspectuais que sobretudo explicam a lexicalização dos infinitivos em espanhol, nomeadamente são sobretudo os verbos estativos puros e os de atividade que desenvolvem falsos infinitivos⁹⁸. São verbos que denotam situações homogêneas e atéticas, os verbos estativos puros (como *ser* e *saber*) e os infinitivos derivados de atividades (como *cantar*, *ir* e *vir*). No entanto, ao estabelecerem esta correlação não significa que todos os estativos puros e todas as atividades tenham um respetivo falso infinitivo; por isso, as autoras sublinham que “la sustantivación léxica de un infinitivo puede ser excluída por la existência en la lengua de un substantivo que cumpla ya esse papel o, en otras palabras, que no todas las derivaciones se dan de manera completa”; daí que nem todos os verbos estativos ou de atividade tenham o seu correspondente infinitivo lexicalizado. Desses verbos estativos ou de atividade analisados pelas autoras, a exceção será “despertares” (deriva de um verbo tético), mas que de acordo com as autoras, em todos os contextos que surge não foca um limite, mas sim o desenvolvimento do evento.

Relativamente ao português, diferentes hipóteses se levantam para que nem todos os verbos tenham o seu correspondente lexicalizado:

- a questão aspectual, como referem Negroni e Gelbes (2009);
- a sua frequência em períodos antigos do português (como demonstrado anteriormente);
- a formação do nome para os verbos que não estão lexicalizados ter-se dado por outros processos, como a derivação por sufixação ou a derivação regressiva, processos que existiam já no período arcaico⁹⁹.

Para responder com rigor a esta questão (iv), seria necessário um trabalho de articulação entre sintaxe, morfologia e linguística histórica, que deixaremos para uma investigação posterior.

⁹⁸ As autoras analisam os seguintes infinitivos lexicalizados; *aconteceres*, *amanecer*, *andares*, *anoheceres*, *atardeceres*, *decires*, *despertares*, *hablares*, *haceres*, *imaginares*, *ires y venires*, *cantares*, *deberes*, *haberes*, *pareceres*, *placeres*, *poderes*, *saberes* e *seres* (Negroni & Gelbes, 2009, p. 35).

⁹⁹ Veja-se Mattos e Silva (2008, pp. 328-344).

2.3 Conclusões

Em síntese, os infinitivos lexicalizados têm propriedades típicas de nomes comuns contáveis. Desta forma, possuindo propriedades típicas de nomes comuns contáveis, denotam uma entidade, admitem possibilidade de determinação ou de quantificação e podem ser pluralizados.

Assim, do uso nominal do infinitivo no latim, que aparecia acompanhado de determinação, prevaleceram no português infinitivos lexicalizados como nomes que se desvincularam morfológica, sintática e semanticamente do verbo homónimo. Os infinitivos lexicalizados têm um significado menos abstrato do que o verbo original. Sintaticamente, não necessitam de genitivo e podem ser acompanhados de complemento determinativo.

Na língua portuguesa, através da consulta de duas obras lexicográficas, verificou-se que poucos são os infinitivos que estão lexicalizados, não apresentando todos as mesmas propriedades.

Em termos sintáticos, o infinitivo lexicalizado tem o traço [+N] já no léxico e não o adquire em sintaxe.

Ficou por aflorar a questão levantada em (iv), sendo necessário para a sua elucidação um trabalho de cruzamento com outras áreas da linguística. É nossa convicção que a frequência em textos do passado poderá ser um critério preponderante para a lexicalização, tal como é afirmado em Pena (1976).

Tendo caracterizado brevemente os infinitivos lexicalizados, as construções de infinitivo nominalizado e de nominalização da oração infinitiva serão analisadas de seguida.

Capítulo 3. Infinitivo nominalizado

3.1 Considerações introdutórias

Como vimos no capítulo 2, certos infinitivos são nomes e assumem todas as suas funções, são os infinitivos lexicalizados. Há, no entanto, outras construções em que os infinitivos, à semelhança dos lexicalizados, admitem modificação e anteposição do artigo, mas não estão dicionarizados como nomes e não admitem pluralização. Estes infinitivos com propriedades nominais ainda mantêm algumas propriedades verbais. Vejam-se os exemplos:

- (1) a) *par=ext387926-pol-91a-1*: **É o tumultuar de palavras de ordem**, e moções, e discursos, e paralelepípedos. (A.I.b.6)
- b) *par=ext407348-pol-95b-2*: Acho, porém, positivo **o retirar de restrições** aos jornalistas, avançar na solução de quem atribui carteiras profissionais. (A.I.b.10)

Partindo dos critérios elencados em 1.2.3, caracterizar-se-ão as propriedades principais desta construção de infinitivo nominal ou nominalizado, ilustrando cada critério com exemplos retirados do *corpus CETEMPúblico*.

Tendo em conta os diferentes critérios e conclusões apontados na literatura, durante a análise do *corpus* formulámos algumas hipóteses iniciais:

- (i) Argumento interno/externo: o infinitivo nominalizado (IN) apenas ocorre com genitivo, não podendo ocorrer com SN acusativo;
- (ii) Presença de infinitivo não flexionado: o IN admite apenas a forma de infinitivo não flexionado;
- (iii) Realização de sujeito: o IN, como ocorre com infinitivo não flexionado, não admite a presença de um sujeito explícito (nominativo);

- (iv) Determinação: o IN ocorre com uma diversidade de determinantes (artigo definido, artigo indefinido, demonstrativo, possessivo);
- (v) Modificação: o IN admite modificação por adjetivo e por relativas restritivas;
- (vi) Coordenação: o IN apenas admite coordenação de infinitivos pertencentes ao mesmo grupo e na forma verbal a concordância assume a forma de plural;
- (vii) Clíticos: na construção de IN não surge clíticos argumentais, podendo, no entanto, ocorrer “se” reflexo ou inerente;
- (viii) Negação: o IN não admite negação;
- (ix) Auxiliares: o IN não permite a ocorrência de qualquer tipo de auxiliar;
- (x) Presença de tempo: as construções com IN têm propriedades nominais e não exprimem tempo.
- (xi) Contexto de ocorrência: o IN ocorre nos mais variados predicados, incluindo preposições.
- (xii) Tipo de verbos no infinitivo nominalizado: sintaticamente, no IN encontramos sobretudo verbos inergativos; podendo, no entanto, ocorrer verbos transitivos e de alternância em determinados contextos. A diversidade é semanticamente restrita, favorecendo verbos de processo.

Durante a descrição e análise dos diferentes exemplos do *corpus*, veremos se estas hipóteses se confirmam ou infirmam.

3.2 Apresentação, análise e discussão dos dados

3.2.1. Propriedades sintáticas e semânticas

(i) Argumento (interno ou externo) sob a forma de genitivo com “de”

A ocorrência de genitivo está em todos os exemplos presentes no *corpus*. Geralmente o argumento do infinitivo nominalizado sob a forma de genitivo é o argumento interno (CD) do verbo correspondente (veja-se 2a, 2e, 2f, 2g). No entanto, também pode ser argumento externo (sujeito) (veja-se 2b, 2c, 2d, 2h).

(2)

- a) Rocha e Santos, 2000, CETEMPúblico 1.7, *par=ext552919-pol-92a-1*: O sucessor de Sampaio na liderança do PS, perante o **acenar de cabeça concordante de Constâncio**, insistiu em que haverá agravamento da carga fiscal e não só se afirmou disposto a demonstrá-lo ante as câmaras da RTP, num debate com o primeiro-ministro, como voltou a preconizar uma redução das taxas de juro em dois por cento. (A.I.a.1)
- b) *par=ext1424783-soc-95a-2*: Semanas antes daquilo que será o **culminar de um processo de trabalho iniciado em finais do ano passado**, José van Remoortel, que não poderá vir a Portugal para a Conferência (vem John Henderson, o presidente do CRE) , em Bruxelas, fez o seu ponto da situação. (A.II. a.5)
- c) *par=ext893278-eco-93a-1*: Um dos fundadores do empreendimento, Cabrita Neto, o polémico governador civil de Faro, parece ter acompanhado com extrema atenção o **evoluir da situação**. (A.II.a.11)
- d) *par=ext1439123-pol-94a-1*: Até à publicação dos resultados, o **dobrar dos sinos** parecia ser um toque de finados. (A.II. b.10)
- e) *par=ext535889-pol-94b-1*: Sobre o que pensa Soares, em definitivo, do conteúdo de todo este pacote, é algo que se verá com o **decorrer do debate** no Parlamento. (A.II.a.2)
- f) *par=ext1206593-nd-94b-1*: Finalmente, o **desmoronar do império soviético** adiou por algum tempo a ameaça russa, ao menos enquanto perigo iminente. (A.II.a.4)
- g) *par=ext999299-des-97b-1*: Dominguez e o Sporting começaram por negociar, há uma semana, com o Southampton, mas o **arrastar das negociações** devido à falta de acordo entre as três partes fez com que o West Ham entrasse na corrida. (A.II. b.5)

- h) *par=ext622392-nd-91a-4*: O seu sonho era dormir com **o rugir dos leões**. (A.II. b.13)

Nos exemplos, o SPrep genitivo tanto é constituído pela preposição “de” + SN determinado (no singular ou plural), como por preposição “de” + um SN reduzido (“bare noun” singular ou plural). Vejamos a seguinte tabela que ilustra a frequência e a percentagem de ocorrências com as diferentes construções de genitivo.

Tabela 2:

Frequência e percentagem de ocorrências de infinitivo nominalizado com diferentes construções de genitivo

Constituição do SPrep genitivo	Frequência	Percentagem
Prep + SN “bare noun” singular	63	12,3%
Prep + SN “bare plurals”	171	33,5%
Prep + SN determinado no singular	176	34,4%
Prep + SN determinado no plural	101	19,8%
Total	511	100,0

Da análise dos dados da tabela, verificamos que, em 45,8% dos exemplos, o genitivo é constituído por preposição e SN simples e em 54,2% por preposição e SN determinado, não havendo uma grande diferença de peso entre as diferentes construções.

A atribuição de caso genitivo é feita pela preposição “de” (Cf. Teoria de Princípios e Parâmetros, Chomsky 1981).

A ausência de preposição “de” torna as frases agramaticais, como comprovam os seguintes exemplos:

- (3) a) ?* O culminar os trabalhos foi muito moroso.
b) ?* Uma derrota pode significar o desabar muitas ilusões.

Repare-se que, enquanto infinitivo nominalizado, a ausência de genitivo torna as frases agramaticais. Quando se trata de nominalização da oração infinitiva, à semelhança do que De Miguel (1996, p. 34) observou no Espanhol, a construção poder-se-á tornar gramatical, uma vez certos verbos podem aparecer numa estrutura nominal

(infinitivo nominalizado), como numa estrutura frásica (nominalização da oração infinitiva):

- (4) a) O principal desafio é o encontrar a fórmula mágica. (nominalização da oração infinitiva)
- b) O principal desafio é o encontrar da fórmula mágica. (infinitivo nominalizado)

Com estes dados, confirma-se a hipótese formulada em (i), o argumento do infinitivo nominalizado ocorre sob a forma de um SPrep em “de”. Se tal não acontecer, como em (4a) podemos estar perante a nominalização de uma oração infinitiva.

(ii) *Não ocorrência de infinitivo flexionado*

Esta construção com propriedades nominais admite apenas a forma não flexionada do infinitivo, sendo agramatical a sua ocorrência com infinitivo flexionado, como ilustram os seguintes exemplos:

- (5) a) * O desmoronares do império durou muitos anos.
- b) * O prolongarmos da guerra é inevitável.

A hipótese (ii) é confirmada. A ocorrência de infinitivo flexionado ocorrerá na nominalização da oração infinitiva, exprimindo tempo e concordância, como veremos no capítulo 4.

(iii) *Não realização de sujeito*

Como se pode ver nos exemplos anteriores e pelos exemplos construídos, este tipo de construção não tem sujeito:

- (6) a) * O acenar ele da mão foi fantástico.
- b) * O crepitar eles de martelos e assobios redobrou de intensidade.
- c) * Uma derrota pode significar o desabar eles de muitas ilusões.
- d) * O principal desafio é o encontrar eles da fórmula mágica.
- e) * O primeiro passo é o percorrer eles das redondezas com uma carrinha.

A não ocorrência de sujeito explícito relaciona-se com o facto de esta construção apenas admitir infinitivo não flexionado como apresentado anteriormente; o caso nominativo é atribuído pela categoria FLEXÃO [+ Conc] e o infinitivo, nestes exemplos, não possuindo o elemento [+Conc], não seria capaz de atribuir caso nominativo (Cf. parte I desta dissertação). Assim, confirma-se também a hipótese (iii) relativamente à realização de sujeito.

(iv) Ocorrência do infinitivo nominalizado com diferentes determinantes

As formas infinitivas nominais possuem uma certa liberdade na seleção de determinantes (artigo definido e indefinido, demonstrativos e possessivos) (Cf. *Corpus*).

Tabela 3:

Frequência e percentagem de ocorrência de infinitivo nominalizado por tipo de determinante

Ocorrência com determinante	Frequência do Universo	Frequência da amostra	Percentagem (%)
determinante artigo definido	4225	228 (5,4%)	44,6%
determinante artigo indefinido	895	172 (19%)	33,7%
determinante possessivo "seu"	7	7	1,4%
determinante demonstrativo "este"	79	79	15,5%
determinante demonstrativo "esse"	20	20	3,9%
determinante demonstrativo "aquele"	5	5	1,0%
Total	5231	511	100,0%

Da análise da tabela, verificamos que o artigo definido é o determinante mais frequente (44,6%), sendo que do *corpus* em análise apenas seleccionámos 5% do universo, seguindo-se o determinante artigo indefinido (33,7%), o determinante demonstrativo (20,4%) e, por fim, o determinante possessivo (1,4%) (Veja-se *corpus* do infinitivo nominalizado em anexo). Confirma-se a hipótese (iv).

De acordo com Leonetti (1999, p. 791), o determinante artigo definido, bem como o demonstrativo, expressam um “rasgo de definitud”, restringindo a interpretação da construção. Para o autor, na caracterização do significado do artigo definido estão presentes duas noções importantes: a noção de informação conhecida e a de unicidade. No entanto, observando os exemplos de infinitivo nominalizado, parece-nos que a presença de determinante, para além de marcar unicidade e singularidade, assinala

também o caráter nominal da construção e por isso ele é obrigatório para termos IN. A sua ausência torna a frase agramatical (veja-se 7a’).

(7) a) *par=ext1377291-nd-96b-1*: Iludindo a situação de imigrante clandestina, contando com **o fechar de olhos do pessoal médico**, a mulher conseguiu ter assistência no parto. (A. I. b.2)

a’) * Iludindo a situação de imigrante clandestina, contando com **fechar de olhos do pessoal médico**, a mulher conseguiu ter assistência no parto .

b) *par=ext556909-soc-92a-2*: Entende, também ele, que um programa desse tipo só será possível mediante **o canalizar de fortes investimentos** para a recuperação e ordenamento. (A.I.b.11)

c) *par=ext1221727-clt-93b-2*: Porque esta banda, se calhar por não ser rock, é daquelas que crescem e amadurecem com **o correr do tempo**. (A.II.a.8)

d) *par=ext847938-nd-95b-2*: Uma passagem pelo Grande Canyon, **o apanhar da célebre estrada 66** até Las Vegas, esse gigantesco estúdio transformado em cidade, eis o percurso de “Por um punhado de dólares”. (A.II. a.17)

O determinante artigo definido que ocorre antes da forma infinitiva está sempre no masculino e no singular, aspeto que distingue esta construção da que ocorre com os infinitivos lexicalizados que podem ocorrer no plural (Cf. Capítulo 2 § 2.2).

Relativamente ao artigo indefinido, vejamos alguns exemplos:

(8) a) *par=ext24778-soc-91a-2*: Resta **um abanar de cabeça** de abnegação. (B.I.a.3)

b) *par=ext66349-clt-91b-2*: P. -- O sucesso instantâneo de «Estorvo», no Brasil, implica **um redobrar de responsabilidade**. (B.I.a.7)

c) *par=ext33079-clt-soc-95b-1*: ISABEL Silva Costa -- Encontrei **um esboçar de novas palavras**. (B. I.b.11)

d) *par=ext1020929-clt-94a-2*: É uma coisa conceptual, **um trabalhar do som** já num nível de franca abstracção -- e, no entanto, presente-se a cada momento um coração que palpita e se procura a si mesmo. (B.II.a.2)

e) *par=ext315451-com-98a-2*: Em comunicado, os responsáveis da Netscape afirmaram que elas representam «uma etapa inicial no sentido de **um abrandar da pressão** que o monopólio da Microsoft exerce sobre a indústria das tecnologias de informação». (B. II.a.9)

Leonetti (1999, p. 835) refere que o artigo indefinido traduz um conteúdo de indeterminação. Os SN indefinidos podem veicular uma leitura específica ou não específica. Quando a sua leitura é específica são compatíveis com a ocorrência de “certo” ou “determinado” e não admitem que o referente estabelecido seja negado (testes referidos em Duarte & Oliveira, 2003, p. 225). Miguel e Raposo (2013, p. 842) consideram que, por vezes, a interpretação dos SN como sendo específicos ou não específicos depende do falante, embora concordem em que há determinados contextos que favoreçam a leitura específica como: a presença dos adjetivos “certo”, “determinado” e “particular”, a presença de orações relativas restritivas com verbo no indicativo, a posição pré-nominal dos adjetivos avaliativos e a ocorrência do SN indefinido com a posição de SU. No *corpus* em análise, nos exemplos referidos anteriormente, a leitura veiculada é de especificidade, aplicando os testes presentes em Duarte e Oliveira (2003, p. 225) (veja-se 9).

(9) a) Resta um certo/determinado abanar de cabeça de abnegação.

b) Foi um certo/determinado lavar de roupa suja que não prestigia o Benfica.

c) *Encontrei um esboçar de novas palavras, mas esse esboçar de novas palavras não existe.

Vejam-se ainda os exemplos em (10):

(10)

- a) *par=ext820898-clt-91b-2*: Para o escritor Luandino Vieira, secretário-geral da Uea, a situação é preocupante e desmotivadora, primeiro porque só eles possuíam o registo total das «makas», uma vez que quer a rádio, quer a televisão apenas possuem algumas e, depois, porque a passividade das autoridades policiais leva a **um certo cruzar de braços** até que a situação melhore. (E.I.98)
- b) *par=ext39388-nd-95a-2*: Neste último país, de resto, a situação parece estar a agudizar-se com **um notável medir de forças** entre o Governo e os magistrados. (E.I.111)
- c) *par=ext1554664-nd-94a-1*: E alguém já esqueceu **o forçar de mão** que foi a história dos frente-a-frente das autárquicas e os lamentáveis reptos em directo aos candidatos que não se prestaram ao repto da SIC? (G.7)

Atentemos, agora, nas ocorrências com determinante possessivo. Os exemplos encontrados foram em menor número:

- (11) a) *par=ext165201-nd-95a-1*: No primeiro dia da criação do mundo, eu estava tonto pelo cheiro inebriante da floresta, os gritos dos macacos e dos pássaros na mata cerrada, o voo nocturno dos morcegos que não me deixavam dormir, com **o seu bater de asas sincopado**. (C.I.a.1)
- b) *par=ext248986-clt-96a-1*: Impossível resistir, no entanto, ao toque do mestre: por muito mais apressado ou tecnicamente rígido que seja **o seu manejar das cordas e teclas** (aqui divididas entre uma guitarra de 10 cordas e um piano de cauda), há sempre nele alguma coisa que apela à exaltação dos sentidos. (C.II.a.I)

Nos diferentes exemplos o determinante possessivo exprime posse, em (11a), o SN “o seu bater de asas sincopado” equivale a “o bater de asas sincopado dos morcegos” e (11b) “o seu manejar das cordas e teclas” corresponde a “o manejar das cordas e teclas do mestre”.

Relativamente ao determinante demonstrativo, nalguns contextos tem valor dêitico e noutros valor anafórico. Vejamos alguns exemplos:

(12) Determinante demonstrativo “este”:

- a) *par=ext1052960-pol-94a-3*: Casos há em que **este recuperar de influência** é bem visível, através da presença ou do envio de tropas. (D.I.a.7)
- b) *par=ext119234-pol-95a-1*: Mas **este descartar de responsabilidades** não é aceitável por razões evidentes». (D.I.b.31)
- c) *par=ext287899-pol-96a-1*: E **este esgotar do prazo** pode permitir, também este ano, arranjos de última hora. (D.II.a.6)
- d) *par=ext861250-eco-95b-4*: A desconfiança dos consumidores já é detectável por **este espreitar das «vacas magras»**. (D.II.b.1)

(13) Determinante demonstrativo “esse”:

- a) *par=ext761699-pol-92a-1*: (...) e porque **esse apontar de dedo** aos governantes de 1975 encobre a inépcia do actual Governo para lidar com a situação. (D.I.a.17)
- b) *par=ext96217-pol-94b-2*: Em carta enviada a Barbosa de Melo, com as suas propostas de revisão, o presidente do governo madeirense reconhece que nesta matéria os seus pontos são polémicos, devendo **esse levantar de questões cruciais** ser entendido como uma vontade de colaborar. (D.I.b.32)
- c) *par=ext1475817-clt-95a-1*: E ninguém viverá com «Les Troyens» sem a dignidade de uma Veasey, sem **esse devassar da alma** que é timbre de todas as personagens de que Vickers veste a pele. (D.II.a.31)
- d) *par=ext848705-eco-98b-3*: -- O que também era preciso, era **esse equilibrar dos ordenados das pessoas**, reformas a nível europeu... (D.II.b.6)

(14) Determinante demonstrativo “aquele”:

- a) *par=ext438793-nd-96b-2*: Com **aquele abrir de braços** e o gesto da mão, em desenho de cutelo, ficou subentendido que o despacho do comandante não será a favor de uma promoção. (D.I.b.38)
- b) *par=ext1382730-clt-95a-2*: Amélia Muge: Pondo o mesmo entusiasmo que o José Mário em relação ao trabalho do Júlio, e talvez até pelo trabalho do Júlio, é o disco onde se sente mais **aquele fervilhar da canção tradicional**, de terreiro. (D.II.a.33)

O determinante demonstrativo, enquanto valor dêitico, exprime a localização espacial do falante; assim, “este” indica proximidade em relação ao falante, com “esse” o referente encontra-se próximo do ouvinte e com “aquele” o referente está afastado do falante e do ouvinte. No que diz respeito ao demonstrativo “aquele”, Miguel e Raposo (2013, p. 863) afirmam que “o estatuto de *aquela* (...) permite-lhe, em certos contextos, funcionar de modo “neutro”, sem vincular qualquer indicação especial, i.e., sem um valor dêitico no sentido estrito do termo.”

Para além do uso dêitico, os demonstrativos têm também um uso anafórico, em que a sua referência é obtida em relação com o antecedente. Dado que no *corpus* do *CetemPublico* aparecem apenas extratos, nem sempre é possível recuperar o antecedente.

Em síntese, a presença de determinante é um critério importante para a própria natureza de infinitivo nominalizado e a sua presença é obrigatória para a gramaticalidade das frases. Embora haja oscilação entre determinante artigo definido, indefinido, possessivo e demonstrativo, com diferenças semânticas, podemos ver que a presença de determinante marca indiscutivelmente o caráter nominal da construção.

(v) ***Possibilidade de modificação adjetival e de presença de orações relativas restritivas***

Esta construção admite modificação adjetival. Como observaremos nos exemplos, os adjetivos podem ser de diferentes tipos, estando antepostos ou pospostos. A anteposição e posposição do adjetivo é um aspeto que aproxima o infinitivo nominalizado ao nome deverbal. No *corpus* em anexo estão presentes todos os exemplos que existem com modificação por adjetivo.

Tabela 4:

Frequência e percentagem de ocorrências de infinitivo nominalizado modificado por adjetivo

Modificação por adjetivo	Frequência	Percentagem
Ausência de adjetivo	300	58,7%
Presença de adjetivo em posição pré-nominal	122	23,9%
Presença de adjetivo em posição pós-nominal	89	17,4%
Total	511	100,0%

Da análise dos dados da tabela, verificámos que o número de ocorrências em que o infinitivo nominalizado ocorre com adjetivo é menor do que sem modificação por adjetivo.

Procurámos verificar se há alguma correlação entre a presença/ausência de adjetivo e o tipo de determinante que antecede o infinitivo nominalizado, se há alguma correlação entre definitude vs. indefinitude e presença vs. ausência de modificação adjetival. Dessa forma, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 5:

Frequência de ocorrências de construções de infinitivo nominalizado por tipo de determinante e por modificação por adjetivo

Tipo de determinante	Sem modificação	Modificação por adjetivo		Total
		Posição pré-nominal	Posição pós-nominal	
determinante artigo definido	131	55	42	228
determinante artigo indefinido	66	67	39	172
determinante possessivo	5	0	2	7
determinante demonstrativo "este"	77	0	2	79
determinante demonstrativo "esse"	17	0	3	20
determinante demonstrativo "aquele"	4	0	1	5
Total	300	122	89	511

A presença de adjetivo ocorre sobretudo com infinitivo nominalizado antecedido de determinante artigo indefinido (106 ocorrências), seguindo-se depois antecedido de determinante artigo definido (97 ocorrências). As ocorrências de modificação por

adjetivo e presença de determinante demonstrativo e de determinante possessivo são pouco produtivas, sendo que os adjetivos com este tipo de determinação apenas ocorrem em posição atributiva/qualificativa.

Começamos por analisar os adjetivos que surgem antepostos à forma do infinitivo. Assim, no nosso *corpus* encontramos: *actual, antigo, autêntico, bom, certo, constante, desportivo, eventual, frequente, grande, indiferente, imprevisível, justo, lento, leve, ligeiro, mero, natural, normal, notável, novo, profundo, recente, relativo, simples, subtil, terrível e verdadeiro*.

A seguinte tabela ilustra o número de ocorrências de cada adjetivo:

Tabela 6:

Frequência das ocorrências de cada adjetivo anteposto ao infinitivo

Fi	Adjetivos
1	<i>antigo, autêntico, desportivo, frequente, imprevisível, indiferente, justo, lento, natural, notável, relativo, subtil, terrível</i>
2	<i>bom, grande, profundo, recente</i>
3	<i>actual</i>
4	<i>ligeiro, normal</i>
6	<i>leve</i>
7	<i>novo, simples</i>
9	<i>verdadeiro</i>
11	<i>certo</i>
13	<i>eventual</i>
15	<i>mero</i>
23	<i>constante</i>

Da análise dos dados da tabela, verificámos que o adjetivo aspetual “constante” e o adjetivo intensional “mero” são os mais frequentes. É relevante a frequência com que ocorre o adjetivo aspetual “constante”. Como veremos mais adiante, este adjetivo veicula a ideia de processo que se prolonga e repete, uma característica da construção de infinitivo nominalizado.

Adotando a classificação presente em Veloso e Raposo (2013, p. 1368), enquadrámos os adjetivos encontrados nas seguintes classes: adjetivos denotativos (adjetivos qualificativos e adjetivos relacionais), adjetivos avaliativos, adjetivos modais ou de modalidade e adjetivos intensionais.

Os adjetivos denotativos atribuem propriedades ao nome, são atributivos e englobam quer os adjetivos qualificativos quer os adjetivos relacionais. Os adjetivos qualificativos exprimem características físicas, psicológicas, morais, sociais das

entidades referidas no SN. Expressam também propriedades de natureza material, como, por exemplo, a cor, a idade, o sabor, a temperatura, ... Por sua vez, os adjetivos relacionais ou são argumentos dos nomes com os quais se combinam ou são classificadores, denotando subtipos da entidade presente no SN. Sintaticamente, estas duas classes de adjetivos têm comportamentos sintáticos distintos.

Os adjetivos qualificativos podem ocorrer em posição atributiva, antepostos ou pospostos ao nome e em posição predicativa. Estes adjetivos são graduáveis e estabelecem uma relação de polaridade, possuindo antónimos.

Os adjetivos relacionais apenas admitem a posposição ao nome, não tendo nenhuma das características mencionadas para os qualificativos. Quando surgem antepostos ao nome, estão recategorizados como qualificativos.

Os adjetivos avaliativos não atribuem propriedades características dos nomes, mas exprimem a posição/avaliação do falante sobre uma entidade. A posição prénominal dos adjetivos avaliativos é a mais frequente.

Os adjetivos modais exprimem a posição do falante a nível epistémico (probabilidade), deôntico (imposição/permissão), desiderativo (desejo), a nível da modalidade externa (condições externas necessárias para algo) e a nível da modalidade interna (capacidade do indivíduo para a realização de algo).

Os adjetivos intensionais não qualificam o nome, exprimem o juízo/perspetiva do falante relativamente ao nome (ligado a valores como quantificação e intensidade)

O seguinte quadro sintetiza a distribuição dos adjetivos antepostos ao infinitivo nominalizado pelas diferentes classes.

Adjetivos denotativos	Qualificativos	actual, antigo, constante, frequente, grande, indiferente, justo, lento, leve, ligeiro, natural, normal, novo, profundo, recente, relativo,
	Relacionais	desportivo
Adjetivos avaliativos		autêntico, bom, imprevisível, notável, terrível, subtil
Adjetivos modais ou de modalidade		eventual, certo
Adjetivos intensionais		mero, verdadeiro, simples

Quadro 8: Classificação dos adjetivos encontrados na construção de infinitivo nominalizado

De acordo com Veloso e Raposo (2013, p. 1369), alguns destes adjetivos podem modificar nomes eventivos, transmitindo a duração temporal, a localização temporal, a

frequência e o modo e apelidam-nos de “adjetivos de leitura adverbial”¹⁰⁰. Os autores ressalvam que não se trata de uma classe semântica à parte, mas de um uso dos adjetivos que podem pertencer às quatro classes referidas acima. Dessa forma, nos adjetivos de leitura adverbial incluem: os adjetivos de modo, os adjetivos de duração, os adjetivos de localização temporal, os adjetivos de localização espacial e os adjetivos aspetuais¹⁰¹.

Assim, dos adjetivos presentes no quadro anterior (denotativos, avaliativos, modais e intensionais), temos como adjetivos de modo/maneira *leve, ligeiro, natural, normal, bom, autêntico, imprevisível, notável, terrível, eventual*; como adjetivos de duração: *recente, antigo, lento*; como adjetivos temporais: *actual, recente, antigo, novo* (em posição de anteposição) (veja-se exemplos em (15) e como adjetivos aspectuais: *frequente, constante* (exemplos 16)

Ferreira (2012, p. 87) faz uma análise dos adjetivos temporais “recente”, “antigo”, “novo” e “actual”, sendo que os três primeiros exprimem anterioridade relativamente ao momento da enunciação e o último exprime simultaneidade/sobreposição relativamente ao momento de enunciação. Observemos algumas ocorrências desses adjetivos no *corpus*:

(15)

- a) *par=ext799156-soc-96a-1*: O crescimento das classes médias assalariadas não esconde **o recente acentuar das «desigualdades na distribuição dos rendimentos**, agravado pela crescente segmentação entre emprego estável e precário como entre economia formal e informal», lê-se no relatório. (E.I.30)
- b) *par=ext216319-nd-93b-2*: Em termos sociais, também não é difícil compreender o que já está em curso: **o actual disparar do desemprego** não terá, previsivelmente, melhorias à vista, porque é um desemprego estrutural, correspondente à desactivação de sectores económicos que não voltarão a erguer-se nem serão compensados pelo eventual crescimento de outros. (E.I.32)

¹⁰⁰ Demonte (1999, p. 207) considera três classes de adjetivos: os qualificativos, os relacionais e os adjetivos adverbiais (não atribuem propriedades aos nomes e têm uma interpretação adverbial, podendo ser substituídos por advérbios).

¹⁰¹ Para um estudo pormenorizado dos adjetivos adverbiais aspetuais e temporais, veja-se Ferreira (2012).

(16)

- a) *par=ext234194-des-94a-2*: Sem, com isso, prejudicar a agradabilidade com que se conduz no trânsito urbano e **o constante piscar de olho** ao público feminino. (E.I.9)
- b) *par=ext778111-nd-91b-1*: A expectativa de calçar, pela primeira vez aos dez anos, umas botas novas e enebadas, o silêncio que pousa nos lugares quando todos foram à romaria, o vago mas persistente rondar da fome, assim como **o frequente falar de comida**, que é o seu reverso, são aqui abordados com a segurança de quem fala de um mundo familiar. (E.I.54)

Os adjetivos com leitura de modo são os que existem em maior diversidade no nosso *corpus*. Vejamos apenas alguns casos:

(17)

- a) *par=ext1169533-soc-92b-1*: «Eu devo representar o diabo concerteza», afirma Luís Costa, 34 anos, engenheiro agrónomo, com **um leve encolher de ombros**. (E.I.72)
- b) *par=ext6988-pol-95a-2*: Cuba reagiu com **um relativo encolher de ombros**, afirmando que o novo pacote dificilmente acrescentará «algo de novo» ao embargo, a que chama bloqueio, mas sublinhando que ele vai contra o sentimento da comunidade internacional. (E.I.111)

Atentemos agora nos adjetivos intensionais: “mero”, “verdadeiro” e “simples”; a posição não marcada dos dois primeiros é a posição pré-nominal (Velooso e Raposo, 2013, p. 1393). Contrariamente ao adjetivo “mero”, que apenas surge em posição pré-nominal, o adjetivo “verdadeiro” pode surgir em posição pós-nominal, mas nesse caso em posição atributiva assinala uma natureza qualificativa, avaliativa.

Vejamos alguns usos do adjetivo “verdadeiro” no *corpus* (vejam-se exemplos E.I. 38 a 42), na posição pré-nominal, como adjetivo intensional:

(18)

- a) *par=ext574116-pol-98b-1*: Uma Questão De Radar -- «A oposição tem sido como que um radar que não capta bem **o verdadeiro sentir dos portugueses**», afirma o padre José Maia, presidente da União das Instituições Privadas de Solidariedade Social (UIPSS). (E.I.38)

- b) *par=ext1186158-nd-91a-1*: Para a oposição, esta foi uma votação que não exprimiu **o verdadeiro sentir dos albaneses** e que se ficou a dever em parte à campanha de intimidação levada a cabo pelos comunistas, principalmente nas áreas rurais. (E.I.39)
- c) *par=ext719728-pol-95a-3*: «Aquilo que é **o verdadeiro pulsar da sociedade** esteve ausente do seu discurso», acusou o deputado Narana Coissoró. (E.I.41)

O adjetivo “verdadeiro” em posição pré-nominal exprime uma ideia de intensidade (Veloso e Raposo, 2013, p. 1398). Nos exemplos (18a) e (18b), a presença da negação e a modificação de um nome associado a pessoas (albaneses e portugueses) acabam por veicular a ideia de contrário ao que era esperado.

As frases que contêm o adjetivo “mero” ou “simples” podem ser parafraseadas pelo advérbio “apenas”. Na maior parte dos casos, quando estes adjetivos aparecem nesta posição (posição pré-nominal), têm uma conotação negativa, exprimindo algo a que não se dá importância, veja-se o seguinte exemplo:

- (19) *par=ext1074426-soc-96a-1*: «A pequena concessão que a comodidade do dr. Paulo terá de fazer era (...) justificada legalmente e até por uma óbvia exigência de conveniência cívica dos demais utentes da via», já que, se o portageiro passasse a emitir facturas faria todos os outros utentes perder tempo, dado que tal tarefa é bastante mais morosa do que **o mero passar do cartão na máquina** ou receber o dinheiro e entregar o troco. (E.I.50)

Até agora vimos o infinitivo nominalizado com adjetivos pré-nominais. Vejamos agora os adjetivos em posição pós-nominal.

Em posição pós-nominal encontramos os seguintes adjetivos: *ameaçador, ansioso, aparatoso, atento, atordoante, brilhante, característico, cheio, completo, constante, contagioso, cósmico, decrescente, displicente, doloroso, iminente, emocional, endémico, enfadonho, enorme, esforçado, especial, eufórico, excessivo, frenético, fundo, gradual, histórico, impiedoso, incessante, inconformado, inconfundível, inevitável, intencional, intenso, interminável, insano, langoroso, lento, lógico, longo, luminoso, maquinal, metálico, monótono, mortífero, musical, natural, nervoso, normal, nostálgico, noticioso, obrigatório, paulatino, perfeito, persistente, prodigioso, progressivo, rápido, rasteiro, repentino, seco, sintomático, sistemático, solene, subtilíssimo, sucessivo, surdo, urgente, vagaroso, vitorioso, vivo.*

A Tabela 7 ilustra a frequência destes adjetivos no *corpus*:

Tabela 7:

Frequência das ocorrências de cada adjetivo posposto ao infinitivo nominalizado

Fi	Adjetivos
1	<i>ameaçador, ansioso, aparatoso, atento, atordoante, brilhante, característico, cheio, , contagioso, constante, cósmico, decrescente, displicente, doloroso, iminente, emocional, endêmico, enfadonho, enorme, esforçado, especial, eufórico, frenético, fundo, gradual, histórico, impiedoso, incessante, inconformado, inconfundível, intenso, interminável, insano, langoroso, longo, luminoso, maquinal, metálico, monótono, mortífero, musical, normal, nostálgico, noticioso, paulatino, perfeito, persistente, prodigioso, rápido, rasteiro, seco, sintomático, solene, subtilíssimo, sucessivo, surdo, vagaroso, vitorioso, vivo.</i>
2	<i>completo, inevitável, intencional, lento, natural, nervoso, obrigatório, repentino, sistemático, urgente,</i>
3	<i>excessivo, lógico</i>
4	<i>progressivo</i>

Dos dados da tabela, concluímos que a maior parte dos adjetivos ocorre apenas uma vez a modificar o IN no *corpus*.

Tendo por base a classificação de Veloso e Raposo (2013, p. 1368), os adjetivos encontrados distribuem-se pelas seguintes classes:

Adjetivos denotativos qualificativos / Adjetivos avaliativos	<i>ameaçador, ansioso, aparatoso, atento, atordoante, brilhante, característico, cheio, completo, constante, contagioso, decrescente, displicente, doloroso, enfadonho, fundo, enorme, eufórico, impiedoso, iminente, emocional, endêmico, esforçado, especial, excessivo, frenético, gradual, incessante, inconformado, inconfundível, inevitável, intencional, intenso, interminável, insano, langoroso, lento, lógico, longo, luminoso, monótono, mortífero, natural, nervoso, normal, nostálgico, paulatino, perfeito, persistente, prodigioso, progressivo, rápido, rasteiro, repentino, seco, sistemático, solene, subtilíssimo, sucessivo, surdo, urgente, vagaroso, vitorioso, vivo.</i>
Adjetivos denotativos relacionais	<i>cósmico, histórico, maquinal, metálico, noticioso, sintomático</i>
Adjetivos modais ou de modalidade	<i>obrigatório</i>

Quadro 9: Classificação dos adjetivos encontrados no infinitivo nominalizado

Os adjetivos denotativos qualificativos e avaliativos são os que aparecem em maior diversidade e em maior número em posição pós-nominal a modificar o infinitivo nominalizado. Alguns destes adjetivos podem ainda enquadrar-se nos adjetivos de leitura adverbial, pois transmitem valores de duração, modo, tempo e aspeto. Vejamos alguns exemplos:

(20)

- a) *par=ext1314397-pol-91b-2*: O chamamento para a oração, ao mesmo tempo melódico e assustador, feito pelo «muezzin», ecoa alto nos minaretes das mesquitas; **o repicar solene dos sinos das igrejas entre nuvens de incenso**; os cantares ritmados dos judeus nos seus locais sagrados, todos estes sons se elevam num apelo harmonioso, embora dividido, às bênçãos divinas. (E.II.32)
- b) *par=ext1196080-soc-94b-1*: Contactada a empresa telefonicamente, e depois de o Público se ter identificado perante a voz, do sexo masculino, que lhe atendeu o telefone, a única resposta que recebeu à pergunta óbvia «com quem estou a falar? » foi **o pousar repentino do auscultador**. (E.II.33)

Nos exemplos encontrados no *corpus* do *CETEM Público* também encontramos ocorrências com adjetivos relacionais:

(21)

- a) *par=ext1316232-nd-95b-3*: O espaço do Fórum matinal da TSF, depois do noticiário das dez da manhã, consolida-se a cada dia como uma referência incontornável para quem quer acompanhar **o pulsar noticioso do dia-a-dia**. (E.II.1)
- b) *par=ext475555-clt-95a-2*: Tricky tem agora 26 anos de idade, mas desde a adolescência que se envolveu com o Wild Bunch, colectivo que marcou **o pulsar musical de Bristol**, nos anos 80, e de onde saíram nomes tão marcantes na actual cena inglesa como o produtor Nellee Hooper e a banda Massive Attack. (E.II.14)
- c) *par=ext436701-nd-91a-2*: R -- Era **o caminhar histórico do país** . (E.II.36)
- d) *par=ext322195-clt-94b-2*: Será então toda a «pulp» necessariamente apenas **um regurgitar sintomático de um país que se representa em estado de sítio**, numa guerra cultural e étnica, ou poderá ser a «pulp» um momento de ficcionalizar e ironizar os mitos fundadores da América? (E.II.62)

- e) *par=ext1248204-clt-95b-1*: «Original Soundtracks 1» começa com «United colours» (do filme «United Colours Of Plutonium» do japonês Tetsuji Kobayashi), que arranca com um zumbido crescente sobre **um trabalhar maquinal de caixa de ritmos**. (E.II.75)

Os adjetivos relacionais presentes em (21), podem ser parafraseados por “o pulsar das notícias”(a), em (b) “o pulsar da música”, em (c) “o caminhar da história”, em (d) “um regurgitar dos sintomas” e em (e) “um trabalhar da máquina”.

Em síntese, os adjetivos qualificativos ou avaliativos a modificar o infinitivo nominalizado podem aparecer em posição atributiva quer antepostos ou pospostos, o mesmo acontecendo com os adjetivos modais. Como esperado, os infinitivos nominais presentes no *corpus* são também modificados por adjetivos aspetuais, temporais e modais. Um número reduzido de adjetivos relacionais surge no *corpus*. Confirma-se hipótese (v).

O infinitivo nominalizado pode ser o antecedente de uma relativa restritiva, uma vez que descreve uma atividade, podendo, assim, ser modificado. Vejamos alguns exemplos (Cf. *corpus* G):

(22)

- a) *par=ext642222-nd-95b-1*: O destino preferencial desta exportação, é claro, são os países do Terceiro Mundo, onde a dimensão dramática da dívida externa, aliada à ausência de regras jurídicas e controlos eficazes para a defesa do ambiente, proporciona a vulnerabilidade necessária para, a troco de escassas contrapartidas financeiras, assegurar **o fechar de olhos** que permite o sucesso das operações e a optimização dos lucros. (G.3)
- b) *par=ext1554664-nd-94a-1*: E alguém já esqueceu **o forçar de mão** que foi a história dos frente-a-frente das autárquicas e os lamentáveis reptos em directo aos candidatos que não se prestaram ao repto da SIC? (G.7)
- c) *par=ext461234-des-91a-1*: Com **o libertar da tensão** que esta vitória proporcionou, não deixou de pôr ênfase no facto de a sua equipa se ter superiorizado ao arqui-rival lisboeta, mesmo sob um clima de «suspeição e desestabilização», referindo entre outros, o facto de, momentos antes do jogo, um funcionário do tribunal ter aparecido nas Antas para notificar Pinto da Costa

e Reinaldo Teles «a pedido expresso de Alexandre Magalhães e do seu advogado» que, conforme explicou o funcionário ao presidente portista, dera indicações para tal ser feito na «véspera do Porto-Farense ou do Porto-Benfica».

(G.10)

- d) *par=ext16647-eco-91b-1*: Para lá do número exacto de prisioneiros em posse das duas partes, o facto de a Unita não ter cumprido com o calendário estabelecido para a libertação dos detidos acabou por levar as posições a **um extremar de posições** que não pode, contudo, ser entendido, como a iminência de um regresso às armas. (G.16)

Os exemplos de oração relativa a modificar o infinitivo nominalizado encontrados no *corpus* do *CETEMPúblico* foram reduzidos, como se comprova pelo anexo. Encontrámos muitos infinitivos nominalizados seguidos de relativas restritivas, no entanto, o antecedente dessa relativa era o complemento genitivo e não o infinitivo nominalizado. Esses casos foram, portanto, excluídos da secção do *corpus* respeitante ao critério da modificação por adjetiva restritiva e, dessa forma, não se encontram na parte G do anexo. Assim, em todos os exemplos presentes em G. o antecedente da relativa restritiva é um infinitivo nominalizado, cujo núcleo é uma forma nominalizada do verbo. Surgem, no entanto, em G. alguns casos de ambiguidade, não se sabendo se o antecedente da oração relativa é o infinitivo nominalizado ou a expressão nominal no genitivo.

Nos diferentes exemplos apresentados, o pronome relativo “que” não é substituível por “o qual”, contrariamente às relativas apositivas.

Quanto ao modo verbal presente na relativa restritiva, temos sobretudo o modo indicativo e, alguns casos, o modo condicional.

Com os dados apresentados anteriormente, confirma-se a hipótese (v).

(vi) *Possibilidade de coordenação*

De acordo com a bibliografia (De Miguel, 1996), o infinitivo nominalizado pode surgir coordenado, mas apenas com infinitivos pertencentes ao mesmo grupo e quando há coordenação de IN a forma verbal toma a forma de plural. Começamos por

analisar o número de ocorrências em que o infinitivo nominalizado surge enquanto elemento coordenado:

Tabela 8:

Frequência de ocorrências de infinitivo nominalizado coordenado

Coordenação de infinitivo nominalizado com outros elementos	Frequência	Porcentagem
Ausência de coordenação	450	88,1%
Presença de coordenação	61	11,9%
Total	511	100%

Da análise dos dados da tabela, verificámos que a coordenação do infinitivo nominalizado adquire uma pequena percentagem do *corpus* em análise. Vejamos alguns exemplos:

(23)

- a) *par=ext854819-clt-93a-1*: É uma carência incontornável num campo onde mais do que tudo é **o encarnar de uma personalidade**, ou **o avançar de um mundo íntimo e singular**, a própria medida do valor artístico. (F.2)
- b) *par=ext579636-clt-92a-1*: Trazia na mala pequeninas peças de vitrina; objectos maiores e móveis chegavam nas últimas semanas de Outono, e **o desempacotar e o colocar dos mesmos estavam** sempre ligados a uma espécie de cerimonial, durante o qual a minha tia elucidava os presentes através de palestras bem estudadas sobre o significado e a função dos objectos (...). (F.6)
- c) *par=ext217903-com-97b-2*: Os cortes nas despesas e **um ressurgir das vendas** foram o motivo para que um aliviado Schmidt anunciasse afinal, durante a semana passada, que os resultados do seu quarto trimestre haviam saído do vermelho, para uns modestos lucros de 7 milhões de dólares (menos de um sétimo dos resultados do trimestre correspondente no ano passado). (F.17)
- d) *par=ext938567-des-93a-1*: Foram tantos os erros: maus investimentos, cortes no crédito e **um constante adiar de soluções**. (E.I.64)
- e) *par=ext563334-clt-93a-2*: Além disso **um certo amansar de opções musicais** e **o cristalizar de um gosto em tiques desse passado** acaba por inevitavelmente atirar este «Coisas Simples» para o âmbito daquilo que acabou por se consolidar como «música ligeira». (F.29)

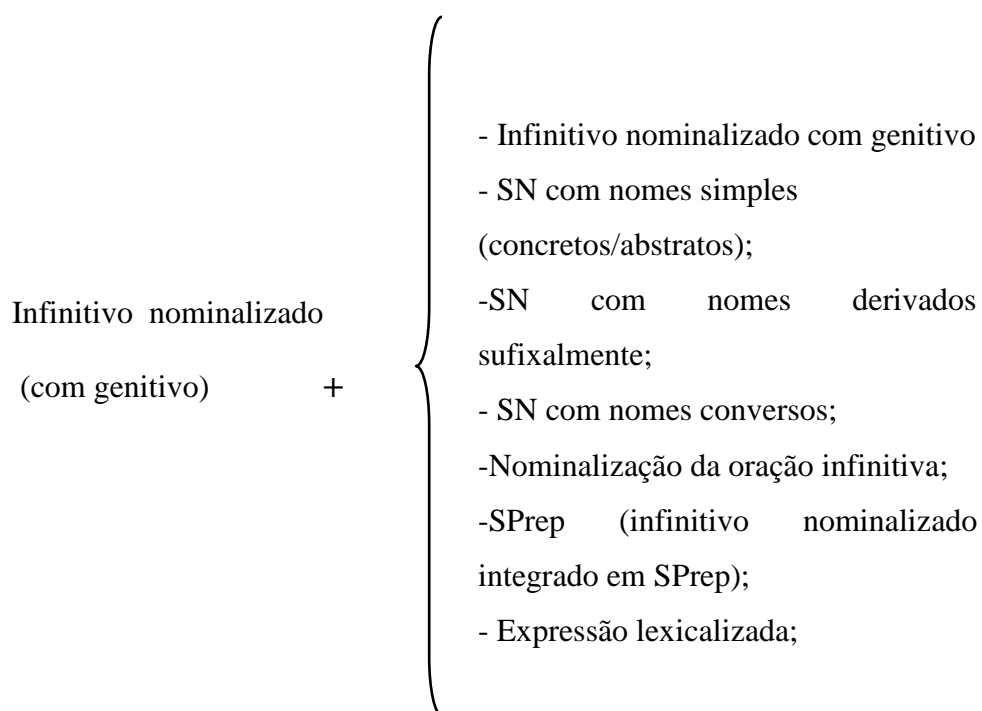
- f) *par=ext1184577-clt-93a-4*: Não porque quem lá esteve a tocar tenham sido maus músicos, mas, apenas, porque ser competente no instrumento e ter «métier» não é, por si só, suficiente para fazer música com interesse; que transmita qualquer coisa e nos obrigue a mais qualquer coisa do que **um indiferente encolher de ombros e um «está bem» de circunstância**. (F.32)
- g) *par=ext533302-des-93a-2*: Foi o nervosismo inexplicável dos jogadores; foi algum convencimento de que ia ser fácil; o não arriscar; o defender mal; o quase não ganhar bolas no meio-campo; **o constante falhar de passes; o despejar de bolas da defesa para o ataque**, perante uma defesa de calmeirões. (E.I.11)
- h) *par=ext1524977-clt-94a-1*: O crepúsculo do sistema tonal («Noite Transfigurada») **,o entrever do universo desconhecido da atonalidade** (2º quarteto de Schoenberg), a exploração desse universo (Cinco Peças e Seis Bagatelas de Webern, quarteto opus 3 de Berg), **o espriar do novo sistema dodecafónico** (Suite Lírica de Berg, quarteto opus 28 de Webern, 3º quarteto de Schoenberg), **o reatar nostálgico de elos com o passado** (Trio de Cordas e 4º quarteto de Schoenberg), são fases do percurso fascinante que o Quarteto Arditti nos deu a ouvir . (E.II.20)
- i) *par=ext290687-nd-97b-1*: As exigências estratégicas, provocadas pela necessidade de garantir uma acomodação das novas democracias emergentes no Centro e Leste do continente, acabaram por forçar os Quinze a redesenhar as suas prioridades e elas passam agora pela definição de um padrão médio de integração mais baixo, pela diferenciação nos diversos modelos dessa mesma integração e, naturalmente, por **um repensar das políticas** que sustentavam o anterior projecto. (F.17)

O exemplo (23a) envolve a coordenação disjuntiva de dois infinitivos nominalizados com genitivo; em (23b) temos a coordenação de dois infinitivos nominalizados, mas apenas o segundo tem genitivo; o terceiro (23c) envolve a coordenação de um SN (com nome converso) e de um infinitivo nominalizado; em (23d) temos a coordenação de um nome deverbal, um nome converso e de um infinitivo nominalizado; em (23e) coordenação de dois infinitivos nominalizados; em (23f) a coordenação envolve um infinitivo nominalizado e uma oração finita nominalizada, quase lexicalizada; em (23g) coordenação de duas nominalizações da oração infinitiva e de dois infinitivos nominalizados; em (23h), temos a coordenação de um nome simples

(“crepúsculo”), três infinitivos nominalizados e de um nome deverbal (“exploração”) e, no último exemplo (23i) a coordenação de dois SPrep e um infinitivo nominalizado integrado num SPrep.

Relativamente à concordância verbal: quando os infinitivos nominalizados e as nominalizações surgem em sujeito, esperar-se-ia que o verbo fosse sempre para o plural. Isto acontece em (23b), (23c) e em (23h), mas vemos que nos outros casos o verbo está no singular (23e).

Nos diferentes exemplos do *corpus*, tanto temos coordenação sindética com conjunções coordenativas copulativas e disjuntivas, como temos coordenação assindética. Sintetizamos em seguida as diferentes possibilidades de coordenação encontradas no *corpus*:



Como os exemplos ilustram, a hipótese (vi) é infirmada, pois pode-se coordenar infinitivos nominalizados com nominalizações sufixais e mesmo com orações infinitivas nominalizadas e nem sempre a coordenação é visível na concordância verbal (caso 23e).

(vii) *Impossibilidade de ocorrência com clíticos*

Esta construção com propriedades nominais não pode ter pronomes clíticos argumentais a substituir o complemento do verbo, como é ilustrado no seguinte exemplo construído:

- (24) *As negociações com o clube eram importantes, mas o aborrecido arrastá-las por dois meses foi prejudicial para o negócio.

No Espanhol, De Miguel (1996, p. 35) e Plann (1981) apontam a possibilidade de ocorrência com clítico inerente (25), pois este é uma espécie de marcador ou afixo relacionado com a regra lexical de reflexivização, apagando o argumento interno da raiz verbal.

- (25) a) “Ese descuidado afeitarse de Juan.” (De Miguel, 1996, p. 35)
b) “Ese andarse por las ramas de Juan.” (De Miguel, 1996, p. 35)

Do mesmo modo, em português, no *corpus* encontramos algumas ocorrências com o clítico “se” inerente.

- (26) a) *par=ext747558-pol-96b-2*: Com **o avolumar-se de apoios expressos por destacados dirigentes**, entre os quais o de Madruga da Costa, que reiterou a decisão de não se candidatar, Victor Cruz dificilmente resistirá às crescentes pressões da máquina partidária . (H.1)
- b) *par=ext934139-soc-95a-1*: A maior parte dos trabalhos que seriam para apresentar neste evento, alguns deles relacionados com o São João, foi destruída e os professores encontravam-se estupefactos com o sucedido e preocupados com **o desmoronar-se das expectativas das crianças**. (H.4)

(viii) *Ocorrência de negação*

Um dos critérios apontados na literatura para distinguir as duas construções de nominalização do infinitivo é a presença/ausência de negação. Dessa forma, considera-se que geralmente o infinitivo nominalizado não pode ser negado. No *corpus* do

CETEMP público encontramos algumas ocorrências de infinitivo nominalizado em que há presença de advérbio de negação “não”.

Tabela 9:

Frequência e percentagem de ocorrências de infinitivo nominalizado com negação

Ocorrência de negação	Frequência	Percentagem
Não ocorre	498	97,5 %
Sim	13	2,5%
Total	511	100,0%

Embora a percentagem de ocorrências com negação seja reduzida (2,7%), verificámos que este critério não é um critério diferenciador das duas construções, não se confirmando a hipótese referida em (vii). Vejamos os exemplos encontrados:

(27)

- a) *par=ext921209-pol-98a-2*: Mas, o Público apurou que o seu apoio ao acordo em pacote com o PSD e, logo, **o não desenterrar do machado de guerra contra a direcção do partido e do grupo parlamentar**, tem contrapartidas. (I.1)
- b) *par=ext75533-soc-93a-1*: A associação alerta ainda para a retenção e ocultação de processos cujo conteúdo deveria ter implicado medidas muito urgentes em defesa da vida bem como a ausência de critérios e medidas de prevenção que denunciam a desarticulação e inoperância dos serviços de saúde e **o não assumir de responsabilidades por parte dos governantes**, numa atitude de prepotência e usos de poder abusivo, bem como dificuldades em apurar responsabilidades. (I.2)
- c) *par=ext65172-soc-97b-4*: Entre os factores que aquela técnica considera serem «facilitadores da toxicodependência», enuncia **o não assumir das funções parentais**, a ausência de regras e de imposição de limites rígidos, a má gestão dos elementos constitutivos da auto-estima dos filhos, a falta de diálogo com a escola e os professores e a má comunicação entre os membros da família. (I.3)
- d) *par=ext850618-pol-93a-2*: A economia mundial será o tema dominante deste Conselho, virado para a ponderação do binómio crescimento económico-problemas do desemprego, que é como quem diz: como compatibilizar os interesses do crescimento com **o não descurar das questões sociais**, um dos pontos de honra dos socialistas. (I.4)

- e) *par=ext1434922-des-93b-1*: As verbas a que aquele empresário se refere afinal não são mais do que **o não honrar de uma promessa de Jorge de Brito**, há duas épocas atrás, antes do jogo com o Arsenal da Taça dos Campeões Europeus, que o Benfica venceu. (I.5)

Nos diferentes exemplos, de (27a) a (27e), o constituinte negado é o próprio infinitivo nominalizado. Estas possibilidades mostram que a questão da negação tem sido mal colocada. No entanto, a ocorrência de negação não significa que haja um domínio temporalizado, uma oração. De facto, em certas circunstâncias, alguns nominais, deverbais ou não deverbais, podem ser negados:

(28) a) Isto foi uma não destruição!

b) Isto foi uma não notícia.

Portanto, pode haver negação com nomes que designam eventos (28a) ou mesmo entidades (28b).

(ix) *Impossibilidade de ocorrência com auxiliares*

O infinitivo nominalizado não pode ter auxiliares (passivos, aspectuais, modais), como comprova a agramaticalidade dos seguintes exemplos que construímos:

(29) a) *O estar a arrastar das negociações com o sindicato levou a que muitos funcionários se despedissem.

b) * O ser arrastado das negociações com o sindicato levou a que muitos funcionários se despedissem.

c) * O poder desmoronar do prédio em três dias entristeceu a população.

Não foi encontrado qualquer exemplo no *corpus* do *CETEMPúblico* com IN e auxiliares. A ausência de qualquer tipo de auxiliares comprova que não existe um domínio temporalizado, tendo, como já foi referido, esta construção mais propriedades nominais do que verbais, confirmando-se as hipóteses (ix) e (x).

(x) *Infinitivo nominalizado não exprime tempo*

O infinitivo nominalizado não é um domínio temporalizado, como toda a bibliografia tem acentuado, visível pela impossibilidade de ocorrência de auxiliares modais, temporais e aspetuais, pela impossibilidade de ocorrência do auxiliar *ter*, pela impossibilidade de infinitivo flexionado. Assim, o seu valor temporal é determinado pelo tempo da oração principal, o que leva a que o infinitivo se possa combinar com qualquer tempo desta oração principal, como ilustrado abaixo (vejam-se os exemplos em (30), em que o infinitivo nominalizado ocorre como sujeito, quer de um verbo no passado (“adiou”) quer de um verbo no presente (“não pode”).

(30)

- a) *par=ext1206593-nd-94b-1*: Finalmente, **o desmorrar do império soviético** adiou por algum tempo a ameaça russa, ao menos enquanto perigo iminente. (A.II.a.4)
- b) *par=ext394847-des-93b-2*: P. -- Mas **esse denunciar de objectivos** não pode prejudicar a selecção, já que todos os adversários vão saber quais os propósitos de Portugal? (D.I.b.33)

Em síntese, o infinitivo nominalizado caracteriza-se pela presença de um genitivo, por admitir apenas a forma não flexionada, por admitir modificação adjectival, por poder ser antecedente de uma relativa restritiva, por poder ser coordenado com infinitivos do mesmo grupo ou nomes ou nominalizações sufixais/conversas e por poder ser negado. Além disso, não admite auxiliares de qualquer tipo, não pode conter clíticos argumentais, aspetos esses que traduziriam propriedades verbais.

(xi) *Distribuição do infinitivo nominalizado na frase*

O infinitivo nominalizado aparece nos mais variados contextos, seleccionado por variados predicados, incluindo preposições. Nos exemplos do *corpus*, encontramos a anteceder o infinitivo nominalizado as seguintes preposições: *a*, *após*, *com*, *contra*, *de*, *durante*, *entre*, *mediante*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob* e *sobre*. As mais frequentes são as preposições *com* e *para*. Vejamos alguns exemplos:

(31)

a) *par=ext329900-soc-95b-2*: Com o **passar dos anos**, desapareceram um parque infantil e umas gaiolas de aves que faziam as delícias da pequenada.

(A.II.b.1)

b) *par=ext280212-pol-92a-2*: A polícia conseguiu reunir, durante o **desencadear da primeira fase das rusgas**, enormes quantidade de material furtado, com destaque para artigos eléctricos. (A.II.a.3)

c) *par=ext1219602-pol-96b-1*: Ferreira partiu, assim, para o **separar das águas**, de quem é quem no Pp. (A.II.b.4)

d) *par=ext1398527-soc-94a-1*: No mês seguinte e após o **rebentar do escândalo** e já com um processo disciplinar a correr contra si, Jorge Simões, decidiu pedir a passagem à reforma, tendo antes metido baixa. (A.II.a.19)

Vemos ainda que o infinitivo nominalizado ocorre em posição de argumento externo ou interno, como sujeito ou predicativo do sujeito de verbos predicativos. Vejamos alguns exemplos:

- sujeito de diversos tipos de verbos (de movimento, de verbos epistémicos, de verbos declarativos):

(32)

a) *par=ext773634-soc-93a-3*: De súbito, o **crepitar de martelos e assobios** redobrou de intensidade e a multidão começou a descer para a Ribeira, procurando o melhor lugar para assistir ao fogo de artifício. (A.I.b.1)

b) *par=ext1206593-nd-94b-1*: Finalmente, o **desmoronar do império soviético** adiou por algum tempo a ameaça russa, ao menos enquanto perigo iminente. (A.II.a.4)

c) *par=ext1076839-pol-94a-1*: Mas o **prolongar da guerra** havia demonstrado que, se a guerrilha não podia de modo nenhum obter uma vitória militar decisiva, também as forças do Governo não o conseguiam: (A.II.a.6)

d) *par=ext682955-nd-91a-3*: Enquanto tivemos impérios, tivemos de ser imperialistas, isto é repressivos e castigadores, máscara que nos deformou, nos fez personagens cabisbaixas; o **descer do pano** devolveu-nos o rosto, permitiu-nos** reencontrarmo-nos** sob nova luz -- e gostar de nós . (A.II.a.15)

- e) *par=ext972942-eco-93b-2*: Mas **este abrir de perspectivas** não impediu que começassem já a surgir preocupações quanto ao carácter monopolista do novo gigante, que valerá algo como 40 mil milhões de dólares. (D.I.b.22)
- f) *par=ext394847-des-93b-2*: P. -- Mas **esse denunciar de objectivos** não pode prejudicar a selecção, já que todos os adversários vão saber quais os propósitos de Portugal? (D.I.b.33)

- sujeito de verbos copulativos:

(33)

- a) *par=ext1439123-pol-94a-1*: Até à publicação dos resultados, **o dobrar dos sinos** parecia ser um toque de finados . (A.II.b.10)
- b) *par=ext559220-clt-95a-1*: Canta-se dentro de uma casa de adobe terroso, e se as canções são, sem dúvida, sempre ciganas, parecem árabes as vozes e são-no decerto **o rebolar das ancas das mulheres** e os instrumentos de corda . (A.II.b.11)

- argumento interno de diferentes tipos de verbos: verbos epistémicos (*evitar, ensinar, achar, explicar, distinguir*), de verbos declarativos de ordem (*permitir*), de verbo avaliativo de uso factivo (*agradar*), de verbos existenciais (*haver*), de verbos percetivos (*ouvir*), de verbos declarativos (*significar*);

(34)

- (a) *par=ext1028575-des-96a-1*: «Esta presença significa **um renascer do halterofilismo**, até para incentivar novos praticantes. " (B.II.a.3)
- (b) *par=ext1256274-eco-92a-1*: Há os Jogos Olímpicos e **o retomar da preparação normal**, conjugado com os estudos, é difícil. (A.II.a.25)
- (c) *par=ext1190687-pol-92b-1*: O que se sabe, segundo os termos do próprio comunicado, é que Cyrus Vance e Lord Owen consideram de grande importância restabelecer o mais depressa possível as condições que permitam **o reatar dos voos humanitários da ONU**. (A.II.b.23)
- (d) *par=ext718663-clt-97a-1*: Ensinamos a importância das técnicas do método científico, a experimentação, a observação, **o levantar de hipóteses**, explica Dinis Ribeiro. (A.I.b.8)
- (e) *par=ext973321-eco-94b-1*: Dias Alves diz que não lhe agrada **este engrossar do passivo da empresa**, mas que está em curso uma «abordagem

muito radical da complexidade económica e financeira» da empresa.
(D.I.a.14)

- predicativo do sujeito de verbos copulativos (*ser*):

(35)

- a) *par=ext387926-pol-91a-1*: É o **tumultuar de palavras de ordem**, e moções, e discursos, e paralelepípedos. (A.I.b.6)
- b) *par=ext1073765-clt-94b-1*: V.C. -- É o **passar do vinil** para o digital. (A.II.a.14)
- c) *par=ext1013207-pol-94a-1*: Outra aposta é o **privilegiar da campanha mediática**. (A.II.a.29)

- aposto

(36)

- a) *par=ext1420363-des-92a-2*: O silêncio é quase absoluto -- o **estalar de dedos** equivale ao bater de palmas --, para não perturbar os elevados índices de concentração que são exigidos aos intervenientes. (A.I.b.7)

Em (36) o IN encontra-se dentro de uma oração em aposição, sendo SU do verbo “equivaler” como complemento do V Assim, o infinitivo nominalizado pode ser selecionado por diferentes predicados: preposições, diferentes subclasses de verbos, desempenhando diferentes funções sintáticas.

À semelhança do que Szilagyi (2009, p. 146) defende para o espanhol e italiano, o infinitivo nominalizado cumpre sobretudo três grandes funções: sujeito, complemento direto e complemento preposicional.

(xii) Tipo de verbos no infinitivo nominalizado

No *corpus* do *CETEMPúblico* são diversas as subclasses de verbos que surgem: verbos transitivos / de alternância, inacusativos, inergativos, intransitivos. Observemos algumas formas verbais que ilustram estas subclasses:

Verbos inergativos	<i>O crepitar de martelos e assobios</i>
	<i>O correr do tempo</i>
	<i>O evoluir da situação</i>
	<i>O dobrar dos sinos</i>
	<i>O soar do gongo</i>
	<i>O rugir dos leões</i>
	<i>O gaguejar dos sinos da humilhação</i>
	<i>O chilrear dos passarinhos</i>
	<i>O rastejar mortífero do caimão da Amazônia</i>
	<i>O grasnar vivo e intenso dos muitos corvos</i>
	<i>O evoluir normal da situação</i>
	<i>O culminar lógico de um capítulo</i>
Verbos transitivos/ alternância	de <i>O levantar de hipóteses</i>
	<i>O adiar de soluções sobre problemas</i>
	<i>O canalizar de fortes investimentos</i>
	<i>O erguer de bloqueios psicológicos</i>
	<i>O evidenciar de novas dificuldades</i>
	<i>O encontrar da fórmula</i>
	<i>O acenar de cabeça concordante de Constâncio</i>
	<i>O retirar de restrições</i>
	<i>O fechar de olhos do pessoal médico</i>
	<i>O acumular de faltas nos empregos</i>
	<i>O estalar de dedos</i>
	<i>O amontoar de resíduos sólidos ribanceira abaixo</i>
	<i>O piscar de olhos do dia</i>
	<i>O bater de asas de uma borboleta na China</i>

O desencadear da primeira fase de rusgas
O prolongar da guerra
O estalar da guerra entre Miguel de Sousa e Jaime Ramos

Verbos inacusativos

O passar do vinil
O ruir de aspirações da equipa de José Rachão
O desabar de muitas desilusões
O culminar de um processo de trabalho iniciado em finais do ano passado
O alastrar do escândalo da corrupção
O decorrer do debate
O aproximar do Verão
O desmoronar do império soviético
O aproximar do mês de Maio
O empalidecer da boa estrela
O descer do pano

Na bibliografia (De Miguel 1996, Brito 2012a, 2012b, 2013a, 2013b) é referido que os infinitivos deste tipo ocorrem preferencialmente com verbos de atividade ou processo. Vejamos alguns exemplos:

(37)

a) *par=ext965600-soc-92a-2*: É **o acumular de faltas nos empregos** para levar os filhos ao médico, em parte porque o ordenado das mulheres é menor e faz mais diferença faltar o homem, em parte porque muitas delas não abdicam dessa prerrogativa. (A.I.b.4)

b) *par=ext999299-des-97b-1*: Dominguez e o Sporting começaram por negociar, há uma semana, com o Southampton, mas **o arrastar das negociações** devido à falta de acordo entre as três partes fez com que o West Ham entrasse na corrida. (A.II.b.5)

Nestes exemplos, temos verbos de atividade, podendo em qualquer dos exemplos acrescentar uma expressão do tipo “durante x tempo”: “o acumular de faltas nos empregos durante um mês”, “o arrastar das negociações durante um ano”.

De Miguel (1996, p. 42), para o espanhol, considera que o infinitivo nominalizado é uma “action or manner nominalization”, sendo que apenas podem ocorrer verbos intransitivos (ou transitivos usados como intransitivos) e sempre com valor de processo ou atividade, aparecendo em contextos de leitura de processo durativo e não delimitado. Dessa forma, o infinitivo nominal não pode aparecer com bases télicas (como “comprar”), com verbos inacusativos (como “llegar”).

(38) a) “*El llegar tardío de Juan nos preocupó a todos.” (De Miguel, 1996, p. 42)

b) “* El comprar una casa de Juan nos alegró.” (*idem*)

Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b) já mostrara algumas ocorrências, para o português, que vinham provar que verbos transitivos e de alternância poderiam surgir com infinitivo nominalizado. De igual modo, o nosso *corpus* vem reiterar esta situação do português.

Detenhamo-nos neste aspeto e vejamos, em primeiro lugar, alguns exemplos em que aparecem verbos inacusativos¹⁰², geralmente verbos de culminação do ponto de vista aspectual:

(39)

a) *par=ext562458-soc-93a-1*: Em plena crise política e com o **alastrar do escândalo da corrupção**, as três grandes confederações sindicais italianas também se mostravam satisfeitas com os resultados das greves organizadas de diversos sectores -- dos ferroviários aos táxis, aviões, cinemas, transportes municipais ou aos correios -- com o objectivo de protestar contra a taxa de 9,5 de desemprego . (A.II.a.1)

b) *par=ext1206593-nd-94b-1*: Finalmente, o **desmoronar do império soviético** adiou por algum tempo a ameaça russa, ao menos enquanto perigo iminente. (A.II.a.4)

c) *par=ext451051-soc-91a-2*: Com o **aproximar do Verão**, crescem os efeitos poluidores destas explorações industriais. (A.II.a.7)

¹⁰² No italiano, tal como no português, o infinitivo nominalizado pode surgir com verbos inacusativos: “Il nascere di una famiglia è sempre motivo di felicità.” (Pérez Vásquez, 1998, p. 154)

- d) *par=ext1363419-pol-95b-1*: Manuel Monteiro caiu quase seis pontos, o que pode traduzir **o empalidecer da boa estrela** a que, no último mês, tínhamos feito referência. (A.II.a.12)
- e) *par=ext1017749-des-93a-1*: Antes de prosseguirmos, abra-se um parêntesis e acalmem-se alguns espíritos mais imaginativos (ou peregrinos), que parecem agora surgir, face à provável inevitabilidade de normas jurídicas revolucionárias, nos primeiros momentos de 1993: não advêm do não cumprimento daquele prazo quaisquer invalidades jurídicas, ou conseqüências que impossibilitem **o surgir dessas normas (inevitáveis)** para além dos dois anos. (A.II.b.8)
- f) *par=ext459153-soc-92b-2*: Para outros, o pluralismo corrente dos valores, sem nenhum céu que os possa abrigar, tanto possibilita **o acordar do neopaganismo**, ao lado da crescente indiferença religiosa, como desperta de fundamentalismo e restauracionismo religioso que, no caso católico, foi muito sabidamente temperado no impropriamente dito Novo Catecismo. (A.II.a.34)
- g) *par=ext1038960-des-91b-1*: Com o correr do tempo e **o constante cair da chuva**, o jogo endureceu mas o Boavista continuou a ser melhor equipa, sempre mais veloz e objectiva. (E.I.24)
- h) *par=ext1125618-com-97b-2*: Entre as actividades que podem ser geridas, podemos distinguir **o reiniciar de computadores**, o seu encerramento, o acesso à rede, o envio automático de mensagens de correio electrónico para diferentes utilizadores e a cópia, transferência e eliminação de ficheiros. (A.I.b.16)

Analisando os exemplos apresentados, vejamos o que legitima a ocorrência de verbos inacusativos, geralmente verbos de culminação. Nos exemplos (39e) e (39h), a presença de plural e de respetivamente “bare plural” força a leitura de processo. Em (39a), o próprio contexto em que surge o infinitivo nominalizado leva a que o verbo “alastrar” adquira uma leitura de processo, não delimitada, imperfetiva (coocorrência com o pretérito imperfeito “mostravam”). De igual modo, em (39c), (39d) e (39f), o próprio contexto é determinante para a leitura imperfetiva. Em (39h), o prefixo “re” em “reiniciar” traduz iteratividade. Em (39g), é o adjetivo “constante” que força a leitura de processo.

De Miguel (1996, p. 43) havia notado a existência de alguns casos excepcionais com verbos inacusativos e verbos transitivos, como na expressão idiomática “en un abrir y cerrar de ojos”. A autora considera que esses casos constituem expressões

fossilizadas da gramática antiga e por isso verbos como *mover*, *nacer*, *pasar* e *salir* surgiam nominalizados. No entanto, como vimos em português a presença de infinitivo nominalizado com verbos inacusativos e transitivos/alternância não traduz apenas casos de expressões lexicalizadas ou fossilizadas. Há vários contextos que tornam possível essa ocorrência. Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b), para o português, já tinha notado a importância da presença de determinados operadores aspetuais que transmitem uma leitura de processo não delimitado ou iterativo. Também no *corpus* temos casos exemplos de infinitivo nominalizado com verbos transitivos/de alternância que seriam de processo culminado, mas que aqui exprimem processo, pois a presença do complemento plural ou sem determinação força a leitura de processo. Vejamos os exemplos em (40).

(40)

- a) *par=ext217807-des-91a-2*: Só que depois e minutos depois do jogo ter terminado em Espinho o Torreense chegava à vitória e com ela **o ruir de todas as aspirações da equipa de José Rachão**. (A.I.b.5)
- b) *par=ext407348-pol-95b-2*: Acho, porém, positivo **o retirar de restrições** aos jornalistas, avançar na solução de quem atribui carteiras profissionais. (A.I.b.10)
- c) *par=ext727763-des-92a-3*: **É o despertar das vedetas europeias** e, com ele, **o renascer das esperanças** em ver quebrada uma longa hegemonia norte-americano . (A.II.b.22)

A presença de verbos transitivos nas construções de infinitivo nominalizado não pode ser um problema de atribuição de genitivo (contrariamente à perspectiva de Vázquez, 2002); o facto de surgirem verbos transitivos mostra que deverão ser mais condições de natureza aspectual; se determinados contextos favorecerem a leitura de processo durativo, como por exemplo, adjetivos como “frequente” e “constante”, então os verbos transitivos surgem no IN (Cf. Brito, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b).

O infinitivo nominal tem preferencialmente uma natureza imperfetiva, o que justifica a sua incompatibilidade com contextos delimitados. Veja-se os exemplos em (41).

(41)

- a) *par=ext1505227-pol-92a-4*: Garcia Leandro considerou que as Forças Armadas são mais de que uma empresa ou um serviço público, pelo que se deve evitar **o adiar de soluções sobre problemas** que obrigam depois a acções mais drásticas de difícil execução . (A.I.b.3)
- b) *par=ext718663-clt-97a-1*: Ensinamos a importância das técnicas do método científico, a experimentação, a observação, **o levantar de hipóteses**, explica Dinis Ribeiro . (A.I.b.8)
- c) *par=ext1199627-clt-92b-2*: Se as leis do mercado ditaram **o arrumar da casa**, deixando pelo caminho editoras de fraco poder económico, no campo da edição a tendência foi para a progressiva afirmação do sistema de venda directa. (A.II.a.38)
- d) *par=ext740922-pol-93a-2*: No entanto, foi esta a justiça que permitiu **o desarmadilhar das tensões** existentes na grande metrópole da costa oeste do Estados Unidos. (A.II.b.24)
- e) *par=ext1369356-soc-98a-1*: Snyckers, que foi nomeado por um tribunal sul-africano para administrar a empresa enquanto não estivesse resolvido o litígio que opõe os seus sócios, mostrou-se «incomodado com **o constante lavar de roupa suja**» perante a comunicação social em torno do Virodene. (E.I.14)

Analisando estes e outros exemplos, verificamos que, contrariamente a Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b), segundo a qual a presença de verbos transitivos/alternância é legitimada sobretudo quando temos complemento direto com plural simples ou certos adjetivos como “constante”, “frequente”, o infinitivo nominalizado surge muitas vezes com complemento direto singular definido com determinação explícita e sem qualquer adjetivo aspetual, por exemplo (39c).

3.3 Análise da estrutura sintática do infinitivo nominalizado

Num primeiro momento, observemos as propostas que são apresentadas na literatura, para depois as discutir e tentar apresentar uma possível estrutura sintática para a construção de infinitivo nominalizado.

3.3.1 Diferentes propostas de análise sintática do infinitivo nominalizado apresentadas na literatura

Para **Plann** (1981, p. 235), o infinitivo nominalizado é núcleo de um NP (SN). A autora considera que o “de” não é uma verdadeira preposição, sendo inserido por transformação entre o núcleo de um N e um SN¹⁰³ (N’’’). A autora trabalha numa fase transformacionalista da sintaxe, estando certamente a pensar no “de” como marcador de caso genitivo.

(42)

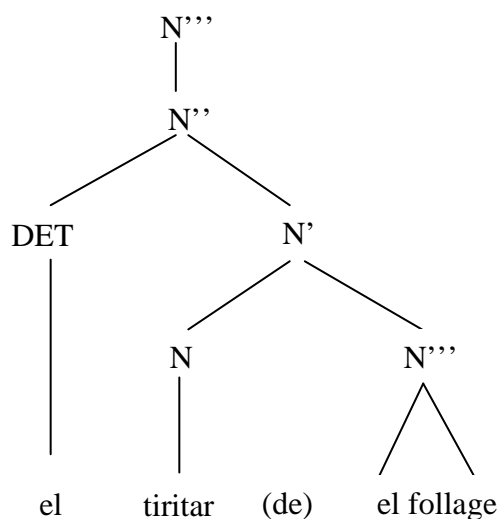


Figura 22: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado proposta em Plann (1981, p. 222)

¹⁰³ “I shall assume that the *de* that appears in parentheses is inserted by transformation. (...) *de* is transformationally inserted between a head noun N and a following NP” (Plann, 1981, pp. 222, 228).

Nesta proposta de Plann (1981), na estrutura sintática a forma verbal infinitiva é considerada um nome que é núcleo de uma categoria nominal, havendo, dessa forma, respeito pelo princípio da endocentricidade. Plann (1981) supõe que o infinitivo nominalizado, é, no entanto, diferente da construção com os outros nomes (comuns, contáveis), uma vez que os outros nomes podem pluralizar.

Salvi (1982), para o italiano, adotando o quadro teórico de Chomsky (1981) e a teoria X-Barra, considera que o infinitivo nominalizado é um nome e funciona como núcleo de um SN. Aceita, além disso, a proposta de Cinque (1980, p. 26) de uma regra lexical em que [V inf] passa a [N]. Um pouco mais adiante no seu texto, o autor fornece como estrutura para o infinitivo nominal a seguinte:

(43) [N...V...] (Salvi, 1982, p. 216)

Repare-se que esta última estrutura parece violar o princípio da endocentricidade, mas o autor tem o cuidado de dizer que a regra que altera um V em N é de natureza lexical e, portanto, nesta estrutura, a propriedade de regência não depende da categoria lexical do núcleo (V), mas sim do nome.

De Miguel (1996), para o espanhol, considera que o infinitivo com propriedades nominais é um SD que no seu interior tem um verbo que foi convertido num nome. Entre outras categorias funcionais, a estrutura projeta um nó AspP com o traço [-perfetivo].

No infinitivo nominalizado, a autora propõe que o sufixo *-r* é derivacional, tendo um valor semântico de não perfetividade. Dessa forma, justifica a sua ocorrência com verbos que denotam uma atividade (*andar, lamentar*) e a sua impossibilidade com verbos resultativos (*llegar*) ou predicados transitivos, de “accomplishment” (*comprar una casa*). Segundo a autora, esta construção de infinitivo nominalizado exclui verbos inacusativos (*nacer*) e verbos transitivos (*decir, hacer*), bem como verbos denotando um estado (*estar*).

De acordo com De Miguel, o infinitivo nominalizado preserva a informação relativa ao evento (possibilidade que não existe nos nomes, nem nos infinitivos lexicalizados, nem nas nominalizações de resultado).

Observe-se a estrutura proposta pela autora:

(44)

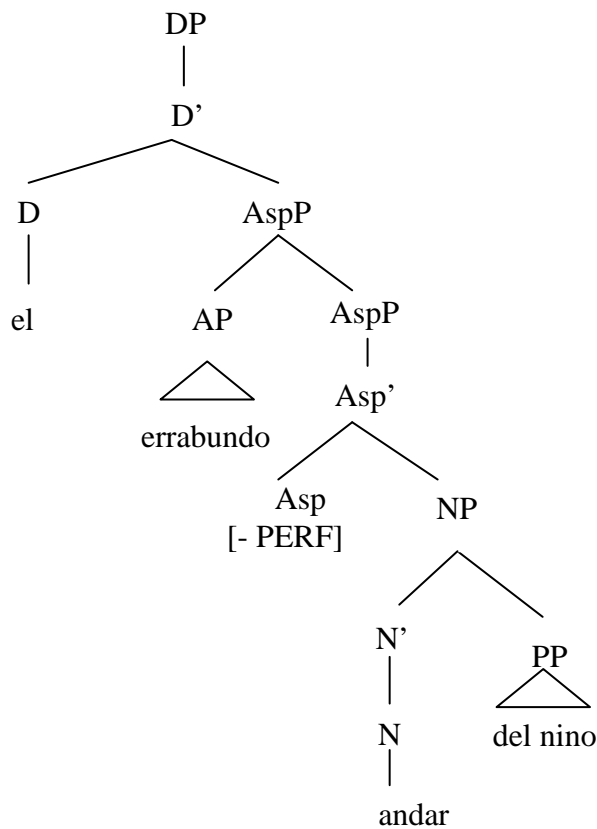


Figura 23: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado, em espanhol, proposta por De Miguel (1996, p. 48)

Segunda a autora, na construção de infinitivo nominalizado temos um verbo entretanto convertido em nome no léxico, sendo portanto o *-r* derivacional; o traço que o caracteriza é sobretudo a sua natureza aspetual não perfeitiva. É por esta razão que os adjetivos que podem coocorrer nesta construção são adjetivos que denotam duração ou frequência como *constante*, *continuo*, *repentino*. Nesta estrutura, os adjetivos, que estão como adjuntos a um nó AspP, trazem informação sobre o tipo de evento dado pelo verbo convertido em nome. O facto de nesta construção ocorrerem determinantes (artigos definidos, demonstrativos, possessivos), constrói uma natureza de DP.

Na sua tese de doutoramento, de 1982, **Hernanz**, na análise sintática das construções de nominalização do infinitivo, defende uma hipótese transformacional em que o infinitivo no nível subjacente é uma forma verbal. Essa forma verbal é convertida num nome pela adição de sufixos nominalizadores, neste caso um sufixo derivacional (Hernanz, 1982, p. 507).

Hernanz (1999) considera, no seguimento de De Miguel (1996), que o morfema *-r* no IN é derivacional, possibilitando que a raiz verbal funcione como núcleo de um SN. No entanto, para a autora, é por um processo sintático que uma forma verbal se transforma num nome.

Vásquez (2002) considera que o infinitivo nominalizado é, lexicalmente, ainda um verbo, mas que pode ser projetado em construções nominais. No infinitivo nominalizado não há categorias funcionais verbais acima de VP (SV), apenas há categorias funcionais nominais. Assim, para a autora, quer a raiz quer o afixo derivacional têm um estatuto verbal [+V, -N] e podem estar enquadrados em projeções nominais.

Adotando a análise de Kayne (1994), considera que, no infinitivo nominalizado, a frase infinitiva move-se para especificador de um sintagma GenP. O genitivo é o núcleo de uma projeção funcional nominal. O SN sujeito da frase infinitiva recebe caso genitivo pela preposição “de”. Veja-se a estrutura proposta para a frase “el beber cerveza de Juan”:

(45)

[_{DP} [_D^o e]_l] [_{GenP} [_{InfP} t_i beber cerveza]_k [_{Gen'} de [_{INP} Juan_i [_{InfPT}]_k]]]]. (Vásquez, 2002: 152)

Assim, Vásquez (2002, p. 143) defende que o infinitivo é uma categoria verbal “V^o” que pode estar associada a uma ou mais categorias funcionais nominais.

Ramirez (2003) defende que na representação do infinitivo nominalizado existe uma projeção verbal. O infinitivo nominalizado não está representado no léxico como nome, mas é inserido na sintaxe como verbo, tornando-se um nome por ser dominado pelos nós NP e DP.

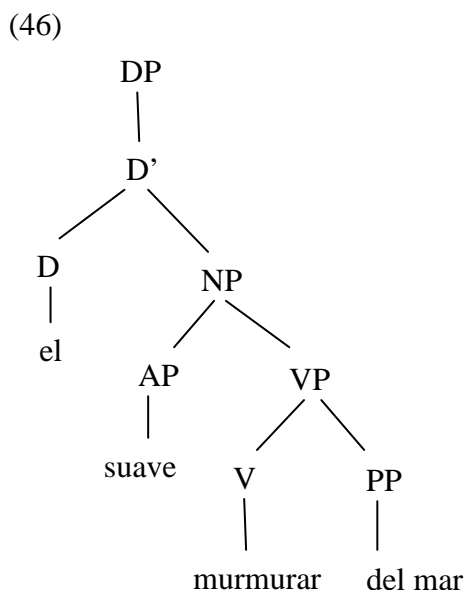


Figura 24: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado proposta por Ramirez (2003, p. 125)

Na representação sintática proposta pelo autor há violação do princípio da endocentricidade porque NP domina uma categoria verbal.

Brito (2012), seguindo o modelo de Alexiadou (2001) e Alexiadou, Iordachioia & Schafer (2011) da Morfologia Distribuída, considera que no infinitivo nominalizado a raiz acategorial move-se até uma categoria funcional de nome, dominada pelo sufixo *-r*. Deste modo, a raiz vai ganhando propriedades nominais.

Na Morfologia Distribuída não há um léxico, apenas sintaxe. Na derivação quer de frases quer de outras categorias mistas há duas classes de nós terminais: raízes que são acategoriais e abstratas e elementos gramaticais (*n*, *v*, *a*). São os elementos gramaticais que determinam a categoria sintática das raízes. Assim, uma raiz verbal, para se tornar num nome, concatena com uma categoria do tipo *n*, movimentando-se para uma ou mais categorias funcionais de natureza nominal. Essa é razão pela qual Brito propõe a seguinte estrutura para os IN:

(47)

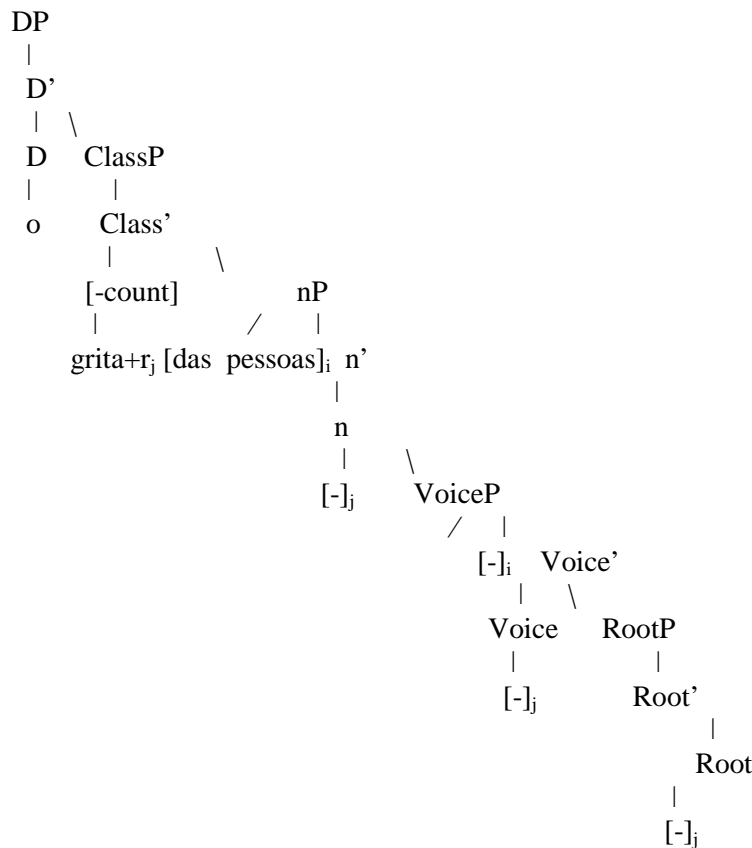


Figura 25: Estrutura sintática de uma construção de infinitivo nominalizado, proposta em Brito (2012b, p. 111)

3.3.2 Uma possível proposta de análise sintática do infinitivo nominalizado

Tendo em conta os pressupostos teóricos apresentados na introdução, da sintaxe generativa, e de que retomaremos alguns aspetos, apresentaremos uma possível análise sintática da construção de infinitivo nominalizado.

No modelo de Chomsky (1981) há uma interface entre léxico e sintaxe. No léxico está o reservatório das entradas lexicais e a sintaxe, enquanto componente central da gramática, permite, através de regras de combinação e movimento, formar diferentes construções.

Nessa linha, adotamos a existência de uma componente morfológica (no léxico) e de outra sintática. De acordo com a Teoria da Regência e da Ligação ou no PM, as

operações realizam-se no léxico ou na sintaxe. No PM, os traços gramaticais, as marcas morfológicas estão previstas no léxico. Os itens lexicais correspondem a um conjunto de traços que abrangem propriedades fonéticas, semânticas e gramaticais. No PM, ao eliminarem-se os níveis de representação, as interfaces ganham um papel importante, a interação entre a sintaxe e as outras componentes da gramática é crucial.

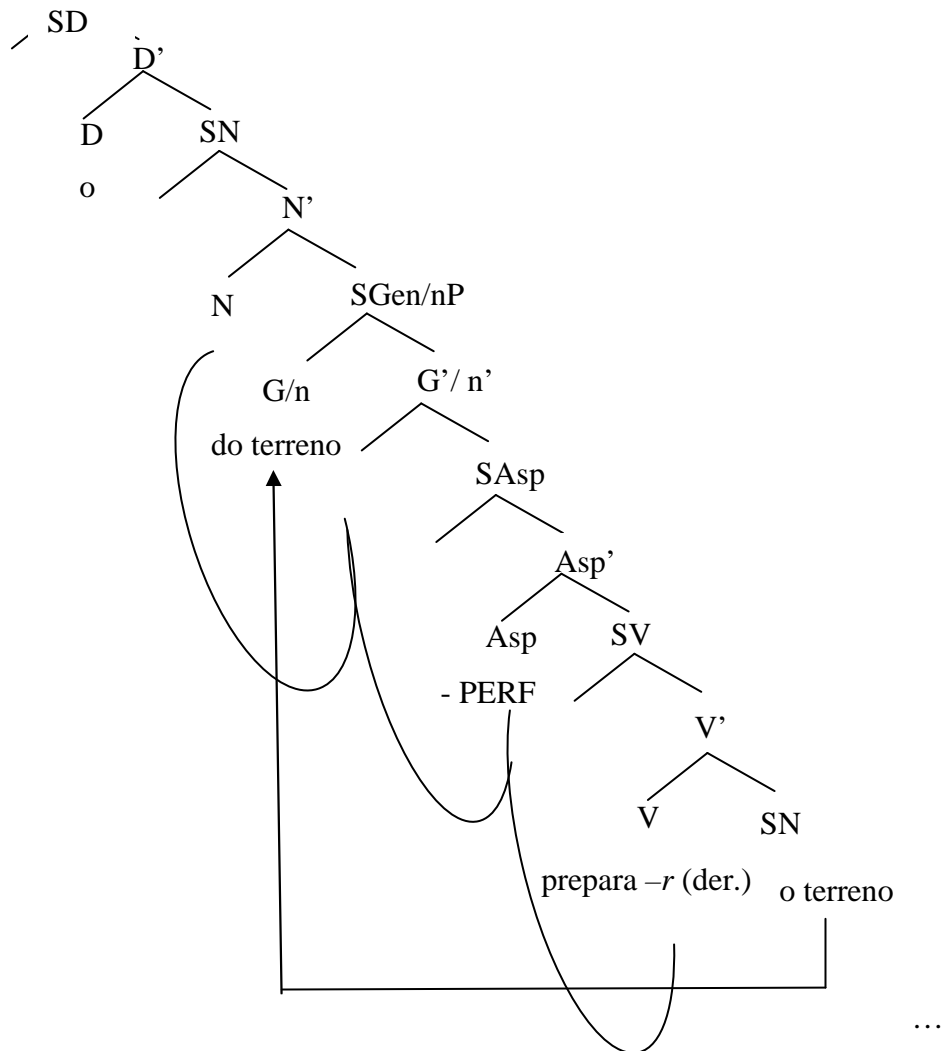
Por sua vez, na Morfologia Distribuída, mais especificamente na proposta de Alexiadou (2001) ou no modelo mais recente de Alexiadou, Iordachioia & Schafer (2011) não existe um léxico, tudo se dá na sintaxe, sendo a partir da raiz acategorial que se forma uma frase ou uma categoria nominal ou verbal.

Na Teoria da Regência e da Ligação e no PM (1999, p. 201) há a distinção entre morfologia flexional (do domínio da sintaxe) e morfologia derivacional (que opera no léxico). Assim, à semelhança de De Miguel (1996), para o espanhol, propomos que, na construção do infinitivo nominalizado, opera um *-r* derivacional, que tal como outros sufixos derivacionais estão previstos no léxico. O léxico contém a raiz do verbo com especificação das suas propriedades idiossincráticas de significação e forma. Esta raiz combina-se com um sufixo nominalizador (já previsto no léxico) que recategoriza o verbo num nome. Enquanto nos infinitivos lexicalizados, como analisado anteriormente, a mudança de V em N é um fenómeno puramente lexical, o que faz dos verbos verdadeiros nomes, no IN a forma entra na sintaxe como verbo, embora combinado com um sufixo nominalizador *-r*, derivacional e com propriedades nominais, que têm de ser verificadas.

Como analisado no capítulo 1 da Parte I nas formas de infinitivo usadas como substantivo no latim, está presente o morfema *-re* ativo ou *-ri* passivo e é precisamente o *-r* que se vai manter nas línguas românicas como forma de infinitivo. É nesse *-r* que estão concentradas as propriedades nominais do verbo e a ausência de temporalidade (morfológica).

Apresentamos em (48) a estrutura simplificada da construção de infinitivo nominalizado que propomos:

(48)



Assim, o núcleo lexical da construção, um verbo, é inserido na derivação com o traço [+verbo], mas dotado de um sufixo derivacional *-r*, que lhe dá natureza nominal. Por isso, esse verbo mais o *-r* derivacional move-se para Asp e para o núcleo de uma projeção nominal (nP/SGen) para verificar os traços [+N]. A nominalização do infinitivo dá-se verdadeiramente em sintaxe, contrariamente à construção dos infinitivos lexicalizados; mas a raiz verbal é combinada com um sufixo de natureza nominal. A estrutura proposta vem na sequência da análise realizada por Plann (1981), Salvi (1982), por um lado e De Miguel (1996), por outro. Embora esta estrutura pareça violar o princípio da endocentricidade, uma vez que o núcleo é um V, não coincidindo com a sua projeção máxima funcional que é nominal, acreditamos que, dotado de um sufixo

derivacional de natureza nominal se ilustra a diferença entre um infinitivo lexicalizado (núcleo nome) e um infinitivo nominalizado (núcleo verbo + sufixo *-r*).

A estrutura contém uma categoria funcional intermédia Sintagma Aspetto com o traço [-] perfetivo, traço que a distingue da construção de nominalização da oração infinitiva, tal como proposto por De Miguel (1996) e Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b).

3.4 Conclusões

A construção de infinitivo nominalizado ou nominal, tendo uma natureza globalmente nominal, admite anteposição de qualquer tipo de determinante, sendo o determinante artigo definido o mais frequente; admite modificação por adjetivo ou relativa restritiva e a presença de argumento genitivo. A natureza não temporalizada desta construção explica a impossibilidade de ocorrência com auxiliares e clíticos.

Sintaticamente, a mudança de V para N opera na sintaxe, mas defendemos que o infinitivo entra como forma verbal já combinado com um sufixo *-r* derivacional e por isso está em condições de verificar esse traço em projeções funcionais nominais. À semelhança de De Miguel (1996), para o espanhol, defendemos uma categoria SAsp com o traço [- perfetivo], uma vez que não é possível a ocorrência de infinitivo composto nesta construção.

Semanticamente, encontrámos sobretudo bases atélicas, mas pudemos verificar que verbos considerados de culminação e de processos culminado em determinados contextos podem aparecer, contrariando algumas propostas sugeridas sobre este assunto.

O valor temporal do infinitivo nominalizado é determinado pelo tempo da oração principal uma vez que o infinitivo nominalizado não exprime um domínio temporalizado. Aspetualmente, o seu valor dominante é o de processo.

Seguidamente, procuraremos caracterizar o infinitivo com propriedades verbais, aquilo a que alguns autores, incluindo De Miguel para o espanhol, chamam de infinitivo verbal, mas que não é mais do que a nominalização de uma oração infinitiva (Brito, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b).

Capítulo 4. Nominalização de uma oração infinitiva

4.1 Considerações introdutórias

Vimos anteriormente uma construção de nominalização do infinitivo que tem sobretudo propriedades nominais. Debrucemo-nos agora noutra construção de nominalização do infinitivo, também contemplada pela literatura, mas que tem mais propriedades verbais do que nominais. A construção que analisaremos está ilustrada em (1):

- (1)
- a) *par=ext245360-soc-97a-4*: Os alunos ameaçam mesmo com medidas drásticas, como fazer greve ou **o cortar uma estrada qualquer**. (A.I.a.23)
 - b) *par=ext940398-soc-91a-2*: Como a televisão ainda só tem dois canais, as possibilidades de escolha são entre **o mantermos o aparelho desligado**, sintonizado no Canal 1 ou no Canal 2. (B.I.a.4)

Esta construção quer ocorre com infinitivo não flexionado (1a) quer com infinitivo flexionado (1b).

À semelhança da análise do infinitivo nominalizado, baseando-nos nos diferentes critérios e conclusões apontados na literatura, foram formuladas algumas hipóteses iniciais que orientaram a análise e organização do *corpus* em anexo:

- (i) Argumento interno: a nominalização da oração infinitiva (NOI) ocorre com argumento interno acusativo ou SPrep;
- (ii) Presença de infinitivo não flexionado/flexionado: a NOI ocorre quer com infinitivo não flexionado quer com infinitivo flexionado;
- (iii) Realização de sujeito: a NOI admite a presença de um sujeito explícito;
- (iv) Determinação: a NOI apenas ocorre com determinante artigo definido;
- (v) Modificação: a NOI admite modificação por advérbio e por relativas apositivas;

- (vi) Coordenação: a NOI apenas admite coordenação de infinitivos pertencentes ao mesmo grupo e na forma verbal a concordância assume a forma singular;
- (vii) Clíticos: na construção de NOI surgem clíticos argumentais;
- (viii) Negação: a NOI admite negação;
- (ix) Auxiliares: a NOI permite a ocorrência com qualquer tipo de auxiliar;
- (x) Presença de tempo: a NOI transmite tempo;
- (xi) Contexto de ocorrência: a NOI pode ocorrer contendo os mais variados predicados, sendo selecionada geralmente por verbos factivos/avaliativos;
- (xii) Tipo de verbos na nominalização da oração infinitiva: na NOI podem surgir todos os tipos de verbos.

Durante a descrição e análise dos diferentes exemplos do *corpus*, veremos se estas hipóteses se confirmam ou infirmam.

4.2 Apresentação, análise e discussão dos dados

4.2.1 Propriedades sintáticas e semânticas

(i) Ocorrência de argumento interno

Em todas as ocorrências de nominalização de oração infinitiva temos, de acordo com a subclasse do verbo, a presença de argumento interno ou sob a forma de SN acusativo, complemento direto, ou sob a forma de um argumento preposicional (S_{Prep}) ou sob a forma de oração infinitiva como complemento do próprio infinitivo ou sob a forma de predicativo do sujeito (veja-se *corpus*).

Isto acontece quer com infinitivo não flexionado (Tabela 10) quer com infinitivo flexionado (Tabela 11).

Tabela 10:

Frequência e Percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva (infinitivo não flexionado) com argumento interno

Presença de argumento interno nas construções com infinitivo não flexionado		
	Frequência	Percentagem
SN acusativo	172	78,9%
Acusativo sob a forma de pronome clítico	9	4,1%
SPrep	15	6,9%
Oração	7	3,2%
Predicativo sujeito	15	6,9%
Total	218	100,0%

Tabela 11:

Frequência e Percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva (infinitivo flexionado) com argumento interno

Presença de argumento interno nas construções com infinitivo flexionado		
	Frequência	Percentagem
SN acusativo	14	41,2%
Acusativo sob a forma de pronome clítico	3	8,8%
SPrep	3	8,8%
Oração	3	8,8%
Predicativo sujeito	11	32,4%
Total	34	100,0%

De acordo com os dados das tabelas, na maior parte dos exemplos, a nominalização da oração infinitiva surge com argumento interno sob a forma de SN acusativo. Nas construções com infinitivo flexionado, a diferença entre a realização de argumento sob a forma de SN acusativo e predicativo do sujeito é mínima, contrariamente à construção com infinitivo não flexionado. Esta diferença leva-nos a levantar a hipótese de a nominalização da oração infinitiva com infinitivo flexionado apresentar propriedades não coincidentes com a nominalização da oração infinitiva com infinitivo não flexionado.

(2)

- a) *par=ext1075564-soc-96b-2*: Desde **o estender a toalha**, com todo o cuidado, até **o despir a camisa**, todos os movimentos são estudados, como se estivesse a posar para uma câmara de filmar. (A.I.a.15)
- b) *par=ext858634-nd-95b-1*: O programa é verdadeiramente multitarefa, podendo efectuar **o descarregar um ficheiro** ao mesmo tempo que percorre caixas de diálogo ou deixa a sua mensagem numa conferência. (A.I.a.26)
- c) *par=ext1088092-opi-96a-2*: Não é **o ir a um bordel** que é uma prática criticável, mas sim o filmar lá com câmara oculta. (A.I.a.27)
- d) *par=ext688234-soc-91b-2*: Assim, passará a ser um novo hábito dos portuenses **o deparar eventualmente com um ou outro reservado mostrando habilidades em zonas como S. Roque da Lameira**. (A.II.3)
- e) *par=ext589400-soc-96b-2*: Segundo se soube, Arnold, com o acordo da mulher, Maria Shriver, traça todas as manhãs um plano de trabalho que, no caso dos mais velhos, inclui operações de aritmética e **o aprender a escrever os nomes**. (A.I.a.16)
- f) *par=ext62414-nd-91b-5*: «talvez **o serem casos** em que o aborrecimento inspirou a grandeza» . (B.I.b.1)

Em (2a) e (2b) o argumento interno é um SN, seleccionado pelos verbos transitivos “estender”, “despir” e “descarregar”; em (2c) e (2d) o argumento interno é um SPrep, seleccionado pelos verbos transitivos indirectos, os verbos preposicionais “ir” e “deparar”. Em (2e) o argumento interno é uma oração infinitiva seleccionada pelo verbo transitivo “aprender” e em (2f) temos um predicativo do sujeito. Assim, confirma-se a hipótese (i), sendo que, para além do argumento interno sob a forma de SN acusativo e de SPrep, podemos ter ainda uma oração infinitiva como complemento do próprio infinitivo que está a ser nominalizado ou predicativo do sujeito.

(ii) Presença de infinitivo não flexionado e de infinitivo flexionado

Contrariamente à construção de infinitivo nominalizado que só pode ter infinitivo não flexionado, na nominalização da oração infinitiva tanto podemos ter a presença de infinitivo não flexionado (Cf. *Corpus A*. da construção de nominalização da oração infinitiva do Anexo III) como a de infinitivo flexionado (Cf. *Corpus B* da construção de nominalização da oração infinitiva do anexo III), embora este em menor percentagem, como ilustrado anteriormente.

(3)

- a) *par=ext197224-clt-97b-2*: Mas Andrade conseguirá o que, em Botto, foi só uma ambição malograda pela incultura e a megalomania: **o alcançar uma poesia** «ao mesmo tempo, a mais refinada e a mais popular» da literatura portuguesa contemporânea, como assinalou Eduardo Lourenço. (A.I.a.82)
- b) *par=ext331788-pol-97a-2*: É típico desse entusiasmo **o ter sido o russo** a primeira língua estrangeira em que foi traduzido «O Capital», de Karl Marx . (A.V.30)
- c) *par=ext1507248-pol-94a-2*: Todavia, os velhos do Restelo da política portuguesa não acreditam na estabilidade social e política na África lusófona, daí **o voltarem as costas** à relação atlântica, pensando apenas nas vantagens que os ecus de Bruxelas lhes proporcionam e hipotecando o futuro de um povo com história multissecular e de vocação universalista. (B.I.5)
- d) *par=ext1226420-pol-95a-2*: É isso que nunca perdoaremos a esse estrategista americano e a esse copista infeliz dos guardas vermelhos de Pequim: **o terem chamado a desgraça sobre aquela felicidade florida**. (B.IV.1)

Em (3a) e (3b) temos, respetivamente, a presença de infinitivo não flexionado simples e composto e em (3c) e (3d) a presença de infinitivo flexionado simples e composto, confirmando-se a hipótese (ii).

(iii) Argumento externo (SU) expresso ou nulo

Quando ocorre infinitivo não flexionado, ou seja, nas orações infinitivas impessoais, o sujeito [PRO] é genérico ou controlado pelo sujeito da oração matriz. Vejam-se os exemplos anteriores. Em (3a), o sujeito nulo de “alcançar uma poesia” é “Andrade” (no contexto anterior) e em (3b) o sujeito é “o russo” (Cf. passiva).

Quando ocorre infinitivo flexionado, na maior parte dos casos o sujeito é nulo, mas é subentendido pela concordância da forma verbal, sendo a sua referência recuperável pelo contexto. Em (3c), o sujeito é “os velhos do Restelo da Política Portuguesa” e em (3d) “esse estrategista americano e esse copista infeliz dos guardas vermelhos de Pequim”. No exemplo (4) temos a presença explícita do sujeito, o pronome “ele”, confirmando-se a hipótese (iii).

(4)

- a) *par=ext7778-nd-91b-2*: É muito bonito **o ele ir buscar às pessoas aquilo que quer**. (B.I.10)

(iv) Restrição na seleção de determinantes

No que diz respeito ao determinante que antecede a nominalização da oração infinitiva, com o infinitivo não flexionado temos sobretudo o determinante artigo definido. Com o determinante artigo indefinido “um”, temos pouquíssimas ocorrências; na pesquisa realizada, o “um” aparecia sobretudo em expressões como “cada um” “qualquer um” e “número um”, bem como em expressões lexicalizadas (“um fazer horas”, “um sacudir a água do capote”, “um cerrar fileiras”, “um voltar costas”), todos esses casos foram filtrados e excluídos, ficando apenas cinco ocorrências. Com o determinante demonstrativo, temos apenas três ocorrências; nos restantes casos que aparecem, o determinante demonstrativo está a substituir um antecedente, sendo parafraseável por “ele” e por isso é uma oração subordinada final e como tal (ex. para este/ele vencer o campeonato) esta ocorrência foi excluída. Com o determinante possessivo temos apenas uma ocorrência, em que a nominalização da oração infinitiva surge como membro de uma coordenação.

A construção de nominalização da oração infinitiva com infinitivo flexionado aparece apenas antecedida de determinante artigo definido, mostrando que a restrição na seleção dos determinantes nesta construção, como afirmado na literatura, encontra-se sobretudo com a ocorrência de infinitivo flexionado. Os dados constantes da Tabela 12 ilustram esta situação.

Tabela 12:

Frequência e percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva por determinante

Construção de Nominalização oração infinitiva	Tipo de determinante	Frequência	Percentagem
Construção com infinitivo não flexionado	Artigo definido	209	95,9%
	Artigo indefinido	5	2,3%
	Demonstrativo	3	1,4%
	Possessivo	1	0,5%
Construção com infinitivo flexionado	Artigo definido	34	100%
Total		252	100%

Vejamos alguns exemplos ilustrativos do uso dos determinantes:

(5)

- a) *par=ext1019979-des-93b-2*: Aliás, **o provocar a falta** foi uma «fórmula» recomendada por Toni à sua equipa, quando esta não conseguisse controlar o jogo. (A.I.a.49)
- b) *par=ext340955-opi-97a-2*: Qualquer administração de uma companhia aérea tem como prioridade absoluta **o reduzir os custos de exploração**. (A.I.a.57)
- c) *par=ext853190-pol-97b-4*: Ao chamamento de «amigo, compra», «amiga, tenho fome», a resposta dos brancos é invariavelmente **um virar o rosto**, com um ar de enfado. (A.I.c.1)
- d) *par=ext1289794-pol-94a-2*: Para os países do Leste, **este ganhar tempo** confunde-se com uma cedência da Nato àquilo que vêem como «chantagem russa». (A.I.d.1)
- e) *par=ext641548-soc-96a-1*: «Nunca se esqueçam de dizer isto no jornal: que a política é das coisas mais belas, mais nobres da vida: **este pôr em questão, este quebrar os muros de silêncio entre as pessoas**, a vida cívica, o participar. " (A.I.d.2)

- f) *par=ext1076459-opi-98a-2*: Crer nos avanços da ciência e da técnica (e crer, bem entendido, pressupondo também os seus altos e baixos, os seus avanços e recuos, as suas certezas e os seus «blufs», **o seu saltar barreiras** e o seu tactear por pequeníssimos passos) é algo a que estamos de certo modo «obrigados».
(A.VI.29)

Brito (2012b, 2013a, 2013b) refere a presença de artigo definido como uma marca da nominalização da oração infinitiva, mais do que exprimindo um valor de definitude.

Pelos diferentes exemplos presentes no *corpus*, observamos que a nominalização da oração infinitiva com infinitivo não flexionado não apresenta tantas restrições na seleção dos determinantes como proposto na literatura, não se confirmando a hipótese (iv). Apesar de as ocorrências serem poucas, encontramos a presença de determinantes artigos indefinidos, determinantes demonstrativos e determinantes possessivos¹⁰⁴, contrariamente ao que foi defendido para o espanhol por Plann (1981), De Miguel (1996), Ramirez e para o português por Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b). Dessa forma, o artigo definido não pode ser apenas considerado uma marca da natureza nominal da construção, diferenciando-se do determinante indefinido e do demonstrativo nos seus valores semânticos. Em (5a) e (5b) o SN que contém o determinante artigo definido designa singularidade, unicidade; em (5c) com o artigo indefinido não é claro se é uma leitura específica ou não específica; em (5e) o demonstrativo tem valor mais anafórico do que deítico; (5d) é pouco claro quanto ao seu valor, uma vez que temos apenas um pequeno extrato e em (5f) o possessivo remete para “a ciência e a técnica”.

Atentemos agora na presença de determinante possessivo (5f) a anteceder a nominalização da oração infinitiva. Esta construção é considerada por Brito (2012b, 2013a, 2013b) uma construção mista uma vez que coexistem o determinante artigo definido e o determinante possessivo (propriedades nominais) com o acusativo (quase sempre como “bare plurals”) (propriedades verbais). Para além desta propriedade, são referidas, pela autora, outras em que simultaneamente ocorrem propriedades nominais e propriedades verbais. Assim, à semelhança do infinitivo nominalizado, esta construção

¹⁰⁴ Raposo e Miguel (2013, p. 729) levantam algumas questões quanto à natureza do possessivo, não o considerando um determinante uma vez que não podem iniciar um SN, não ocorrem sempre em posição pré-nominal, têm sempre a função de argumento ou modificador do nome, têm um pronome equivalente à terceira pessoa com preposição e constituem uma expressão referencial em si. Nesta dissertação, não desenvolveremos esta problemática e, à semelhança dos gramáticos da tradição luso-brasileira, incluiremos o possessivo nos determinantes.

mista admite presença de adjetivo, presença de demonstrativo e possessivo e não permite a presença de SU; à semelhança da nominalização da oração infinitiva, admite SN acusativo, negação, passiva, modificação por advérbios e, normalmente, é selecionada por predicados factivos/avaliativos. Vejam-se os exemplos propostos por Brito (2012, p. 115):

- (6)a) “Esse teu escrever poemas é uma coisa linda!”
- b) “Esse teu contínuo gritar é irritante.”
- c) “Este seu não falar é irritante.”
- d) “O teu contínuo conduzir camiões imprudentemente representa um perigo.”

No *corpus* analisado não encontramos ocorrências destas propriedades (coocorrência de demonstrativo e possessivo, coocorrência de adjetivo e acusativo). Consideramos assim que a presença de determinante possessivo não é uma construção aparte, mas sim vem acentuar que não há uma distribuição complementar das duas construções e que não há restrição à presença de determinantes na nominalização da oração infinitiva.

De Miguel (1996, p. 31) afirmou, para o espanhol, que na nominalização da oração infinitiva a presença de artigo é opcional. Contudo, segundo Plann (1981, p. 203), a estrutura sintática de um infinitivo precedido de artigo e a de um infinitivo não precedido de artigo é diferente: o uso de artigo definido antes do infinitivo não é opcional, na medida em que certos contextos não possibilitam quer a sua inclusão quer a sua ausência. Para além disso, a presença ou ausência trará diferenças sintáticas e semânticas: com artigo o sujeito da oração infinitiva é arbitrário em termos de referência (7b, d) e sem artigo é correferencial com o sujeito da oração principal (7a, c), vejam-se os exemplos apresentados por Plann (1981, p. 206):

- (7)
- a) “Susana detesta fumar.”
- b) “Susana detesta el fumar.”
- c) “A Luisa le encanta montar a caballo.”
- d) “A Luisa le encanta el montar a caballo.”

Para a autora, em termos sintáticos, a estrutura com artigo é um SN e sem artigo é uma frase (SCOMP), que descreve como “S”/ “F”.

Analisando os diferentes exemplos apresentados em (8), verificamos que, tal como o espanhol, seria possível omitir o determinante sem afetar a gramaticalidade da frase:

(8)

- a) Aliás, **(o) provocar a falta** foi uma «fórmula» recomendada por Toni à sua equipa....
- b) Qualquer administração de uma companhia aérea tem como prioridade absoluta **(o) reduzir os custos de exploração**.
- c) (...) a resposta dos brancos é invariavelmente **(um) virar o rosto**, com um ar de enfado.
- d) Para os países do Leste, **(este) ganhar tempo** confunde-se com uma cedência da Nato àquilo que vêem como «chantagem russa».
- e) (...) a política é das coisas mais belas, mais nobres da vida: **(este) pôr em questão, (este) quebrar os muros de silêncio entre as pessoas**, a vida cívica, o participar. "
- f) Crer nos avanços da ciência e da técnica (e crer, bem entendido, pressupondo também os seus altos e baixos, os seus avanços e recuos, as suas certezas e os seus «blufs», **(o seu) saltar barreiras** e (o seu) tactear por pequeníssimos passos) é algo a que estamos de certo modo «obrigados».

No entanto, e tal como Plann (1981) muito bem afirmou, a natureza sintática das construções com artigo e sem artigo é completamente diferente. Fazendo uma pesquisa rápida no *corpus* do *CETEMPúblico*, encontramos várias ocorrências em que o infinitivo surge sem estar antecedido de determinante (9), geralmente como oração infinitiva na posição de sujeito de uma frase complexa, tendo a oração infinitiva sujeito PRO arbitrário (veja-se para este desenvolvimento a parte I da tese).

(9)

- a) *par=ext13621-soc-92b-2*: **Atacar o municipalismo** é, segundo alguns, atacar a alma do país.
- b) *par=ext15397-pol-93a-3*: **Regularizar o trânsito** é tarefa prioritária.
- c) *par=ext25524-nd-92a-1*: Na sua opinião, **taxar o livro** é «tirar o oxigénio a um povo que quer crescer.
- d) *par=ext102651-pol-93a-4*: **Cortar o défice** é uma das prioridades de topo.
- e) *par=ext1272256-clt-soc-94a-1*: **Educar** é naturalmente complexo e difícil, mas **disciplinar** é uma componente educacional essencial.

f) *par=ext901951-soc-94b-2*: **Fumar** e **beber** é barato na Europa.

g) *par=ext294062-clt-97b-2*: «**Votar** é fundamental», advertia.

Nestes exemplos, a oração infinitiva é o próprio SU do V e da F matriz, o sujeito é nulo ([PRO]) e o infinitivo tem uma natureza verbal e é núcleo do SV. Mais adiante veremos a estrutura do infinitivo numa construção de nominalização da oração infinitiva.

(v) *Modificação adverbial e por relativa apositiva*

A construção de nominalização da oração infinitiva quer com infinitivo não flexionado quer com infinitivo flexionado admite modificação adverbial, como ilustrado na Tabela 13:

Tabela 13:

Frequência e percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva por advérbio

	Presença de advérbio	Frequência	Percentagem
Construção com infinitivo não flexionado	não	206	94,5%
	sim	12	5,5%
	Total	218	100,0%
Construção com infinitivo flexionado	não	30	88,2%
	sim	4	11,8%
	Total	34	100,0%

Os advérbios presentes no *corpus* pertencem a diferentes subclasses:

<i>Subclasse de advérbios</i>	<i>Advérbios</i>
<i>Modo / maneira</i>	<i>maciçamente, romanticamente, eventualmente, publicamente, claramente, honestamente, incessantemente, permanentemente, recentemente, tangencialmente, essencialmente</i>
<i>Lugar</i>	<i>frente a frente</i>
<i>Intensidade / quantidade / grau</i>	<i>demasiado</i>
<i>Tempo</i>	<i>sempre</i>

Quadro 10: Subclasses de advérbios a modificar a nominalização da oração infinitiva

Temos sobretudo advérbios terminados em *-mente*, advérbios estes formados a partir de bases adjetivais de diferentes subclasses: *maciça*, *romântica*, *eventual*, *pública*, *clara*, *honest*, *incessante*, *permanente*, *recente*, *tangencia* e *essencial*.¹⁰⁵ Vejamos alguns exemplos:

(10)

- a) *par=ext1455952-pol-91b-3*: O Exército e a Marinha federais da Jugoslávia continuaram ontem a cometer o autêntico crime contra o património comum de toda a Humanidade que é **o disparar, incessantemente, contra a velha cidade de Dubrovnik**, uma das glórias da cultura europeia. (A.II.8)
- b) *par=ext688234-soc-91b-2*: Assim, passará a ser um novo hábito dos portuenses **o deparar eventualmente com um ou outro reservado** mostrando habilidades em zonas como S. Roque da Lameira. (A.II.3)
- c) *par=ext223710-clt-96a-2*: O programa deste último -- sobretudo se equacionado com o do concerto do dia 24, a que também assistimos -- permite **o levantar honestamente algumas questões** que se colocam à música do nosso tempo. (A.II.6)
- d) *par=ext538391-soc-93b-2*: É **o estarem sempre a «mudar» acerca do país** para onde querem ir. (B.II.1)
- e) *par=ext880612-clt-93a-1*: E quando chegamos a Fernão Mendes Pinto, que diz «se matam uns aos outros, por sendo natureza nossa, **o teimarmos demasiado em nossas opiniões**», é a marca do individualismo nacional que povoa a «Peregrinação». (B.II.2)

Em (10a), (10b) e (10c) temos a presença de advérbios, em posição pós-infinitivo, veiculando, sobretudo, uma leitura de modo/maneira e sendo parafraseáveis por “de forma incessante” (10a), “de forma eventual” (10b), “com honestidade” (10c).

Em (10d) e (10e) temos a presença de infinitivo flexionado, modificado respetivamente pelo advérbio “sempre”, que traduz iteratividade, e pelo advérbio “demasiado”, que traduz intensidade, grau.

Tendo em conta estes exemplos e os restantes presentes no *corpus* (Cf. *Corpus A.II* e *B.II*), nas construções de nominalização da oração infinitiva, o advérbio modifica verbos transitivos (*aproveitar*, *assumir*, *levantar*, *usar*, *abrir*, *ganhar*, *colocar*), verbos

¹⁰⁵ Sobre o advérbio veja-se Raposo, 2013a, pp. 1569-1684.

copulativos (*ser, estar*) e verbos transitivos indiretos com argumento oblíquo (*deparar, disparar, teimar*). Voltaremos a esta questão do tipo de verbos mais adiante.

No *corpus* do *CETEMPúblico* por nós estudado, com infinitivo não flexionado e infinitivo flexionado não foram encontradas ocorrências de nominalização da oração infinitiva modificada por relativa. Os casos em que surgiam relativas, o antecedente não era a nominalização da oração infinitiva, mas apenas um argumento do V superior.

Vejam os exemplos propostos em Brito (2012b, p. 100), um exemplo construído, de nominalização da oração infinitiva modificada por relativa não restritiva:

- (11) “O terem cantado as pessoas, o que constituiu um momento muito bonito, causou-nos emoção.”

Assim, não podemos retirar conclusões quanto à modificação da NOI por relativa apositiva uma vez que não encontramos exemplos no *corpus*.

(vi) *Possibilidade de coordenação*

À semelhança da construção com infinitivo nominalizado, a nominalização da oração infinitiva também pode surgir como elemento de uma coordenação sindética ou assindética (Cf. Anexo III, *Corpus A.VI*).

Tabela 14:

Frequência e percentagem das ocorrências de nominalização da oração infinitiva por coordenação

	Coordenação	Frequência	Percentagem
Construção com infinitivo não flexionado	não	171	78,4%
	sim	47	21,6%
	Total	218	100,0%
Construção com infinitivo flexionado	não	29	85,3%
	sim	5	14,7%
	Total	34	100,0%

Dos dados da Tabela 14, concluímos que a coordenação tanto ocorre na presença de oração infinitiva nominalizada de infinitivo não flexionado como de infinitivo flexionado.

Vejam os alguns exemplos:

(12)

- a) *par=ext335599-pol-95b-2*: Mais importante do que isso são os outros vectores da política de segurança: **o retirar funções burocráticas, o concentrar meios para os tornar operacionais, o desenvolver a cooperação multilateral e bilateral**, onde temos avançado imenso. (A.VI.1)
- b) *par=ext920824-soc-98a-2*: Cenas que criam ambientes precisos e que são facilmente descodificadas por qualquer pessoa com ou sem raízes no interior de Portugal: a comida, o vinho, a mesa, o trabalho, as lengalengas, o caminhar com uma mala na mão, o estar, o correr, o jogo do pau, as romarias, as festividades, o culto dos mortos, as cerimónias do Entrudo, as procissões, as feiras, as touradas, **o depenar uma galinha, o vender flores, o contar o dinheiro**, a conversa numa bar ou a construção / jogo de um caminho com os paralelepípedos da Rua da Rosa. (A.VI.4)
- c) *par=ext834942-soc-98b-2*: Os responsáveis camarários tinham, ainda assim, fartas compensações: podiam sempre influenciar certas decisões de política económica, fiscal ou urbanística a favor dos respectivos interesses; em determinadas circunstâncias festivas, eram brindados com géneros alimentares (lampreias, por exemplo) ou banquetes -- sublinho que não se tratava de corrupção, mas tão só de um obséquio que se fazia com normalidade a quem servia o burgo; mas a grande recompensa era, sem dúvida, a proeminência social, a consideração de que gozavam, **o ocuparem os lugares dianteiros na Procissão do Corpo de Deus, o passarem à frente dos outros no açougue** (hoje diríamos o talho e a peixaria) e, dessa forma, obterem a melhor carne e o melhor peixe. (B.VI.1)

Nos diferentes exemplos, a coordenação tanto ocorre com nominalização de orações com infinitivo não flexionado (exemplos 12a e 12b), como com nominalização de orações flexionadas (12c). No primeiro exemplo, temos a coordenação de três orações nominalizadas; no segundo caso, a coordenação de orações nominalizados com diferentes SN e, no terceiro exemplo, temos coordenação entre nominalizações deverbais/sufixais e nominalização da oração infinitiva.

De acordo com Miguel (1996), para o espanhol, na coordenação de orações infinitivas nominalizadas em posição de sujeito, o verbo principal toma a forma singular. Nos seguintes exemplos em que as orações nominalizadas estão em sujeito

frásico, verificamos que no português esta situação não se comprova, indo o verbo da frase para o plural:

(13)

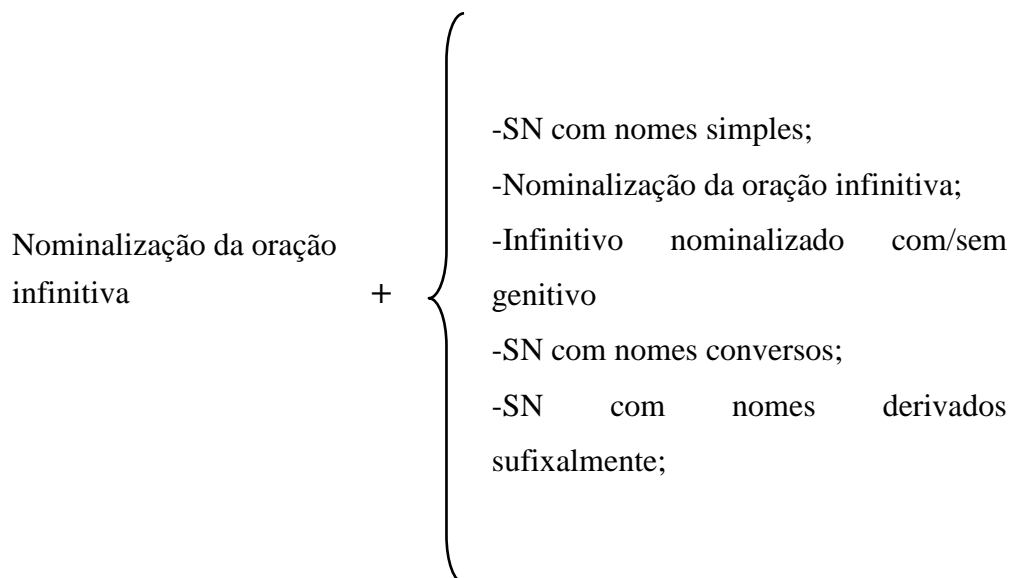
- a) *par=ext1056528-pol-95a-1*: Quer isto dizer que, para ele, «**o evitar a guerra e o prepará-la** estavam inextricavelmente ligados». (A.III.12)
- b) *par=ext456663-nd-95a-1*: Como bom cabo-verdiano, acrescenta, no entanto, que **o conhecer novas culturas**, o contacto com vários tipos de pessoas e, principalmente, o intercâmbio de conhecimentos enriquecem o ser humano. (A.VI.5)
- c) *par=ext398468-soc-94b-1*: É que, por se tratar de um projecto piloto, o número de vagas é bastante restrito, e, se requisitos essenciais como **o não ter casa** ou **ter mais de 18 e menos de 50 anos** vão ser determinantes, a vontade de cada um em frequentar o curso não o vai ser menos. (A.VI.12)

Contrariamente ao que parece acontecer no espanhol, segundo De Miguel (1996), é possível coordenar uma construção de infinitivo nominalizado com uma construção de nominalização da oração infinitiva, como nos exemplos (14) se ilustra:

(14)

- a) *par=ext940068-nd-95a-2*: O fervilhar de ideias, a descoberta de mundos diferentes, **o afrontar o poder estabelecido**, os ecos de uma Europa em mudança, o agitar de consciências adormecidas, as notícias difusas que nos chegavam de África, a leitura dos livros proibidos pela censura -- o Lobo de Oliveira viveu intensamente o desfazer do nevoeiro que abafava e amordaçava o nosso país. (A.VI.3)
- b) *par=ext137746-soc-92b-2*: As latadas, o amarrar de latas aos pés dos caloiros, que além de servir para os pôr a ridículo ligava-se à necessidade de produzir um barulho que permitisse a vigília aos que estudavam; **o mandar caloiros ir buscar «pedras de afiar agulhas»** é justificado com a necessidade de perderem a inocência tola e aprenderem a desenrascar-se. (A.I.a.8)
- c) *par=ext533302-des-93a-2*: Foi o nervosismo inexplicável dos jogadores; foi algum convencimento de que ia ser fácil; o não arriscar; o defender mal; **o quase não ganhar bolas no meio-campo**; o constante falhar de passes; o despejar de bolas da defesa para o ataque, perante uma defesa de calmeirões. (A.IV.1)

Sintetizando, a nominalização da oração infinitiva pode surgir como membro de uma coordenação nas seguintes combinações:



Os dados expostos infirmam a hipótese (vi), quer dizer, a nominalização da oração infinitiva não ocorre apenas coordenada com infinitivos do mesmo tipo e na forma verbal a concordância não assume a forma singular.

(vii) Ocorrência com clíticos

Esta construção permite a realização dos argumentos sob a forma de pronomes clíticos, como é ilustrado nos dados da seguinte tabela:

Tabela 15:

Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva por realização de argumentos sob a forma de clíticos

	Presença de clítico	Frequência	Percentagem
Construção com infinitivo não flexionado	não	203	93,1%
	sim	15	6,9%
	Total	218	100,0%
Construção com infinitivo flexionado	não	29	85,3%
	sim	5	14,7%
	Total	34	100,0%

A percentagem de ocorrências de argumento interno sob a forma de clítico na construção de infinitivo flexionado é superior à da construção com infinitivo não flexionado.

Vejamos alguns exemplos:

(15)

- a) *par=ext383811-soc-97b-3*: «Toda a descrição do projecto tem por base o despacho que estabelece as regras que permitem a excepção aberta no Protali Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo Litoral: o montante de investimento, **o designá-lo por ` estruturante ' .** (A.III.8)
- b) *par=ext808741-pol-94b-1*: P. -- A discussão deste tipo de assuntos e **o trazê-los** para o centro do seu debate político conferiu à Federação Distrital do PS-Porto uma expressão nacional que antes não possuía, não é verdade? (A.III.11)
- c) *par=ext1083505-nd-98a-2*: O reverso é o subestimar brutal dos outros seres vivos, **é o atribuir-lhes um valor variável** de acordo com a maior ou menor utilidade que o homem vê neles. (A.III.13)
- d) *par=ext40274-soc-93a-2*: O grande dano provocado a Alice Belinha; o facto de Armanda e António terem decidido furtar aquela cassette em particular e não outra qualquer, dado o grande valor que lhe atribuíram logo que se aperceberam do conteúdo; **o terem-na reproduzida e facultado a terceiros**, e a decisão de a divulgar, aproveitando a notoriedade do casal na cidade, foram factos dados como provados e que indicavam, sem margem para dúvidas, que iria haver uma condenação. (B.III.1)
- e) *par=ext1313969-des-91b-1*: Estou muito agradecido ao Team e ao Ni Amorim **o terem-me proporcionado estes momentos de prazer**». (B.III.5)

Nos exemplos (15a), (15b) temos ocorrência de infinitivo não flexionado com pronome pessoal complemento direto e em (15c) pronome pessoal complemento indireto. Em (15a), o pronome substitui “o montante de investimento”, em (15b) o pronome parece substituir “os assuntos” e em (15c) substitui “aos outros seres vivos”. Nos exemplos (15d) e (15e) temos respetivamente a ocorrência de infinitivo flexionado com pronome pessoal complemento direto, substituindo “aquela cassette” e pronome pessoal complemento indireto de primeira pessoa do singular.

Estas possibilidades são explicadas pelo facto de estarmos perante domínios oracionais completos.

(viii) Ocorrência com negação

A nominalização da oração infinitiva pode conter negação, tendo propriedades verbais/oracionais claras:

Tabela 16:

Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva por presença de advérbio de negação

	Presença de negação	Frequência	Percentagem
Construção com infinitivo não flexionado	não	185	84,9%
	sim	33	15,1%
	Total	218	100,0%
Construção com infinitivo flexionado	não	29	85,3%
	sim	5	14,7%
	Total	34	100,0%

Vemos nos dados da Tabela 16 que a ocorrência de advérbio de negação na oração infinitiva nominalizada de infinitivo não flexionado é semelhante à oração infinitiva nominalizada de infinitivo flexionado.

(16)

- a) *par=ext249927-opi-97a-1*: Eu estou a meio caminho: entre a inteligência e a facilidade, entre o ter rido muito ou **o não ter rido nada**. (A.IV.3)
- b) *par=ext1005817-pol-91a-1*: Se objectivamente, quorum não havia (251 era o número considerado mínimo) , «**o não desiludir as pessoas** que tinham deixado as suas casas» levou o Presidente da Convenção (que ontem à tarde se demitiu do cargo) a optar por discutir «mais questões políticas que jurídicas» e a abrir os trabalhos. (A.IV.12)
- c) *par=ext704158-pol-95b-2*: Mas **o não haver guerra** não significa que haja paz. (A.IV.19)
- d) *par=ext285013-des-92a-2*: Mas aos russos preocupa-os outra coisa: **o não estarem preparados** para o estatuto de desempregados. (B.IV.1)

e) *par=ext1155958-soc-96a-1*: «Não é uma questão de subsídio, mas, sim, **o não criarem dificuldades** ao nosso trabalho, como por exemplo, com a aprovação rápida dos nossos projectos. " (B.IV.2)

Em (16a), (16b) e (16c) temos, respetivamente, a presença de infinitivo não flexionado e em (16d) e (16e) infinitivo flexionado. Confirma-se hipótese (viii).

(ix) *Ocorrência com auxiliares*

A construção de nominalização da oração infinitiva pode ocorrer com auxiliares, como vimos em alguns exemplos apontados anteriormente.

Tabela 17:

Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva (com infinitivo flexionado) por presença de auxiliar

Construção com infinitivo flexionado	Frequência	Percentagem
Ausência de auxiliares	22	64,7%
Presença de auxiliar tempos compostos	10	29,4%
Presença de semiauxiliar aspectual	2	5,9%
Total	34	100,0

Tabela 18:

Frequência e percentagem de ocorrências de nominalização da oração infinitiva (com infinitivo não flexionado) por presença de auxiliar

Construção com infinitivo não flexionado	Frequência	Percentagem
Ausência de auxiliares	165	75,7%
Presença de auxiliar tempos compostos	45	20,6%
Presença de semiauxiliar aspectual	5	2,3%
Presença de semiauxiliar modal	1	0,5%
Presença de auxiliar da passiva	2	0,9%
Total	218	100,0

Da análise dos dados das tabelas, vemos que ocorre sobretudo o auxiliar dos tempos compostos “ter”.

Vejam-se em (17) alguns exemplos do *corpus* que ilustram a presença de oração infinitiva nominalizada com auxiliares (Cf. *Corpus* A.V. e B.V. do Anexo III)

(17)

- a) *par=ext602132-soc-95b-2*: Irene Pivetti, que geralmente fala de si própria no masculino enquanto «o presidente» de uma das mais importantes instituições do país, agradeceu ao Papa **o ter enviado uma carta** às mulheres, mas acrescentou que devia escrever outra a pensar no homens «justamente porque hoje a questão feminina se transformou num tema de discussão de tal modo vasto que eles precisam de uma palavra de atenção». (A.V.2)
- b) *par=ext252994-nd-94a-1*: A ilustração por computador tem uma outra característica: **o deixar de existir um original** -- com os meios tradicionais, é possível realizar uma série de ilustrações para um livro, por exemplo, e, a seguir, realizar uma exposição em que as pessoas levem os originais para casa. (A.V.32)
- c) *par=ext1540061-clt-94b-3*: «Houve sempre em mim uma luta entre **o continuar a escrever o diário** -- a sedução de escrever um diário -- e a crítica a essa sedução. (A.V.35)
- d) *par=ext678449-soc-95a-1*: Que se diga ainda que, vencida a inércia, é muito importante para a ANGT **o poder diligenciar a sua filiação internacional**, dado que parece ser bem mais fácil impor-se em Portugal carreando as experiências, que perder tempo na busca de soluções que há muito pelas outras aficions foram encontradas. (A.V.36)
- e) *par=ext250889-soc-97a-2*: Foi só após 22 anos de ostracismo que Uriel da Costa regressou à sinagoga de Amesterdão, penitenciando-se publicamente e aceitando as humilhantes punições decorrentes, que incluíram 39 vergastadas e **o ser pisado** por uma multidão de fiéis. (A.V.38)
- f) *par=ext1491008-soc-95a-4*: Entre outras coisas, **o terem tentado resolver o problema do ensino artístico em Portugal**, talvez o maior quebra-cabeças institucional e pedagógico de que há memória. (B.V.2)

g) *par=ext524491-opi-96a-2*: Olhando para o relógio e verificando que a conversa já ia longa, solicitei-lhe ainda uma opinião rápida sobre **o estarmos a introduzir em Portugal uma experiência** que, nos restantes países da Europa, tem tido resultados tão desanimadores e discutíveis. (B.V.5)

A nominalização da oração infinitiva impessoal aparece com o auxiliar dos tempos compostos (*ter*), com o auxiliar da passiva (*ser*), com semiauxiliares aspectuais (*deixar, deixar de, continuar a, estar a*) e com semiauxiliares modais (*poder*).

A nominalização da oração infinitiva com infinitivo flexionado aparece com o auxiliar dos tempos compostos “ter” (17f) e com o semiauxiliar aspectual “estar a” (17g).

(x) *Nominalização da oração infinitiva expressa tempo*

Semanticamente, De Miguel (1996, p. 32) defende que a nominalização da oração infinitiva pode ser imperfetiva (18a) e perfetiva (18b). É imperfetiva quando refere um evento no infinitivo que pode ser simultâneo, passado, presente e futuro quanto ao momento da enunciação. É perfetiva quando o auxiliar *ter/haber* denota que o evento descrito pelo infinitivo é passado relativamente ao evento do predicado principal.

(18)

- a) El llegar_{i/j/k} el niño tan tarde tenía_i/tiene_j/tendrá_k preocupada a su familia. (De Miguel, 1996, p. 32)
- b) El haber llegado_{i-1/j-1/k-1} el niño tan tarde tenía_i/tiene_j/tendrá_k preocupada a su familia. (De Miguel, 1996, p. 32)

De Miguel (1996) mostra que o infinitivo nestas construções não só tem valor de tempo como também de aspeto. A situação expressa pelo infinitivo pode ser anterior ou simultânea relativamente ao tempo da oração principal. Isto significa que o infinitivo, neste tipo de orações, é capaz de exprimir tempo. O mesmo se passa em português.

Contrariamente ao infinitivo nominalizado que não pode ser combinado com qualquer tempo nem recorrer ao auxiliar *ter*, a nominalização da oração infinitiva pode conter o auxiliar *ter* (veja-se propriedade ix) e exprime temporalidade. A nominalização

da oração infinitiva quando aparece como sujeito, pode ocorrer com verbo no presente, no pretérito perfeito ou no futuro (vejam-se também exemplos em (30).

- (19) a) *par=ext1005143-clt-94a-2*: Em «Carta a Fernando Echevarría», **o fazer versos** surge como um trabalho que exige medida e rigor, por contraposição ao academismo que consiste na repetição (espontânea) de fórmulas. (A.I.a.11)
- b) *par=ext724213-pol-91b-2*: As suas críticas à actual direcção da ETA e **o ter afirmado a necessidade de uma negociação** levaram-no a ser considerado como um cancro pela organização armada. (A.V.17)

Em síntese, na nominalização da oração infinitiva temos valores temporais, visível pela possibilidade de combinação com diferentes tempos da oração matriz (em (19a) com o presente do indicativo e em (19b) com o pretérito perfeito do indicativo) e pela ocorrência do auxiliar “ter”.

(xi) *Distribuição da nominalização da oração infinitiva na frase*

A nominalização da oração infinitiva surge em diferentes contextos, sendo um deles ser seleccionada por diferentes preposições. Observando o *corpus* em anexo, a nominalização da oração infinitiva pode ser seleccionada pelas preposições: *a, até, com, contra, desde, entre, para e sobre*.

(20) Preposição “sobre”:

- a) *par=ext48856-clt-93a-2*: Ela encontrou coisas nela própria sobre **o ser mulher**» (A.I.b.4)
- b) *par=ext1477084-clt-92b-1*: Outra lição sobre **o estar no mundo e o enfrentar a vida**, sem a veracidade da primeira. (A.VI.11)
- c) *par=ext524491-opi-96a-2*: Olhando para o relógio e verificando que a conversa já ia longa, solicitei-lhe ainda uma opinião rápida sobre **o estarmos a introduzir em Portugal uma experiência** que, nos restantes países da Europa, tem tido resultados tão desanimadores e discutíveis. (B.V.4)

(21) Preposição “desde” / “até”:

- a) *par=ext1075564-soc-96b-2*: Desde **o estender a toalha**, com todo o cuidado, até **o despir a camisa**, todos os movimentos são estudados, como se estivesse a posar para uma câmara de filmar. (A.I.a.15)
- b) *par=ext868067-nd-98a-3*: Para Filipa Francisco, esta história também é contada pelo público, na medida em que vive muito da sua capacidade de reacção às brincadeiras que vamos fazendo, desde **o desafiar alguém para cantar**, ao experimentar sapatos nos pés de algumas mulheres que serão as nossas princesas. (A.I.a.25)
- c) *par=ext1266095-soc-94a-1*: Um novo regulamento, apenas dependente da aprovação pela Assembleia Municipal, vai disciplinar a deposição e remoção de resíduos sólidos no município, com multas para todos os gostos e as mais variadas infracções, desde **o deitar um papel** para o chão a deixar a tampa dos contentores aberta. (A.I.a.69)

(22) Preposição “entre”:

- a) *par=ext1343426-des-92a-1*: Para o antropólogo Pedro Cardoso, o dilema estabelece-se entre **o aceitar os riscos** que as novas formas de assistir ao espectáculo implicam e o investimento nos futuros adeptos. " (A.I.a.28)
- b) *par=ext1005438-soc-97b-2*: A peça narra o percurso de Cesário, um jovem tuberculoso, tímido e virgem, com o gosto de leituras proibidas, que é chamado para a tropa mas que fica indeciso entre **o cumprir o serviço militar obrigatório e exilar-se**. (A.I.a.37)
- c) *par=ext249927-opi-97a-1*: Eu estou a meio caminho: entre a inteligência e a «facilidade», entre **o ter rido muito** ou **o não ter rido nada**. (A.IV.3)
- d) *par=ext1380439-pol-96a-1*: Para Hashimoto, o exercício de jardinagem é delicado, entre **o não hostilizar o sentimento anti-americano** e o não pôr em causa ou em perigo o tratado de segurança bilateral com Washington que constitui, para os dois países, uma ferramenta essencial em termos estratégicos e de defesa. (A.IV.10)
- e) *par=ext1540061-clt-94b-3*: «Houve sempre em mim uma luta entre **o continuar a escrever o diário** -- a sedução de escrever um diário -- e a crítica a essa sedução. (A.V.35)

- f) *par=ext165761-clt-94a-1*: É, portanto, no geral, um regresso às fontes, o que exclui os grandes arranjos e a densidade orquestral, de forma a diminuir a distância entre **o escrever e o gravar canções**. (A.VI.13)
- g) *par=ext1325516-pol-92a-1*: A corrupção das tremidas virtudes da solidariedade e da justiça social coloca a cenoura defronte do burro, forçando à agonia da rotina entre **o ganhar e o gastar dinheiro**. (A.VI.16)
- h) *par=ext68899-clt-95b-2*: Entre **o fazer uma reportagem** e a revelação passa entre um a três meses: o tempo suficiente para me esquecer do que fiz. (A.VI.24)
- i) *par=ext100530-clt-94a-2*: Eu estava dilacerada entre **o ser uma atriz** a interpretar uma personagem e a imagem do meu passado. (A.VI.25)

(23) Preposição “com”:

- a) *par=ext477812-soc-97a-1*: Foi esta a situação vivida durante manhã de ontem em muitas regiões, mas que foi melhorando com **o avançar o dia**. (A.I.a.43)
- b) *par=ext1408272-pol-95a-2*: «Atacaram-no por ter comprado um automóvel com dono, atacaram-no* por não sei quantas outras coisas tem em processo, mas tudo isso, comparado com **o atirar um homem ao mar**, não é nada», disse o bispo de Morón, Justo Laguna, «assombrado com a falta de equilíbrio de valores» que dominam a Argentina. (A.I.a.71)
- c) *par=ext1492468-pol-92b-2*: O estudo revela ainda que o CDS não terá conseguido lucrar, em termos eleitorais, com **o ter comandado a agenda política portuguesa** em alguns dos meses mais recentes. (A.V.22)
- d) *par=ext601992-nd-91a-1*: Em *The World Is Growing Old*, Katharina Franck começa por opor música pesada e dinheiro a música suave e satisfação pessoal, acabando por concluir que esta sua visão se prende com **o estar a envelhecer**. (A.V.37)
- e) *par=ext1135283-pol-94a-1*: Com **o abrir e fechar a porta** também nada tinha a ver o porteiro, que, envergando um uniforme de almirante com botões dourados, permanecia impassível contemplando os esforços de uma idosa turista francesa para empurrar a porta com o ombro ao mesmo tempo que arrastava penosamente a sua mala; alguns dias mais tarde, quando a fechadura encravou e os clientes não podiam nem entrar nem sair, o mesmo porteiro repetiu a afirmação da encarregada da limpeza: ele nada tinha a ver com o problema; se queríamos queixar-nos, devíamos fazê-lo junto do director. (A.VI.6)

f) *par=ext632005-clt-96a-2*: Mas acrescento sempre mais depois da montagem porque acredito que a parte da rotação, no processo de feitura de um filme, tem que ver com o subconsciente -- «Gostaria de fazer isto ou aquilo, mas não tenho bem a certeza» --, enquanto a montagem tem que ver com o consciente, já tem que ver com **o descrever uma acção**: (A.I.a.78)

(24) Preposição “Para”:

a) *par=ext161818-clt-94a-1*: A depressão, que o predispõe para a interrogação, para **o fazer as contas**, permite a Francisco testemunhar, acompanhar e compreender o irmão, habitualmente distante. (A.I.a.60)

b) *par=ext161818-clt-94a-1*: A depressão, que o predispõe para a interrogação, para **o fazer as contas**, permite a Francisco testemunhar, acompanhar e compreender o irmão, habitualmente distante. (A.I.a.60)

(25) Preposição “a”:

a) *par=ext1348384-eco-96a-2*: Um valor que se destina a elevar os fundos e capitais próprios do BCP e a **um melhorar o rácio** de solvabilidade, que desceu de 15,9 por cento no final de 1994, para 9,3 por cento no final do ano passado. (A.I.c.2)

(26) Preposição “contra”

a) *par=ext1138452-clt-94a-1*: «Eu sou é contra **o aproveitar maciçamente o turista**, porque entra-se em certas casas viradas para o estrangeiro e aquilo não diz nada. ” (A.II.1)

A nominalização da oração infinitiva aparece ainda selecionada por certas lexias com o verbo “ter”: *ter como único objetivo, ter como objetivo, ter como prioridade absoluta, ter como ideia base e ter como principal aliciante*:

(27)

a) *par=ext115590-soc-91b-1*: Um é nitidamente pejorativo e refere-se àquelas obras sem encanto nem criatividade a que podemos porventura, mais concretamente, chamar de Construção sem Arquitectura, que têm como

objectivo único **o fazer dinheiro** e um papel empobrecedor e embrutecedor dos sítios em que aparecem. (A.I.a.5)

- b) *par=ext234838-clt-soc-95b-1*: As expedições integram-se no projecto educativo Jason, que tem como objectivo **o incentivar crianças** a estudarem ciência e tecnologia. (A.I.a.9)
- c) *par=ext340955-opi-97a-2*: Qualquer administração de uma companhia aérea tem como prioridade absoluta **o reduzir os custos de exploração**. (A.I.a.57)
- d) *par=ext836282-clt-93b-1*: O realizador teve como ideia de base em «Abismo» **o fazer uma versão submarina abissal do contacto com as civilizações extraterrestres**, que Spielberg transformara anos antes na saga de aventuras místicas que se conhece. (A.I.a.79)
- e) *par=ext608682-des-93a-1*: A quatro jornadas do termo da primeira fase do nacional de basquetebol, disputa-se hoje a 19ª ronda da prova, que tem como principal aliciante **o colocar frente a frente seis das equipas** que, tudo faz prever, seguirão em direcção aos «play-off». (A.II.12)

Mas é sobretudo em contextos verbais que a nominalização da oração infinitiva pode ser encontrada quer como sujeito quer como argumento interno de vários tipos de verbos.

Contrariamente a Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b), pensamos que os verbos factivos/avaliativos não são os únicos e os preferenciais a seleccionar orações infinitivas nominalizadas. No *corpus*, encontramos poucas ocorrências, com os verbos factivos/avaliativos *mover*, *surpreender* e *confundir* (em coordenação) (veja-se 28):

(28)

- a) *par=ext2170-pol-95b-3*: O que me move é **o fazer trabalhos diferentes**. (A.I.a.3)
- b) *par=ext382961-nd-96b-2*: «Surpreendem-nos as posições que têm vindo a público de manutenção de um clima de desinformação, bem como **o privilegiar interesses** corporativos, e outros pequenos interesses, em torno desta questão. (A.I.a.12)
- c) *par=ext839085-soc-93b-3*: Não podemos confundir condições de segurança e **o ter mais funcionários públicos**. (A.I.a.40)

Para além dos verbos factivos/avaliativos, a nominalização da oração infinitiva pode surgir como argumento interno de verbos existenciais (*haver*), verbos declarativos de ordem (*permitir*), de verbos declarativos/epistémicos (*admitir, confirmar, agradecer*, entre outros), verbos modais (*dever*). Vejamos alguns exemplos:

(29)

- a) *par=ext363013-eco-95b-2*: Posso admitir **o evitar as desvalorizações competitivas**, mas com contrapartidas financeiras.
- b) (A.I.a.31) *par=ext1207278-pol-93b-1*: A nova direcção (que na madrugada de hoje deverá ter sido eleita, pelo método de Hondt, a partir de duas listas encabeçadas pelos históricos Olívio Pires e Silvino da Luz, que quebraram o anunciado consenso de uma lista única) encarregar-se-á de confirmar **o desmentir a viabilidade da esperança** agora prometida no slogan do congresso. (A.I.a.33)
- c) *par=ext1186645-soc-92a-1*: «Houve sim, da minha parte, **o disponibilizar um terreno** para fazerem uma sede. (A.I.a.68)
- d) *par=ext223710-clt-96a-4*: O programa deste último -- sobretudo se equacionado com o do concerto do dia 24, a que também assistimos -- permite **o levantar honestamente algumas questões** que se colocam à música do nosso tempo. (A.II.6)
- e) *par=ext1219537-clt-94b-2*: É evidente que, mesmo que MacGowan quisesse alterar este estado de coisas, os seus admiradores não lho «permitiriam», -- afinal foi ele próprio que um dia declarou ao «Melody Maker» que «as suas audiências bebiam muito, por isso ele achava que lhes devia **o estar permanentemente bêbedo**». (A.II.10)
- f) *par=ext149177-pol-95a-2*: Agradeceu a todos **o terem-lhe dado tudo**: (B.III.2)
- g) *par=ext477742-nd-98a-1*: A declaração levantou a questão da intenção, ou não, da tentativa de dissimulação, já que, para o arguido Néilson, a polícia, em ocasiões anteriores habitualmente não permitia **o levar os engenhos** para o interior dos recintos. (A.I.a.53)

A nominalização da oração infinitiva aparece ainda como sujeito de verbos copulativos (30a), de uma lexia complexa (30b) e de verbos ditransitivos (30c), de

verbos transitivos (30d, 30f, 30g, 30j), de verbos transitivos (causativos) (30e, 30i), de verbos com reflexo inerente (30h):

(30) Sujeito

- a) *par=ext1019979-des-93b-2*: Aliás, **o provocar a falta** foi uma «fórmula» recomendada por Toni à sua equipa, quando esta não conseguisse controlar o jogo. (A.I.a.49)
- b) *par=ext448750-soc-92a-1*: Traz uma papelada da polícia que, segundo ele, declara que **o ter passado o sinal vermelho** não constituía perigo para os peões. (A.V.8) (verbo declarativo)
- c) *par=ext1268507-des-92a-1*: Fernando Couto diz que a sua juventude, «o desejo de vencer no futebol e **o vestir a camisola da selecção**» lhe dá força para «tentar sempre o melhor» (A.I.a.50)
- d) *par=ext615300-eco-93b-2*: Para os conselhos de administração das sociedades, **o pisar a linha** pode emagrecer os seus balanços financeiros, uma vez que estarão sujeitos a sanções e coimas, quer por parte das associações de bolsa, quer pelo lado da CMVM, que se encarregará de aplicar as punições previstas no Código do Mercado de Valores Mobiliários. (A.I.a.22)
- e) *par=ext72215-nd-91b-1*: Só o calçar das botas podia demorar bastante tempo por esse motivo, acrescentando que **o baixar a cabeça** me provocava fortes tonturas. (A.I.a.46)
- f) *par=ext461791-nd-96a-1*: Mas temos aqui um exemplo de como a idade, melhor, de como **o passar os anos**, dá novos enfoques a certas questões: (A.I.a.52)
- g) *par=ext1429706-soc-93a-3*: «O controlo tem sido ultimamente muito forte; **o levar as crianças** à escola pode denunciar a situação em que se encontra a família», explica Maria José Caldas, da Associação de Pais Portugueses em Bruxelas. (A.I.a.64)
- h) *par=ext1289794-pol-94a-2*: Para os países do Leste, **este ganhar tempo** confunde-se com uma cedência da Nato àquilo que vêem como «chantagem russa». (A.I.d.1)

- i) *par=ext1397015-nd-91b-1*: O não ter «as mãos sujas de sangue», **o não ter sancionado a guerra civil** faz dele uma bandeira para os independentes e os pacifistas. (A.IV.6)
- j) *par=ext704158-pol-95b-2*: Mas **o não haver guerra** não significa que haja paz. (A.IV.19)

(31) predicativo do sujeito de verbos copulativos (*ser*);

- a) *par=ext1286043-pol-94b-1*: E, por fim, foi **o votar às escuras e à chuva**, ou as urnas escrutinadas transportadas de madrugada em ombros de boa vontade. (A.I.a.38)

Vemos que a hipótese de a oração infinitiva ser selecionada apenas por verbos factivos/avaliativos é infirmada.

(xii) *Tipo de verbos na nominalização da oração infinitiva*

Uma vez que a nominalização da oração infinitiva denota diversidade de situações, denotando factos, então todas as subclasses de verbos podem aparecer. Vejam-se alguns exemplos do *corpus*:

Verbos inergativos	<i>O não poder pensar</i>
Verbos transitivos/de alternância	<i>O beijar Mandela</i> <i>O estender a toalha</i> <i>O despir a camisa</i> <i>O aprender a escrever os nomes</i> <i>O despir as camisas partidárias</i> <i>O desafiar alguém para cantar</i> <i>O provocar a falta</i> <i>O vestir a camisola da seleção</i>
	<i>O baixar a cabeça</i> <i>O abrir e fechar a porta</i> <i>O voltarem as costas à relação atlântica</i>
Verbos inacusativos	<i>O deixar cair os braços</i> <i>O avançar o dia</i> <i>O não acontecer nada</i>

Verbos copulativos	<i>O ser padre</i> <i>O estar romanticamente deprimido</i> <i>O serem essencialmente oportunidades</i>
Verbo transitivo indireto com argumento obíquo	<i>O ir a um bordel</i> <i>O deparar eventualmente com um ou outro reservado</i> <i>O disparar contra a velha cidade de Dubrovnik</i> <i>O não ter entrado em guerra civil</i> <i>O ter optado por um comício a céu aberto</i>
Verbo ditransitivo	<i>O levantar a mão a um cardeal</i> <i>O ter enviado uma carta às mulheres</i>

A oração infinitiva nominalizada não apresenta restrições no tipo de verbos que podem surgir, confirmando-se hipótese (xii).

4.3. Análise da estrutura sintática da nominalização da oração infinitiva

4.3.1. Diferentes propostas de análise sintática da nominalização da oração infinitiva apresentadas na literatura

Observemos o que é proposto na literatura:

Para o espanhol, **Plann** (1981) defende uma oração infinitiva nominalizada é complemento de um núcleo nome que não é fonologicamente realizado, como se descreve na Figura 26:

(32)

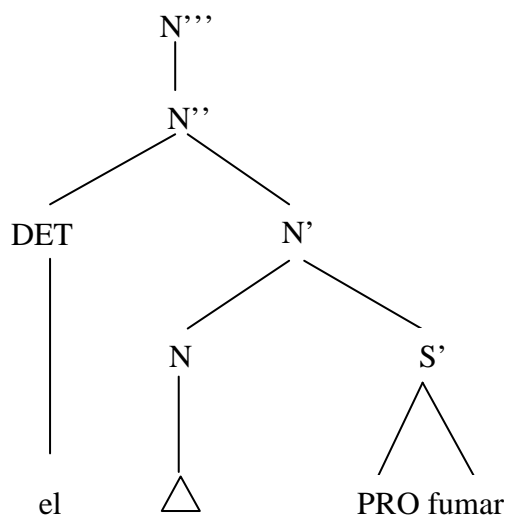


Figura 26: Estrutura sintática de uma construção de nominalização da oração infinitiva proposta em Plann (1981, p. 235)

Salvi (1986), para o italiano, propõe que um SN domina uma frase, em que o infinitivo funciona como um verbo, geralmente na forma de um auxiliar anteposto ao verbo principal por uma regra de “aux-to-comp”, em que o auxiliar se coloca na posição de COMP e c-comanda o sujeito lexical, atribuindo-lhe caso nominativo. A estrutura simplificada em (33) descreve o exemplo em parênteses.

(33)

[_{SN} DET F̄] (Salvi, 1986, p. 209) (“L’aver Piero ricercato la verità.”)

Na nominalização de oração infinitiva há portanto uma frase dominada por uma categoria SN.

De Miguel (1996) ao analisar o que chama o infinitivo com propriedades verbais, defende a existência de um nó Agr_sP (SCONC) que domina TP (ST) e AspP (SASP). AspP apresenta o traço [+/- perfeito] e TP o traço [+/- ant] .

Assim, o infinitivo desta construção é um verbo com traços temporais claros, assim como traços aspetuais. Veja-se a estrutura simplificada apresentada pela autora da frase “El andar el niño tan tarde por esa zona nos preocupa.” (De Miguel, 1996, p. 34).

(34)

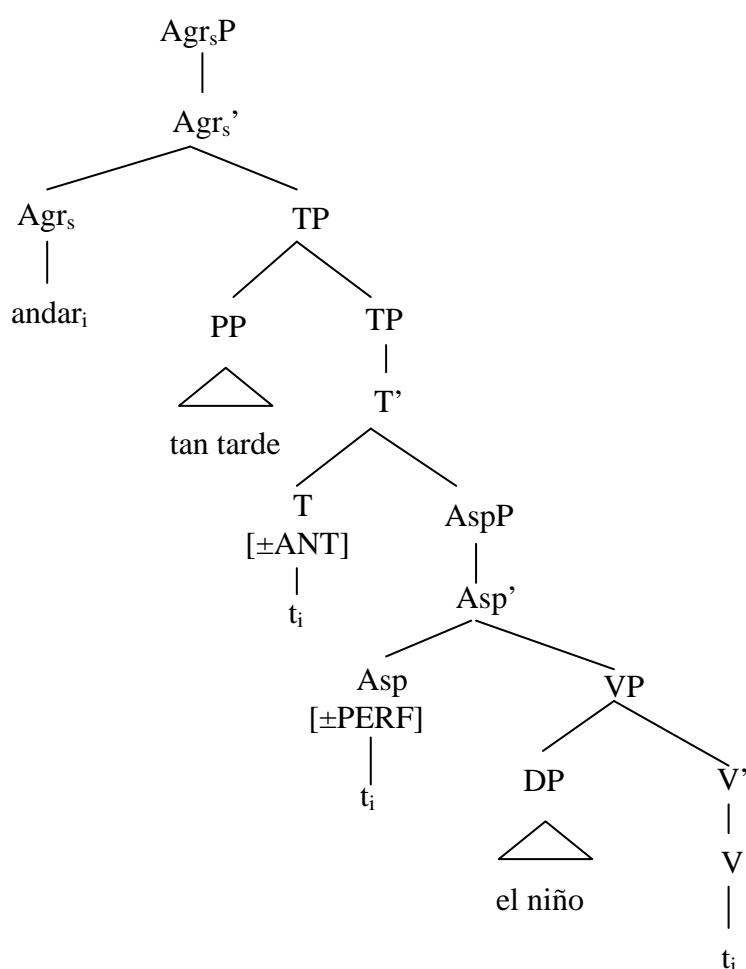


Figura 27: Estrutura sintática de uma oração nominalizada proposta por De Miguel (1996, p. 46)

Nesta estrutura, o infinitivo é um verbo, sendo núcleo de um VP (SV).

A autora propõe portanto que o morfema *-r* em espanhol corresponde a dois morfemas homófonos: 1) um derivacional (no infinitivo nominalizado) que traz

informações do aspeto lexical, mas não de tempo, recategoriza o infinitivo num nome e torna obrigatório a ocorrência de determinante; 2) um *-r* flexional, não recategoriza o infinitivo como nome e traz informações aspetuais e temporais (o que acontece na nominalização da oração infinitiva).

Ramirez (2003) enquadra a nominalização da oração infinitiva num nó CP (SCOMP) debaixo de DP (SDET), com a estrutura da Figura 28.

(35)

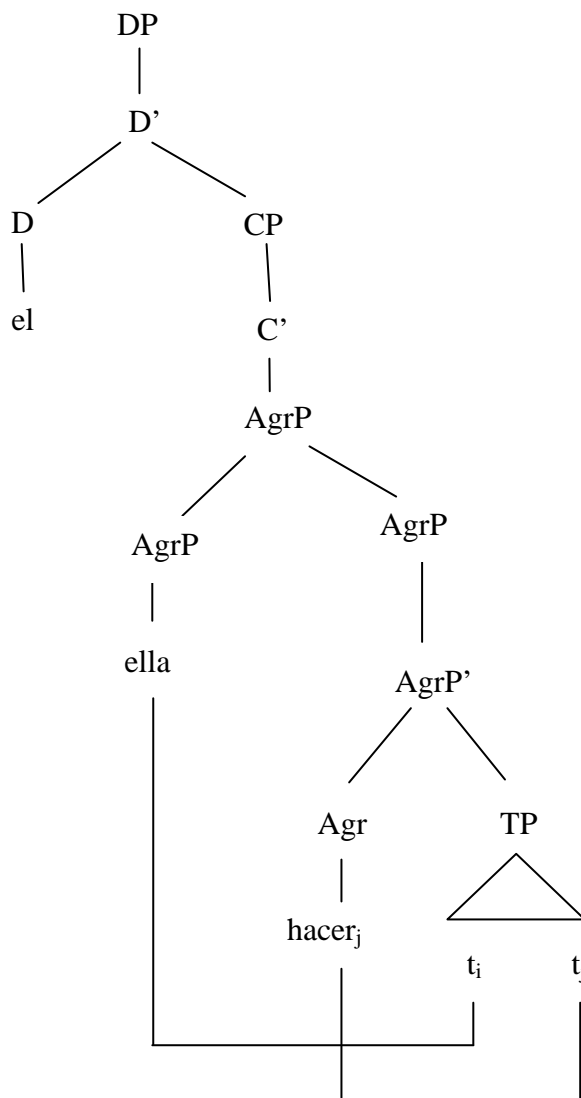


Figura 28: Estrutura sintática de uma nominalização da oração infinitiva proposta em Ramirez (2003, p. 128)

Brito (2012), seguindo o modelo de Alexiadou (2001) e Alexiadou, Iordachioia & Schafer (2011), no caso da nominalização de uma oração infinitiva, defende a nominalização de um CP (“complementizer phrase”) em que a posição de COMP pode vir a ser ocupada por verbos auxiliares. A raiz acategorial move-se ciclicamente para v, voice, Asp e T e finalmente para C, trazendo informação temporal e aspectual.

(36)

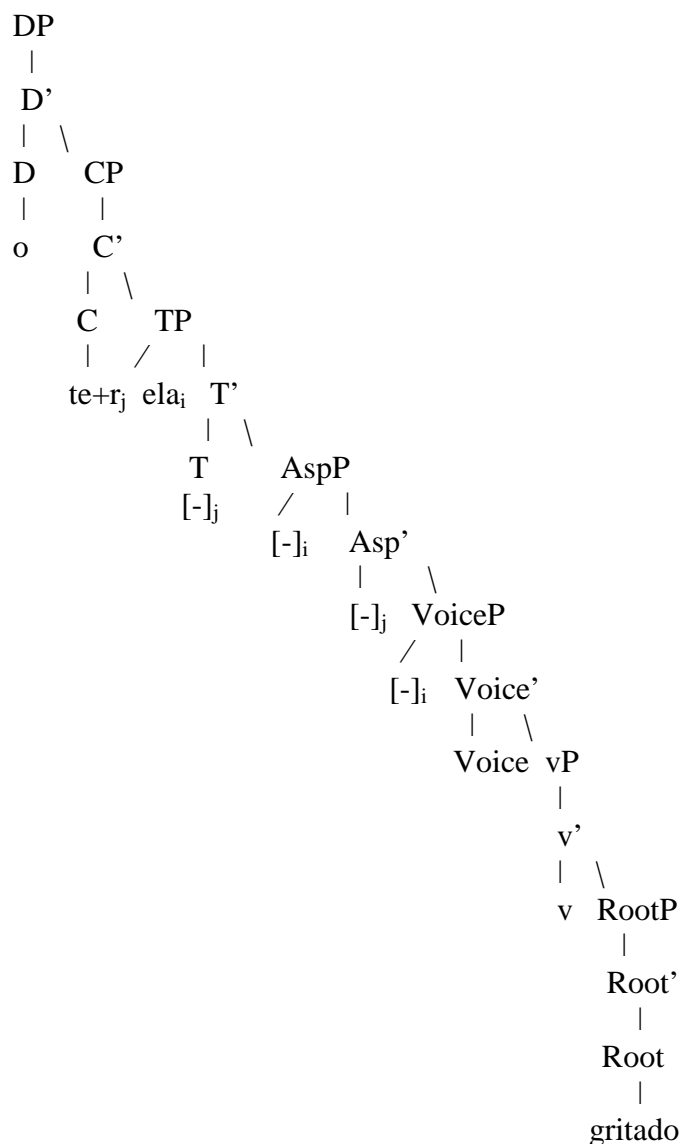
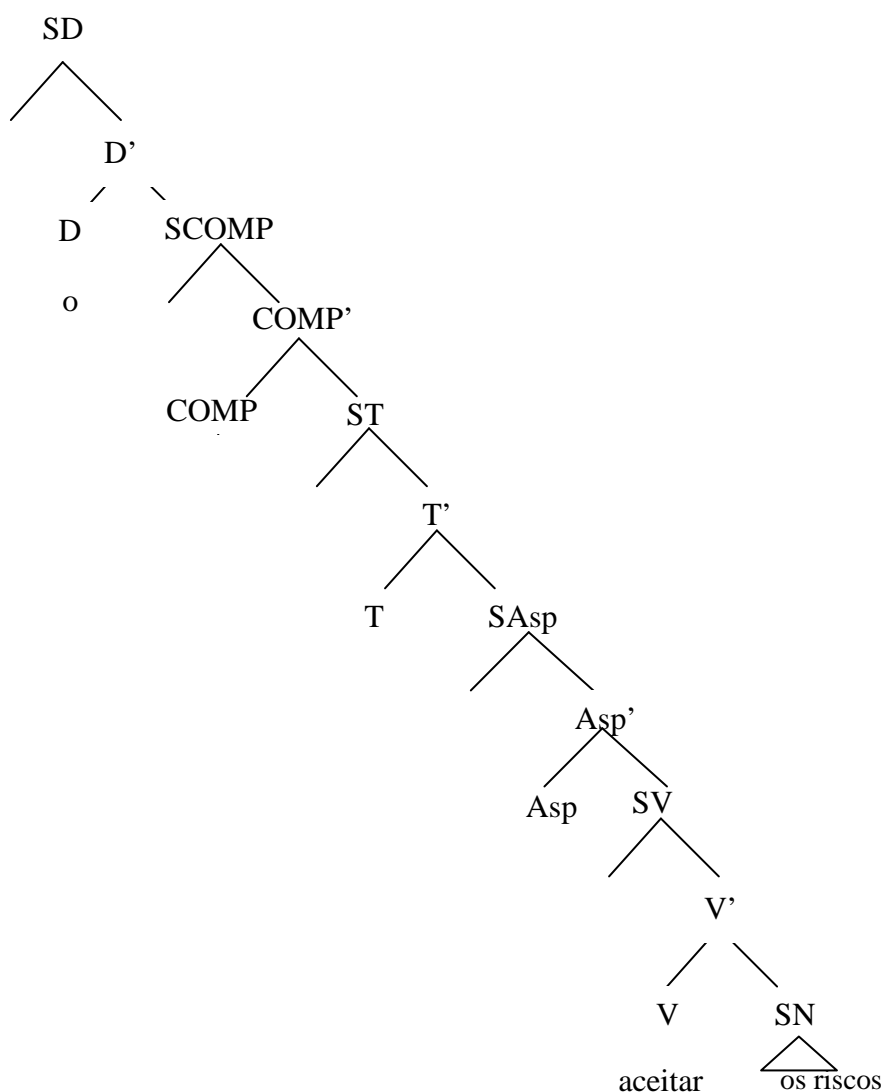


Figura 29: Estrutura sintática de uma nominalização da oração infinitiva, proposta em Brito (2012b, p. 113)

4.3.2 Uma possível proposta de análise sintática da nominalização da oração infinitiva

Em (37) apresentamos a estrutura sintática simplificada de uma construção de nominalização da oração infinitiva¹⁰⁶, que não difere muito das propostas por Salvi (1982), De Miguel (1996) e Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b), segundo a qual a nominalização da oração infinitiva tem mais propriedades verbais do que nominais e está enquadrada numa projeção máxima oracional (SCOMP) e, à semelhança de De Miguel (1996), propomos uma categoria funcional intermédia SASP com o traço [+/-perfetivo].

(37)



¹⁰⁶ Não sendo relevante para a discussão, não nos deteremos aqui nos mecanismos de atribuição de caso acusativo ao SN_{OD} (“os riscos”).

A existência de um operador Tempo é suportada pelos seguintes fatores:

- possibilidade de ocorrência de clíticos;
- possibilidade de ocorrência de auxiliares;
- possibilidade de ocorrência de infinitivo flexionado;

Na construção de nominalização da oração infinitiva defendemos um $-r$ que tem propriedades nominais e flexionais, nomeadamente propriedades temporais. Na construção apresentada não há violação do princípio da endocentricidade, o infinitivo é núcleo de um verbo, inserido em projeções funcionais verbais (ST, SAsp). A raiz verbal combina-se com um $-r$ flexional e com as categorias verbais Asp, T. Como esta oração infinitiva surge nominalizada surge enquadrada numa categoria SD.

4.4. *Conclusões*

A nominalização de uma oração infinitiva caracteriza-se pela presença da estrutura argumental dos verbos que comporta, pela realização de argumentos sob a forma de pronomes clíticos, por admitir infinitivo não flexionado e infinitivo flexionado e por admitir modificação adverbial; pode conter negação, auxiliares temporais, modais, aspectuais e o auxiliar da passiva *ser*, tendo propriedades oracionais exprime valores temporais. Para além disso, não surge somente coordenada com orações infinitivas nominalizadas. Quanto à modificação por relativa apositiva, aspeto apontado na literatura, não podemos concluir nada uma vez que não há exemplos no *corpus*.

Contrariamente ao que é proposto por De Miguel (1996, p. 34), não podemos afirmar que as propriedades das construções de nominalização da oração infinitiva estejam em distribuição complementar em relação às propriedades do infinitivo nominalizado. Relativamente à presença de diferentes determinantes, à aceitação de negação e à natureza categorial dos elementos coordenados parece-nos não haver grandes diferenças entre a nominalização da oração infinitiva e o infinitivo nominalizado.

Na oração infinitiva nominalizada não há qualquer restrição aspetual nos verbos que podem ocorrer. Para além disso, os diferentes exemplos apontados atrás mostram que não são apenas os verbos avaliativos /factivos que podem seleccionar uma oração infinitiva nominalizada.

Conclusão da parte II - usos nominais do infinitivo

Na apresentação dos usos nominais do infinitivo focámos três construções que apresentam propriedades distintas:

- (1) Os cantares foram surpreendentes.
- (2) O derrubar do muro demorou três semanas.
- (3) O cortar o pinheiro destruiu a sombra do parque.

Assim, (1) representa um infinitivo lexicalizado que assume plenamente as propriedades de um nome, encontrando-se dicionarizado como nome. Em (2) uma construção de nominalização do infinitivo com propriedades nominais, o chamado infinitivo nominalizado, e em (3) uma construção com propriedades verbais, uma nominalização da oração infinitiva.

A primeira construção assume propriedades de um nome, admitindo pluralização, determinação, modificação e complementação e semanticamente denota o produto ou resultado de uma ação verbal.

A segunda construção, infinitivo nominalizado, exhibe mais propriedades nominais (diversidade de determinantes, presença de genitivo, modificação por adjetivo, modificação por relativa, possibilidade de coordenação) do que propriedades verbais (não pode conter infinitivo flexionado, não exprime tempo, não tem sujeito no nominativo). A última construção, por sua vez, adquire mais propriedades verbais (presença de acusativo, modificação por advérbios, presença de auxiliares, pode ter infinitivo flexionado) do que propriedades nominais.

Dos critérios adotados na literatura para distinguir uma construção de nominalização do infinitivo mais nominal de outra mais verbal, apenas seis são verdadeiramente distintivos:

- a natureza dos argumentos: presença de um complemento genitivo (“de”) (IN) ou de um argumento sujeito (NOI);
- a modificação por um adjetivo (IN) ou advérbio (NOI);
- a ausência (IN) ou presença de auxiliares (auxiliares dos tempos compostos, passiva, modal, aspectual) (NOI);
- ausência de tempo (IN) e expressão de tempo (NOI);
- ausência de infinitivo flexionado (IN) e presença de infinitivo flexionado (NOI);
- impossibilidade de combinação com clíticos argumentais (IN) e possibilidade de combinação com clíticos argumentais (NOI).

Como vimos na análise das duas construções, de IN e de NOI, pode haver coincidência de algumas propriedades: a determinação, a natureza categorial dos constituintes coordenados e a presença de negação. Relativamente à modificação por relativa, uma vez que não encontramos nenhuma ocorrência no *corpus* da nominalização da oração infinitiva, não nos é possível retirar conclusões deste aspeto.

Na estrutura sintática, propôs-se que o infinitivo lexicalizado é já um nome no léxico; o infinitivo nominalizado é uma forma verbal que se combina com um *-r* derivacional com traços nominais, por isso quando é inserido na estrutura sintática tem de verificar as suas propriedades nominais; a nominalização da oração infinitiva, com plenas propriedades verbais, está inserida numa estrutura com projeções funcionais verbais (ST, SAsp).

O determinante adquire um papel importante nas três construções, contribuindo para a sua natureza nominal final.

Conclusão geral

Esta dissertação constituiu uma descrição, reflexão e problematização de alguns usos do infinitivo em PE. Partindo da designação atribuída pelos gramáticos ao infinitivo - “forma nominal do verbo” -, dividiu-se a dissertação em duas partes, centrando-se a primeira parte nalguns usos verbais do infinitivo e a segunda parte nos usos nominais do infinitivo.

Como afirmado na introdução, dado o âmbito dos diferentes aspetos abordados na dissertação, a revisão da literatura foi realizada ao longo da dissertação.

Na parte I, tendo estabelecido como objetivo “determinar alguns dos contextos verbais de ocorrência do infinitivo”, os diferentes capítulos dessa parte procuraram cumprir esse objetivo. O capítulo 1 é um capítulo preliminar, no §1. fizemos uma primeira caracterização do infinitivo e descrevemos a sua passagem do latim até à forma atual. Nessa passagem, o português conservou apenas as formas do infinitivo presente latino que eram sobretudo as que surgiam nominalizadas, tendo o morfema *-r* do infinitivo propriedades nominais como verbais. No §2. verificámos que os gramáticos da tradição luso-brasileira consideravam o comportamento dual do infinitivo, no entanto, na descrição dos usos do infinitivo, embora referissem o seu uso enquanto verbo e enquanto nome, o grande enfoque foram os seus usos verbais.

No capítulo 2 analisámos os infinitivos independentes em orações interrogativas, imperativas e exclamativas. O infinitivo não pode aparecer em orações independentes declarativas visto que exprimindo [-tempo] e [-conc], não há condições de atribuição de caso nominativo. O capítulo teve como objetivo determinar o que legitimará a presença do infinitivo nestas construções independentes não declarativas e a sua impossibilidade em orações independentes declarativas.

Nas três construções defendemos que, apesar de o infinitivo impessoal ser defetivo em termos morfológicos e sintáticos, tais construções têm tempo semântico, estritamente ligado a um operador semântico de avaliação (exclamativas), interrogação (interrogativas) e ordem (imperativas). Nas orações exclamativas e, para alguns

falantes, também nas interrogativas independentes pode aparecer infinitivo flexionado, que sendo [+ tempo] possibilita a existência de sujeito lexical. Defendemos que a independência dessas construções é apenas aparente uma vez que na periferia esquerda há um operador semântico em COMP, ligado a um operador semântico de tempo. O valor modal destas construções permitiu explicar a ocorrência de infinitivo nestas construções e sua impossibilidade em orações declarativas.

No capítulo 3, analisaram-se as construções de infinitivo com auxiliares. O infinitivo impessoal surge com os semiauxiliares temporais, aspetuais e modais. Nestes contextos, o valor temporal da oração é determinado pelo semiauxiliar.

No capítulo 4 analisámos o infinitivo impessoal e flexionado em orações completivas. No §2. fizemos uma revisão da literatura em que diferentes autores mostraram que o infinitivo em construções completivas pode exprimir tempo (Stowell, 1981; 1982; Martin, 2001; Ambar, 1992a; 1992b; 1999; Duarte, 2003d; Duarte, Gonçalves & Miguel, 2005). No §3. analisámos as orações completivas de infinitivo não flexionado/impessoal em complementação verbal de acordo com a classe semântica do verbo superior e no §4. as orações completivas de infinitivo flexionado/pessoal em complementação verbal de acordo com a classe semântica do verbo superior. Vimos que nas orações completivas existem diferentes graus na natureza nominal. A substantivação da oração completiva selecionada por verbos factivos/avaliativos pode mesmo exprimir-se através da presença de “o facto de” e por isso tais construções têm propriedades nominais fortes, que foram depois retomadas na parte II.

No capítulo 5 estudámos brevemente as orações subordinadas adverbiais infinitivas causais, finais, concessivas, temporais e condicionais, não sendo selecionadas pelos predicados verbais das orações subordinantes, foram descritos os conectores que introduzem orações subordinadas infinitivas e analisaram-se as suas propriedades sintáticas e semânticas fundamentais. O objetivo da análise centrou-se na problematização do conceito de oração reduzida atribuído às construções com infinitivo. Concluiu-se que este conceito não se revela apropriado, uma vez que nas diferentes orações podemos ter valores temporais, presença de infinitivo composto, de infinitivo flexionado e ocorrência de adverbiais temporais.

A II parte da dissertação centrou-se nos usos nominais do infinitivo. Inicialmente, no capítulo 1, apresentaram-se algumas considerações gerais sobre as três construções a serem analisadas: os infinitivos lexicalizados, o infinitivo nominalizado e a nominalização da oração infinitiva. Apresentámos a metodologia de análise das

diferentes construções (§1.), a constituição do *corpus* (§2.1.), a recolha e organização do *corpus* (§2.2.) e os critérios de distinção das diferentes construções (§2.3.).

No capítulo 2 definiram-se que infinitivos estão atualmente lexicalizados em PE, tendo por base duas obras lexicográficas e determinaram-se as propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas desses infinitivos. Os infinitivos lexicalizados têm plenas propriedades de um nome e, dessa forma, o infinitivo lexicalizado é já um nome no léxico. Procurámos definir algumas condições que terão possibilitado a lexicalização de certos infinitivos, mas seria necessária uma investigação mais ampla que cruzasse sintaxe, morfologia e linguística histórica para cumprir tal objetivo e dado o âmbito desta dissertação não aprofundámos esta questão. Tendo por base o conceito de lexicalização, acreditamos que a sua frequência em textos do passado poderá ser um fator relevante para uma melhor compreensão do fenómeno.

Nos capítulos 3 e 4 formulámos algumas hipóteses sobre a sintaxe e a semântica do IN e da NOI, algumas hipóteses confirmaram-se, outras infirmaram-se, permitindo-nos estabelecer novos contributos para a análise das duas construções de nominalização do infinitivo.

Assim, cada capítulo estruturou-se em função dos objetivos delineados na introdução, nomeadamente descrever as propriedades sintáticas, semânticas e temporais, determinar que critérios nos permitem distinguir essas construções e analisar sintaticamente as construções. Concluímos que as diferentes propriedades não se encontram todas em distribuição complementar, existindo verdadeiramente seis critérios que as distinguem: a presença de um complemento genitivo (“de”) ou de um argumento sujeito, a modificação por um adjetivo ou advérbio, a presença/ausência de auxiliares (auxiliares dos tempos compostos, passiva, modal, aspectual), a presença/ausência de valores temporais, a presença/ausência de infinitivo flexionado e possibilidade/impossibilidade de combinação com clíticos argumentais. A diversidade de determinantes, a natureza categorial dos constituintes coordenados e a presença de negação não constituíram fatores diferenciadores das construções. Quanto à modificação por relativa, a análise do *corpus* não nos permitiu estabelecer uma comparação.

As construções de infinitivo nominalizado surgem sobretudo com verbos inergativos e do ponto de vista aspetual, exprimindo atividade ou processo, como afirmado na literatura. No entanto, como já Brito (2012a, 2012b, 2013a, 2013b) tinha mostrado, nesta construção podemos encontrar também verbos transitivos e de

alternância. Em termos aspetuais, também os verbos inacusativos podem surgir em determinados contextos desde que veiculem a leitura de processo por força de fatores contextuais. Quanto à presença de verbos transitivos, a sua ocorrência nem sempre é legitimada por complemento em plural simples (como sugerido por Brito, 2012b), podendo surgir com complementos determinados.

Temporalmente, o infinitivo nesta construção não exprime valores temporais, visível na impossibilidade de ocorrência de auxiliares modais, temporais, aspetuais e na impossibilidade da presença do auxiliar “ter”. Daí decorre o facto de poder ser combinado com qualquer tempo da oração subordinante.

Por sua vez, a nominalização da oração infinitiva não apresenta restrições aspetuais, podendo surgir com diferentes subclasses de verbos, não sendo unicamente por verbos factivos/avaliativos como sugerido por Brito (2012b) e na parte I desta dissertação. Em termos temporais, a presença de infinitivo flexionado e a ocorrência com diferentes auxiliares ilustram os valores temporais desta oração.

Relativamente à estrutura sintática, procedemos à apresentação de algumas análises sobre as duas construções de nominalização do infinitivo. Embora algumas das propostas apontadas não sejam coincidentes, permitiram-nos levantar algumas questões importantes. No infinitivo nominalizado, defendemos que no léxico este é uma forma verbal que se combina com um morfema *-r* derivacional e, por isso, em sintaxe, ele combina-se com projeções funcionais nominais, transformando-se em sintaxe num nome. Na nominalização da oração infinitiva, o infinitivo tanto no léxico como na sintaxe é um verbo, a forma verbal combina-se com um *-r* flexional e enquadra-se em projeções funcionais verbais.

Em qualquer trabalho de investigação, há sempre algo que fica em aberto e que deverá suscitar novas investigações, o reequacionar de novas perspetivas. Dado o âmbito desta tese, não me foi possível analisar com maior pormenor as diferentes ocorrências de infinitivos lexicalizados e determinar o que terá motivado a lexicalização de apenas alguns infinitivos. Foram apontadas diferentes hipóteses que carecem de ser investigadas, cruzando a sintaxe, a morfologia, a semântica e a linguística histórica. De igual modo, seria pertinente estabelecer uma comparação entre os contextos de ocorrência do infinitivo nominalizado e os contextos do nome deverbal correspondente, o que nos propomos realizar no futuro.

Bibliografia

- Alexiadou, A. & Schäfer, F. (2007, Maio). On the realization of external arguments in nominalizations. Apresentação no GGS organizado pela Universidade de Konstanz. Disponível em: <http://ifla.uni-stuttgart.de/institut/mitarbeiter/artemis/handouts/GGS07.pdf> [acedido a 12/09/2014].
- Alexiadou, A., Iordachioaia, G., Schafer, F. (2011). Scaling the variation in romance and germanic nominalizations. In P. Sleeman & H. Peridon (Eds.). *The Noun phrase in Romance and Germanic*. John Benjamins, 25-40.
- Alexiadou, A., Cano, M., Iordăchioaia, G., Martin, F. & Schäfer, F. (2012, Maio). *External arguments and derived nominals*. Apresentação no *Workshop on Argument Structure* organizado pela Universidade de Debrecen, Hungria. Resumo disponível em: http://was.unideb.hu/abstracts/Alexiadou_et_al.pdf [acedido a 12/09/2014].
- Alexiadou, A., Cano, M., Iordăchioaia, G., Martin, F. & Schäfer, F. (2012, Setembro). *On the realization of external arguments in nominalizations: a cross-linguistic perspective*. Apresentação no Societas Linguistica Europaea - 45th Annual Meeting Stockholm University, na Universidade de Estocolmo. Disponível em: <http://www.gist.ugent.be/file/331>[acedido a 12/09/2014].
- Ali, M. S. (1931/1964). *Gramática histórica da língua portuguesa* (3ªed.). São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Ambar, M. (1992a). *Para uma sintaxe da inversão sujeito verbo em português* (Dissertação de doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Edições Colibri.
- Ambar, M. (1992b). Temps et structure de la phrase. In H.-G. Obenauer & A. Zribi Hertz (Ed.), *Structure de la phrase et théorie du liage* (pp. 29-49). Paris: Sciences du Language, Presses Universitaires de Vincennes.
- Ambar, M. (1999). Infinitives vs. participles. In E. Trevino, & J. Lema (Eds.), *Semantic Issues in Romance Syntax, Current Issues in Linguistic Theory* (pp. 1-20). Amsterdam-USA: John Benjamins.
- Ambar, M. & Vaconcelos, M. (2012). Conjuntivo em português: revisitando a análise de Isabel Hub Faria. In A. Costa & I. Duarte (Coord.), *Nada na linguagem lhe é estranho. Homenagem a Isabel Hub Faria* (pp.533-552). Porto: Edições Afrontamento.

- Aristóteles. *Organon I. Categorias II. Periérmeneias* (P. Gomes, Trad. 1986). Lisboa: Guimarães Editores.
- Baker, M. C. (2002). *Lexical categories. Verbs, nouns and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Baker, M. C. & Vinokurova, N. (2009). On agent nominalizations and why they are not like event nominalizations. *Language*, 85 (3), 517-556. Disponível em: <http://www.rci.rutgers.edu/~mabaker/agent-nominals-web.pdf> [acedido a 12/09/2014].
- Barbosa, J. S. (1822). *Gramática filosófica da língua portuguesa* (Edição fac-similada e comentada). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Barbosa, P. & Raposo, E. P. (2013). Subordinação argumental infinitiva. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1901-1977). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barros, J. de (1540/1971). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras.
- Bechara, E. (1961/1999). *Moderna gramática portuguesa* (37ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Belletti, A. (1990). *Generalized verb movement. Aspects of the verb syntax*. Turim: Rosenberg e Selier.
- Benveniste, E. (1976/1995). Categorias de pensamento e categorias da língua. A frase nominal. In E. Benveniste, *Problemas de linguística geral I* (pp. 68-80, 163-182). Campinas: Editora Pontes.
- Berger, M. (2014). The subject position in spanish nominalized infinitives. In *Diálogos 11, Indiana University Graduate Student Conference*, February 22. Disponível em: http://www.ling.upenn.edu/Events/PLC/plc38/abstracts/Berger_PLC38.pdf [acedido a 10/09/2014]
- Berta, T. (1999). As orações concessivas. As orações finais. In G. Salvi (Org.), *A subordinação adverbial em português* (pp. 91-127). Budapeste: Departamento de Português da Universidade de Eotvos Lorand.
- Blake, B. J. (1994): *Case*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bosque, I. (1991). *Las categorías gramaticales: relaciones y diferencias*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Bosque, I. (1999). El nombre común. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (vol 1, pp. 5-75). Madrid: Espasa Calpe.

- Brito, A. M. (1983/1989). Construções de complementação – as orações completivas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (3ª ed., pp.264-285). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. (1993). Aspects de la syntaxe du SN en portugais et en français. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 10, 25-54. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8386> [acedido a 12/10/2013].
- Brito, A. M. (1998). A relação semântica lexical – sintaxe na gramática generativa: um breve balanço a propósito da natureza aspectual e da estrutura argumental de alguns tipos de verbos. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 15, 377-420. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8837/2/2779.pdf> [acedido a 12/10/2013].
- Brito, A. M. (1999). *Os Estudos em Sintaxe Generativa em Portugal nos últimos trinta anos*. Braga: APL.
- Brito, A. M. (2003a). Categorias sintáticas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 323-432). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. (2003b). Frases interrogativas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª edição, pp. 460-479). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. (2003c). O sintagma verbal. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp.403-417). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. (2003d). Subordinação adverbial. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp.697-728). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. (2006). Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário: algumas reflexões sobre o subdomínio Sintaxe. In I. M. Duarte & O. Figueiredo, *Terminologia linguística: das teorias às práticas* (pp.29-41). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Brito, A. M. (2011). A subordinação frásica: da investigação ao ensino. In I. M. Duarte & O. Figueiredo (Orgs.), *Português, língua e ensino* (pp. 141-172). Porto: Ed. Universidade do Porto.
- Brito, A. M. (2012a). O infinitivo nominal em português europeu: aspectos sintáticos e semânticos. In A. Costa & I. Duarte (Eds.), *Nada na linguagem lhe é estranho. Estudos em homenagem a Isabel Hub Faria* (pp. 109-126). Porto: Edições Afrontamento.
- Brito, A. M. (2012b). A nominalização do infinitivo em português europeu: aspetos sintáticos e semânticos. In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (Orgs.), *Textos*

- selecionados do XXVII encontro da associação portuguesa de linguística* (pp. 98-120). Lisboa: APL.
- Brito, A. M. (2013a). Tensed and non-tensed nominalization of the infinitive in portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (1), 7-40.
- Brito, A. M. (2013b). Três tipos de nominalização do infinitivo em português europeu. In E. Casanova Herrero & C. Calvo Rigual (Eds.), *Actes del 26é Congrès de Lingüística i Filologia Romàniques* (volume 2, pp. 57-70). Berlin: W. de Gruyter.
- Brito, A. M. & Duarte, I. (2003). Orações relativas e construções aparentadas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 653-684). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M., Duarte, I. & Matos, G. (2003). Tipologia e distribuição das expressões nominais. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 797-867). Lisboa: Editorial Caminho.
- Brito, A. M. & Oliveira, F. (1997). Nominalization, aspect and argument structure. In G. Matos, M. Miguel, I. Duarte & I. Faria (Eds.), *Interfaces in linguistic theory* (pp.57-80). Lisboa: APL/Colibri.
- Brito, A. M. & Raposo, E. P. (2013). Complementos modificadores e adjuntos no sintagma nominal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol.1, pp. 1045-1115). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brinton, L. J. & Traugott, E. C. (2005). *Lexicalization and language Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chomsky, N. (1970). Remarks on nominalization. In R. Jacobs & P. Rosenbaum (Eds), *Readings in english transformational grammar* (pp.184-221). Waltham, MA: Ginn.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- Chomsky, N. (1982). *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. (1986). *Knowledge of language*. New York: Praeger.
- Chomsky, N. (1999). *O programa minimalista* (E.P. Raposo, trad.). Lisboa: Caminho.
- Chomsky, N. (2000). *On nature and language*. New York: Cambridge University Press.
- Cardoso, S. (1988). *O genitivo em português (contributos para uma sintaxe e semântica de preposição DE)*. Porto: Faculdade de Letras. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2567.pdf> [acedido a 12/01/2014].

- Cardoso, S. (2004). O estudo da palavra na gramática portuguesa do século XVI. In A. M. Brito, O. Figueiredo & C. Barros (Orgs.), *Linguística histórica e história da língua portuguesa: actas do encontro de homenagem a Maria Helena Paiva* (pp. 73-87). Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6284.pdf> [acedido a 12/01/2014].
- Cuesta, P. V. & Da Luz, A. M. (1980). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Cunha, C. & Cintra, L. (1984/ 2000). *Nova gramática do português contemporâneo* (15ªed.). Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Cunha, L. F. (1998). *Cadernos de linguística. Nº1. Os operadores aspectuais do português: contribuição para uma nova abordagem*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. & Silvano, P. (2006). A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo. In J. Barbosa, & F. Oliveira (Orgs.), *Textos selecionados do XXI encontro da associação portuguesa de linguística* (pp. 303-314). Lisboa: APL/Colibri.
- Cunha, L. F. & Silvano, P. (2008). Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no Infinitivo Simples. In S. Frota & A. L. Santos (Orgs.), *Textos selecionados do XXIII encontro da associação portuguesa de linguística* (pp. 179-191). Lisboa: APL/Colibri.
- De Climent, Mariano Bassols (1983). *Sintaxis latina* (Vol. 1). Madrid: Consejo Superior de investigaciones Cientificas.
- De Miguel, E. (1996). Nominal infinitives in spanish: an aspectual constraint. *Canadian Journal of Linguistics*, 41(1), 29-53.
- Demonte, V. (1999). El adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol.1, pp. 129-215). Madrid: Espasa Calpe.
- Demonte, V. & Varela, S. (1997). Spanish event infinitives: From lexical semantics to syntax-morphology. In M. Uribe-Etxebarria & A. Mendikoetxea (Eds.), *Theoretical Issues at the Morphology and Syntax Interfaces* (pp. 145-169). Donostia: Euskal Herriko Unibertsitatea. Disponível em: <http://www.ehu.es/ojs/index.php/ASJU/article/download/9556/8790>. [acedido a 10/11/2012].

- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013). Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/> .
- Dias, A. E. da S. (1889). *Grammatica portugueza elementar*. Lisboa: A. Ferreira Machado.
- Dias, A. E. da S. (1933). *Syntaxe historica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Duarte, I. (2003a). Frases exclamativas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 479-48). Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, I. (2003b), Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In M. H. M. Mateus et al. (2003), *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 276-32). Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, I. (2003c). Subclasses de verbos e esquemas relacionais. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 295-318). Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, Inês (2003d). Subordinação completiva – as orações completivas. In Mateus, M. H. M. et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 595-651). Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, I. & Brito, A. M. (2003). Predicação e classes de predicadores verbais. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp.181-242). Lisboa, Editorial Caminho,
- Duarte, I., Gonçalves, A. & Miguel, M. (2005). Propriedades de C em frases completivas. In I. Duarte & I. Faria (Orgs). *Actas do XX Encontro da associação portuguesa de Linguística* (pp. 541-562). Lisboa: APL/Colibri.
- Duarte, I., Gonçalves, A. & Santos, A. L. (2012). Infinitivo flexionado, independência temporal e controlo. In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (Orgs.), *Textos selecionados do XXVII encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 217-234). Lisboa: APL/Colibri.
- Duarte, I. & Oliveira, F. (2003). Referência nominal. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 206-242). Lisboa: Editorial Caminho.
- Eguren, L. J. (1999). Pronombres y adverbios demostrativos. Las relaciones deícticas. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española* (pp.929-972). Madrid: Espasa Calpe.
- Ernout, A. & Thomas, F. (1953). *Syntaxe Latine*. Paris: Éditions Klincksieck.

- Ferreira, I. de A. (2012). *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais do português europeu* (Dissertação de doutoramento em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Freire, A. (1987). *Gramática latina*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.
- Gawelko, M. (2004). Quelques particularités de l’infinitif substantivé en espagnol et en portugais. *Bulletin Hispanique*, 106 (2), 615-635. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hispa_0007-4640_2004_num_106_2_5206 [acedido a 23/09/2013].
- Gildersleeve, B. L & Lodge, G. (1968). *Latin grammar*. New York: ST Martin’s press.
- Gili Gaya, S. (1943). *Curso superior de sintaxis española*. México: Ediciones Minerva.
- Gomes, A. A. (1935). *Noções elementares de gramática portuguesa: ensino técnico*. Coimbra: Ed. do autor.
- Gonçalves, A. (1995). Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu. In A. Gonçalves, M. Colaço, M. Miguel & T. Mória (Orgs), *Quatro estudos em sintaxe do português. Uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros* (pp. 7-50). Lisboa: Edições Colibri.
- Gonçalves, A. (1999). *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado* (Dissertação de doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Gonçalves, A. & Costa, T. (2002). *(Auxiliar a) compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri.
- Gonçalves, A., Cunha, L. F. & Silvano, P. (2010). Interpretação Temporal Dos Domínios Infinitivos na Construção de Reestruturação Do Português Europeu. In A. M. Brito, F. Silva, J. Veloso & A. Fiéis (Orgs.), *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp.435-447). Porto: APL.
- Gonçalves, A. & Duarte, I. (2001). Construções causativas em Português Europeu e em Português Brasileiro. In C. N. Correia & A. Gonçalves (Eds.), *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp.657-671). Lisboa: APL.
- Gonçalves, A. & Matos, G. (2008). Reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo em Português Europeu. In S. Frota & A. L. Santos (Orgs.), *Textos seleccionados do XXIII encontro da associação portuguesa de linguística* (pp. 207-223). Lisboa: APL.

- Haspelmath, M. (1989). From Purposive to infinitive. A universal path of grammaticalization. *Folia Linguistica Historica*, 10, 287-310. Disponível em: <http://email.eva.mpg.de/~haspelmt/1989inf.pdf> [accedido a 23/09/2010].
- Hernanz Carbó, M. L. (1982). *El infinitivo en español*. Bellaterra: Universidad Autónoma de Barcelona-Departamento de Filología Hispánica.
- Hernanz, M. L. (1999). El infinitivo. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol.2, pp. 2197-2212). Madrid: Espasa Calpe.
- Herman, J. (2000). *El latín vulgar*. Madrid: Ariel.
- Houaiss, A. (2001-2002). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.
- Juliá, T. J. (2006). *El paradigma determinante en español. Origen nominativo, formación y características*. *Verba: anuário galego de filologia*. Anexo 56. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Jutten, J.G.F. (2013). A origem do infinitivo pessoal português: uma pesquisa no latim vulgar (tese de bacharelato). Universidade de Utrecht, Utrecht. Disponível em: <http://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/278835/scriptie%20Portugees%20versao%20final%20-%20Joost%20Jutten%20-%20PDF.pdf?sequence=2> [accedido a 14/03/2012].
- Laca, Brenda (1999). Presença y ausencia de determinante. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 1, pp. 891-928). Madrid: Espasa Calpe.
- Lapesa, R. (1984/2000). *El uso de actualizadores con el infinitivo y la suboración sustantiva en español: diacronía y sentido*. In R. Lapesa, *Estudios de morfosintaxis histórica del español* (Vol.2, pp. 515-556). Madrid: Gredos.
- Laudanna, A. & Voghera, M. (2002). Nouns and verbs as grammatical classes in the lexicon. *Rivista di Linguistica*, 14 (1), 9-26. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.175.1919&rep=rep1&type=pdf>. [accedido a 09/06/2013]
- Lehmann, C. (2002). New reflections on grammaticalization and lexicalization. In I. Nischer & G. Diewald (Eds.), *New reflections on grammaticalization* (Vol. 49, pp. 1-18). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Leonetti, M. (1999). El artículo. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol.1, pp. 787-890). Madrid: Espasa Calpe.

- Lobo, M. (2001). Para uma sintaxe das orações causais do português. In C. N. Correia & A. Gonçalves (Orgs.). *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 291-306). Lisboa: APL.
- Lobo, M. (2003). *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português* (Dissertação de doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Lobo, M. (2013). Subordinação adverbial. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 2, pp.1986-2056). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, H. C. (2004). *Aspectos sintácticos, semânticos e pragmáticos das construções causais: contributo para uma reflexão sobre o ensino da gramática* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Lopes, O. (1971). *Gramática simbólica do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Madeira, A. M. (1994). On the portuguese inflected infinitive. In Harris, J. (Org.). *UCL Working Papers in Linguistics*, 6, pp. 179-203.
- Madeira, A. (2004). A estrutura das construções de reestruturação em português. In T. Freitas & A. Mendes, *Actas do XIX encontro nacional da associação portuguesa de linguística* (pp.499-508). Lisboa: APL.
- Martin, R. (2001). Null case and the distribution of PRO. *Linguistic Inquiry*, 32 (1), 141-166.
- Martins, A. M. (1999). On the origin of the portuguese inflected infinitive: a new perspective on an enduring debate. In L. Brinton (Ed.), *Historical Linguistics* (pp. 207-222). New York / Amsterdam : John Benjamins.
- Martins, A. M. (2004). Ambiguidade Estrutural e Mudança Linguística: a Emergência do Infinitivo Flexionado nas Orações Complemento de Verbos Causativos e perceptivos. In A. M. Brito, O. Figueiredo & C. Barros (Orgs.), *Linguística histórica e história da língua portuguesa: actas do encontro de homenagem a Maria Helena Paiva* (pp. 197-225). Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6290.pdf> [acedido a 12/ 09/ 2012].
- Matos, G. (2003a). Frases imperativas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp.449-460). Lisboa: Editorial Caminho.

- Matos, G. (2003b). Orações comparativas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp.732-754). Lisboa: Editorial Caminho.
- Matos, G. (2004). Coordenação frásica vs. subordinação adverbial. In T. Freitas & A. Mendes (Orgs.), *Actas do XIX encontro nacional da associação portuguesa de linguística* (pp. 555-567). Lisboa: APL.
- Mattos e Silva, R. V. (2008). *O português arcaico: uma aproximação* (Vol. 1). Lisboa: Imprensa Nacional casa da moeda.
- Meinschafer, J. (2007, Novembro, Dezembro). Nominal infinitives (and deverbal nouns) in Spanish and French. Handout da apresentação no workshop *Nominalization across languages* decorrido na Universidade de Stuttgart.
- Miguel, M. & Raposo, E. P. (2013). Determinantes. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 819-877). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moreno Cabrera, J. C. (1998). On the relationships between grammaticalization and lexicalization. In A. G. Ramat & P.J. Hopper (Eds.), *The limits of grammaticalization* (Vol. 37, pp. 211-227). Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins. Disponível em: [http://www.academia.edu/2605966/On the relationships between grammaticalization and lexicalization](http://www.academia.edu/2605966/On_the_relationships_between_grammaticalization_and_lexicalization) [acedido a 12/09/2014].
- Nascimento, M. F. B. do (2013). Processos de lexicalização. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 215-248). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Negróni, M. M. G. & Gelbes, S. R. (2009). Construcciones de infinitivo y semántica argumentativa. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, 51 (1), 31-48.
- Negróni, M. M. G. & Gelbes, S. R. (2011). Formas no personales del verbo y argumentación. Acerca de los falsos infinitivos, falsos gerundios y falsos participios. *Letras Hoje*, Porto Alegre, 46, 73-85. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/9252/6374>. [acedido a 12/09/2013].
- Neves, M. H. de M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo : Editora UNESP.
- Oliveira, I. (2013). A nominalização do infinitivo em duas sincronias do português. In C. Carapinha & I. A. Santos (Coord.), *Estudos de Linguística* (Vol. 2, pp. 59-76). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ªed., pp. 127-178). Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F., Cunha, L. F. & Gonçalves, A. (2004). Aspectual verbs in european and brazilian portuguese. In J. A Peres & M. A. Kato (Eds.). *Journal of Portuguese Linguistics*, 3 (1), 141-173.
- Oliveira, F., Cunha, L. F. & Matos, S. (2001). Alguns operadores aspectuais em Português Europeu e Português Brasileiro. In C.N. Correia & A. Gonçalves (Eds.), *Actas do XVI encontro nacional da associação portuguesa de linguística* (pp. 737-749). Lisboa: APL.
- Oliveira, R. M. da S. (2008). *Temporalidade em Orações Completivas Infinitivas Subcategorizadas por Verbos Causativos e Perceptivos. Análise de um Corpus do Português Medieval* (Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Oliveira, B. J. de (1880). *Nova Grammatica Portugueza*. Coimbra: livraria de J. Augusto Orcel.
- Oliveira, F. de (1536/1933). *Grammatica da lingoagem portuguesa. Fernão de Oliveira; edição feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direcção de Rodrigo de Sá Nogueira; seguida de um estudo e glossário de Aníbal Ferreira Henriques*. Lisboa: Edição de José Fernandes Júnior.
- Palmer, L.R. (1988). *The latin language*. London: Faber na Faber limited.
- Pena, J. (1976). *Usos anómalos de los sustantivos verbales en el español actual. Verba, Anuario Gallego de Filología*. Anexo 6. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.
- Pena, J. (1999). Partes de la morfología. Las unidades del análisis morfológico. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 3, pp. 4305-4366). Madrid: Espasa Calpe.
- Peres, J. A. & Mória, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Peres, J., Mória, T. & Marques, R. R. (1999). Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português. In I. H. Faria (Org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão* (pp. 627-653). Lisboa: Ed. Cosmos/FLUL.
- Peres, J. A. (2013). Negação. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 461-498). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pérez Vázquez, M. E. (1998). Status categoriale dell'infinito in spagnolo et italiano. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, 12-13, 149-171. Disponível em: <http://linguistica.sns.it/QLL/QLL98/YPV.StatusInfItSp.pdf> [acedido a 12/09/2014]
- Picallo, C. (1999). La estructura del sintagma nominal: las nominalizaciones y otros sustantivos con complementos argumentales. In I. Bosque & V. Demonte, (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 1, pp. 363-393). Madrid: Espasa Calpe.
- Picallo, M. C. & Rigau, G. (1999). El posesivo y las relaciones posesivas. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 1, pp. 973-1024). Madrid: Espasa Calpe.
- Plann, S. (1981). The two el+infinitive constructions in Spanish. *Linguistic Analysis*, 7 (3), 207-241.
- Platão. *Crátilo* (M. J. Figueiredo, Trad. 2001). Lisboa: Instituto Piaget.
- Platão. *Oeuvres completes* (Vol. 5, E. Chambry, Trad.1950). Paris: Librairie Garnier Frères.
- Pollock, J.Y. (1987). Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3), 365-424
- Ramirez, C. J. (2003). The spanish nominalized infinitives: a proposal for a classification. *Toronto Working Papers in Linguistics*, 21, 117-133. Disponível em: <http://twpl.library.utoronto.ca/index.php/twpl/article/view/6226/3215> [acedido a 17/04/2011].
- Raposo, E. P. (1975). *Uma restrição derivacional global sobre o infinitivo em português*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Raposo, E. P. (1981). *A construção união de orações na gramática do português* (Tese de doutoramento), Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Raposo, E. P. (1987). Case theory and infl-to-comp: the inflected infinitive in european portuguese. *Linguistic Inquiry*, 18 (1), 85-110.

- Raposo, E. P. (1992). *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, E. P. (2013a). Advérbio e sintagma adverbial. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1569-1684). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. P. (2013b). Verbos auxiliares. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1221-1280). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. P. & Miguel, M. (2013). Introdução ao sintagma nominal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 703-735). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Real Academia Española (1973). *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Rio-Torto, G. (1994). Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?. In Direcção da Associação Portuguesa de Linguística (Orgs.). *Actas do IX encontro da associação portuguesa de linguística* (pp. 351-362). Lisboa: Colibri.
- Rio-Torto, G. (1998). *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- Rio-Torto, G. (Org.), Pereira, R. A., Rodrigues, A. & Anastácio, C. (2004). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Rio-Torto, G., Rodrigues, A., Pereira, I., Pereira, R. & Ribeiro, S. (2013). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. S. (2001). *A construção de postverbiais em Português*. Porto: Granito Editores e Livreiros.
- Rodrigues, Alexandra F. S. (2002). Para compreender o mecanismo de formação dos chamados “derivados regressivos”. In Duarte et al. (Org.), *Encontro Comemorativo do 25º Aniversário do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 1, pp. 9 – 19). Porto: Ed. CLUP.
- Rodrigues, A. S. (2004a). Aspectos da formação dos substantivos postverbiais do português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 6, 7-37.
- Rodrigues, A. S. (2004b). Condições de formação de nomes postverbiais em português. In G. Rio-Torto (Org.), R. A. Pereira, A. Rodrigues & C. Anastácio, *Verbos e nomes em português* (pp. 129-185). Coimbra: Livraria Almedina.

- Rodrigues, A. S. (2006). *Formação de substantivos deverbais sufixados em Português* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rodrigues, A. S. (2013). Is conversion a syntactic or a lexical process of word formation?. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 8, 89-120.
- Rocha, P. A. & Santos, D. (2000). CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa. In M. das G. V. Nunes (Ed.), *V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR 2000)* (131-140). São Paulo: ICMC/USP. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/documentos/RochaSantosPROPOR2000.pdf> [acedido a 12/04/2011].
- Rubio, L. (1989). *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel.
- Ruíz, V. C. (2001). *Uma área crítica da sintaxe do português para estudantes com o espanhol como língua materna: o infinitivo flexionado e o conjuntivo em construções completivas* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Salvi, G. (1983). L'infinitivo con l'articolo e la struttura del SN. *Rivista di Grammatica Generativa*, 7, 197-225.
- Santos, D. & Rocha, P. A. (2001). Evaluating CETEMPúblico, a free resource for Portuguese. In *Proceedings of the 39th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics* (pp.442-449). Disponível em: <http://www.linguateca.pt/documentos/SantosRochaACL2001.pdf> [acedido a 12/03/2011].
- Schaf Filho, M. (2003). *Do acusativo com infinitivo latino ao nominativo com infinitivo português* (Tese de Doutoramento). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Silvano, M. da P. M. (2002). *Sobre a semântica da sequência de tempos em português europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga.
- Silvano, M. da P. M. (2010). *Temporal and rhetorical relations: the semantics of sentences with adverbial subordination in european portuguese* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

- Sleeman, P. (2010). The nominalized infinitive in french: structure and change. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 5, 145-173.
- Stowell, T. (1981). *Origins of phrase structure* (Dissertação de doutoramento). Institute of technology, Massachusetts. Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/theses/stowell81.pdf> [acedido a 12/01/2014].
- Stowell, T. (1982). The tense of infinitives. *Linguistic Inquiry*, 13 (3), 561-570.
- Švenčionienė, D. (2012). The Contrastive Analysis of the Verb in Reference to Syntax and Morphology. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5755/j01.sal.0.20.1243> [acedido a 24/03/2013].
- Sziji, I. (1999). As orações temporais. In G. Salvi (Org.), *A Subordinação adverbial em Português* (pp. 9-48). Budapeste: Departamento de Português da Universidade de Eotvos Lorand.
- Teyssier, P. (1989). *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra editora
- Tapazdi, J. (1999a). As orações causais. In G. Salvi (Org.). *A Subordinação adverbial em Português* (pp. 49-62). Budapeste: Departamento de Português da Universidade de Eotvos Lorand.
- Tapazdi, J. (1999b). As orações condicionais. In G. Salvi (Org.). *A Subordinação adverbial em Português* (pp. 63-90). Budapeste: Departamento de Português da Universidade de Eotvos Lorand.
- Varela Ortega, S. (1979). Los falsos infinitivos. *Boletín de La Real Academia Española*, 59 (218), 529-551.
- Vásquez, E. P. (2002). A mixed extended projection: The nominalized infinitive in spanish and italian. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica della Scuola Normale Superiore di Pisa*, 14, 143-159.
- Veloso, R. & Raposo, E. P. (2013). Adjetivo e sintagma adjetival. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes, *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1359-1462). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vieira, I. M. T. (2009). *As nominalizações deverbais em -da no português europeu*. (Tese de mestrado em linguística). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Vilela, M. (1994). *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina.
- Vilela, M. (1995a). *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. Coimbra: Almedina.
- Vilela, M. (1995b). *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina.

- Villalva, A. (2003). Estrutura morfológica básica. Formação de palavras: afixação. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa* (6ª ed., pp. 919-967). Lisboa: Editorial Caminho.
- Yoon, J. Hye-Suk & Bonet-Farran, N. (1991). The ambivalent nature of spanish infinitive. In D. Wanner & D.A. Kibbee (Eds.). *New analyses in romance linguistics* (pp. 353-369). Amsterdam: John Benjamins publishing company.
- Szilagyi, I. (2008). L'infinito preceduto da un determinante in italiano. *Quadernos de Filologia Italiana*, 15, 31–44. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/CFIT/article/view/CFIT0808110031A/16688> [accedido a 3/09/2014].
- Szilagyi, I. (2009). Analisi contrastiva delle costruzioni infinitive introdotte da un determinante in italiano e in spagnolo. *Verbum. Analecta Neolatina*, 11 (1), 129–152. Disponível em: <http://www.verbum-analectaneolatina.hu/pdf/11-1-09.pdf> [accedido a 3/09/2014].

Anexos

Anexo I – Definições dos Infinitivos Lexicalizados

(o) afolhar	<i>s. m.</i> - Rotação das culturas.
(o) alvorecer	<i>s. m.</i> - Primeira claridade da manhã. = ALVOR, ALVORADA, AMANHECER
(o) amanhecer	<i>s. m.</i> - Período em que surge a primeira luz da manhã; o romper do dia. = ALVORADA, ALVORECER, CREPÚSCULO, MADRUGADA - [Figurado] Período inicial. = COMEÇO
(o) andar	<i>s. m.</i> - Modo de andar. - Acto.. ou efeito de andar. - Cada uma das camadas ou fiadas sobrepostas. - [Figurado] Modo de proceder. - Pavimento de uma edificação acima do rés-do-chão = PISO - Cada uma das moradias de um edifício de habitação. = APARTAMENTO - [Geologia] Estrato que corresponde a uma idade. andar modelo: Apartamento que se destina a ser mostrado aos futuros compradores.
(o) anoitecer	<i>s. m.</i> - Período entre o final da tarde e o início da noite. = CREPÚSCULO, ENTARDECER, LUSCO-FUSCO, NOITINHA, TARDINHA
(o) arrulhar	<i>s. m.</i> - Emissão de arrulhos.
(o) barbear	<i>s. m.</i> - Acto ou efeito de barbear (ex.: <i>conselhos para um barbear perfeito</i>).
(o) bater	<i>s. m.</i> - Acto de dar pancadas em algo (ex.: <i>ouvia o bater da chuva na janela</i>).
(o) bracejar	<i>s. m.</i> - Movimento análogo ao do bracejo.
(o) cair	<i>s. m.</i> - Acto ou momento de cair.
(o) cantar	<i>s. m.</i> - O acto. de cantar. - O que se canta.
(o) chiar	<i>s. m.</i> - O chiar do carro.
(o) cismar	<i>s. m.</i> -Acto de cismar.
(o) cessar	cessar-fogo <i>s. m.</i> - Suspensão das hostilidades entre partes beligerantes. Plural: cessar-fogos
(o) coaxar	<i>s. m.</i> - Grito da rã ou do sapo. = COAXO
(o) comer	<i>s. m.</i> - Comida, alimento. - Refeição
(o) correr	<i>s. m.</i> - Acto de correr.

	- Renque, série.
(o) cucular	<i>s. m.</i> - Voz do cuco.
(o) dançar	<i>s. m.</i> - Dança.
Dares e tomares	dares <i>s. m. pl.</i> - Usado na locução <i>dares e tomares</i> , disputa, altercações.
(o) despertar	<i>s. m.</i> - Acto ou efeito de despertar. = DESPERTAMENTO
(o) despontar	<i>s. m.</i> - Começo, aparecimento, nascimento.
(o) desprazer	<i>s. m.</i> - Dissabor, desgosto.
(o) dispor	<i>s. m.</i> - Disposição. -Talante, arbítrio.
(o) dever	<i>s. m.</i> - Acto.. que tem de se executar em virtude de ordem, preceito ou conveniência. - Obrigação.
(o) dizer	<i>s. m.</i> - Expressão, dito (ex.: <i>leu os dizeres do muro</i>). - Estilo. - Maneira de se exprimir. - Rifão. - Alegação, razão.
(o) dormir	<i>s. m.</i> - Estado de quem dorme.
(o) entardecer	<i>s. m.</i> - Período entre o final da tarde e o início da noite. = ANOITECER, CREPÚSCULO, NOITINHA, TARDINHA
(o) entender	<i>s. m.</i> -Maneira de pensar ou de ver. = ENTENDIMENTO, JUÍZO, PARECER, OPINIÃO
(o) estar	<i>s. m.</i> - A posição de imobilidade, a postura, a atitude. -Estado, estância. - O modo de ser, o estado.
(o) falar	<i>s. m.</i> - modo de exprimir o pensamento por palavras - linguagem - idioma - variante linguística característica em determinada região; dialeto
(o) fazer	<i>s. m.</i> - Obra, trabalho, acção..
(o) folgar	<i>s. m.</i> - Folgado. (Mais usado no plural.)
(o) gargantear	<i>s. m.</i> - Garganteio.
(o) grasnar	<i>s. m.</i> - Grasnido.

(o) grivar	<i>s. m.</i> - O estremecer das velas quando o vento as colhe de testa.
(o) haver (os haveres)	<i>s. m.</i> - Crédito, nos livros comerciais, em oposição a deve. haveres <i>s. m. pl.</i> - Fortuna ou conjunto dos bens. - Conjunto dos objectos.. pessoais de alguém. = PERTENCES
(o) jantar	<i>s. m.</i> - Refeição substancial, tomada geralmente ao final do dia ou à noite. - Comida que compõe essa refeição.
(o) jazer	<i>s. m.</i> - Posição de quem está deitado. = JAZIDA
(o) levantar	<i>s. m.</i> - Acto de levantar. - O sair da cama.
(o) linguajar	<i>s. m.</i> - Modo de falar característico de um indivíduo ou de um grupo (ex.: <i>linguajar infantil, linguajares impróprios</i>). = LINGUAGEM
(o) maldizer	<i>s. m.</i> - Maledicência, difamação.
(o) malquerer	<i>s. m.</i> - Aversão.
(o) manjar	<i>s. m.</i> - Qualquer substância alimentícia. - Iguaria delicada. - [Figurado] Aquilo que deleita ou alimenta o espírito.
(o) manquejar	<i>s. m.</i> - Modo de andar da pessoa coxa.
(o) meditar	<i>s. m.</i> - Meditação.
(o) nitrir	<i>s. m.</i> - Acto de nitrir. = NITRIDO
(o) ofegar	<i>s. m.</i> - Respiração ofegante.
(o) olhar	<i>s. m.</i> - Acto de olhar. - Modo de olhar. - Aspecto dos olhos.
(o) palrar	<i>s. m.</i> - Acto ou efeito de palrar. = PALRAÇÃO
(o) parecer	<i>s. m.</i> - Maneira de pensar ou de ver. = ENTENDER, ENTENDIMENTO, OPINIÃO - Forma de pensar ou de avaliar. = JUÍZO, OPINIÃO, VOTO - Opinião baseada em argumentos (ex.: <i>parecer favorável, parecer técnico</i>). - Fisionomia e disposição do corpo (ex.: <i>ele tinha bom parecer</i>). = ASPECTO.., PRESENÇA tomar parecer: Receber ou pedir conselho.
(o) penar	<i>s. m.</i> - Sofrimento.
(o) pensar	<i>s. m.</i> - Pensamento; opinião; juízo.

(o) pesar	<i>s. m.</i> - Sentimento ou dor interior. - Mágoa, desgosto. - Arrependimento. - Remorso.
(o) piar	<i>s. m.</i> - Acto de piar. - Pio, piado.
(o) pintar	<i>s. m.</i> - Acto ou modo de pintar.
(o) pipiar	<i>s. m.</i> - O piar das aves.
(o) poder (os poderes)	<i>s. m.</i> - Possibilidade, faculdade. - Força física, vigor do corpo ou da alma. - Império, soberania. - Mando, autoridade. - Força ou influência. - Posse, jurisdição, domínio, faculdade, atribuição. - Governo de um Estado. - Importância, consideração. - Grande quantidade, abundância. - Força militar. - Eficácia, efeito, virtude. - [Jurídico, Jurisprudência] Capacidade de fazer uma coisa. - Mandato, procuração. - Meios, recursos. poderes <i>s. m. pl.</i> - Procuração, mandato. poder de compra: Capacidade financeira de aquisição de bens e serviços. poder espiritual: Autoridade eclesiástica. [Direito] poder paternal: conjunto de direitos e obrigações dos pais em relação aos filhos menores.. poder radiante: Faculdade que têm os corpos mais quentes que o meio ambiente de emitir calor por meio de radiação. poder temporal: Autoridade civil; soberania política; braço secular.
(o) pôr –do-sol	pôr-do-sol <i>s. m.</i> - Momento do dia em que o sol desaparece no horizonte. = ANOITECER, CREPÚSCULO, ENTARDECER, OCASO, POENTE - Refeição ao entardecer; ágape vespertino. Plural: pores-do-sol.
(o) prazer	<i>s. m.</i> - Sentimento agradável que alguma coisa faz nascer em nós. - Deleite, gozo, delícia. - Gosto, desejo. - Alegria, contentamento. - Boa vontade, agrado. - Distracção..., divertimento.
(o) proceder	<i>s. m.</i> - Procedimento, comportamento. - Modo de actuar..
(o) pulsar	<i>s. m.</i>

	- Pulsação.
(o) quebrar	<i>s. m.</i> -Acto de quebrar.
(o) querer	<i>s. m.</i> - Desejo, vontade.
(o) recolher	<i>s. m.</i> - Hora em que os soldados têm de regressar ao quartel. - Hora em que alguém deve voltar a casa ou a determinado local. recolher obrigatório: Proibição, determinada como medida excepcional.. por governo ou autoridade, de permanecer na rua a partir de determinada hora.
(o) relancear	<i>s. m.</i> - Relance; vista de olhos. - Movimento rápido.
(o) respirar	<i>s. m.</i> - A respiração; o arfar.
(o) restolhar	<i>s. m.</i> - Ruído.
(o) ribombar	<i>s. m.</i> - O troar.
(o) rinchar	<i>s. m.</i> - Relincho.
(o) rodar	<i>s. m.</i> -Ruído de um carro ou de outro objecto que vai rodando; andamento.
(o) rugir	<i>s. m.</i> - Rugido, bramido, frémito.
(o) saber	<i>s. m.</i> - Conjunto de conhecimentos adquiridos. = CIÊNCIA, ILUSTRAÇÃO, SABEDORIA - [Figurado] Prudência; sensatez. - Malícia. - Experiência do mundo.
(o) saudar	<i>s. m.</i> - Saudação.
(o) sentir	<i>s. m.</i> - Sentimento, sensibilidade. - Maneira de pensar ou de ver. = ENTENDER, OPINIÃO, PARECER
(o) ser (os seres)	<i>s. m.</i> - Aquilo que é, que existe. = ENTE - O ente humano. - Existência, vida. - O organismo, a pessoa física e moral. - Forma, figura. o Ser dos Seres: Deus. ser humano: O homem. = HUMANO ser pensante: O homem.
(o) soluçar	<i>s. m.</i> - Acto de soluçar. - Soluço.
(o) sonhar	<i>s. m.</i> - Sonho.
(o) sorrir	<i>s. m.</i> - Sorriso.

(o) tanger	<i>s. m.</i> - Som ou toque de um instrumento. = MÚSICA - Acto de tanger música toada.
(o) tardar	<i>s. m.</i> - Demora.
(os) teres	<i>s. m. plural</i> - Bens, haveres, fortuna, meios.
(o) trajar	<i>s. m.</i> - O que se traz vestido. = TRAJE
(o) tramontar	<i>s. m.</i> -Acto de tramontar (esconder-se atrás dos montes)
(o) trinfar	<i>s. m.</i> - A voz da andorinha. = TRISSO
(o) trovejar	<i>s. m.</i> - O ruído da trovoadas. - [Figurado] [Figurado] Grande estrondo.
(o) trucilar	<i>s. m.</i> - O canto do tordo
(o) ulular	<i>s. m.</i> - Ululação, uivo.
(o) vagar	<i>s. m.</i> - Tempo desocupado; lazer; ensejo.
(o) vagir	<i>s. m.</i> - Vagido.
(o) vaguear	<i>s. m.</i> - Acto de andar errando. - Vagueação.
(o) varrer	<i>s. m.</i> - O acto de varrer.
(o) ver	<i>s. m.</i> - Parecer; juízo; opinião (ex.: <i>no ver dele, isto é inadmissível</i>). - O acto.. de ver. a meu ver: Na minha opinião.
(o) viver	<i>s. m.</i> - Processo do que está vivo e perdura. = VIDA - Procedimento, comportamento.
(o) volver	<i>s. m.</i> - Acto de voltar; decurso; evolução. um volver de olhos • Uma olhadela, uma mirada.
(o) vozear	<i>s. m.</i> - Clamor; gritaria.
(o) zinzilular	<i>s. m.</i> -Voz da andorinha. = TRISSO

Definições extraídas de: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha] (2008-2013). Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/>

Anexo II - Corpus do Infinitivo Nominalizado

A. Presença de artigo definido a determinar o infinitivo nominalizado

A.I. Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + SPrep (genitivo)

A.I.a Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no singular)]

1	<i>par=ext552919-pol-92a-1</i> : O sucessor de Sampaio na liderança do PS, perante o acenar de cabeça concordante de Constâncio , insistiu em que haverá agravamento da carga fiscal e não só se afirmou disposto a demonstrá-lo ante as câmaras da RTP, num debate com o primeiro-ministro, como voltou a preconizar uma redução das taxas de juro em dois por cento .
2	<i>par=ext83712-pol-96b-2</i> : É o preparar de terreno para um debate parlamentar que, no caso de não serem chumbados todos os projectos, pode vir a introduzir mudanças radicais na legislação em vigor, que está desajustada em relação à maioria dos países comunitários, bem como ao actual estado da ciência .
3	<i>par=ext243935-soc-96b-3</i> : Mas como o número de casos aumenta anualmente, este sistema começa a ser problemático, pois ocasiona o acumular de trabalho e um esforço acrescido e não remunerado dos membros da Comissão .
4	<i>par=ext281556-pol-95b-1</i> : Segundo a estrutura local, «os actos de vandalismo que se verificaram com o atear de fogo no palco do comício do PS, na madrugada de ontem, revelam que ainda há pessoas com nítida falta de vivência democrática e cívica» .
5	<i>par=ext334145-soc-92b-1</i> : No local, encontrava-se o escultor João Cutileiro, que informou o Público da proposta que fez, na Comissão Municipal de Arte, Arqueologia e Defesa do Património, para que fosse delimitada uma zona de merendas, que evitasse o acumular de lixo nas imediações do cromeleque e impedisse os automóveis de chegarem até ele .
6	<i>par=ext28696-clt-98a-1</i> : Quanto às crianças, o estudo não encontrava relação entre o fumo passivo e o surgir de cancro do pulmão na idade adulta .

A.I.b Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]

1	<i>par=ext773634-soc-93a-3</i> : De súbito, o crepitar de martelos e assobios redobrou de intensidade e a multidão começou a descer para a Ribeira, procurando o melhor lugar para assistir ao fogo de artifício.
2	<i>par=ext1377291-nd-96b-1</i> : Iludindo a situação de imigrante clandestina, contando com o fechar de olhos do pessoal médico , a mulher conseguiu ter assistência no parto.
3	<i>par=ext1505227-pol-92a-4</i> : Garcia Leandro considerou que as Forças Armadas são mais de que uma empresa ou um serviço público, pelo que se deve evitar o

	adiar de soluções sobre problemas que obrigam depois a acções mais drásticas de difícil execução.
4	<i>par=ext965600-soc-92a-2:</i> É o acumular de faltas nos empregos para levar os filhos ao médico, em parte porque o ordenado das mulheres é menor e faz mais diferença faltar o homem, em parte porque muitas delas não abdicam dessa prerrogativa.
5	<i>par=ext870314-pol-93b-2:</i> A aproximação das eleições autárquicas, o reaparecimento mediático de António Guterres (depois de um quase absoluto apagamento em Agosto) e o evidenciar de novas dificuldades no seio do Governo podem constituir algumas das motivações para esta reacção do eleitorado.
6	<i>par=ext387926-pol-91a-1:</i> É o tumultuar de palavras de ordem , e moções, e discursos, e paralelepípedos.
7	<i>par=ext1420363-des-92a-2:</i> O silêncio é quase absoluto -- o estalar de dedos equivale ao bater de palmas --, para não perturbar os elevados índices de concentração que são exigidos aos intervenientes.
8	<i>par=ext718663-clt-97a-1:</i> Ensinamos a importância das técnicas do método científico, a experimentação, a observação, o levantar de hipóteses , explica Dinis Ribeiro.
9	<i>par=ext1226009-des-96a-2:</i> Finalmente, cada vez é mais notória a importância que todas as equipas atribuem ao primeiro jogo, em que uma derrota pode significar o desabar de muitas ilusões .
10	<i>par=ext407348-pol-95b-2:</i> Acho, porém, positivo o retirar de restrições aos jornalistas, avançar na solução de quem atribui carteiras profissionais.
11	<i>par=ext556909-soc-92a-2:</i> Entende, também ele, que um programa desse tipo só será possível mediante o canalizar de fortes investimentos para a recuperação e ordenamento.
12	<i>par=ext875909-soc-91a-2:</i> Mas o pior de tudo, tal como acontece em bairros como o Casal Ventoso ou o Relógio, entre outros, é o amontoar de resíduos sólidos ribanceira abaixo .
13	<i>par=ext1551844-eco-92a-2:</i> Para os analistas esta decisão não significa mais do que o erguer de bloqueios psicológicos que travaram a vontade de investidores estrangeiros apostarem no mercado francês, por receio de complicações com as autoridades.
14	<i>par=ext1545599-pol-91b-2:</i> Em Mondim, duas paragens antes, a boa recepção do autarca do CDS levaria Sampaio retribuir a gentileza com o piscar de olhos do dia .
15	<i>par=ext688516-nd-91b-4:</i> A Revolução tem a ver com a teoria matemática dos fractais, que explica que o bater de asas de uma borboleta na China pode desencadear um terramoto na América.
16	<i>par=ext1125618-com-97b-2:</i> Entre as actividades que podem ser geridas, podemos distinguir o reiniciar de computadores , o seu encerramento, o acesso à rede, o envio automático de mensagens de correio electrónico para diferentes utilizadores e a cópia, transferência e eliminação de ficheiros.

A.II. Artigo definido + Infinitivo nominalizado + SPrep (genitivo)

A. II.a. Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN com determinação definida no singular]

1	<i>par=ext562458-soc-93a-1</i> : Em plena crise política e com o alastrar do escândalo da corrupção , as três grandes confederações sindicais italianas também se mostravam satisfeitas com os resultados das greves organizadas de diversos sectores -- dos ferroviários aos táxis, aviões, cinemas, transportes municipais ou aos correios -- com o objectivo de protestar contra a taxa de 9,5 de desemprego.
2	<i>par=ext535889-pol-94b-1</i> : Sobre o que pensa Soares, em definitivo, do conteúdo de todo este pacote, é algo que se verá com o decorrer do debate no Parlamento.
3	<i>par=ext280212-pol-92a-2</i> : A polícia conseguiu reunir, durante o desencadear da primeira fase das rusgas , enormes quantidade de material furtado, com destaque para artigos eléctricos.
4	<i>par=ext1206593-nd-94b-1</i> : Finalmente, o desmoronar do império soviético adiou por algum tempo a ameaça russa, ao menos enquanto perigo iminente.
5	<i>par=ext1424783-soc-95a-2</i> : Semanas antes daquilo que será o culminar de um processo de trabalho iniciado em finais do ano passado , José van Remoortel, que não poderá vir a Portugal para a Conferência (vem John Henderson, o presidente do CRE), em Bruxelas, fez o seu ponto da situação.
6	<i>par=ext1076839-pol-94a-1</i> : Mas o prolongar da guerra havia demonstrado que, se a guerrilha não podia de modo nenhum obter uma vitória militar decisiva, também as forças do Governo não o conseguiam:
7	<i>par=ext451051-soc-91a-2</i> : Com o aproximar do Verão , crescem os efeitos poluidores destas explorações industriais.
8	<i>par=ext1221727-clt-93b-2</i> : Porque esta banda, se calhar por não ser rock, é daquelas que crescem e amadurecem com o correr do tempo .
9	<i>par=ext1165836-pol-92a-2</i> : O PSD entrou, em Viseu, numa fase de agitação com o aproximar do mês de Maio e das eleições para a Comissão Política Distrital.
10	<i>par=ext1068437-pol-94b-1</i> : Será o estalar da guerra entre Miguel de Sousa e Jaime Ramos , os líderes dos dois grupos mais poderosos do PSD, não política mas economicamente falando.
11	<i>par=ext893278-eco-93a-1</i> : Um dos fundadores do empreendimento, Cabrita Neto, o polémico governador civil de Faro, parece ter acompanhado com extrema atenção o evoluir da situação .
12	<i>par=ext1363419-pol-95b-1</i> : Manuel Monteiro caiu quase seis pontos, o que pode traduzir o empalidecer da boa estrela a que, no último mês, tínhamos feito referência.
13	<i>par=ext852183-soc-97a-1</i> : Neste campo, o principal desafio continua a ser, repete Odette Ferreira, o encontrar da ' fórmula ' que permita traduzir a informação e educação em alteração de comportamentos e atitudes .
14	<i>par=ext1073765-clt-94b-1</i> : V.C. -- É o passar do vinil para o digital.
15	<i>par=ext682955-nd-91a-3</i> : Enquanto tivemos impérios, tivemos de ser imperialistas, isto é repressivos e castigadores, máscara que nos deformou, nos fez personagens cabisbaixas; o descer do pano devolveu-nos o rosto, permitiu-nos** reencontrarmo-nos** sob nova luz -- e gostar de nós.

16	<i>par=ext420172-soc-96b-2:</i> Seguem-se as três viagens dos aspirantes, que simbolizam: o deambular para a luz, o caminhar da câmara escura da morte para a grande luz e a vida nova, antes de os seus olhos avistarem o mistério interior da loja (...)
17	<i>par=ext847938-nd-95b-2:</i> Uma passagem pelo Grande Canyon, o apanhar da célebre estrada 66 até Las Vegas, esse gigantesco estúdio transformado em cidade, eis o percurso de Por um punhado de dólares.
18	<i>par=ext943772-nd-98a-1:</i> Esta proposta de solução não fere a legalidade institucional existente no país, nem põe em causa a dignidade do Estado e pode permitir o virar da página deste jovem país africano.
19	<i>par=ext1398527-soc-94a-1:</i> No mês seguinte e após o reventar do escândalo e já com um processo disciplinar a correr contra si, Jorge Simões, decidiu pedir a passagem à reforma, tendo antes metido baixa.
20	<i>par=ext584467-soc-96b-3:</i> É o reavivar da polémica ateadada por Matos Fernandes , professor da Faculdade de Engenharia do Porto, logo que Fernando Gomes apresentou a maqueta da nova ponte, concebida por Adalberto Dias no âmbito do projecto referido.
21	<i>par=ext947968-pol-95a-2:</i> No quadro de confusão descrito pelo enviado da agência AFP, por todo o lado havia choro, abraços e, para alguns, o aumentar do temor , à medida que o tempo passava e não se via quem se procurava.
22	<i>par=ext1434233-clt-93a-1:</i> A manhã de praia deslizava doce sob o olhar tutelardo José Luís banheiro, entre os mergulhos, o carregar dos baldes, o manejar do prego.
23	<i>par=ext955581-clt-soc-95b-1:</i> Ora, o cavar desta assimetria entre os dois mundos terá, como consequência inevitável, que os editores de aplicações -- sejam elas programas de grande difusão ou pequenos utilitários para tarefas mais específicas -- tendam a olhar para o mundo Apple como um mercado marginal, em que as expectativas de vendas serão incomparavelmente inferiores.
24	<i>par=ext1214013-soc-95b-1:</i> Agradar-lhe-á o murmurar da água que ali corre e mais adiante será o Zêzere -- segundo rio em extensão e caudal com nascente e foz em território português.
25	<i>par=ext1256274-eco-92a-1:</i> Há os Jogos Olímpicos e o retomar da preparação normal , conjugado com os estudos, é difícil.
26	<i>par=ext881471-soc-95b-2:</i> Julgo que o atravessar do espaço central pelas vias principais e de acesso local torna-se, ao contrário do que inicialmente me parecera, uma vantagem.
27	<i>par=ext565329-pol-96b-2:</i> Outro ponto de força da moção será o combate aos justiceiros e o sublinhar da necessidade de respeitar as bases e as estruturas eleitas directamente pelos militantes.
28	<i>par=ext1272478-soc-95b-2:</i> O que vemos aqui, afinal, não é senão o transbordar da aura mítica que o cinema confere a estas personalidades, transformando-as, elas próprias, em personagens de uma narrativa: a narrativa na qual o espectador cidadão comum se transfigura na identificação com os seus heróis.
29	<i>par=ext1013207-pol-94a-1:</i> Outra aposta é o privilegiar da campanha mediática.
30	<i>par=ext396948-soc-96b-2:</i> Com o eclodir da guerra porém, Hitler determinaria Hermann Göring, e não a ele Hess, para seu sucessor.

31	<i>par=ext263473-soc-91b-2:</i> Estes homens estão sensibilizados para o apertar do controlo e as pessoas serão mesmo devolvidas se não reunirem as condições para permanecerem em Portugal, diz.
32	<i>par=ext1462302-clt-soc-95a-2:</i> Por outro lado, é evidente que o alastrar de um clima de pânico teria custos elevadíssimos em termos sociais e psicológicos.
33	<i>par=ext563548-eco-96b-1:</i> Este é o tempo que dispõe a comissão criada pelo Governo para resolver o caso da venda em hasta pública dos bens daquele organismo requerida pela Cofipsa e suspensa mesmo sobre o soar do gongo .
34	<i>par=ext459153-soc-92b-2:</i> Para outros, o pluralismo corrente dos valores, sem nenhum céu que os possa abrigar, tanto possibilita o acordar do neo-paganismo , ao lado da crescente indiferença religiosa, como desperta de fundamentalismo e restauracionismo religioso que, no caso católico, foi muito sabidamente temperado no impropriamente dito Novo Catecismo.
35	<i>par=ext1549205-des-95b-1:</i> Muita gente aguardava com enorme expectativa o regresso do outrora campeão mundial de boxe na categoria de pesados Mike Tyson, cumprida a pena de prisão por violação e acertados os detalhes do que vai ser o reatar da sua carreira desportiva .
36	<i>par=ext665054-pol-95a-1:</i> O partido não quer discutir isto e este caso resume-se a uma questão de meia dúzia de pessoas, foi o sentir da época transmitido ao Público por um alto dirigente social-democrata.
37	<i>par=ext303334-pol-94a-2:</i> Motivos para tal não vão faltar no próximo ano com o estalar da discussão sobre as presidenciais , a campanha para as legislativas e a crise na esquerda, diz Loureiro.
38	<i>par=ext1199627-clt-92b-2:</i> Se as leis do mercado ditaram o arrumar da casa , deixando pelo caminho editoras de fraco poder económico, no campo da edição a tendência foi para a progressiva afirmação do sistema de venda directa.
39	<i>par=ext1268184-eco-98b-2:</i> Os resultados divulgados confirmam o inverter da tendência dos últimos anos, com as exportações para Espanha a crescerem a um ritmo superior ao das importações.

A.II. b. Determinante artigo definido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação definida - em poucos casos, o determinante demonstrativo- e no plural)]

1	<i>par=ext329900-soc-95b-2:</i> Com o passar dos anos , desapareceram um parque infantil e umas gaiolas de aves que faziam as delícias da pequenada.
2	<i>par=ext251574-clt-93a-1:</i> BB -- A primeira Narrative Art recorre sempre ao texto e à fotografia, mas, com o decorrer dos anos , o texto foi desaparecendo.
3	<i>par=ext522944-soc-96b-1:</i> Ontem à tarde, após o encerrar das urnas , ouviam-se outras queixas e reivindicações entre os estudantes:
4	<i>par=ext1219602-pol-96b-1:</i> Ferreira partiu, assim, para o separar das águas , de quem é quem no Pp.
5	<i>par=ext999299-des-97b-1:</i> Dominguez e o Sporting começaram por negociar, há uma semana, com o Southampton, mas o arrastar das negociações devido à falta de acordo entre as três partes fez com que o West Ham entrasse na corrida.
6	<i>par=ext857547-pol-94a-1:</i> Da diluição dessas divergências em torno de um projecto único -- o limar das arestas de que ontem se falou -- muito vai depender o êxito da estratégia de unidade consagrada por esta plenária da Delegação Externa da Fretilin.

7	<i>par=ext1446493-clt-94a-3:</i> Agora há que ter em conta os aspectos técnicos, nomeadamente o esgotar das edições que estão publicadas. "
8	<i>par=ext1017749-des-93a-1:</i> Antes de prosseguirmos, abra-se um parêntesis e acalmem-se alguns espíritos mais imaginativos (ou peregrinos) , que parecem agora surgir, face à provável inevitabilidade de normas jurídicas revolucionárias, nos primeiros momentos de 1993: não advêm do não cumprimento daquele prazo quaisquer invalidades jurídicas, ou consequências que impossibilitem o surgir dessas normas (inevitáveis) para além dos dois anos .
9	<i>par=ext476752-soc-95b-1:</i> O primeiro passo é o percorrer das redondezas com uma carrinha de caixa aberta recolhendo a matéria-prima.
10	<i>par=ext1439123-pol-94a-1:</i> Até à publicação dos resultados, o dobrar dos sinos parecia ser um toque de finados.
11	<i>par=ext559220-clt-95a-1:</i> Canta-se dentro de uma casa de adobe terroso, e se as canções são, sem dúvida, sempre ciganas, parecem árabes as vozes e são-no decerto o rebolar das ancas das mulheres e os instrumentos de corda.
12	<i>par=ext1394337-clt-91a-1:</i> Estou farto de ouvir o gaguejar dos sinos da humilhação tocar a rebate por esta miséria de Morte!
13	<i>par=ext622392-nd-91a-4:</i> O seu sonho era dormir com o rugir dos leões .
14	<i>par=ext1253198-eco-93a-2:</i> No entanto, não deixa de constituir um estímulo para o aprofundar das negociações do Uruguay Round .
15	<i>par=ext429469-des-98b-2:</i> Para Agassi será o confirmar das suas ambições em vencer o Grand Slam norte-americano e terminar o ano como líder do circuito mundial.
16	<i>par=ext1011976-soc-93a-2:</i> Não se tratou no entanto de uma decisão pacífica: o director e presidente do conselho directivo, Adriano Duarte Rodrigues, absteve-se quando chegou a hora de votar a reabertura, enquanto o vice-presidente da faculdade se manifestou contra o retomar das actividades lectivas .
17	<i>par=ext886706-soc-93b-2:</i> Os métodos de tortura incluem espancamento em todo o corpo, em regra com paus, arames, cintos ou cabos de vassoura; queimaduras de cigarros; o arrancar dos dedos e das unhas ; introdução de garrafas no ânus; o método chiffon (pano) , no qual a vítima é amarrada a um banco e parcialmente sufocada com um pano molhado em água suja ou em químicos; e os choques eléctricos.
18	<i>par=ext643858-nd-96b-1:</i> Foi por isso que, quando tentou travar esse processo de aceleração o fez de forma desastrada, acabando por contribuir para uma derrapagem do próprio processo e o acentuar dos radicalismos .
19	<i>par=ext493071-des-92a-2:</i> A grande meta parece ser indiscutivelmente a vitória na Taça de Portugal, o que permitiria ao Boavista ser a segunda equipa com melhores proventos na temporada, justificando-se o abrir dos cordões à bolsa pelo facto de este jogo das meias-finais ser na Luz, e portanto o obstáculo mais difícil de ultrapassar, enquanto a final será sempre em campo neutro.
20	<i>par=ext1082438-com-97b-2:</i> Como o Speed Surfer utiliza uma tecnologia inteligente, consegue prever (quase sempre) , em cada momento, qual a página que o utilizador visitará a seguir, antecipando o carregar dos textos, das ligações e dos gráficos dessa página .
21	<i>par=ext780475-pol-92a-1:</i> E o serenar dos críticos no seu próprio partido, que ouviram o que desejavam.
22	<i>par=ext727763-des-92a-3:</i> É o despertar das vedetas europeias e, com ele, o

	renascer das esperanças em ver quebrada uma longa hegemonia norte-americano.
23	<i>par=ext1190687-pol-92b-1</i> : O que se sabe, segundo os termos do próprio comunicado, é que Cyrus Vance e Lord Owen consideram de grande importância restabelecer o mais depressa possível as condições que permitam o reatar dos voos humanitários da ONU .
24	<i>par=ext740922-pol-93a-2</i> : No entanto, foi esta a justiça que permitiu o desarmadilhar das tensões existentes na grande metrópole da costa oeste do Estados Unidos.
25	<i>par=ext1080835-pol-92a-1</i> : Apenas o repicar dos sinos de todas as igrejas da capital, misturado com o de campanulas tocadas pelos fiéis, fazia-se ouvir, recordando o carácter sagrado do acontecimento -- a festa dos Espíritos da Santa Trindade, assinalada 50 dias depois da Páscoa ortodoxa.
26	<i>par=ext698881-nd-94b-2</i> : Se a atitude de queimar uma bandeira norte-americano como forma de protesto foi considerada, pelo Supremo Tribunal Federal, abrangida dentro da liberdade de expressão, já o queimar dos boletins de recrutamento não foi assim entendido.
27	<i>par=ext1074671-nd-96b-2</i> : A Irlanda sugeriu o adiar das ajudas aos produtores de cereais, de modo a criar um pacote da carne, bem como obrigar a uma indesejável redução na criação de gado bovino.
28	<i>par=ext1451577-pol-93b-1</i> : Penafiel, aliás, já está totalmente pintada de laranja e só o cruzar das caravanas automóveis dos socialistas e um ou outro cartaz de Agostinho Gonçalves cortava o tom social-democrata
29	<i>par=ext1143214-des-96b-1</i> : A gritaria era constante e, ao cabo de uma tantas saídas, já ninguém se admirava com o saltar das rolhas das garrafas de espumante ou com as caixas de leitão já cortado e pronto a servir que muitas vezes saíam das bagageiras.
30	<i>par=ext462851-pol-94a-2</i> : É a defesa dos interesses de Portugal que está em causa, diz solenemente, por entre o chilrear dos passarinhos .
31	<i>par=ext510446-pol-98b-2</i> : No campo republicano, apenas o CIRA (IRA da continuidade) não declarou formalmente o calar das armas .
32	<i>par=ext961310-soc-95b-2</i> : Ao portal, um homem ainda afirma que não acha bem o desvendar destes mistérios a estranhos.
33	<i>par=ext217807-des-91a-2</i> : Só que depois e minutos depois do jogo ter terminado em Espinho o Torreense chegava à vitória e com ela o ruir de todas as aspirações da equipa de José Rachão .

B. Presença de determinante artigo indefinido a determinar o infinitivo nominalizado

B.I. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep (genitivo)

B.I.a. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no singular)]

1	<i>par=ext1255020-clt-93a-2</i> : Assim, «Ambiances» acaba por ser um desfolhar de catálogo , onde os portugueses Madredeus, de «O pastor», cedem o lugar a Brian Eno e a um tema retirado de «Before and After Science», e este ao sírio
---	--

	Abed Azrié que, por sua vez, antecede o execrável Andreas Vollenweider com a sua música vômito-cósmica de supermercado.
2	<i>par=ext20707-nd-91a-1</i> : Com os lugares de «Superior ao preço de 5.00000 (na época passada custavam 2.50000) e as arquibancadas a sete contos, muitos adeptos e simpatizantes do FC Porto não conseguiam evitar um franzir de sobrolho no momento de pagar a tirinha de papel que lhes garante o acesso ao grande jogo de hoje, tanto mais que, durante este mês, as cores do clube passaram por grandes e importantes provas: foi o jogo com o Benfica para a Taça, foram os jogos de basquetebol com o Estrelas da Avenida e o Benfica, foram as eliminatórias para a taça dos Campeões Europeus e Taça de Portugal em hóquei em patins, foi a deslocação a Alvalade, na semana passada.
3	<i>par=ext24778-soc-91a-2</i> : Resta um abanar de cabeça de abnegação.
4	<i>par=ext27322-pol-93b-1</i> : Quando, há pouco mais de um mês, Clinton decidiu «trair» os sindicatos lançando-se na campanha a todo o vapor pelo Nafta, era tarde de mais para os republicanos prepararem um virar de casaca airoso .
5	<i>par=ext33245-pol-96b-3</i> : E, no final, Jorge Moreira da Silva consideraria o Conselho Nacional « um virar de página na JSD ».
6	<i>par=ext49600-nd-98b-1</i> : As universidades apresentam alguns cursos novos, como é o caso da de Lisboa, na Faculdade de Letras, com a criação do Curso de Estudos Europeus, o que começa a mostrar um virar de página na imagem estática que a instituição tem.
7	<i>par=ext66349-clt-91b-2</i> : P. -- O sucesso instantâneo de «Estorvo», no Brasil, implica um redobrar de responsabilidade .
8	<i>par=ext96106-des-92b-1</i> : Não menos verdade é, no entanto, em simultâneo com a edição dessas normas, « um passar de esponja » sobre o incumprimento das obrigações do passado, através de disposição legal transitória: a aprovação de um relatório, por despacho do membro do Governo que superintendia na área do desporto, «regularizava» as aplicações das verbas que tinham sido efectuadas.
9	<i>par=ext122965-clt-93a-2</i> : Pareceu-me -- e poderei estar enganado -- que, desta vez, Almeida Santos abusou da moderação que o caracteriza, enveredando por considerações entristecidas, quando a situação impunha um levantar de voz mais firme , conformado embora ao seu estilo e ao seu feitio.
10	<i>par=ext183813-nd-94b-1</i> : Não parecia, no entanto, que houvesse carneirada mas apenas um fervilhar de água , pequeno e vivo, com pouquíssima espuma, excepto na proximidade das rochas.
11	<i>par=ext608502-pol-95a-2</i> : Escreva isso aí, pode escrever! " -- reage com um levantar de voz e um bater de pé nervoso à menção ao «aparelho».
12	<i>par=ext229728-soc-92a-3</i> : Isto é de facto o mais importante, foi um voltar de página .
13	<i>par=ext770246-opi-97a-1</i> : Descobri Nélida ao acaso de um folhear de revista e instintivamente percebi que era a voz feminina mais singular que me fora dado ouvir até agora.

B.I. b. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]

1	<i>par=ext601-soc-93b-2</i> : Tudo terminou na Pousada de S. Teotónio, na zona histórica de Valença, entre um matraquear de perguntas dos jornalistas .
2	<i>par=ext1913-nd-91b-1</i> : O engenheiro Luís Azevedo é o animador desta

	iniciativa, que, como diz, vai conduzir ao extremo de «controlar um computador apenas com um piscar de olhos » -- o que na Apple Expo ' 91 não será possível observar, dado o atraso na chegada de um dispositivo específico para tal operação.
3	<i>par=ext94835-soc-93b-1</i> : É então um desfilar de delitos e cenas obscenas: desde o furto de motorizadas e bicicletas, até ao desvio de uma burra e uma égua, esta última companheira de cenas amorosas praticadas com Rafael quando, numa ocasião, «uma moça vizinha disse que já não me queria».
4	<i>par=ext8389-soc-97a-1</i> : O espectáculo é já conhecido e o povo encara-o com a bonomia habitual: um encolher de ombros às tiradas de humor rasteiro e uma sombra de saudosismo a bailar nas pupilas mais idosas.
5	<i>par=ext11638-soc-92b-1</i> : Este percurso -- a que os romeiros chamam metaforicamente «El Camino» -- é, ao mesmo tempo, uma purificação e um relembrar de ritmos antigos , ritmos da vida nómada, cada vez menos tolerados pela «aldeia mundial» em que vivemos.
6	<i>par=ext11869-clt-94b-1</i> : «Agora que chegou a altura de equacionar o trabalho concreto, assistimos ao refluxo dessa tendência: o que na proposta do MNE corresponde a um acumular de funções , na prática não significa transferência de coisa alguma da Sec ou do Me para o Instituto», acrescenta a mesma fonte.
7	<i>par=ext15106-eco-94a-1</i> : Mas os exportadores preferem um separar de águas em que cada uma das partes domine o respectivo bloco do Conselho Geral.
8	<i>par=ext19259-clt-92b-2</i> : Não houve substituição, mas talvez um reciclar de certas ideias , porque os tempos são outros.
9	<i>par=ext22595-nd-91a-2</i> : É provável que nas próximas semanas não se verifiquem ataques de guerrilha, uma vez que os grupos paramilitares protestantes anunciaram um cessar-fogo e o IRA um depor de armas parcial , que exclui apenas os ataques contra protestantes.
10	<i>par=ext133465-soc-98a-2</i> : É «um completo absurdo pensar-se que com um estalar de dedos se tem um corpo docente qualificado.
11	<i>par=ext33079-clt-soc-95b-1</i> : ISABEL Silva Costa -- Encontrei um esboçar de novas palavras .
12	<i>par=ext33781-eco-97a-2</i> : O Governo venceu porque, afinal, conseguiu vender a Vale do Rio Doce, operação tida como um separar de águas e que, superada, facilita as privatizações futuras, entre as quais se incluem os sectores da energia e das telecomunicações.
13	<i>par=ext43207-pol-98a-2</i> : Esta meia-resposta de Milosevic deixou assim a Nato numa situação em que, ou espera que a guerra no Kosovo amaine por si (e isso implica um fechar de olhos às perseguições a populações civis) , ou sobe a parada das suas ameaças com preparativos concretos para uma intervenção.
14	<i>par=ext136719-pol-92b-2</i> : Houve de facto um explodir de ódios antigos e ressentimentos, cenas de ajuste de contas e excessos condenáveis .
15	<i>par=ext47939-clt-92b-1</i> : O regresso aos locais das filmagens proporcionou um desfiar de histórias sem fim .
16	<i>par=ext56399-soc-96b-2</i> : Sentem falta dos valores tradicionais, têm um acumular de novas pressões , como o estudo, o trabalho, a ausência de perspectiva de vida, e a carga de `stress ' é muito grande», explicou Bill-Brahe.
17	<i>par=ext61309-pol-93a-1</i> : Em termos políticos, o último dia desta iniciativa do grupo parlamentar socialista serviu, de facto, para um desfiar de encómios , caldeado com diálogos para consumo interno.
18	<i>par=ext155736-clt-soc-92a-2</i> : Seria, no entanto, igualmente perigoso concluir

	que a Cimeira do Rio se resumiu a um assinar de papéis sem sentido .
19	<i>par=ext196556-soc-94b-2</i> : É minha convicção profunda que se aceite e se faça sem tardar, sob autoridade internacional, um redesenhar de fronteiras entre povos que são incapazes de viver em paz.

B.II. Determinante artigo indefinido+ Infinitivo nominalizado + SPrep (genitivo)

B.II.a. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação definida e no singular)]

1	<i>par=ext978279-nd-91b-2</i> : Feito isso, deve intervir decisivamente -- política, económica ou mesmo militarmente -- para impedir um alastrar do conflito ou para manter separados os combatentes.
2	<i>par=ext1020929-clt-94a-2</i> : É uma coisa conceptual, um trabalhar do som já num nível de franca abstracção -- e, no entanto, pressente-se a cada momento um coração que palpita e se procura a si mesmo.
3	<i>par=ext1028575-des-96a-1</i> : «Esta presença significa um renascer do halterofilismo , até para incentivar novos praticantes. »
4	<i>par=ext38447-eco-93b-1</i> : Nos países da Europa de Leste e Central, assistiu-se a um abrandar da recessão económica entre 1991 e 1992: no primeiro daqueles dois anos o PIB dos países daquela zona diminuiu 13,5 por cento, e no ano passado diminuiu 7,5 por cento.
5	<i>par=ext39294-pol-92a-2</i> : Nas vésperas do início do novo ano curdo (Newroz) , a 21 de Março, o PKK apelou à população para uma «mobilização geral» contra o Exército turco, pelo que se esperava um recrudescer da violência na região .
6	<i>par=ext205273-soc-94a-1</i> : É verdade que tem havido, ao longo dos últimos anos, uma diminuição da participação dos trabalhadores, mas agora é visível um ressurgir da intervenção , as pessoas estão fartas da impunidade do patronato e do Governo. »
7	<i>par=ext236989-pol-98b-3</i> : A memória dos confrontos de há um ano, quando o segundo dos primeiro-ministros, Hun Sen, afastou do Governo o príncipe Norodom Ranariddh, ainda está fresca na cabeça dos cambojanos, que receiam um reacender da violência , apesar de a campanha estar a decorrer sem sobressaltos de maior.
8	<i>par=ext309565-clt-96b-1</i> : Assistir ao documentário que a SIC apresenta hoje sobre o percurso da princesa e futura rainha Isabel II desde o nascimento até à coroação é um reavivar da memória dos velhos tempos sérios e dignos da realeza britânica , se se exceptuar o momento breve da abdicação de Eduardo VIII.
9	<i>par=ext315451-com-98a-2</i> : Em comunicado, os responsáveis da Netscape afirmaram que elas representam «uma etapa inicial no sentido de um abrandar da pressão que o monopólio da Microsoft exerce sobre a indústria das tecnologias de informação».

B.II. b. Determinante artigo indefinido + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação definida e no plural)]

1	<i>par=ext21063-clt-94b-1</i> : Ou seja, Welles saberia que toda a criatividade traz com ela uma fraude intrínseca: «do nada pode nascer tudo; de tudo, com um estalar dos dedos , chega-se outra vez ao nada».
2	<i>par=ext85494-pol-95b-1</i> : Prevendo um acirrar dos ânimos , o Presidente da República, António Mascarenhas Monteiro, apelou a uma campanha pacífica e digna entre os partidos.
3	<i>par=ext418758-clt-93a-2</i> : No Verismo, o compositor procede a um encurtar dos tempos , no sentido de não haver recitativo que precede a ária, estando este, digamos, incluído na mesma e portanto, sendo música, como tal deve ser tratado.
4	<i>par=ext1201852-pol-95b-3</i> : Os quebequenses foram ontem às urnas para decidir se querem ou não tornar-se independentes do Canadá mas, seja qual for o resultado (só conhecido esta madrugada) , adivinha-se um arrastar dos problemas no segundo maior país do mundo.
5	<i>par=ext91016-eco-94b-2</i> : Por outro lado, também a fraca prestação dos futuros de obrigações contribuiu para um acentuar das perdas .

C. Presença de determinante possessivo a determinar o infinitivo nominalizado

C.I. Determinante artigo definido + Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep

C.I.a. Determinante artigo definido + Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”))]

1	<i>par=ext165201-nd-95a-1</i> : No primeiro dia da criação do mundo, eu estava tonto pelo cheiro inebriante da floresta, os gritos dos macacos e dos pássaros na mata cerrada, o voo nocturno dos morcegos que não me deixavam dormir, com o seu bater de asas sincopado .
2	<i>par=ext204555-soc-98b-1</i> : Hoje é um dia comum, dedicado aos afazeres do quotidiano, com o seu desfilar de canseiras, correrias, conversas e chalaças .
3	<i>par=ext482571-clt-93a-1</i> : Assim, o seu sibilar de oitavas estridentes (que a Vox considerou uma espécie de «Claire Grogan em versão gótica» e que, por vezes, se torna um bocado irritante) está um pouco menos fantasmagórica.
4	<i>par=ext1480041-pol-94a-1</i> : «Queria acreditar no pior dos cenários para Portugal» e chegou a inventar a célebre «teoria da vacina» para justificar o seu lavar de mãos .

C. II. Determinante artigo definido + Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep

C.II.a. Determinante artigo definido + Determinante possessivo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação e no plural)]

1	<i>par=ext248986-clt-96a-1</i> : Impossível resistir, no entanto, ao toque do mestre: por muito mais apressado ou tecnicamente rígido que seja o seu manejar das cordas e teclas (aqui divididas entre uma guitarra de 10 cordas e um piano de cauda) , há sempre nele alguma coisa que apela à exaltação dos sentidos .
---	---

D. Presença de determinante demonstrativo a determinar o infinitivo nominalizado

D.I. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep

D.I.a Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no singular)]

1	<i>par=ext83281-pol-94b-2</i> : A este virar de página na estratégia não é estranha, como admitem alguns, a crescente expectativa sobre a candidatura ou não de Ramalho Eanes, apesar de outros colaboradores de Sampaio tentarem minimizar esse facto, preferindo sublinhar que «o tempo vai passando» e que, por isso, é premente tornar mais visível o «candidato».
2	<i>par=ext197792-nd-95a-1</i> : A reverencial e governamental RTP começa a parecer-se com qualquer coisa decente e estimável perante este galopar de proxenetismo que faz de programas como o tal «Não se esqueça da Escova de Dentes» mais um sucesso de massas.
3	<i>par=ext381534-pol-92a-1</i> : E, apesar das evidências, ninguém quer lançar prognósticos sobre o tempo que vai durar « este esticar de corda até a corda partir».
4	<i>par=ext446985-soc-94b-2</i> : Trata-se de um documento particularmente importante para a comunidade universitária e para os profissionais da área da comunicação social, que se propõe como «uma agenda de reflexão para este virar de século », contendo a proposta de «um novo contrato social».
5	<i>par=ext547333-clt-91a-2</i> : O elevado nível que mantêm as taxas de juro das operações activas não deve permitir, no entanto, que este reganhar de confiança se traduza num impulso significativo do investimento.
6	<i>par=ext717737-des-92b-1</i> : E a final da Supertaça disputada em Coimbra frente ao FC Porto valeu-lhe este virar de página numa carreira onde já viveu «muitos sonhos bonitos».
7	<i>par=ext1052960-pol-94a-3</i> : Casos há em que este recuperar de influência é bem visível, através da presença ou do envio de tropas.
8	<i>par=ext1163389-soc-91a-1</i> : Os resultados concretos de todo este fervilhar de actividade ficariam estampados nas contas de 1988: no primeiro ano de actividade, a Socifa atingia resultados da ordem dos 250 mil contos.
9	<i>par=ext1196051-des-91b-1</i> : A este redobrar de atenção governamental , respondeu a Câmara com múltiplos concursos e adjudicações para passagens

	desniveladas (Pedrouços, Avenida da República, Campo Grande, Areeiro, Av. Roma, Rua Joaquim António de Aguiar, Rotunda de Alcântara) e para uma dezena de parques de estacionamento.
10	<i>par=ext1204309-pol-95a-2:</i> «Abordo este findar de campanha com alegria » afirmou na primeira etapa do dia, com uma voz muito rouca.
11	<i>par=ext1454362-opi-98a-1:</i> Se não houve simulação na defesa do projecto, o que significa todo este abanar de cabeça por parte do grupo parlamentar em relação à direcção do partido?
12	<i>par=ext1483061-clt-93a-2:</i> Se a vida moderna é uma treta, não é por certo este enterrar de cabeça no passado que lhe virá contrariar a orientação.
13	<i>par=ext1047213-pol-92a-2:</i> Afirma estar disponível para assumir esse virar de página , avançando algumas propostas de actuação política que vai buscar ao seu anterior discurso para as eleições presidenciais, para logo rematar que não sustentará «soluções falsas», e acrescentando de imediato para não contarem consigo para «continuar a desgraça que está».
14	<i>par=ext1512695-des-93a-2:</i> Valentim Loureiro dizia mesmo, no final do jogo, que a polícia de outros países ocidentais actua de forma bastante dura sempre que acontecem este tipo de cenas e que só quando quatro ou cinco forem presos, identificados e sofrerem as consequências dos seus actos se poderá combater este ressurgir de violência .
15	<i>par=ext362832-soc-93a-1:</i> Não foi só essa paisagem feita de tantas paisagens, nem o horizonte a perder de vista, nem os sons do silêncio, nem as cores fortes do mar, nem esse encontrar de Portugal numa fachada, num beiral, num empedrado , nem mesmo essa força adivinhada que perpassa todas as coisas, como se, de súbito, as fúrias e as iras dos elementos se podessem soltar e materializar.
16	<i>par=ext455376-nd-95b-3:</i> -- porque muitas vezes esse subir de gama limitar-se-á a uma modernização do equipamento, e apenas alguns trabalhadores (poucos e a nível de técnicos) terão o conteúdo do seu trabalho mais enriquecido em uso de conhecimentos;
17	<i>par=ext761699-pol-92a-1:</i> (...) e porque esse apontar de dedo aos governantes de 1975 encobre a inépcia do actual Governo para lidar com a situação.

D.I.b. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (sem determinação e no plural (“bare plurals”])

1	<i>par=ext16759-soc-92b-2:</i> Vários factores concorreram para este reacender de expectativas .
2	<i>par=ext28557-soc-96b-1:</i> É a esta aproximação, a este estreitar de laços de união e de convivência que nós designamos por cooperação transfronteiriça, a qual nada tem a haver com qualquer tipo de nacionalismo.
3	<i>par=ext37127-eco-97a-3:</i> A reunião de que resultou este cerrar de fileiras foi promovida num hotel de Vila Nova de Gaia pela Associação dos Médios e Pequenos Empresários Portugueses (AMPEP) e nela participaram, segundo a organização, entidades representativas de mais de 100 mil» profissionais do ramo.
4	<i>par=ext148364-nd-91a-2:</i> A partir daí, sempre apreciei este apertar de mãos .

5	<i>par=ext157149-nd-95a-2</i> : Mas, perante este cerrar de fileiras além-mar em defesa do português, fico pasmado e chocado com a maneira como a nossa língua é tratada na sua terra.
6	<i>par=ext169985-pol-92a-1</i> : Enquanto procedem a este acertar de agulhas , poderão obter algum alívio com o facto de não serem os únicos intervenientes da cena pública desautorizados pela realidade; políticos, tecnocratas, gestores também falam para salas vazias.
7	<i>par=ext188539-soc-94a-2</i> : A nossa tarefa era gigantesca e pioneira ao mesmo tempo... devido a este acumular de tarefas em simultâneo...
8	<i>par=ext188589-clt-soc-93a-1</i> : A obra é isso: este acamar de informações uma sobre a outra , feito no escuro e não à luz.
9	<i>par=ext191451-soc-96a-2</i> : Em jeito de balanço desta acção, José Gabriel, presidente da Apropesca -- Associação de Produtores de Pesca --, referia que este extremar de posições surgiu na sequência do mau relacionamento com «a administração das pescas».
10	<i>par=ext260072-pol-95a-2</i> : Não se impressionando com este oscilar de factos , o acusador officioso fez uma descrição do sucedido, sintetizando:
11	<i>par=ext267418-des-97a-3</i> : Será com este amearhar de pontos , uma espécie de trabalho de formiga, que o Leça deverá ter de fazer contas, pois a qualidade de jogo evidenciada é fraca: muita luta, mas pouca arte.
12	<i>par=ext314632-pol-98b-2</i> : Mas este endurecer de posições por parte do PSD em relação à discussão na especialidade não significa que o Governo vá ver a sua proposta de Orçamento «adulterada» e nasça o espaço para que António Guterres se demita e as eleições sejam antecipadas.
13	<i>par=ext368001-clt-93a-1</i> : A este avolumar de «dinheiros públicos travestidos de privados» chamou Sousa Franco o «Carnaval dos dinheiros públicos».
14	<i>par=ext421027-soc-96b-2</i> : Não se sabe quantos alunos mais entrariam com este abrir de portas , «ninguém consegue prever quantas vagas mais seriam necessárias».
15	<i>par=ext457164-soc-95b-2</i> : Há dez anos que não se verificava este medir de forças entre patrões da hotelaria e sindicatos.
16	<i>par=ext492468-soc-92a-2</i> : Além das receitas da «querida publicidade», este separar de águas deve estender-se à programação.
17	<i>par=ext495542-soc-98b-3</i> : E este radicalizar de posições preocupa, e incomoda, as autoridades locais e regionais que sempre deram um beneplácito tácito à lide de touros de morte naquela terra alentejana.
18	<i>par=ext506348-pol-97a-1</i> : «Se houvesse critérios definidos, evitava-se este proliferar de negociações , que considero negativo», diz António Pedras, que responsabiliza os congressistas pela desordem instalada também no seu distrito.
19	<i>par=ext658492-clt-92b-2</i> : Esta proeminência exagerada que a minha obra assume, por ausência de «obra» de outros, acaba por trazer uma sobrecarga exageradíssima de responsabilidade social, na medida em que este concitar de atenções acaba por se traduzir em aspectos supernegativos.
20	<i>par=ext720396-pol-94a-1</i> : Por ironia das circunstâncias, este afunilar de condições dá-se quando elas emergiam da subalternização para que haviam sido atiradas.
21	<i>par=ext912896-nd-92b-2</i> : Poderemos terminar este enumerar de questões perguntando: que lugar tem a dimensão evangélica face à dimensão institucional?

22	<i>par=ext972942-eco-93b-2:</i> Mas este abrir de perspectivas não impediu que começassem já a surgir preocupações quanto ao carácter monopolista do novo gigante, que valerá algo como 40 mil milhões de dólares.
23	<i>par=ext978174-nd-98a-2:</i> Perante este exacerbar de tensões internas , «Nino Vieira» não se mostra mesmo nada inclinado a dialogar com o revoltoso Ansumane Mané nem com os políticos do PAIGC que porventura com ele simpatizam, ao mesmo tempo que não parece fazer um grande esforço de entendimento com a globalidade das forças da oposição, que em princípio o poderiam ajudar no confronto com a ala mais conservadora do PAIGC.
24	<i>par=ext1071861-pol-92b-1:</i> Mas este lavar de mãos da demência alheia não absolve a consciência europeia, nem chega, sequer, para proteger os seus interesses ou a sua tranquilidade.
25	<i>par=ext1097065-soc-98b-2:</i> Do executivo camarário, apenas o vereador do Ambiente, Orlando Gaspar, assistiu a este desfiar de ideias .
26	<i>par=ext1124744-soc-98a-2:</i> Com este passar de responsabilidades , Évora Património da Humanidade, assiste ao crescimento de uma espécie de Brandoa da classe média às suas portas.
27	<i>par=ext1233470-opi-98a-1:</i> Porque será que este desfraldar de bandeiras pelo mérito só é recorrente quando se trata da participação política das mulheres?
28	<i>par=ext1240315-des-98b-1:</i> «Os jogadores são os primeiros a estar indignados com este gotejar de nomes e de referências precisas a futebolistas e clubes .
29	<i>pr=ext1261850-clt-93b-2:</i> Além de uma questão meramente monetária é curioso que este fechar de portas seja antecedido de uma luta de comadres entre o encenador e o actor principal da companhia.
30	<i>par=ext1526368-nd-91b-1:</i> O entardecer na barbearia Kismat decorre ronceiro «com este conversar de reformados que não têm trabalho.
31	<i>par=ext119234-pol-95a-1:</i> Mas este descartar de responsabilidades não é aceitável por razões evidentes».
32	<i>par=ext96217-pol-94b-2:</i> Em carta enviada a Barbosa de Melo, com as suas propostas de revisão, o presidente do governo madeirense reconhece que nesta matéria os seus pontos são polémicos, devendo esse levantar de questões cruciais ser entendido como uma vontade de colaborar.
33	<i>par=ext394847-des-93b-2:</i> P. -- Mas esse denunciar de objectivos não pode prejudicar a selecção, já que todos os adversários vão saber quais os propósitos de Portugal?
34	<i>par=ext404275-pol-91a-1:</i> O dirigente da Associação 25 de Abril, fazendo o discurso do «valeu a pena», falou do «desencanto que nos assalta a todos, ao constatar que esse adiar de esperanças é sempre em desfavor dos mais fracos e humildes».
35	<i>par=ext661376-opi-97b-1:</i> O viveiro não era tão rico em espécies «independentes» como se supunha -- e se viu, aliás, na primeira versão do Governo, a par dos mitos e equívocos que suscitou --, mas o contraste entre esse rasgar de águas e o refluxo actual não deixa de ser revelador.
36	<i>par=ext774272-nd-94a-1:</i> Convém perguntar se, num mundo incompleto e imperfeito, como tudo quanto é real, a bondade, a virtude, a nobreza e esse bater de asas para o ideal, representado à imaginação dos gregos na fábula de

	Ícaro, não serão em verdade causas de permanente desgraça?
37	<i>par=ext1432203-clt-94a-2</i> : Outro dizendo: eu quero adivinhar é os gemidos delas, esse resvalar de asas na frente do abismo, o arrepio da alma perdendo morada.
38	<i>par=ext438793-nd-96b-2</i> : Com aquele abrir de braços e o gesto da mão, em desenho de cutelo, ficou subentendido que o despacho do comandante não será a favor de uma promoção.
39	<i>par=ext552831-nd-94b-1</i> : «Você não», declarou com aquele murmurar de dentes cerrados que é definitivo nos chacais.
40	<i>par=ext893949-pol-92a-2</i> : O seu homólogo mexe nos papéis, abana ligeiramente a cabeça, tenso, enquanto ouve o tradutor tornar inteligível aquele matraquear de palavras num crescendo mais próprio de comício político:

D.II. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep

D.II.a. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação e no singular)]

1	<i>par=ext145908-nd-91b-2</i> : Antes das comemorações, que envolveram cinco concertos nos Coliseus de Lisboa e Porto e a edição de um duplo álbum-colectânea dos seus maiores êxitos, «Saudades do Futuro», ameaçaram que este assinalar de uma década e meia de carreira musical poderia ser o primeiro passo para um prolongamento que seria de ainda mais quinze anos.
2	<i>par=ext612493-nd-96b-3</i> : Mesmo que não representasse pouco mais do que uma «oportunidade fotográfica» -- e representa -- este culminar de uma série de pequenos e delicados passos diplomáticos , de um lado e de outro, acaba por significar uma bofetada na Administração Clinton.
3	<i>par=ext660284-pol-91b-1</i> : A preparar este culminar de uma campanha marcada pelo espectáculo e pela cor , surgirão pelas ruas da capital, onde o líder social-democrata já se encontra durante o dia de hoje, as dezenas de carros inundados de jovens da JSD.
4	<i>par=ext848877-clt-95a-1</i> : E que este escutar de um católico à procura do sentido do que fazia, tentando tomar as opções mais correctas nos momentos às vezes complexos da sua vida, era um trabalho que pertence à Teologia fazer.
5	<i>par=ext85357-soc-94b-2</i> : Para este sacudir do capote , com maior ou menor veemência, de responsabilidades indesejadas, foram avocados uma série de argumentos plasmados no relatório «Renovar a Administração», ontem divulgado.
6	<i>par=ext287899-pol-96a-1</i> : E este esgotar do prazo pode permitir, também este ano, arranjos de última hora.
7	<i>par=ext345443-pol-96b-1</i> : Por isso, acusou, «não é por acaso que houve todo este enaltecer do marechal ».
8	<i>par=ext435261-soc-95a-2</i> : A administração da empresa revela que mesmo sem mais « este apertar do cinto » os custos de exploração praticados até aqui são já dos mais baixos em todo o mundo para uma mina subterrânea.
9	<i>par=ext638414-pol-94b-2</i> : Há quem explique este agitar do fantasma da dissolução como uma artimanha de Cavaco visando o cerrar de fileiras contra

	um inimigo externo -- no caso, Mário Soares, que terá dado «pretextos acrescidos» com a sua já célebre entrevista ao programa Prova Oral, de Maria Elisa e José Eduardo Moniz, na RTP, em que clarificou a interpretação que faz do seu próprio papel, assumindo-se não só como árbitro mas também como agente da vida política.
10	<i>par=ext674228-nd-91b-1</i> : Para este adocicar do sabor do ambiente , contribui o facto de os meios de comunicação social se ocuparem menos do que vai ocorrendo no nosso quotidiano.
11	<i>par=ext688104-des-94b-2</i> : O duo Rosa-Pedrosa preparou com alguma prudência este retomar do contacto com os 42.195 metros , tendo o técnico dito ir tratar-se de um teste, sobretudo, de um treino mais puxado, não sendo o resultado nem a classificação elementos determinantes.
12	<i>par=ext850450-opi-96b-2</i> : Ora para fazer frente a este enterrar do sonho , só há uma maneira: chamar a fazer frente ao dislate quem o possa travar; forçosamente uma das economias maiores da Europa, de uma nação com velha sabedoria geopolítica, que jogue as regras do jogo, disponha de um Estado bem estruturado e impeça a quebra de «fair play».
13	<i>par=ext924325-soc-94a-2</i> : Os socialistas justificam este retomar do caso pela «circunstância de ter sido suscitada a necessidade de alterar a lei da Alta Autoridade», que «proporciona a oportunidade de uma nova discussão em torno de alguns dos factores que têm contribuído para diminuir a credibilidade e o relevo que um organismo deste tipo deveria ter».
14	<i>par=ext973321-eco-94b-1</i> : Dias Alves diz que não lhe agrada este engrossar do passivo da empresa , mas que está em curso uma «abordagem muito radical da complexidade económica e financeira» da empresa.
15	<i>par=ext1136837-nd-91b-1</i> : Uma personagem para este virar do século , que nem Os Jetsons sonharam.
16	<i>par=ext1207079-nd-92a-1</i> : De acordo com os representantes sindicais, este reatar do diálogo virá a favorecer os trabalhadores.
17	<i>par=ext1347484-clt-92b-2</i> : Zé Aguiar, que continua a sua actividade musical repartida entre as aulas e os bares, diz que não concorda com este retomar do nome , mas não vai contestar.
18	<i>par=ext10107-nd-98a-2</i> : Depois de anos de desgaste e de ataques de figuras públicas que contestavam o volume do investimento, este amainar da polémica foi bom para a Expo.
19	<i>par=ext68638-soc-91a-2</i> : António Bogalho, presidente da Câmara Municipal do Sobral de Monte Agraço, disse desconhecer este evoluir da situação , e salientou que «se insiste em levar coisas para onde já existe muito, esquecendo outras zonas que precisam de apoio».
20	<i>par=ext110699-soc-96a-2</i> : Há outras razões, para lá dos caudais volumosos, que explicam este definhar da pesca da lampreia .
21	<i>par=ext396784-des-94a-1</i> : O que aconteceu para que tudo isto fosse possível, para este rebelar da «terceira idade» do atletismo?
22	<i>par=ext534183-nd-95a-2</i> : A este despertar da consciência política dos portugueses provocada por Humberto Delgado, com a sua corajosa declaração de que demitiria Salazar se fosse eleito Presidente da República, não ficaram alheios muitos católicos.
23	<i>par=ext722527-nd-95a-1</i> : Os próximos dias, provavelmente, poderão já dar uma resposta a este agitar da bandeira branca antidespesista , entre Carnaxide e a 5 de Outubro.

24	<i>par=ext804634-des-93a-2</i> : Muitas razões justificam obviamente este adiar da resolução do caso de «El Trem» .
25	<i>par=ext1079351-soc-92b-2</i> : Mas se, quando fizemos o negócio, pudéssemos ter a consciência de que íamos ter todo este agudizar da situação do vinho do Porto , dados os escoamentos a que fomos obrigados, provavelmente não o teríamos feito naquela altura.
26	<i>par=ext1099523-pol-95b-1</i> : Poupem-nos este estrebuchar da besta .
27	<i>par=ext1192543-des-96a-2</i> : Esta é a convicção de António Palmeira, presidente da Associação de Jogadores de Basquetebol (AJB) , que concorda com este apertar da malha legislativa , «até porque era necessário rever os critérios, que muitas vezes impediam a entrada dos atletas realmente interessados».
28	<i>par=ext1468168-pol-91b-1</i> : Cavaco aproveitou este culminar da sua peregrinação pelo Norte para fazer a síntese do seu discurso de campanha, introduzir alguns novos dados e incentivar os sentimentos bairristas.
29	<i>par=ext1542980-soc-92a-2</i> : Contudo, entre a comunidade ambientalista, há uma oposição generalizada a este aligeirar da protecção , que é vista como uma medida preliminar para o retomar do comércio do marfim.
30	<i>par=ext103240-clt-95b-1</i> : P. -- O fantástico, ou o «maravilhoso» de que fala num texto, a dimensão do sonho, à pouco referida, esse bordejar do surrealismo não introduzirá na sua pintura um elemento suplementar de fascínio?
31	<i>par=ext1029146-nd-91b-1</i> : A primeira impressão recolhida diz respeito à vaga de fundo do órgão -- o mesmo de «Rock Bottom», um velho órgão Riviera, que o músico voltou a pôr a funcionar, como que dando um acordo tácito a esse reviver de um passado traumático que acabou por resultar numa obra, sob todos os aspectos, fabulosa.
32	<i>par=ext1382730-clt-95a-2</i> : Amélia Muge: Pondo o mesmo entusiasmo que o José Mário em relação ao trabalho do Júlio, e talvez até pelo trabalho do Júlio, é o disco onde se sente mais aquele fervilhar da canção tradicional , de terreiro.

D.II.b. Determinante demonstrativo + Infinitivo nominalizado + Sprep [Prep+ SN (com determinação e no plural)]

1	<i>par=ext861250-eco-95b-4</i> : A desconfiança dos consumidores já é detectável por este espreitar das «vacas magras» .
2	<i>par=ext381472-pol-92a-2</i> : Este trânsito caótico, este actuar dos polícias de trânsito , só o vi em África e na América Central.
3	<i>par=ext721051-clt-92a-1</i> : Tanto «Do Fundo do Coração» como este reviver dos «anos de ouro» do Harlem sofrem de uma sobrecarga de efeitos, mais evidentes, porém, na primeira produção.
4	<i>par=ext1405068-pol-92b-1</i> : E esta reserva, este sorrir, este lampejar dos óculos , bastavam ao país, que neles sentia e saboreava a resplandecente evidência do talento de Pacheco...
5	<i>par=ext185646-des-91b-1</i> : Mas a vida de «Magic» será uma digna -- e constante -- forma de reforçar esse despertar das consciências .

6	<i>par=ext848705-eco-98b-3:</i> -- O que também era preciso, era esse equilibrar dos ordenados das pessoas , reformas a nível europeu...
7	<i>par=ext1417917-nd-95a-1:</i> E são esses humores ressequidos, esse refrear dos ardores ou dos fervores comunitários que fazem com que, pela minha parte, aí me sinta sempre tão bem .

E. Modificação por adjetivo

E.I. Modificação adjetivo posição pré-nominal (Determinante + Adjetivo + Infinitivo nominalizado + SPrep)

1	<i>par=ext181270-pol-93a-1:</i> Por um lado, está em causa o eventual renascer de um regime político que muito lhe toca -- a monarquia --, apesar das sondagens serem desanimadoras para estas pretensões.
2	<i>par=ext1213122-nd-96a-1:</i> O secretário-geral avisou que o eventual desmoronar do processo de paz acarretará a interrupção do auxílio internacional de que Angola necessita para a sua reconstrução, depois de mais de 30 anos de guerra.
3	<i>par=ext1260709-pol-97b-3:</i> Mas não deixou de exprimir desconfianças em relação ao PS: «A aprovação em comissão do mapa das regiões e o eventual reacender do debate , não significam que esteja em curso um processo seguro de avanço para esta reforma democrática».
4	<i>par=ext1390700-soc-97b-1:</i> Quanto ao reabastecimento dos autocarros pelos agentes únicos, Vítor Silva responde que «o argumento que tem sido utilizado, e que se prende com o eventual sujar do fardamento ou das mãos , não pode de todo colher».
5	<i>par=ext154392-pol-93a-2:</i> Ou seja, se os 15 membros do Conselho estiverem pelos ajustes, uma centena e meia de estrangeiros ficará por Angola, a fim de `oferecer os seus bons ofícios ' para o eventual cessar das hostilidades e o restaurar do cessar-fogo que havia em Setembro do ano passado, quando se realizaram as eleições presidenciais e legislativas.
6	<i>par=ext1089173-pol-94b-1:</i> Disse que Gusmão poderá ver a sua pena reduzida, embora não seja provável a sua libertação a breve prazo, mas declarou que a questão não tinha ligação nenhuma com o eventual restabelecer das relações diplomáticas com Portugal , como foi sugerido na imprensa.
7	<i>par=ext957885-soc-98a-1:</i> Mas o que mais preocupa o vereador da Câmara do Porto responsável pelo pelouro da Reabilitação Urbana, Oliveira Dias, não se prende com o eventual reavivar da velha «afronta» da sociedade civil ao poder temporal , nem sequer com a função que a casa assumirá -- o autarca chegou a falar ao Público que poderia acolher um balcão de venda de produtos da Câmara do Porto.
8	<i>par=ext1542243-soc-93a-2:</i> A polícia e os marines treinam-se para o eventual desencadear da violência .
9	<i>par=ext234194-des-94a-2:</i> Sem, com isso, prejudicar a agradabilidade com que se conduz no trânsito urbano e o constante piscar de olho ao público feminino.
10	<i>par=ext320367-soc-92b-1:</i> Esta é, a meu ver, a razão fundamental por que os

	processos se amontoam nas secretárias dos tribunais, avolumando-se com o constante adicionar de papéis para justificar os atrasos dos seus julgamentos.
11	<i>par=ext533302-des-93a-2</i> : Foi o nervosismo inexplicável dos jogadores; foi algum convencimento de que ia ser fácil; o não arriscar; o defender mal; o quase não ganhar bolas no meio-campo; o constante falhar de passes; o despejar de bolas da defesa para o ataque , perante uma defesa de calmeirões.
12	<i>par=ext1077435-clt-97b-2</i> : Essa pintura, feita sob a forma de políptico (tal como todas as outras obras desta exposição) , apresentava já algumas das características que se destacam nas obras mais recentes: o constante retomar de motivos e temas anteriores , como sucede com o tema do lobo e da cabra, vindo da série de obras feitas em torno de um conto popular; e o desenho das personagens em grande plano, como se possuíssem uma dinâmica própria que os levasse a sair da superfície da tela.
13	<i>par=ext1153233-clt-soc-93b-2</i> : Paralelamente, Zbig vai realizando obras mais pessoais e oníricas, nalguns casos sem consistência narrativa que não seja o constante desfilar de personagens e inovações estilísticas e técnicas que marcam, normalmente, um avanço na utilização das novas tecnologias da imagem.
14	<i>par=ext1369356-soc-98a-1</i> : Snyckers, que foi nomeado por um tribunal sul-africano para administrar a empresa enquanto não estivesse resolvido o litígio que opõe os seus sócios, mostrou-se «incomodado com o constante lavar de roupa suja » perante a comunicação social em torno do Virodene.
15	<i>par=ext24398-soc-97a-2</i> : Eram da discoteca Diamante Negro, vizinha da Meia Culpa, e o cigarro na mão trémula e o constante bater do tacão afiado confirmavam o nervosismo.
16	<i>par=ext1258716-pol-95b-1</i> : A pior ideia foi o constante matraquear do «nós ou o caos» .
17	<i>par=ext1525468-clt-94a-1</i> : A necessidade de unir esforços, no sentido de levar a bom termo as intenções dos promotores da iniciativa, e o constante sublinhar do facto de este ser um projecto de características nacionais , foram os elementos comuns das diversas intervenções proferidas pelos participantes da sessão.
18	<i>par=ext301229-des-94a-1</i> : E também porque é essa atmosfera de perigo e o constante desafiar dos limites que fazem a Fórmula 1 ter milhões de fãs espalhados um pouco por todo o mundo.
19	<i>par=ext530188-soc-92b-1</i> : A questão que se põe é a de saber se, com o constante apertar dos cintos , Arlindo de Carvalho não estará, no fundo, a esconder dois problemas: a incapacidade do Estado para continuar a subsidiar a compra de medicamentos e a sua própria incapacidade para adoptar a «filosofia hospitalar» nos medicamentos dispensados às farmácias.
20	<i>par=ext1417482-soc-96b-3</i> : Uma semana antes da inauguração, o último dos «paquidermes» comerciais do Grande Porto franqueou ontem a porta aos jornalistas, convidados a respirar a muita poeira que ainda flutua pelos corredores do Arrábida Shopping e a ouvir o constante matraquear dos martelos pneumáticos .
21	<i>par=ext349042-soc-95a-2</i> : As colunas de fumo que se elevam um pouco por todo o lado e o constante troar das sirenes dos bombeiros chamando os voluntários provam que algo de anormal se passa», disse à Agência Lusa fonte dos Bombeiros, lembrando que o distrito é «um dos mais apetecidos para as chamas de Verão e para a chama oportunista de quem tem interesse que a

	floresta arda».
22	<i>par=ext725660-clt-91a-3</i> : Para Maria Alzira Seixo, num texto publicado na antologia referida, «Os Discursos de Vasco Gonçalves, Um Capítulo (de Ruptura) na História da Oratória em Portugal» -- mas que já o fora também no «Diário de Notícias» e no livro «Discursos do Texto» --, o que caracteriza o discurso de Vasco Gonçalves, o que lhe traz eficácia é o «completo assumir das características específicas da fala, encarada (conscientemente ou não, não importa...) como trabalho em si (donde o constante refazer das frases , o abandono de algumas em meio para se encetarem outras, o emprego dos anocultos, a auto-correcção) , como acto produtor de sentido (...) , como operação revolucionária que no seu próprio processo se enuncia, se procura, se questiona. "
23	<i>par=ext573125-soc-92a-2</i> : Um dos juizes auxiliares tem de fazer sucessivas pausas para poder suportar durante todo o dia o constante piscar da iluminação .
24	<i>par=ext1038960-des-91b-1</i> : Com o correr do tempo e o constante cair da chuva , o jogo endureceu mas o Boavista continuou a ser melhor equipa, sempre mais veloz e objectiva.
25	<i>par=ext559499-des-98a-2</i> : Aparentemente, uma solução bem mais interessante do que o simples rasgar de contratos...
26	<i>par=ext1095158-pol-97a-1</i> : Ao contrário da Europa, os egípcios «Ubud As-Shaitan» (Adoradores de Satanás) foram confrontados com uma reacção muito mais dura do que o simples encolher de ombros e lamentações sobre os jovens de hoje .
27	<i>par=ext1132065-des-96a-3</i> : Muito menos ainda quando se exige algo mais do que o simples alinhar de estratégias imediatas ou abraços de ocasião .
28	<i>par=ext637907-des-95a-4</i> : Há muito mais num rali do que o simples troar dos motores e as lutas ao segundo nos cronómetros oficiais.
29	<i>par=ext850936-pol-97a-1</i> : E são esses temores que justificam o recente cerrar de fileiras do aparelho em torno de Carlos Lage .
30	<i>par=ext799156-soc-96a-1</i> : O crescimento das classes médias assalariadas não esconde o recente acentuar das «desigualdades na distribuição dos rendimentos , agravado pela crescente segmentação entre emprego estável e precário como entre economia formal e informal», lê-se no relatório.
31	<i>par=ext940560-nd-91a-1</i> : A fazer de elo operacional entre Sampaio, primeiro-ministro, e o partido poderia ter um papel predominante o seu chefe de gabinete, António Manuel: uma experiência que de algum modo já conhece, com o actual acumular de funções, camarárias e partidárias, do líder socialista .
32	<i>par=ext216319-nd-93b-2</i> : Em termos sociais, também não é difícil compreender o que já está em curso: o actual disparar do desemprego não terá, previsivelmente, melhorias à vista, porque é um desemprego estrutural, correspondente à desactivação de sectores económicos que não voltarão a erguer-se nem serão compensados pelo eventual crescimento de outros.
33	<i>par=ext576346-pol-95a-2</i> : As divergências de opinião de alguns destacados dirigentes do PSD, nomeadamente a posição de Pacheco Pereira sobre o pacote da transparência, não reflectem o actual pulsar do partido :

34	<i>par=ext509032-nd-97a-1</i> : Em qualquer caso, devo dizer, já não enquanto posição do partido, mas minha posição desde sempre, que sempre entendi que o normal culminar do processo autonómico era a extinção do ministro da República.
35	<i>par=ext476995-des-92a-2</i> : Num comunicado ontem divulgado em Berna, a UEFA exige que estas antigas repúblicas da URSS e da Jugoslávia dêem garantias de segurança interna, da existência de uma instituição que permita o normal desenrolar das competições nacionais e da existência de infra-estruturas mínimas .
36	<i>par=ext531102-clt-soc-91a-1</i> : Segundo Aurélio Ferreira, o orçamento de funcionamento que a escola recebeu este ano é idêntico ao do ano passado e está na base dos problemas financeiros que poderão pôr em risco o normal decorrer das actividades lectivas .
37	<i>par=ext340135-des-98b-2</i> : Apesar de não ter sido corrida a uma velocidade muito elevada, duas quedas afectaram o normal rolar da caravana , já que foi isso que se passou ao longo dos 140 km do dia.
38	<i>par=ext574116-pol-98b-1</i> : Uma Questão De Radar -- «A oposição tem sido como que um radar que não capta bem o verdadeiro sentir dos portugueses », afirma o padre José Maia, presidente da União das Instituições Privadas de Solidariedade Social (UIPSS).
39	<i>par=ext1186158-nd-91a-1</i> : Para a oposição, esta foi uma votação que não exprimiu o verdadeiro sentir dos albaneses e que se ficou a dever em parte à campanha de intimidação levada a cabo pelos comunistas, principalmente nas áreas rurais.
40	<i>par=ext556231-pol-97a-1</i> : Alguns grupos de naturais do Shaba criticaram já o chefe dos rebeldes por ter nomeado um governador interino para a província, Gaetan Kakudji, em vez de proceder previamente a eleições, de modo a auscultar o verdadeiro sentir das populações locais .
41	<i>par=ext719728-pol-95a-3</i> : «Aquilo que é o verdadeiro pulsar da sociedade esteve ausente do seu discurso», acusou o deputado Narana Coissoró.
42	<i>par=ext1063327-nd-91a-2</i> : O movimento do solo, o verdadeiro abanar da terra debaixo dos pés , essas constantes mudanças na pressão do ar contam parte da história.
43	<i>par=ext984794-soc-92b-1</i> : Benefícios: Devido à sua dupla acção, nomeadamente a compressão intra-abdominal e o profundo esticar dos músculos posteriores , actuando sobre o abdómen, a cintura e a anca, este «asana» tonifica os órgãos abdominais e pélvicos, distribuindo e reduzindo a gordura.
44	<i>par=ext1141405-opi-96a-2</i> : 1. A perversão do nobre instituto da amnistia, ferido na sua dimensão essencial de objectividade e impessoalidade, suscitado «intuito personnae», por quem mais o deveria respeitar, contra o profundo sentir da maioria dos cidadãos livres , e em provocação de tantos milhares de outros, condenados e em cumprimento de pena.
45	<i>par=ext1459062-clt-95a-1</i> : Excrescências, amputações, quando as há, quase nunca são arbitrárias, mesmo quando se sente por detrás do enorme virtuosismo verbal do poeta, que maneja soberanamente a língua, o leve forçar de uma linha para conseguir uma rima , o contorcionismo da sintaxe, a perturbação

	súbita criada por algumas ambiguidades, enfim, os maneirismos de estilo -- mas aqui, e sem «trair» Rilke, o poeta Vasco Graça Moura está também em casa!
46	<i>par=ext527522-nd-93b-1</i> : Para tal também contribui a excelente insonorização do habitáculo, onde o único ruído distinguível é o leve ronronar do motor .
47	<i>par=ext140815-pol-94a-2</i> : A proposta de coroação do rei pelas autoridades da República está contida num projecto de acordo entre o ANC e a casa real do Kwazulu, conhecido na altura em que na região de Sukuza, no Parque Nacional Kruger, decorria ontem ao fim da tarde a cimeira quadripartida que poderia ser decisiva para o bom desenrolar das eleições de 26 a 28 deste mês .
48	<i>par=ext243197-eco-98a-2</i> : «Num momento decisivo para a realização do euro, e tendo em conta as responsabilidades particulares que me cabem na matéria, considero que é meu dever fazer tudo para que o bom desenrolar da União Económica e Monetária (UEM) e a credibilidade do euro sejam asseguradas a todo o preço», afirmou Yves-Thibault de Silguy a uma televisão francesa.
49	<i>par=ext1153710-nd-95b-1</i> : Vendo o novo desfilar das milícias , a caminho dos diversos patamares dos diversos poderes, e apesar da insistência de Guterres em tranquilizar os espíritos mais recalcitrantes e inquietos, não posso dissimular as minhas apreensões.
50	<i>par=ext1074426-soc-96a-1</i> : «A pequena concessão que a comodidade do dr. Paulo terá de fazer era (...) justificada legalmente e até por uma óbvia exigência de conveniência cívica dos demais utentes da via», já que, se o portageiro passasse a emitir facturas faria todos os outros utentes perder tempo, dado que tal tarefa é bastante mais morosa do que o mero passar do cartão na máquina ou receber o dinheiro e entregar o troco.
51	<i>par=ext899374-des-94b-2</i> : Não deixará por isso de ser curioso verificar até que ponto o crescimento da oferta, e o natural acirrar da concorrência , se reflectirá num crescimento proporcional do mercado.
52	<i>par=ext900334-nd-93b-2</i> : É só o justo praticar da dentadura injectável dela .
53	<i>par=ext943947-nd-98a-1</i> : Quanto à actual primeira dama da Guiné-Bissau, Isabel Romano, encontra-se aparentemente nesta altura -- de acordo com amigos seus de Cqabo Verde -- refugiada em Conacri, como convidada do Presidente da República da Guiné, Lansana Conté, enquanto se aguarda o imprevisível evoluir da situação em Bissau.
54	<i>par=ext778111-nd-91b-1</i> : A expectativa de calçar, pela primeira vez aos dez anos, umas botas novas e ensebadas, o silêncio que pousa nos lugares quando todos foram à romaria, o vago mas persistente rondar da fome, assim como o frequente falar de comida , que é o seu reverso, são aqui abordados com a segurança de quem fala de um mundo familiar.
55	<i>par=ext169672-clt-95b-2</i> : Cada parte do recital -- admiravelmente seleccionada e encadeada, quase uma obra de arte em si -- foi como o lento desenrolar de um sortilégio .

56	<i>par=ext696026-pol-96b-2:</i> Para quem acompanha a par e passo o desenrolar do processo, os últimos meses pouco mais têm sido do que um terrível arrastar de pés , com muitas palavras e poucos actos verdadeiramente significativos, no sentido da consolidação da paz .
57	<i>par=ext1427188-pol-93a-1:</i> Crê-se que em Washington e em Nova Iorque é que está a chave para um eventual desbloquear da situação , mas até agora o grupo de Jonas Savimbi ainda não deu indícios de se atemorizar com a carta em que o secretário norte-americano de Estado, Warren Christopher, ameaçou reconhecer o actual Governo de Luanda se a Unita não se mostrar mais dialogável.
58	<i>par=ext388435-pol-95a-1:</i> A organização de defesa dos direitos humanos, sediada em Washington, dissera na noite de segunda-feira para ontem que a França, a África do Sul e o Zaire estavam a reforçar as milícias hutus no exílio, designadamente fornecendo-lhes armas, para que elas se abalançassem a um eventual reatar da guerra contra a FPR e os partidos à mesma associados .
59	<i>par=ext659517-pol-97b-1:</i> Por outro lado, o Presidente José Eduardo dos Santos recebeu esta semana o ministro de Estado zambiano Eric Silwamba, que lhe foi desmentir as notícias de que a Unita estivesse a transferir a sua base logística para a Zâmbia, com vista a um eventual reatar da guerra .
60	<i>par=ext562101-soc-93b-2:</i> A prudência, entretanto, aconselhou os bombeiros a manter no local piquetes de vigilância, com vista a prevenir um eventual reacender das chamas , já que o vento tem soprado forte na zona, criando condições propícias ao desenvolvimento deste tipo de sinistros.
61	<i>par=ext613114-clt-95b-1:</i> Como em todo o retorno aos ` clássicos ', está implícita a crítica a um eventual desvirtuar das características primeiras de um modelo de conhecimento .
62	<i>par=ext560344-clt-95a-2:</i> De manifesto cunho autobiográfico, quer as palavras sejam suas, quer se reveja em quadras alheias, Manuel de Almeida protagoniza um constante ajustar de contas com a vida .
63	<i>par=ext589424-clt-95b-1:</i> Está na esteira da literatura que se reporta a um constante expiar de demónios .
64	<i>par=ext938567-des-93a-1:</i> Foram tantos os erros: maus investimentos, cortes no crédito e um constante adiar de soluções .
65	<i>par=ext1393784-clt-97a-2:</i> De modo delirantemente lúdico, é essa mesma dúvida que funda «Smoking-No Smoking»: todo o filme é a destruição da sua própria ficção, ou seja, um constante lembrar de que tudo é mentira .
66	<i>par=ext1109138-nd-91b-1:</i> Veio depois o êxtase da descoberta do dúplice pretendente de «A Herdeira», prodígio de «underacting», capaz de dar um sentimento por um simples pestanejar de olhos , ou de transmitir uma contrariedade pelo quase imperceptível franzir do sobrolho.
67	<i>par=ext1520764-nd-91a-2:</i> Os nossos amigos não se devem, pois, fiar neles para mais do que um simples relacionar das informações que lá estão: países de fronteira, mares que banham a costa, nomes de terras e sua posição relativa.
68	<i>par=ext471577-clt-soc-95b-1:</i> Nesta última opção, o jogo é mais do que um simples delinear de estratégias de guerra , obrigando o jogador a recrutar e treinar exércitos, construir as fortificações, preparar armadas, melhorar os caminhos-de-ferro e garantir o apoio popular -- o que o pode obrigar a, no

	decurso da campanha, demitir e promover generais da história real, com (claro) todas as variações que essas decisões podem imprimir no curso da simulação histórica.
69	<i>par=ext342979-opi-96a-1</i> : Ora o facto é que a outra espécie de pessoas que clama pela regionalização é a que mais se move por interesses e conveniências e está a mostrar desde já os muito prováveis efeitos perversos da criação de regiões: são os já famosos «boys» em busca de «jobs», praga que todos os grandes partidos parecem atrair como uma fatalidade e que vêm na regionalização um verdadeiro abrir de risonhas perspectivas de vida .
70	<i>par=ext1016053-clt-93b-2</i> : Altman adaptou histórias de Raymond Carver (com a ajuda da viúva do escritor, Tess Gallagher) e os rumores em relação ao resultado, «Short Cuts», afirmam que é das obras mais perfeitas do realizador -- que mais uma vez filmou um painel de histórias e personagens da América com um «cast» que é um verdadeiro desenrolar de uma lista do «Who ' s Who» .
71	<i>par=ext900747-pol-92a-1</i> : A escolha de Rabin para primeiro-ministro foi considerada histórica -- era o primeiro chefe de Governo nascido em Israel em Jerusalém, em 1922, e isso representava um verdadeiro render da guarda .
72	<i>par=ext1169533-soc-92b-1</i> : «Eu devo representar o diabo concerteza», afirma Luís Costa, 34 anos, engenheiro agrónomo, com um leve encolher de ombros .
73	<i>par=ext466037-pol-98b-1</i> : Com um leve encolher de ombros , Oliveira Marques parece chegar à conclusão, a seu ver muito triste, que existe actualmente um «gosto anti-unidade», de que a regionalização é apenas uma faceta.
74	<i>par=ext743610-clt-93a-1</i> : Ela levantou-lhe a cortina com um leve bater de argolas de madeira .
75	<i>par=ext686626-pol-92a-4</i> : Após a disputa do congresso federativo, ganha por Lage, a eleição do secretariado distrital, marcada para hoje, vai servir para um novo medir de forças entre os guterristas e os sampaístas portuenses .
76	<i>par=ext1269039-nd-92b-2</i> : Já em vésperas de férias, são os «timings» políticos do Governo e da maioria a motivar um novo acirrar de ânimos com funcionários parlamentares .
77	<i>par=ext229224-pol-98a-4</i> : É um novo virar de costas de Nova Deli ao grupo dos cinco, que no dia anterior recusara a entrada dos dois países-inimigos no seu exclusivo clube.
78	<i>par=ext231935-clt-94b-3</i> : No entanto, mantêm-se todas as mazelas do frágil sector livreiro português, pelo que as esperanças se assemelham a um novo passajar de um casaco já bem velho e puído , que algum dia há-de rebentar.
79	<i>par=ext37772-nd-98a-3</i> : Várias das suas peças de artilharia encontravam-se propositadamente inoperacionais, mas isso não impediu que as forças senegalesas continuassem a disparar, pelo que o major Gomes Fernandes solicitou a intervenção do embaixador português junto das autoridades guineenses, no sentido de se evitar um novo reatar das hostilidades com toda a intensidade.
80	<i>par=ext155692-clt-92a-1</i> : Noutras, é um mero repetir de «clichés» estafados .
81	<i>par=ext164081-nd-91a-2</i> : Tem esse álibi, até pode argumentar que superou as expectativas de um mero reciclar de êxitos e também já se sabe que muito em

	breve tem um novo álbum de originais na Epic.
82	<i>par=ext327009-pol-93a-1</i> : Ninguém lhe perguntou se queria ser vítima, o seu papel é secundarizado, torna-se, por vezes, num verdadeiro incómodo ao impedir que o processo seja um mero amontoar de papéis e normas .
83	<i>par=ext479723-nd-91a-1</i> : Ora o problema a resolver não é o défice da ONU (que pode desaparecer com um mero premir de botão em Washington) -- são os intratáveis problemas políticos, económicos, religiosos, sociais e culturais que assolam o planeta.
84	<i>par=ext484180-clt-96a-1</i> : Mas a verdade é que o resultado final está longe de ter a chama capaz de provocar reacções para lá de um mero bater de palmas a compasso e umas quantas cantorias de vez em quando.
85	<i>par=ext515757-clt-92b-2</i> : Seguindo a lição do realismo queirosiano e das suas sequelas oitocentistas (e não só) , poderíamos, aliás, subtítular este romance de «Cenas da Vida Poveira nos anos 30», até porque seria injusto reduzir esta visão pessimista, mas apaixonada, da «desgraça» de ser português a um mero acumular de dados históricos ou sociológicos sobre uma época determinada .
86	<i>par=ext586369-pol-95b-1</i> : No nosso país, o Governo e alguns responsáveis políticos têm limitado a abordagem do problema a um mero esgrimir de argumentos teóricos e estatísticos .
87	<i>par=ext868516-nd-98a-1</i> : Não penso que tenha alguma vez estado nos projectos de Soares ser borboleta, nem a sua entrevista ao «Diário de Notícias» se limitou a constituir um mero bater de asas .
88	<i>par=ext990240-nd-94a-2</i> : De um lado, os juízes-conselheiros que defendem que só deve ser criada legislação nas Regiões Autónomas que tenha uma real justificação e que não represente um mero afirmar de autonomia , num Estado que é unitário.
89	<i>par=ext1007893-clt-93b-2</i> : Uma coisa é certa: o filme de McTiernan merece uma visão atenta e não um mero cumprir de roteiro , por parte de amantes das artes marciais.
90	<i>par=ext1046546-des-95b-1</i> : À notícia ontem publicada pelo diário desportivo «Record», e segundo a qual o Sporting está disposto a vender um dos estrangeiros, Assis, Amunike ou Naybet, respondeu com um mero encolher de ombros .
91	<i>par=ext1052110-clt-98a-1</i> : Este «momento» na morte de uma estrela, agora fotografado, é na realidade um processo que dura mil anos -- um mero piscar de olhos à escala cosmológica .
92	<i>par=ext1381469-opi-96a-2</i> : Apenas um mero apalpar de mamas que nem tão-pouco convincente foi.
93	<i>par=ext60802-eco-92b-1</i> : Divulgar que esses prejuízos aumentavam a ritmo acelerado também não constituía informação capaz de provocar uma reacção mais forte do que um ligeiro encolher de ombros .
94	<i>par=ext693753-soc-94a-3</i> : Por exemplo, basta-lhe um ligeiro arquear de sobrelha , à palhaço triste, para pedir desculpas por todas aquelas aflições da mãe.
95	<i>par=ext114174-soc-93b-1</i> : Para os portugueses de Macau a absolvição, não constituindo propriamente uma surpresa, foi um acto de reposição de justiça e um certo lavar de face para a imagem de Macau.

96	<i>par=ext348962-pol-98a-2</i> : Os beijos requerem um certo fechar de olhos .
97	<i>par=ext820898-clt-91b-2</i> : Para o escritor Luandino Vieira, secretário-geral da Uea, a situação é preocupante e desmotivadora, primeiro porque só eles possuíam o registo total das «makas», uma vez que quer a rádio, quer a televisão apenas possuem algumas e, depois, porque a passividade das autoridades policiais leva a um certo cruzar de braços até que a situação melhore.
98	<i>par=ext1068094-soc-97b-2</i> : Entre os excluídos do processo de legalização estarão 400 a 500 estrangeiros lusófonos, número que só não será substancialmente maior devido a um certo fechar de olhos a «faltas irrelevantes» decidido pelas autoridades portuguesas, mais condescendentes na avaliação dos processos de cidadãos oriundos dos países africanos de língua oficial portuguesa.
99	<i>par=ext1189880-pol-93a-1</i> : Praticamente assegurada, a sua aceitação pelos chefes de Estado constituirá uma importante vitória política para Delors, sobretudo quando se esperava um certo ranger de dentes do lado dos ingleses e alemães, face ao conceito proposto de definição de medidas comunitárias para o relançamento da economia.
100	<i>par=ext1228377-soc-98a-1</i> : O cartaz da Benetton, com um padre e uma freira a beijarem-se, pelo contrário («Le Monde» de 5/2) , provocou um certo ranger de dentes , mas nunca um pedido de intervenção condenatória.
101	<i>par=ext885245-clt-98b-2</i> : Graças a Ficheiros Clínicos, torna-se possível « um certo reganhar da esperança » relativamente à saúde em Portugal, em que «pouco funciona».
102	<i>par=ext586013-des-93b-1</i> : Os «encarnados», tal como o Esgueira e Estrelas da Avenida, apresentam-se sem grandes alterações, facto que não deve ser alheio a um certo encolher dos cordões à bolsa .
103	<i>par=ext2395-clt-soc-94b-2</i> : Os últimos dias têm sido marcados por um certo extremar da controvérsia em torno da real importância do «bug» detectado no Pentium, em boa medida resultante da insistência da Intel numa atitude relativizadora que só faz exacerbar ainda mais alguns ânimos.
104	<i>par=ext819317-nd-91b-2</i> : Mas baixar a inflação de sete a oito pontos e o défice de três obriga a um grande ajustar de cinto .
105	<i>par=ext626894-nd-96b-3</i> : É argumento que não tem suporte científico, mas que tem permitido a todos os responsáveis um grande sacudir da água do capote », diz o estudioso da Universidade do Minho José Almeida Santos.
106	<i>par=ext1031021-nd-91b-1</i> : Há sempre qualquer coisa mais pesada por entre a elegância; a oportunidade para um subtil decompor da tradição , como nas escadas do Éden, como na pérgula do Vitória, como nos inesperados tubos que seccionam a frente, na Defensores de Chaves.
107	<i>par=ext1395472-des-96a-2</i> : E, em muitos, era manifesto um desportivo moderar da exuberância quando se apercebiam da presença de portugueses.
108	<i>par=ext6988-pol-95a-2</i> : Cuba reagiu com um relativo encolher de ombros , afirmando que o novo pacote dificilmente acrescentará «algo de novo» ao embargo, a que chama bloqueio, mas sublinhando que ele vai contra o sentimento da comunidade internacional.

109	<i>par=ext23938-soc-93b-1</i> : Foi um autêntico tirar de tapete : à tarde estava marcado um plenário de trabalhadores da TAP.
110	<i>par=ext39388-nd-95a-2</i> : Neste último país, de resto, a situação parece estar a agudizar-se com um notável medir de forças entre o Governo e os magistrados.
111	<i>par=ext55726-clt-93b-1</i> : O tema é apresentado, Rollins passa à improvisação mas seguindo uma atitude rítmica e um constante sugerir da melodia e harmonia originais.

E.II. Modificação adjetivo posição pós-nominal (Determinante + Infinitivo nominalizado + Adjetivo qualificativo/relacional + SPrep (com diferentes tipos de determinação))

1	<i>par=ext1316232-nd-95b-3</i> : O espaço do Fórum matinal da TSF, depois do noticiário das dez da manhã, consolida-se a cada dia como uma referência incontornável para quem quer acompanhar o pulsar noticioso do dia-a-dia .
2	<i>par=ext367508-nd-91a-1</i> : Quando muito, tolero vê-los na televisão, naqueles programas tristes sobre espécies em vias de extinção, em que, instalada num fofo sofá, vou sonolentemente observando os tontos voos da catatua-crista de-salmão, o passo arrastado do caracol de Oahu, o rastejar mortífero do caimão da Amazônia , as passeatas avulsas do rinoceronte da África sub-sahariana, ou aquelas séries ternas, como a de James Herriot, que até há pouco a RTP exibia aos domingos à tarde, na qual um veterinário cinquentão tratava com carinho de vitelos, em aldeias perdidas nos prados de Yorkshire.
3	<i>par=ext1349191-pol-96a-3</i> : Claro que não ajuda o denegrir completo dos partidos a que se assiste nos últimos anos (presidente da secção do Cartaxo) ou o facto de Cavaco Silva, apesar de ter governado muito bem o país, se ter esquecido dos portugueses (Mafra) .
4	<i>par=ext710613-clt-94b-1</i> : Este é um ponto a necessitar da melhor atenção dos organizadores, que em tudo o resto se esforçam para criar uma atmosfera de hospitalidade e festa, a que nem sequer falta o grasnar vivo e intenso dos muitos corvos que povoam os campos circundantes .
5	<i>par=ext960274-opi-98a-2</i> : Resta a oposição, claro, de direita e de esquerda, a que, perante um futuro tão negro, apenas sobra o palmilhar insano das estradas do país à procura da parte do povo que, eventualmente, não esteja em festa e partilhe com ela uma visão menos optimista sobre o estado de Portugal e da governação.
6	<i>par=ext1283158-pol-91a-2</i> : Os 15 anos de guerra civil impediram o evoluir normal da situação e os deputados desaparecidos nunca foram substituídos, tendo os restantes renovado automaticamente os respectivos mandatos.
7	<i>par=ext848544-clt-98b-1</i> : A exigência de fazer melhor, por um lado, e o esgotar iminente das fórmulas do humor , por outro, levam a que muitos outros projectos, alguns pessoais, sejam estimulados dentro da equipa.
8	<i>par=ext33497-pol-97a-1</i> : Espalham-se pela casa e anexos, estendidos entre a

	rede dos galinheiros e a ferrugem de um jipe jazente, sob um cheiro asfixiante a carreiros de água lenta, ao cimento enegrecido pelo sebo, às papas de feijão e arroz fornecida pelo PAM (que quer suspender a ajuda) , sob o castalohar seco de pés com passos de madeira e o mugir de um «tijolo» sem caixa exterior, que se liga por instinto carregando no sistema nervoso de botões e fios.
9	<i>par=ext60185-nd-94a-2:</i> Hoje a situação é pior, porque há salários duas a três vezes mais baixos nos países do centro europeu para uma mão-de-obra mais qualificada e treinada que a nossa, e os defeitos burocráticos estatais continuam, a saber: «a multiplicação de canais paralelos, a sobreposição de competências funcionais, o empatar sistemático de decisões ».
10	<i>par=ext142601-soc-95a-1:</i> Há duas semanas atrás, quem viajasse na Segunda Circular, e também não tivesse morrido ainda, poderia desfrutar o ondular inconfundível de uma seara de trigo , a única que o concelho de Lisboa ainda cultiva, aquela que a Granja de Cima ainda semeia, ano após ano.
11	<i>par=ext359572-nd-94a-2:</i> A perplexidade da história, a contradição entre Estado e «nações», o arrancar doloroso de um presente ao âmago de um passado comum e próximo.
12	<i>par=ext454042-des-93b-2:</i> O quinto golo, um extraordinário chapéu de Paneira, foi apenas o coroar brilhante de uma boa exibição e de uma vitória inapelável .
13	<i>par=ext471099-clt-96b-1:</i> A suite «Holberg «de Grieg, que abriu o programa, sofreu com o sublinhar excessivo de cada articulação e respiração , em detrimento da linha global, bem adentro de uma estética do efeito, em grande parte mais visual do que auditivo, em que o maestro se compraz.
14	<i>par=ext475555-clt-95a-2:</i> Tricky tem agora 26 anos de idade, mas desde a adolescência que se envolveu com o Wild Bunch, colectivo que marcou o pulsar musical de Bristol , nos anos 80, e de onde saíram nomes tão marcantes na actual cena inglesa como o produtor Nellee Hooper e a banda Massive Attack.
15	<i>par=ext723793-soc-97a-1:</i> O objectivo, afirma-se, é o de proporcionar «ao cidadão com deficiência o esbater progressivo de barreiras ao nível da socialização, aceitação e integração comunitária ».
16	<i>par=ext773972-eco-93a-1:</i> Estamos perante o culminar inevitável de um processo?
17	<i>par=ext915622-nd-98b-1:</i> Isto porque considera que «em Portugal não se registam as altas temperaturas e os baixos índices de humidade que proporcionam o deflagrar natural de focos de incêndio ».
18	<i>par=ext906205-soc-95b-2:</i> A exigência será inicialmente apenas de 100 escudos para «uma xica», ou seringa, mas passará a «todos os trocos» ao ouvir o tilintar metálico de moedas no bolso do jovem .
19	<i>par=ext952863-nd-91b-1:</i> Gostaria de assistir a uma eleição com debate de ideias em vez de ser o cacarejar atordoante de dois homens .
20	<i>par=ext1524977-clt-94a-1:</i> O crepúsculo do sistema tonal («Noite Transfigurada») , o entrever do universo desconhecido da atonalidade (2º quarteto de Schoenberg) , a exploração desse universo (Cinco Peças e Seis Bagatelas de Webern, quarteto opus 3 de Berg) , o espraiar do novo sistema dodecafónico (Suite Lírica de Berg, quarteto opus 28 de Webern, 3º quarteto de Schoenberg) , o reatar nostálgico de eles com o passado (Trio de Cordas e 4º quarteto de Schoenberg) , são fases do percurso fascinante que o Quarteto Arditti nos deu a ouvir.

21	<i>par=ext33944-pol-92a-2</i> : Esta flor diplomática de Napoleão era uma velada ameaça de guerra contra a Áustria, incapaz de perceber o pulsar frenético do nacionalismo italiano , oprimido nas províncias italianas da Áustria (Veneza-Lombardia).
22	<i>par=ext378144-soc-94a-2</i> : Mais tarde, uma série de artistas convidados preencheram o resto de um programa destinado «a proporcionar ao cidadão com deficiência o esbater progressivo de barreiras ao nível da socialização, aceitação e integração comunitária».
23	<i>par=ext124312-clt-94a-2</i> : Professor respeitado numa escola modelar, marido de uma esposa ideal, pai de um filho encantador, com Walter Matthau por melhor amigo (raras vezes a «persona» cinematográfica de um actor secundário foi tão significativa como em «Atrás do Espelho»), Avery vai observando o desmoronar progressivo do seu universo sem perceber que a causa da destruição parte dos recônditos do seu «eu» interior.
24	<i>par=ext343965-soc-92b-3</i> : Uma semana após a morte do guarda Francis Caron, o movimento de greve dos guardas prisionais franceses chegou ao fim, com o retomar progressivo do trabalho .
25	<i>par=ext225908-clt-92a-1</i> : São histórias de vidas pequenas, confundidas na grande amálgama de Macau, entre a exaltação dos ritos ancestrais e o fluir monótono do dia a dia .
26	<i>par=ext925177-pol-94b-1</i> : De saborear o tempo, o fluir vagaroso do tempo nas pequenas coisas, nos pequenos gestos », diz.
27	<i>par=ext60241-clt-soc-95a-2</i> : Durante seis horas, perante o vigiar atento dos polícias , os alunos pularam e gritaram pelo dinheiro das propinas pago indevidamente e ainda não devolvido pela comissão de gestão.
28	<i>par=ext86373-soc-97b-2</i> : Por sobre ele, colhendo talvez as águas as exalações propícias, corre aquele vento que, segundo a lenda antiga, fecunda as éguas da lezíria, esse vento que sacode os ramos mais altos, que arrepia a verdura das ervas e sustenta o voo das cegonhas e o pairar ameaçador dos milhafres .
29	<i>par=ext453338-pol-91b-1</i> : No 6º andar do Torre 2 das Amoreiras apenas o passear nervoso de Carneiro Jacinto no estreito corredor do interior da estação denunciava a tensão que precede os momentos de combate.
30	<i>par=ext989845-pol-92b-1</i> : O ministro das Finanças repetiu, num longo fax lido aos microfones, o discurso em defesa da moeda e do mercado únicos, da necessidade de «moderação salarial e financeira» e da «estratégia de integração europeia» como potenciadora da «cultura e da língua portuguesas», ideias que se misturaram com o tinir nervoso dos talheres manuseados por convivas que esperavam há uma hora pelas febras com cogumelos.
31	<i>par=ext1252230-des-92b-2</i> : Os cromados das máquinas de musculação têm um brilho reluzente, o sistema de som difunde uma famosa canção norte-americano e as bicicletas sem rodas rangem sob o pedalar esforçado dos desportistas .
32	<i>par=ext1314397-pol-91b-2</i> : O chamamento para a oração, ao mesmo tempo melódico e assustador, feito pelo «muezzin», ecoa alto nos minaretes das mesquitas; o repicar solene dos sinos das igrejas entre nuvens de incenso ; os cantares ritmados dos judeus nos seus locais sagrados, todos estes sons se elevam num apelo harmonioso, embora dividido, às bênçãos divinas.
33	<i>par=ext1196080-soc-94b-1</i> : Contactada a empresa telefonicamente, e depois de o Público se ter identificado perante a voz, do sexo masculino, que lhe atendeu o telefone, a única resposta que recebeu à pergunta óbvia «com quem estou a falar? » foi o pousar repentino do auscultador .

34	<i>par=ext1225551-des-96b-1</i> : Todos estes pormenores somados, no entender dos técnicos, darão à equipa muita experiência e maturidade, factores que poderão ser decisivos para uma boa prestação nos Jogos Olímpicos, para os quais o apuramento constitui o culminar vitorioso do projecto .
35	<i>par=ext1333593-opi-97b-1</i> : Na polémica sobre a supressão da coluna de JCB no «Expresso», Fr fica preso da sua lógica de análise, não lhe restando outra via que a do apelo aos cidadãos para a intervenção política no sentido de não aceitarem passivamente o esvaziar paulatino do conteúdo do direito à liberdade de expressão .
36	<i>par=ext436701-nd-91a-2</i> : R -- Era o caminhar histórico do país .
37	<i>par=ext3890-clt-96a-2</i> : Tantos e tais que, mesmo impedindo aqui e ali o fluir natural do drama e o filosofar característico do autor , põem em evidência a matriz da «commedia dell'arte» em que a arte de Marivaux mergulha as raízes.
38	<i>par=ext204880-opi-97b-2</i> : O que nos devemos exigir é o despertar urgente da consciência do que fizemos e do que valem, adormecida em nós há muito, e, então sim, conseguiremos para o Norte aquilo que nos tem sido negado e que nós próprios, pelas nossas atitudes, nos temos negado.
39	<i>par=ext602498-nd-92a-2</i> : De Abril a Agosto, o render aparatoso da guarda tem lugar às 11h30.
40	<i>par=ext603784-nd-92a-3</i> : A pintura de Nadir Afonso representou o culminar lógico da arte modernista .
41	<i>par=ext682088-pol-97a-2</i> : Era o culminar lógico de um capítulo intitulado " A política de alianças e branqueamento de PPD's descontentes " .
42	<i>par=ext1455674-opi-96a-2</i> : De tal modo que, ou este bramar inconformado do PS contra o seu próprio Governo acaba depressa, ou, além das mossa no seu próprio prestígio, acabará por dar-se também mais uma violentíssima machadada no sempre crítico e periclitante prestígio do sistema político.
43	<i>par=ext283314-nd-94a-1</i> : Na República da África do Sul, os brancos são, neste fogo cruzado, irrelevantes; a sua presença (e divisões) vem apenas acrescentar um grau superior de complexidade a este reavivar endémico das concepções de relacionamento dos grupos nativos entre si .
44	<i>par=ext639140-clt-93a-2</i> : Mas o que é a Primavera senão a miragem de todas as conquistas, ou esse pulsar luminoso de todas as ilusões?
45	<i>par=ext649691-clt-93b-1</i> : Ao fim do terceiro tema da noite -- «Someone to watch over me» --, já os primeiros espectadores mais sujeitos aos efeitos da adrenalina se tinham levantado para prestar a sua homenagem a um saxofonista e a um saxofonismo que sintetiza não apenas esse acumular constante de experiências que é a história do jazz mas também à atitude individual de um músico que respira a África e a América por todos os poros.
46	<i>par=ext1236282-nd-95b-2</i> : É com essa magia, com esse palpitar emocional de espectáculos ao vivo , que nós aprendemos a viver melhor.
47	<i>par=ext796258-pol-93a-1</i> : Em Keren, organiza-se grupos que percorrem a cidade com ramos de buganvília florida e aquele gritar especial das mulheres .
48	<i>par=ext472946-clt-93b-1</i> : «E o melhor, fique sabendo, é que o poema, para além duma ironia enternecida, era um segredar subtilíssimo da paixão por uma cidade », acrescentou Afonso Duarte.

49	<i>par=ext619220-opi-98a-2:</i> A América deixou de ser o sonho, é uma sociedade corrupta, e «Titanic» é a prova elementar para se chegar à conclusão de que, tal como tudo na América, a entrega dos Óscares corresponde a um manobrar perfeito da consciência das pessoas , e quem paga mais tem direito à popularidade, à fama e, sobretudo, aos chorudos «cachets» que poderá pedir se tiver em seu poder uma estatueta dourada.
50	<i>par=ext998967-des-91b-2:</i> Mais tarde, em Fukuoka, confirmou um retomar lento da melhor condição na segunda metade do ano , já afirmado nos campeonatos de 15 quilómetros, em Setembro.
51	<i>par=ext1480967-clt-92b-1:</i> Foi um espaiar lento da ilusão ; todo o seu sentimento que morria como uma planta à sede; e ela curvara a cabeça, aceitava a vida que lhe davam, com uma resignação de fraca que se esquece.
52	<i>par=ext270768-pol-94a-3:</i> A Possibilidade de o Kwazulu e o Inkatha virem a aceitar as eleições gerais sul-africano de 26 a 28 de Abril volta hoje a ser levantada, depois de o primeiro-ministro daquele bantustão, Mangosuthu Buthelezi, haver solicitado um reatar urgente das negociações sobre o futuro do país .
53	<i>par=ext364585-pol-95b-2:</i> Estes indicadores apontam para um agravar gradual das tensões numa região do globo altamente populosa e com um poder económico crescente .
54	<i>par=ext886418-des-97b-3:</i> Nos outros dias, o estádio fica vazio com um rumorejar decrescente das vozes que se escapam pelas rampas de saída, cadeiras arrastadas na bancada de imprensa e uma súbita percepção dos ruídos da noite lá fora.
55	<i>par=ext1029507-pol-92a-2:</i> Noutras cidades negras das imediações de Joanesburgo, como Alexandra e Shaperville, está em vigor um recolher obrigatório das 22 horas às quatro da manhã .
56	<i>par=ext1152060-nd-94b-2:</i> «Quem me quiser que me persiga», remata quase num murmúrio, afastando-se com um ondular intencional das ancas .
57	<i>par=ext1351622-nd-95a-2:</i> Para tanto, há um baralhar intencional das causas que motivaram a suspensão do bispo Gaillot, tais como o não condenar o uso dos preservativos, defender a dignidade dos homossexuais, não culpabilizar os divorciados-cecasados, etc.
58	<i>par=ext396785-eco-93a-2:</i> «Neste momento, eles são o mais reféns possível e há um desligar completo do mercado .
59	<i>par=ext1342907-des-96a-3:</i> Por enquanto, tem tido um sublinhar excessivo do futebol , mas há uma realidade subjacente».
60	<i>par=ext212902-clt-91b-2:</i> Assim, entre assobios e palmas, fica a recordação de um folhear displicente de uma revista de moda .
61	<i>par=ext259406-pol-97a-2:</i> Foi imposto um recolher obrigatório de sete horas, até às seis da manhã .
62	<i>par=ext322195-clt-94b-2:</i> Será então toda a «pulp» necessariamente apenas um regurgitar sintomático de um país que se representa em estado de sítio , numa guerra cultural e étnica, ou poderá ser a «pulp» um momento de ficcionalizar e ironizar os mitos fundadores da América?
63	<i>par=ext380503-pol-95b-1:</i> Corresponderá este quadro a um acumular excessivo de poder num só partido?
64	<i>par=ext399111-soc-96a-2:</i> Ou, ainda, um rebolar langoroso de ancas?
65	<i>par=ext471568-nd-91b-2:</i> E as pessoas de Pangim têm o mesmo tique simpático que as de Bombaim: um abanar rápido de cabeça , pendular entre os ombros,

	para o olá, a saudação, a despedida (contagante ao fim da primeira semana).
66	<i>par=ext521063-soc-98a-2</i> : Em Alcácer, começam também por retirar, sob um repicar eufórico de sinos , mas depressa voltam à carga e, ressaibiadas, acometem com ferocidade umas forças liberais que, insuficientes, heterogéneas e sobretudo mal armadas e mal comandadas, não lhes sabem fazer frente.
67	<i>par=ext642324-clt-95a-1</i> : Parece ser algo que tem muito em comum com a sua actividade de músico «pop»: um recolher sistemático de situações banais, do quotidiano, aparentemente sem significado , e que o autor «sacraliza».
68	<i>par=ext663166-pol-92a-1</i> : A princípio confuso, depois mais fluente, as frases saíam-lhe em catadupa, à medida que se acentuava um gesticular prodigioso de arabescos , só interrompidos pelo dedo em riste com que assinalava um aviso, uma ideia mais controversa.
69	<i>par=ext794924-clt-94a-2</i> : Somos sistematicamente surpreendidos por uma inflexão inesperada, um ritmo sacudido pouco comum, um discorrer cheio de imaginação e com uma ponta de ingenuidade que nos faz dizer que aquela música não podia ter sido escrita por um italiano.
70	<i>par=ext795116-soc-96b-2</i> : O presidente da Assembleia, Manuel Menezes, ainda tentou instalar o respeito na formatura mas tratava-se de uma só voz contra um ulular persistente de cinquenta .
71	<i>par=ext831291-clt-93b-2</i> : A lista dos primeiros signatários, que inclui nomes como o ex-ministro da Cultura francês Jack Lang ou o realizador Claude Miller, é um desfiar longo de cineastas, jornalistas, actores, escritores, directores de teatros, responsáveis de festivais de teatro, música e cinema, dramaturgos, professores, músicos .
72	<i>par=ext921397-pol-91b-1</i> : O destino do PS, pelo menos do PS portuense, parece ser o de ouvir um desfilar interminável de militantes a dizer que aderiram ao partido «logo em 74 » , que são «os mais activos na sua secção» e que fazem da relação afectiva e da fidelidade cega ao partido o critério da competência e da legitimidade.
73	<i>par=ext986094-soc-94a-2</i> : O negócio de sexo cresceu vertiginosamente após a «revolução de veludo», em 1989, com um florescer repentino de «salões de massagens» .
74	<i>par=ext1066685-opi-98a-1</i> : De igual modo, importa combater um sublinhar rasteiro de frustrações antigas ou de polémicas acirradas , susceptíveis de provocar uma redução quase absoluta do poder local, em especial daqueles que manifestam impaciência perante os incidentes de percurso e o agudizar final do debate, demasiado simplista, pouco esclarecedor e igualmente monótono, e que dão provas de maior intolerância perante quem sustenta argumentos contrários ou a favor, de modo infundável e repetitivo, revelando a sua ignorância sobre a substância fundamental da questão, ao preocuparem-se mais com aspectos de ordem técnica.
75	<i>par=ext1248204-clt-95b-1</i> : «Original Soundtracks 1» começa com «United colours» (do filme «United Colours Of Plutonium» do japonês Tetsuji Kobayashi) , que arranca com um zumbido crescente sobre um trabalhar maquinal de caixa de ritmos .
76	<i>par=ext1249263-clt-92a-2</i> : Resposta & Alternativas torna-se, assim, um encaminhar lógico de um percurso que fez da «contact-improvisation» uma referência necessária.
77	<i>par=ext1274045-nd-95b-2</i> : Já passou os 15 anos, já deixou a escola e, de agora em diante, sabe que a sua vida será um rolar incessante de dias e noites iguais .

78	<i>par=ext1432262-opi-96b-1</i> : Aí também a «superioridade» rática dos de casa levava a desprezar, a ofender, e a odiar, por um resvalar sucessivo de sentimentos , alguns dos que recebia.
79	<i>par=ext115862-clt-92a-2</i> : As partes do coro têm mais interesse (especialmente no prólogo, com o seu marulhar cósmico de sons e ruídos) , mas as dos três cantores solistas são deprimentes.
80	<i>par=ext380385-clt-94b-2</i> : O que se passa então é o acumular insano de «gadgets» visuais que deslaçam todo o gosto pelos pormenores.
81	<i>par=ext761339-pol-93a-2</i> : A densa manifestação popular, com o seu explodir contagioso da palavra de ordem repetida , vivia efectivamente o primeiro dia da Liberdade e da Democracia.

F. Coordenação entre infinitivo nominalizado e outras construções nominais

1	<i>par=ext426778-clt-soc-95a-1</i> : As rugas são o resultado de muito fumar e beber, aliados a uma dieta pobre, falta de exercício e um constante franzir das sobrancelhas .
2	<i>par=ext854819-clt-93a-1</i> : É uma carência incontornável num campo onde mais do que tudo é o encarnar de uma personalidade , ou o avançar de um mundo íntimo e singular , a própria medida do valor artístico.
3	<i>par=ext226327-clt-93a-1</i> : O próprio literário passa, assim, a ser um certo modo de aceitar ou impôr o refazer e o desfazer de sentidos , uma amplidão móvel e aberta de possibilidades de ler.
4	<i>par=ext253220-opi-97a-2</i> : Assinale-se também que este e outros factos sociais têm contribuído para o avolumar e o acelerar de um lento processo de desacreditação e de desconfiança social face às «instituições» -- organismos públicos, escolas e universidades, partidos e governos, normativos legais, etc.
5	<i>par=ext483473-clt-92a-1</i> : Este processo, independentemente da sua complexidade arqueológica e arquitectónica, implica ainda o repensar e o refazer de todo o tecido urbano existente no local, com todas as consequências que daí decorrerão (de ordenamento, sociais, financeiras, etc.)
6	<i>par=ext579636-clt-92a-1</i> : Trazia na mala pequeninas peças de vitrina; objectos maiores e móveis chegavam nas últimas semanas de Outono, e o desempacotar e o colocar dos mesmos estavam sempre ligados a uma espécie de cerimonial, durante o qual a minha tia elucidava os presentes através de palestras bem estudadas sobre o significado e a função dos objectos, e na verdade muitas vezes não só as visitas mas também os empacotadores e carregadores que, na sua maior parte, se mantinham completamente indiferentes, e quem assim pagava um preço demasiado elevado pela sua tradicional garrafa de cerveja.
7	<i>par=ext1452428-nd-93b-2</i> : Não há relógio nem pressa, o aluguer do toldo cobre todo o dia, as famílias trazem farnel, o ponteiro do tempo avança através do desfiar destas ocorrências rotineiras e por isso mesmo cheias de encanto que marcam os dias da praia: o hastear da bandeira, a névoa da manhã, a chegada dos surfistas, o vulto branco do homem das batatas ao longe, a alegria dos pescadores, o encher e o vazar da maré .
8	<i>par=ext525-nd-93b-1</i> : Contribuiria, a meu ver decisivamente, para um distender de tensões e limar de arestas entre os planos de desenvolvimento e

	a correcta gestão e preservação de bens alimentares , e seguramente para o indispensável diálogo entre forças que dele têm andado arredias.
9	<i>par=ext32568-pol-95a-2</i> : À hora do almoço, nas arcadas, a confusão aumenta, com as tradicionais três gerações de uma família a virem cá para fora, para o passeio, sentadas em bancos baixos, à volta de mesas minúsculas, comer à vista de quem passa, rindo, discutindo, acenando para o vizinho, mas sem perder a oportunidade para vender alguma coisa, entre um sorver de caldo, um coçar de cabeça e uma «pazada» de arroz .
10	<i>par=ext54070-pol-94b-2</i> : Uma jornada por entre a longa fiada de muros albergando secretas vilas brancas; um emaravilhamento diante de igrejas e conventos; um calcorrear de fortes e ameias, um perder de vista sobre sobreiros e azinheiras salpicando a vastidão da planície; um espreitar para torres de menagem e ruínas romanas ; um festim de apetites descobertos naquela pequena tasquinha numa viela de Mourão ou saciados à mesa farta em quantidade e qualidade do Fialho -- ainda e sempre ele!
11	<i>par=ext995264-clt-95b-2</i> : A minha obra propõe, isso sim, um olhar crítico, um questionar dos comportamentos .
12	<i>par=ext599581-pol-97a-3</i> : A direcção nacional do Pp considera «um rematado disparate e um agudizar dos problemas » os dois jantares que ontem se realizaram no distrito do Porto, um de apoio a Sílvio Cervan e outro de oposição ao líder da estrutura portuense.
13	<i>par=ext1408032-des-96b-2</i> : A reunificação da Alemanha e o desmembramento da União Soviética provocaram uma ampla redistribuição, um novo dar de cartas neste jogo .
14	<i>par=ext1523808-nd-96a-2</i> : As pressões sobre o emprego aumentaram devido, sobretudo, ao abrandamento económico europeu sentido desde 1991, a uma política macroeconómica que degradou o equilíbrio das empresas no início do anos 90 e a um avolumar dos problemas concorrenciais externos .
15	<i>par=ext6253-soc-97b-4</i> : -- «Houve como que um acomodamento e um aguentar das situações para que os alunos pudessem tirar os seus cursos e sair daquele inferno que era o dia a dia naquela escola».
16	<i>par=ext217903-com-97b-2</i> : Os cortes nas despesas e um ressurgir das vendas foram o motivo para que um aliviado Schmidt anunciasse afinal, durante a semana passada, que os resultados do seu quarto trimestre haviam saído do vermelho, para uns modestos lucros de 7 milhões de dólares (menos de um sétimo dos resultados do trimestre correspondente no ano passado).
17	<i>par=ext290687-nd-97b-1</i> : As exigências estratégicas, provocadas pela necessidade de garantir uma acomodação das novas democracias emergentes no Centro e Leste do continente, acabaram por forçar os Quinze a redesenhar as suas prioridades e elas passam agora pela definição de um padrão médio de integração mais baixo, pela diferenciação nos diversos modelos dessa mesma integração e, naturalmente, por um repensar das políticas que sustentavam o anterior projecto.
18	<i>par=ext1263785-soc-92b-2</i> : É que, quando as curvas se tornam mais cerradas, o Scorpio começa a mostrar rapidamente os seus limites devido a uma direcção um pouco lenta e a um adornar excessivo da carroçaria .

19	<i>par=ext4359-opi-98a-1</i> : Não são estes, porém, que contam na felicidade oficial do «Ano Próspero» que a todos se deseja, com maior ou menor convicção; os que contam são aqueles que celebram as doze badaladas com champanhe e um mastigar ansioso de passas para depois, afastada a euforia da celebração, voltarem à vida de todos os dias sem dar grande importância ao mudar da folha no calendário..
20	<i>par=ext579338-nd-91a-1</i> : Sobretudo com os olmos, o parque infantil, as fontes, o ribeiro e um murmurar fundo de folhas e água a correr.
21	<i>par=ext1062511-nd-93b-1</i> : Na praia, as vacas banham-se nas águas límpidas indiferentes aos flamingos que, ao longe, partem em debandada, deixando atrás de si um rasto vermelho e um marulhar surdo de asas .
22	<i>par=ext1125356-nd-95b-2</i> : Soube mais tarde que os dirigentes políticos no território (Associação Cívica) haviam dado ordens para que, à presença do governador na varanda e a um erguer inevitável de braços , ditatorial, deviam responder com um silêncio absoluto, todos.
23	<i>par=ext1338828-des-93a-2</i> : Ao contrário do que tem sido usual -- nos encontros disputados fora de casa a equipa da Luz protagonizava boas exibições e resolvia as eliminatórias (o Arsenal é um dos exemplos) -- desta vez o Benfica mostrou em casa muita garra e um querer enorme de vencer , enquanto em Turim foi uma formação amedrontada, não pelo futebol alheio mas pelo ambiente que o rodeava.
24	<i>par=ext1387301-pol-92b-1</i> : A busca sistemática da mediania ajuizada, o saloísmo dum aparato de novos-ricos, sem a ousadia dum expressão de verdade e de cultura autêntica, foram fatais perante o desenvolvimento da crise racial e religiosa da Croácia e da Bósnia; estávamos ávidos de agradar a alemães, a franceses, a ingleses, a todos, sem sermos capazes dum grito de comando e de um apontar impiedoso de culpas .
25	<i>par=ext1469910-des-94b-2</i> : A SIC resolveu este problema com bastante desembaraço e consegue evitar que as transmissões directas da fase final das etapas da Volta a Portugal em Bicicleta sejam um desfilar enfadonho de comentários monocórdicos ou um amontoado de imagens e palavras desconexas.
26	<i>par=ext1270045-pol-93b-2</i> : Palmas, ramos de flores, prendas e um verdadeiro desfiar de encómios dos oradores que foram passando pelo palco ao longo das quatro horas que durou esta «jornada».
27	<i>par=ext558894-pol-92a-1</i> : Hábeis, sem nunca utilizar a palavra «tourada», provocam a ira dos espanhóis e um ligeiro franzir de sobrolho aos portugueses porque querem acabar com todos «os espectáculos cruéis feitos em nome da tradição».
28	<i>par=ext563334-clt-93a-2</i> : Além disso um certo amansar de opções musicais , e o cristalizar de um gosto em tiques desse passado , acaba por inevitavelmente atirar este «Coisas Simples» para o âmbito daquilo que acabou por se consolidar como «música ligeira».
29	<i>par=ext661589-clt-92b-2</i> : E mais ainda: antecipação, atenção e um constante afinar de critérios .
30	<i>par=ext692308-clt-92b-1</i> : Há, isso sim, no novo álbum, um estreitamento dessa proximidade, nomeadamente no dueto com Queen Latifah, suplementada

	por um certo limar de arestas e refinamento final típico da produção de Jam & Lewis.
31	<i>par=ext1184577-clt-93a-4</i> : Não porque quem lá esteve a tocar tenham sido maus músicos, mas, apenas, porque ser competente no instrumento e ter «métier» não é, por si só, suficiente para fazer música com interesse; que transmita qualquer coisa e nos obrigue a mais qualquer coisa do que um indiferente encolher de ombros e um «está bem» de circunstância.

G. Modificação do infinitivo nominalizado por relativa restritiva

1	<i>par=ext314541-pol-95b-1</i> : Daí o piscar de olhos que fez ao eleitorado de Manuel Monteiro, num tradicional bastião dos populares.
2	<i>par=ext399250-pol-95b-1</i> : «Eu quando abri o «Diário de Notícias» não queria acreditar», comenta um próximo de Barroso, referindo o abrir de portas que Fernando Nogueira fez a um entendimento pós-eleitoral com Durão Barroso.
3	<i>par=ext642222-nd-95b-1</i> : O destino preferencial desta exportação, é claro, são os países do Terceiro Mundo, onde a dimensão dramática da dívida externa, aliada à ausência de regras jurídicas e controlos eficazes para a defesa do ambiente, proporciona a vulnerabilidade necessária para, a troco de escassas contrapartidas financeiras, assegurar o fechar de olhos que permite o sucesso das operações e a optimização dos lucros.
4	<i>par=ext1267773-des-94a-2</i> : Francisco Dias é um homem com grande simpatia e excelentes relações com o FC Porto, pelo que tudo indica que o esfriar de relações que se registou com a presidência de Afonso Costa esteja no fim e venha a transformar-se numa abertura baseada na colaboração, aliás o que já se verificou com a transferência de Tozé para a equipa de Barcelos.
5	<i>par=ext1310342-nd-97b-2</i> : R -- Não vou estar a dar exemplos e contribuir para que não houvesse o arrepiar de caminho que deveria acontecer.
6	<i>par=ext1411059-clt-93b-1</i> : O melhor é a discussão que se permite, o questionar de situações que se verifica; o pior, as ideias não pensadas, não questionadas a que por vezes se tende.
7	<i>par=ext1554664-nd-94a-1</i> : E alguém já esqueceu o forçar de mão que foi a história dos frente-a-frente das autárquicas e os lamentáveis reptos em directo aos candidatos que não se prestaram ao repto da SIC?
8	<i>par=ext215550-des-95b-3</i> : Ou seja, conclui, «é o decorrer do jogo que vai ditar as opções».
9	<i>par=ext216592-pol-98b-1</i> : Foi o desenrolar do filme que começou a esboçar-se logo ao princípio da tarde no plenário quando da votação da deliberação do PCP.
10	<i>par=ext461234-des-91a-1</i> : Com o libertar da tensão que esta vitória proporcionou, não deixou de pôr ênfase no facto de a sua equipa se ter superiorizado ao arqui-rival lisboeta, mesmo sob um clima de «suspeição e desestabilização», referindo entre outros, o facto de, momentos antes do jogo, um funcionário do tribunal ter aparecido nas Antas para notificar Pinto da Costa e Reinaldo Teles «a pedido expresso de Alexandre Magalhães e do seu advogado» que, conforme explicou o funcionário ao presidente portista, dera indicações para tal ser feito na «véspera do Porto-Farense ou do Porto-Benfica».
11	<i>par=ext1032149-clt-95b-2</i> : A arte de Ruth Rendell manifesta-se na sua capacidade de sugerir o descolar da realidade que é próprio da psicose,

	transformando toda a narrativa no registo de um delírio que, sem quebrar as normas linguísticas e os princípios lógicos, deixa ver a realidade projectada no outro lado do espelho.
12	<i>par=ext419746-soc-96a-2</i> : Foi o gorar das expectativas que terá levado algumas pessoas a denunciarem o esquema às autoridades.
13	<i>par=ext445480-soc-98b-2</i> : É precisamente o sussurrar dos passantes que, de início, «foi muito estranho» para Ana Carina Marques, com 16 anos de idade, que na sua estreia na praça, escolheu pintar... a praça.
14	<i>par=ext1475817-clt-95a-1</i> : E ninguém viverá com «Les Troyens» sem a dignidade de uma Veasey, sem esse devassar da alma que é timbre de todas as personagens de que Vickers veste a pele.
15	<i>par=ext1020638-nd-91b-2</i> : Mas aquela sensação, esse gelar do sangue que senti quando vi o envelope é exactamente o fenómeno de que estou a falar.
16	<i>par=ext16647-eco-91b-1</i> : Para lá do número exacto de prisioneiros em posse das duas partes, o facto de a Unita não ter cumprido com o calendário estabelecido para a libertação dos detidos acabou por levar as posições a um extremar de posições que não pode, contudo, ser entendido, como a iminência de um regresso às armas.
17	<i>par=ext32450-soc-97a-2</i> : Na vizinhança, o único facto estranho notado durante o dia de ontem foi precisamente um partir de vidros que terá sido ouvido numa das casas das imediações.
18	<i>par=ext49171-pol-92b-2</i> : Para agravar as coisas, a recessão que tudo indica não poupará nenhuma das economias dos Doze, vai provocar um apertar de cinto generalizado que deixa pouco espaço para excessos de generosidade.
19	<i>par=ext237321-pol-96a-2</i> : Dudaiev disse que foi pessoalmente a Grozni no dia 6 de Março, vigiar o decorrer do assalto que permitiu aos independentistas controlar, durante três dias, mais de um terço da capital .
20	<i>par=ext487545-soc-95a-2</i> : Apesar de se ter contornado a «desfeita», há quem, mesmo assim, não esteja convencido e ache esta atitude da STCP um puro adiamento de um facto há muito consumado, um mero dourar de pílula que dificilmente esconderá os critérios de puro economicismo que estiveram na base da decisão de enviar os eléctricos para o estaleiro.
21	<i>par=ext966373-des-94a-1</i> : Segundo ele a telemetria teria indicado um ligeiro abrandar da pressão sobre o acelerador na curva , o que teria provocado o descontrolo da viatura.
	<i>Ambíguos: Oração relativa modifica o infinitivo nominalizado ou o nome do SPrep genitivo</i>
22	<i>par=ext313515-pol-96b-2</i> : Era o esvaziar do nervosismo que marcara o arranque da tarde, quando Marcelo não chegava e os «tiros» dos rebeldes ainda faziam eco.
23	<i>par=ext417993-soc-93b-2</i> : Este dirigente associativo lembra que uma das virtudes do «relatório Porter» foi o provocar do diálogo que de outra forma dificilmente existiria sobre determinados sectores da indústria portuguesa.
24	<i>par=ext430607-pol-95b-2</i> : É claro que persiste o ribombar do canhão que se ouvia lá em baixo.
25	<i>par=ext635190-clt-96a-1</i> : Também a fina evocação da natureza, o marulhar do regato que percorre os poemas, revelaram um pianista excepcional.
26	<i>par=ext1560951-soc-93a-2</i> : No primeiro processo, exactamente acusados de brutalidade policial, os quatro agentes foram absolvidos, o que acabou por constituir o acender do rastilho que desencadeou nos maiores motins deste

	século nos Estados Unidos.
27	<i>par=ext858574-pol-92a-1</i> : A menos de uma semana da «marcha pacífica» nacional convocada pela FIS, receava-se o alastrar da insurreição que já fez centenas de baixas.
28	<i>par=ext1059149-pol-95b-4</i> : Os dados estão lançados, joga-se o tudo por tudo, mas as sondagens, negando a vitória dos sociais-democratas, podem arrefecer o rolar da máquina que no terreno se bate taco-a-taco com o PS.

H. Presença de clítico

Determinante artigo definido + Infinitivo + Clítico + SPrep

1	<i>par=ext747558-pol-96b-2</i> : Com o avolumar-se de apoios expressos por destacados dirigentes , entre os quais o de Madrugada da Costa, que reiterou a decisão de não se candidatar, Victor Cruz dificilmente resistirá às crescentes pressões da máquina partidária.
2	<i>par=ext741396-eco-92b-2</i> : Um desafio óbvio para a Europa é o instalar-se do desejo de bem-estar , de cada vez maior comodidade, como eixo principal de consistência política e económica.
3	<i>par=ext1256272-clt-91b-2</i> : Para o historiador, «se triunfar significa criar um regime como o do 5 de Outubro de 1910, então o despenhar-se do Ícaro setentista é feito mais glorioso».
4	<i>par=ext934139-soc-95a-1</i> : A maior parte dos trabalhos que seriam para apresentar neste evento, alguns deles relacionados com o São João, foi destruída e os professores encontravam-se estupefactos com o sucedido e preocupados com o desmoronar-se das expectativas das crianças .
5	<i>par=ext245910-clt-92b-2</i> : A história da fotografia lembra-nos imperiosamente que estamos já no fim do século XX e que o nosso olhar envelheceu com o somar-se dos anos em que se foi constituindo, a pouco e pouco, esse oceânico arquivo de imagens; lembra-nos que estamos já muito longe daquelas primeiras décadas da fotografia nas quais o espanto foi como que o movimento tateante de uma cultura confrontada com a eclosão de uma técnica para a qual não se dispunha ainda de saberes apropriados e de um modo de representação que apenas se podia capturar -- na teoria e nos fazeres -- pela referência enganadora às técnicas que ela mais radicalmente veio perturbar.

I. Presença de negação

Determinante artigo definido + Advérbio de Negação + Infinitivo + SPrep

1	<i>par=ext921209-pol-98a-2</i> : Mas, o Público apurou que o seu apoio ao acordo em pacote com o PSD e, logo, o não desenterrar do machado de guerra contra a direcção do partido e do grupo parlamentar , tem contrapartidas.
2	<i>par=ext75533-soc-93a-1</i> : A associação alerta ainda para a retenção e ocultação de processos cujo conteúdo deveria ter implicado medidas muito urgentes em defesa da vida bem como a ausência de critérios e medidas de prevenção que denunciam a desarticulação e inoperância dos serviços de saúde e o não assumir de responsabilidades por parte dos governantes , numa atitude de prepotência e usos de poder abusivo, bem como dificuldades em apurar responsabilidades.

3	<i>par=ext65172-soc-97b-4</i> : Entre os factores que aquela técnica considera serem «facilitadores da toxicodependência», enuncia o não assumir das funções parentais , a ausência de regras e de imposição de limites rígidos, a má gestão dos elementos constitutivos da auto-estima dos filhos, a falta de diálogo com a escola e os professores e a má comunicação entre os membros da família.
4	<i>par=ext850618-pol-93a-2</i> : A economia mundial será o tema dominante deste Conselho, virado para a ponderação do binómio crescimento económico-problemas do desemprego, que é como quem diz: como compatibilizar os interesses do crescimento com o não descurar das questões sociais , um dos pontos de honra dos socialistas.
5	<i>par=ext1434922-des-93b-1</i> : As verbas a que aquele empresário se refere afinal não são mais do que o não honrar de uma promessa de Jorge de Brito , há duas épocas atrás, antes do jogo com o Arsenal da Taça dos Campeões Europeus, que o Benfica venceu.
6	<i>par=ext47063-des-98b-1</i> : É que as acrobacias aéreas do «skysurf» -- a mais recente modalidade de pára-quedismo de competição -- são um não acabar de rotações, inversões e giros de 360 graus, realizados em velocidades espantosas .
7	<i>par=ext327741-clt-soc-95b-2</i> : Este ano, o Summer Stage, o 10º, começou com Gilberto Gil, a 18 de Junho, e a partir daí foi um não parar de espectáculos .
8	<i>par=ext900205-pol-91b-3</i> : Desde a Carélia, que faz fronteira com a Finlândia, até à Burlácia, na fronteira com a Mongólia, e à Iakutia, na Sibéria, é um não acabar de povos a reivindicar o seu desejo de autonomia.
9	<i>par=ext1000690-nd-92b-2</i> : Por todo o lado, um não acabar de minaretes identificam centenas de mesquitas, que surpreendem.
10	<i>par=ext1051813-soc-95b-2</i> : Ele foi a visita à Circular Regional Externa de Lisboa, em 31 de Maio, uma saltada à auto-estrada Lisboa-Torres Vedras (que já está a funcionar no troço Lisboa-Loures Malveira) , a viagem às obras de alargamento do aeroporto do Funchal, em meados de Junho, a visita ao Metro de Lisboa, à Estação da Rotunda, acompanhado de Ferreira do Amaral, enfim, um não acabar de sacrifícios para um político que já deixou a presidência do seu partido e vai deixar o governo por estar, confessadamente, cansado destas cansativas jornadas.
11	<i>par=ext1281509-nd-95a-2</i> : «As ` especificidades culturais ', a que aludiu o Conselho em 28 de Setembro, podem ser usadas como desculpa por alguns produtores para justificar um não acabar de subsídios para uma produção não comercial (...)
12	<i>par=ext1528795-pol-94b-1</i> : Daí a Santiago, é um não acabar de paisagens e vilas que são paragens obrigatórias.
13	<i>par=ext523613-eco-93b-2</i> : R. -- Porque é uma ferida que está relacionada com a reparação das nacionalizações e indemnizações, com um não assumir -- mais aberto e decidido -- por parte do Governo da necessidade de criar grupos económicos nacionais .
14	<i>par=ext175673-opi-98a-1</i> : Bem ao contrário, traduzem instâncias de julgamento e não um mero alinhar de factos ou caixas de ressonância de demandas sociais ou científicas .

Extraído de :

Corpus do CETEMPúblico. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>

Anexo III - Corpus da Nominalização da Oração Infinitiva

A. Presença de infinitivo não flexionado

A.I. Presença de determinante artigo definido a determinar nominalização da oração infinitiva

A. I. a. Determinante artigo definido + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração)

1	<i>par=ext2170-pol-95b-1</i> : Não é o ganhar dinheiro que me move.
2	<i>par=ext2170-pol-95b-3</i> : O que me move é o fazer trabalhos diferentes .
3	<i>par=ext81909-nd-95a-1</i> : Fosse a minha vocação o construir títulos provocadores e chamaria a este comentário / resposta ao artigo «Vinte anos de cooperação pelintra»:
4	<i>par=ext84864-soc-98a-1</i> : E, em jeito de conclusão, acrescentou um outro aspecto que contribui para essa «nova missão do professor»: o partilhar responsabilidades .
5	<i>par=ext115590-soc-91b-1</i> : Um é nitidamente pejorativo e refere-se àquelas obras sem encanto nem criatividade a que podemos porventura, mais concretamente, chamar de Construção sem Arquitectura, que têm como objectivo único o fazer dinheiro e um papel empobrecedor e embrutecedor dos sítios em que aparecem.
6	<i>par=ext129018-soc-93a-1</i> : Em muitos casos, é a lei da selva, o oferecer produtos a preços mais baixos do que eles custam, porque não há nada a perder .
7	<i>par=ext129255-clt-soc-93a-1</i> : Por isso, não é de estranhar que os programas de pesquisa de sinais de vida extraterrestre incluam quase sempre o apontar antenas gigantes na direcção de Ofiúco , na expectativa de obter alguma resposta à inquietante incerteza de estarmos ou não sós no Universo.
8	<i>par=ext137746-soc-92b-2</i> : As latadas, o amarrar de latas aos pés dos caloiros, que além de servir para os pôr a ridículo ligava-se à necessidade de produzir um barulho que permitisse a vigília aos que estudavam; o mandar caloiros ir buscar «pedras de afiar agulhas» é justificado com a necessidade de perderem a inocência tola e aprenderem a desenrascar-se.
9	<i>par=ext234838-clt-soc-95b-1</i> : As expedições integram-se no projecto educativo Jason, que tem como objectivo o incentivar crianças a estudarem ciência e tecnologia.
10	<i>par=ext382961-nd-96b-2</i> : «Surpreendem-nos as posições que têm vindo a público de manutenção de um clima de desinformação, bem como o privilegiar interesses corporativos, e outros pequenos interesses, em torno desta questão.
11	<i>par=ext1005143-clt-94a-2</i> : Em «Carta a Fernando Echevarría», o fazer versos surge como um trabalho que exige medida e rigor, por contraposição ao academismo que consiste na repetição (espontânea) de fórmulas.

12	<i>par=ext1315073-eco-93b-2:</i> Não podem manter-se os métodos essenciais, que são o recolher depósitos para remunerar e emprestar caro, com margens largas.
13	<i>par=ext1366557-nd-91b-2:</i> A base e o objectivo fundamentais no desenvolvimento turístico deverão ser o tirar vantagens destes atributos e conservá-los.
14	<i>par=ext852025-pol-93b-2:</i> Há uma contradição entre o respeito pelas resoluções da ONU e o querer manter o controlo militar dos territórios tomados pela força.
15	<i>par=ext1075564-soc-96b-2:</i> Desde o estender a toalha , com todo o cuidado, até o despir a camisa , todos os movimentos são estudados, como se estivesse a posar para uma câmara de filmar.
16	<i>par=ext589400-soc-96b-2:</i> Segundo se soube, Arnold, com o acordo da mulher, Maria Shriver, traça todas as manhãs um plano de trabalho que, no caso dos mais velhos, inclui operações de aritmética e o aprender a escrever os nomes.
17	<i>par=ext248241-pol-94b-1:</i> Pacheco, apesar de ter desistido da ideia da demissão com a convocação de eleições internas, tinha colocado como condição sine qua non o ir a votos.
18	<i>par=ext1253330-nd-93a-2:</i> E enquanto me afastava rumo à saída, não resisti à lógica da colocação gratuita das figuras ao longo do museu, imaginando como resultaria em cheio o colocar Mercury dos Queen ao lado da Rainha.
19	<i>par=ext754793-soc-96a-1:</i> Mas, como nos adiantou fonte do executivo, a retirada das duas propostas inicialmente em cima da mesa significou o despir as camisolas partidárias.
20	<i>par=ext1537367-soc-93b-2:</i> Ninguém pensou que os operários da Lisnave ou os mineiros das minas encerradas viveram a primeira vaga de crise com a mesma ansiedade que hoje está a afectar os dez mil trabalhadores da TAP e que durante meses e meses abanou os alfandegários: uma primeira fase de incerteza, depois a confirmação do fim para uns, depois ainda o procurar, de dentes apertados, uma alternativa ou então o deixar cair os braços -- depressão, alcoolismo, suicídio.
21	<i>par=ext412867-pol-92a-1:</i> Também o PCP elege como luta para o novo ano o combater a ideia de reduzir o funcionamento da Assembleia da República.
22	<i>par=ext615300-eco-93b-2:</i> Para os conselhos de administração das sociedades, o pisar a linha pode emagrecer os seus balanços financeiros, uma vez que estarão sujeitos a sanções e coimas, quer por parte das associações de bolsa, quer pelo lado da CMVM, que se encarregará de aplicar as punições previstas no Código do Mercado de Valores Mobiliários.
23	<i>par=ext245360-soc-97a-4:</i> Os alunos ameaçam mesmo com medidas drásticas, como fazer greve ou o cortar uma estrada qualquer.
24	<i>par=ext919450-opi-96b-2:</i> Homenagem seja feita ao Governador Civil de Braga que lembrou ser crime a ofensa a um membro do Estado, tal como o é o impedir a livre circulação dos portugueses e o seu direito de morar onde eles quiserem.
25	<i>par=ext868067-nd-98a-3:</i> Para Filipa Francisco, esta história também é contada pelo público, na medida em que vive muito da sua capacidade de reacção às brincadeiras que vamos fazendo, desde o desafiar alguém para cantar , ao experimentar sapatos nos pés de algumas mulheres que serão as nossas princesas.
26	<i>par=ext858634-nd-95b-1:</i> O programa é verdadeiramente multitarefa, podendo efectuar o descarregar um ficheiro ao mesmo tempo que percorre caixas de diálogo ou deixa a sua mensagem numa conferência.
27	<i>par=ext1088092-opi-96a-2:</i> Não é o ir a um bordel que é uma prática criticável,

	mas sim o filmar lá com câmara oculta.
28	<i>par=ext1343426-des-92a-1</i> : Para o antropólogo Pedro Cardoso, o dilema estabelece-se entre o aceitar os riscos que as novas formas de assistir ao espectáculo implicam e o investimento nos futuros adeptos. "
29	<i>par=ext1126825-soc-98b-2</i> : Além da comunicabilidade dos espíritos, os outros princípios estruturantes do espiritualismo são a existência de Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação, o acreditar que devemos reparar o que fazemos de errado na vida presente ou futura e, finalmente, a pluralidade dos mundos habitados.
30	<i>par=ext351966-clt-94b-2</i> : Provavelmente, é um bocado intuitivo em mim o fazer melodias em que não há nunca a preocupação, nem sequer instintiva, de criar uma relação com as palavras.
31	<i>par=ext363013-eco-95b-2</i> : Posso admitir o evitar as desvalorizações competitivas , mas com contrapartidas financeiras.
32	<i>par=ext1335594-clt-soc-94a-1</i> : O que não pode continuar, dizem os ambientalistas, é o aproveitar as oportunidades dadas pela União Europeia apenas para tapar buracos , não se apostando na prevenção e até mesmo na inovação.
33	<i>par=ext1207278-pol-93b-1</i> : A nova direcção (que na madrugada de hoje deverá ter sido eleita, pelo método de Hondt, a partir de duas listas encabeçadas pelos históricos Olívio Pires e Silvino da Luz, que quebraram o anunciado consenso de uma lista única) encarregar-se-á de confirmar o desmentir a viabilidade da esperança agora prometida no slogan do congresso.
34	<i>par=ext839085-soc-93b-3</i> : Não podemos confundir condições de segurança e o ter mais funcionários públicos .
35	<i>par=ext1038774-pol-93b-2</i> : Para os socialistas, é o reviver o passado em Setúbal .
36	<i>par=ext1554919-des-92b-1</i> : Tomar dopantes, não só pode reduzir a dois meses o alcançar a forma atlética que, normalmente, levaria um ano a atingir, mas, sobretudo, aumenta as probabilidades de recorde e de medalha.
37	<i>par=ext1005438-soc-97b-2</i> : A peça narra o percurso de Cesário, um jovem tuberculoso, tímido e virgem, com o gosto de leituras proibidas, que é chamado para a tropa mas que fica indeciso entre o cumprir o serviço militar obrigatório e exilar-se.
38	<i>par=ext1286043-pol-94b-1</i> : E, por fim, foi o votar às escuras e à chuva , ou as urnas escrutinadas transportadas de madrugada em ombros de boa vontade.
39	<i>par=ext79279-nd-98a-1</i> : Nas últimas três semanas, a única actividade que agitou a fábrica foi o varrer o chão , enquanto ele, Abu Haidar, sentado no seu escritório de supervisor, ia escutando o silêncio e bebendo café sem açúcar.
40	<i>par=ext83926-pol-93a-2</i> : Quando em 1961 atravessava o Atlântico, que sensação de aventura extraordinária, o buscar o mundo novo , novos horizontes, o crescimento como ser humano.
41	<i>par=ext258947-pol-91b-1</i> : Mikhail Gorbatchov e dirigentes de parte das repúblicas tentam travar o conter o processo , mas a situação é tão instável que a preocupação é a única forma de olhar para este império moribundo.
42	<i>par=ext436477-clt-soc-95a-1</i> : Como alertam Claude-Marie Vadrot e Louisette Gouverne em «Tous Fichés», «a primeira consequência da informatização da vida quotidiana de uma empresa é o acentuar o conformismo das atitudes».
43	<i>par=ext477812-soc-97a-1</i> : Foi esta a situação vivida durante manhã de ontem em muitas regiões, mas que foi melhorando com o avançar o dia .

44	<i>par=ext31067-soc-95a-2:</i> Não caberia neste espaço o narrar a vida acidentada e interessantíssima do toureiro , mas importa ainda assim que se diga que protagonizou, com Guerrita, uma das mais importantes competências do toureiro.
45	<i>par=ext72215-nd-91b-1:</i> Só o calçar das botas podia demorar bastante tempo por esse motivo, acrescentando que o baixar a cabeça me provocava fortes tonturas.
46	<i>par=ext754289-clt-93b-2:</i> A nomeação de um bispo sem aprovação apostólica, o levantar a mão a um cardeal.
47	<i>par=ext862893-nd-92b-2:</i> Concluindo, o nacionalismo contém dois elementos essenciais: por um lado, a exaltação da superioridade da sua própria nação sobre todas as outras; por outro, a absolutização da nação, ou seja o elevar a nação à categoria de valor absoluto e supremo.
48	<i>par=ext965044-eco-98b-2:</i> O estudo afirma que a recessão japonesa e a fraqueza do iene dificultam o ultrapassar a crise asiática , que poderá espalhar-se para outras regiões .
49	<i>par=ext1019979-des-93b-2:</i> Aliás, o provocar a falta foi uma «fórmula» recomendada por Toni à sua equipa, quando esta não conseguisse controlar o jogo.
50	<i>par=ext1268507-des-92a-1:</i> Fernando Couto diz que a sua juventude «o desejo de vencer no futebol e o vestir a camisola da selecção » lhe dá força para «tentar sempre o melhor»
51	<i>par=ext1181407-clt-93a-1:</i> Na medida em que a tese central é a da impossibilidade de reabsorvermos o sentido numa problemática totalizante, o objectivo prioritário da corrente pós-moderna é o desconstruir o tema da totalidade.
52	<i>par=ext461791-nd-96a-1:</i> Mas temos aqui um exemplo de como a idade, melhor, de como o passar os anos , dá novos enfoques a certas questões:
53	<i>par=ext477742-nd-98a-1:</i> A declaração levantou a questão da intenção, ou não, da tentativa de dissimulação, já que, para o arguido Néilson, a polícia, em ocasiões anteriores habitualmente não permitia o levar os engenhos para o interior dos recintos.
54	<i>par=ext77245-pol-92a-2:</i> Dentro da cidade tem havido distúrbios da FLEC; o queimar os autocarros do Malongo ; são tudo coisas que no passado não podíamos conceber.
55	<i>par=ext87842-nd-91b-2:</i> O papel da publicidade, desta forma, passa a ser o subverter os modelos visuais , em vez de apenas reforçar imagens.
56	<i>par=ext204878-nd-92b-1:</i> Muitos universitários próximos das ideias liberais, que levam a peito o apagar os erros do passado , vêem-se forçados a abraçar opiniões extremas se não quiserem ser taxados de «elitistas».
57	<i>par=ext340955-opi-97a-2:</i> Qualquer administração de uma companhia aérea tem como prioridade absoluta o reduzir os custos de exploração .
58	<i>par=ext7074-clt-94a-2:</i> O projecto subjacente «Domingo de Ramos» é o ressuscitar as vivências do período revolucionário português a partir do olhar de um jovem estudante de Medicina, Mário Rosa, que escreveu um romance, no calor dos acontecimentos (os fogos a incendiarem as sedes dos partidos).
59	<i>par=ext36450-nd-95b-2:</i> Vêm estas considerações iniciais a propósito de uma prioridade inquestionável que se colocará ao próximo governo no sector da educação: o fazer as pazes com os professores.
60	<i>par=ext161818-clt-94a-1:</i> A depressão, que o predispõe para a interrogação, para o fazer as contas , permite a Francisco testemunhar, acompanhar e compreender o irmão, habitualmente distante.

61	<i>par=ext351366-pol-92a-2:</i> É o voltar as costas à tradição intervencionista, à chamada «cultura de oposição» que durante anos marcou a actividade da distrital.
62	<i>par=ext976788-clt-93b-1:</i> Havia também problemas políticos, o arrumar as pessoas em prateleiras.
63	<i>par=ext1345481-soc-91a-2:</i> Daí o questionar as situações de desemprego existentes no mundo e de questionar os processos de exclusão expeditos que ameaçam certos trabalhadores no activo .
64	<i>par=ext1429706-soc-93a-3:</i> «O controlo tem sido ultimamente muito forte; o levar as crianças à escola pode denunciar a situação em que se encontra a família», explica Maria José Caldas, da Associação de Pais Portugueses em Bruxelas.
65	<i>par=ext1301257-nd-91b-1:</i> Mas quem sabe se não será uma tremenda penalidade -- o limpar as ruas de Gouveia -- Talvez mesmo o juiz -- por lhe parecer insuficiente o degredo perpétuo -- rompesse no excesso arbitrário de entregar aquele facínora ao suplício imenso de limpar as ruas da sua vila!
66	<i>par=ext318385-pol-92b-2:</i> Nunca me senti, porém, influenciado pelo meu pai ou pela minha mãe, tomei sempre a peito o ter um nome diferente do deles , não me queria encostar a eles.
67	<i>par=ext783243-soc-98a-1:</i> E o fundamental de não ter abrigo não é poder dormir coberto, mas o ter um local onde se possa viver a intimidade.
68	<i>par=ext1186645-soc-92a-1:</i> «Houve sim, da minha parte, o disponibilizar um terreno para fazerem uma sede.
69	<i>par=ext1266095-soc-94a-1:</i> Um novo regulamento, apenas dependente da aprovação pela Assembleia Municipal, vai disciplinar a deposição e remoção de resíduos sólidos no município, com multas para todos os gostos e as mais variadas infracções, desde o deitar um papel para o chão a deixar a tampa dos contentores aberta.
70	<i>par=ext1306614-clt-93b-1:</i> É o tipo de situações de que eu gosto, o picar um bocado as pessoas , em vez de lhes dar lições.
71	<i>par=ext1408272-pol-95a-2:</i> «Atacaram-no por ter comprado um automóvel com dono, atacaram-no* por não sei quantas outras coisas tem em processo, mas tudo isso, comparado com o atirar um homem ao mar , não é nada», disse o bispo de Morón, Justo Laguna, «assombrado com a falta de equilíbrio de valores» que dominam a Argentina.
72	<i>par=ext1562750-des-96a-1:</i> É o cumprir um sonho que não pude concretizar enquanto atleta», confessou Vilela.
73	<i>par=ext197224-clt-97b-2:</i> Mas Andrade conseguirá o que, em Botto, foi só uma ambição malograda pela incultura e a megalomania: o alcançar uma poesia «ao mesmo tempo, a mais refinada e a mais popular» da literatura portuguesa contemporânea, como assinalou Eduardo Lourenço.
74	<i>par=ext382756-des-93a-1:</i> «Para mim será uma experiência nova, inclusive o fazer uma vénia à duquesa », acrescentou Cunha e Silva .
75	<i>par=ext469288-clt-94b-1:</i> Porém, levando progressivamente o seu interesse temático para um espaço de ar livre, urbano e não de natureza morta, permite-se justificar o desencadear uma análise do real (linhas estruturantes e de fuga, luz, colorido, etc.) capaz de transformar cada imagem na associação de uma infinidade de elementos.

76	<i>par=ext568161-clt-95b-1</i> : -- há cerca de três anos, e vê-la tornar-se uma espécie de «next big thing» à escala nacional é a prova directa do provincianismo da indústria musical no nosso país -- apesar de o ver uma banda nova ser transformada em «next big thing», por aqui, já ser uma prova de evolução.
77	<i>par=ext594376-clt-soc-95b-1</i> : E o recordar uma música , é também uma emoção?
78	<i>par=ext632005-clt-96a-2</i> : Mas acrescento sempre mais depois da montagem porque acredito que a parte da rodagem, no processo de feitura de um filme, tem que ver com o subconsciente -- «Gostaria de fazer isto ou aquilo, mas não tenho bem a certeza» --, enquanto a montagem tem que ver com o consciente, já tem que ver com o descrever uma acção :
79	<i>par=ext836282-clt-93b-1</i> : O realizador teve como ideia de base em «Abismo» o fazer uma versão submarina abissal do contacto com as civilizações extraterrestres , que Spielberg transformara anos antes na saga de aventuras místicas que se conhece.

A. I. b. Determinante artigo definido + Verbo “ser” no Infinitivo + Predicativo do Sujeito

1	<i>par=ext488420-pol-96b-1</i> : Marcelo, ao fazê-lo, está a procurar corrigir um dos principais defeitos do seu partido, o ser um partido clientelar .
2	<i>par=ext612408-soc-95b-2</i> : Já agora, sendo o toureio, como diria Álvaro Guerra, uma arte tão efémera que se esgota no seu acto de concepção, que vos diga não ser credível que se exija a Francisco, pese embora o ser um cavaleiro de dinastia , que reedite de imediato, mesmo sem traquejo, os êxitos inesquecíveis dos seus maiores.
3	<i>par=ext1195903-nd-97a-1</i> : P. -- Não é uma posição incómoda, o ser uma espécie de uma sombra durante mais alguns anos?
4	<i>par=ext48856-clt-93a-2</i> : Ela encontrou coisas nela própria sobre o ser mulher .
5	<i>par=ext943231-clt-93a-1</i> : como se o ser escritora não fosse já maldição suficiente, esta Raquel tropical é alcoólica, volúvel toxicodependente e sexualmente insaciável.
6	<i>par=ext1490205-soc-96a-1</i> : O que conseguiu da vida e lhe deu mais gozo -- Foi o ser padre .

A. I. c. Determinante artigo indefinido a determinar nominalização da oração infinitiva

Determinante artigo indefinido + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração)

1	<i>par=ext853190-pol-97b-4:</i> Ao chamamento de «amigo, compra», «amiga, tenho fome», a resposta dos brancos é invariavelmente um virar o rosto , com um ar de enfado.
2	<i>par=ext1348384-eco-96a-2:</i> Um valor que se destina a elevar os fundos e capitais próprios do BCP e a um melhorar o rácio de solvabilidade, que desceu de 15,9 por cento no final de 1994, para 9,3 por cento no final do ano passado.
3	<i>par=ext652674-soc-92b-2:</i> -- A luz está cinzenta, se estivesse céu limpo-azul era um esfolar corpos correndo riachos de suor.
4	<i>par=ext486531-pol-93a-1:</i> Ou seja, um «regresso ao passado», que, concluiu o general, torna necessário um congregar esforços para «segurar as portas que Abril abriu».

A. I. d. Determinante demonstrativo a determinar nominalização da oração infinitiva

Determinante demonstrativo + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração)

1	<i>par=ext1289794-pol-94a-2:</i> Para os países do Leste, este ganhar tempo confunde-se com uma cedência da Nato àquilo que vêem como «chantagem russa».
2	<i>par=ext641548-soc-96a-1:</i> «Nunca se esqueçam de dizer isto no jornal: que a política é das coisas mais belas, mais nobres da vida: este pôr em questão, este quebrar os muros de silêncio entre as pessoas , a vida cívica, o participar. "»
3	<i>par=ext831597-soc-93a-1:</i> O que não podemos silenciar é este vestir a roupa do avesso de alguns políticos e lobbyistas portugueses , sempre que a Unita -- e em especial o seu líder -- ameaça portugueses e, o que é mais grave, os mata.

A. II Modificação por advérbio

1	<i>par=ext1138452-clt-94a-1:</i> «Eu sou é contra o aproveitar maciçamente o turista , porque entra-se em certas casas viradas para o estrangeiro e aquilo não diz nada. "»
2	<i>par=ext270182-soc-94a-2:</i> Woddy Allen anunciava em filme que tinha aderido (ele, o fanático da psicanálise!), os humoristas agarravam o filão (Bombardeie-se a Bósnia com Prozac! ") , o estar romanticamente deprimido , o escondidamente, envergonhadamente deprimido saía de cena.
3	<i>par=ext688234-soc-91b-2:</i> Assim, passará a ser um novo hábito dos portuenses o deparar eventualmente com um ou outro reservado mostrando habilidades em zonas como S. Roque da Lameira .
4	<i>par=ext467192-nd-91b-1:</i> Pior do que isso é o assumir publicamente a

	existência de estratégias paralelas, conspirativas , para iludir a vigilância do ocupante e fazer esses contactos.
5	<i>par=ext841508-pol-93b-2</i> : O ajuste de contas com a História, o assumir claramente a culpa face a atrocidades que ultrapassaram, se é que é possível, as técnicas de aniquilamento dos nazis, é necessário para que o Japão possa, dentro de dois ou três anos, reentrar, pela porta da frente , na cena geopolítica mundial.
6	<i>par=ext223710-clt-96a-4</i> : O programa deste último -- sobretudo se equacionado com o do concerto do dia 24, a que também assistimos -- permite o levantar honestamente algumas questões que se colocam à música do nosso tempo.
7	<i>par=ext185541-opi-98b-2</i> : E parece-me que o ter ganho tangencialmente a posição do «não» é menos importante do que o significado profundo da enorme percentagem de abstenções.
8	<i>par=ext1455952-pol-91b-3</i> : O Exército e a Marinha federais da Jugoslávia continuaram ontem a cometer o autêntico crime contra o património comum de toda a Humanidade que é o disparar, incessantemente, contra a velha cidade de Dubrovnik, uma das glórias da cultura europeia .
9	<i>par=ext1073022-pol-93b-4</i> : Tinha um pé deficiente, daí o usar permanentemente botas de pele preta feitas por um sapateiro especial .
10	<i>par=ext1219537-clt-94b-2</i> : É evidente que, mesmo que MacGowan quisesse alterar este estado de coisas, os seus admiradores não lho «permitiriam», -- afinal foi ele próprio que um dia declarou ao «Melody Maker» que «as suas audiências bebiam muito, por isso ele achava que lhes devia o estar permanentemente bêbedo ».
11	<i>par=ext1297073-pol-93b-3</i> : O PSD também acalenta a expectativa de subir e dá como sinal de uma alteração no eleitorado o ter aberto recentemente uma sede do partido em Mértola -- o que seria «impensável» não há muito tempo.
12	<i>par=ext608682-des-93a-1</i> : A quatro jornadas do termo da primeira fase do nacional de basquetebol, disputa-se hoje a 19ª ronda da prova, que tem como principal aliciante o colocar frente a frente seis das equipas que, tudo faz prever, seguirão em direcção aos «play-off».

A. III. Presença de clínicos (que são argumentos verbais)

1	<i>par=ext22592-nd-93a-1</i> : Em termos simples, o que essa jovem geração de quadros do PCP não perdoava à sua direcção, e à linha que seguira, era o tê-los afastado da possibilidade de manter , ou de mais latamente partilhar, o poder do Estado, cujas delícias apenas tinham podido entrever.
2	<i>par=ext177314-clt-93b-1</i> : Marina Tsvietaieva compreende que aquilo que exclui o poeta da cidade é o conferir-lhe um estatuto de minoria, é o retirar-lhe o direito de ser um cidadão qualquer , não identificado, que prossegue uma actividade específica que, como qualquer outra, não pode ser desrespeitada.
3	<i>par=ext185325-clt-94b-1</i> : Voltando ao princípio e à questão da finalidade das antologias, responde o próprio Jorge de Sena, que, no prefácio à terceira série das «Líricas Portuguesas», depois de confessar a sua aversão por «qualquer forma de antologia», reconhecida, com a sua habitual inteligência, que «detestar antologias pode ser um disfarce da preguiça ou da importância excessiva que as pessoas se atribuem a si próprias, tão perigoso e intelectualmente inferiorizante

	como o estimá-las e preferi-las.
4	<i>par=ext230915-nd-94a-3:</i> Mas se por fabricar se entende o recebê-la em menino como matéria semiótica do segundo grau (depois do gesto, da careta e do berro pueris, enfim, como forma de descobrir o ` eu ' e entrar na alteridade regressando sempre ao ` me ipsum ') então sim, tenho de reconhecer que fui um bom operário da fala, oral e escrita.
5	<i>par=ext297259-soc-98a-1:</i> O professor é escolhido não em função da sua capacidade de relacionamento com os encarregados de educação e os colegas, ou o seu espírito de tolerância, mas por motivos tão comezinhos quanto o faltar-lhe horas para completar o horário ou simplesmente porque «alguém tem que ser».
6	<i>par=ext375634-nd-91b-1:</i> Temos de agradecer à Ana Paula Mesquita, de Lisboa, o ter-nos enviado o problema que propusemos no domingo passado e que foi este:
7	<i>par=ext377989-clt-92b-1:</i> João Paiva Boléo, que habitualmente se ocupa de banda desenhada no semanário Expresso, escreve na contracapa deste álbum que «um dos maiores méritos de Watterson é precisamente o dar-nos a ver o que só os miúdos vêem, o permitir-nos ` visualizar ' o outro lado do universo infantil , o mundo em que eles estão absorvidos e que nós só entrevíamos através de gestos, ruídos, bonecos -- sinais exteriores de uma vivência que para eles é tão real como a nossa».
8	<i>par=ext383811-soc-97b-3:</i> «Toda a descrição do projecto tem por base o despacho que estabelece as regras que permitem a excepção aberta no Protali Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo Litoral: o montante de investimento, o designá-lo por ` estruturante '.
9	<i>par=ext721701-des-94b-2:</i> Durante os 20 minutos de jogo (divididos em duas partes) , há três movimentos fundamentais: o passe da bola entre os membros da equipa, o apanhá-la do chão e o atirar ao cesto.
10	<i>par=ext775246-des-98b-2:</i> Mas eu prefiro mantr o Denilson no banco e o utilizá-lo quando há qualquer necessidade. "
11	<i>par=ext808741-pol-94b-1:</i> P. -- A discussão deste tipo de assuntos e o trazê-los para o centro do seu debate político conferiu à Federação Distrital do PS-Porto uma expressão nacional que antes não possuía, não é verdade ?
12	<i>par=ext1056528-pol-95a-1:</i> Quer isto dizer que, para ele, «o evitar a guerra e o prepará-la estavam inextricavelmente ligados».
13	<i>par=ext1083505-nd-98a-2:</i> O reverso é o subestimar brutal dos outros seres vivos, é o atribuir-lhes um valor variável de acordo com a maior ou menor utilidade que o homem vê neles.
14	<i>par=ext1394270-nd-94b-1:</i> Além do espanto que me causara o vê-lo mastigar com gosto e gozo o faustoso e porventura indigesto almoço , mantinha-se-me a atenção arrebatadora pelo seu vertiginoso trajecto.
15	<i>par=ext1535474-soc-93a-2:</i> Mas já discordo quando apontam ao professor Cavaco Silva, como o maior dos maiores e o mais indesculpável dos pecados, o ter-nos roubado a infindável prosperidade anunciada.

A. IV Presença de negação

1	<i>par=ext533302-des-93a-2</i> : Foi o nervosismo inexplicável dos jogadores; foi algum convencimento de que ia ser fácil; o não arriscar; o defender mal; o quase não ganhar bolas no meio-campo ; o constante falhar de passes; o despejar de bolas da defesa para o ataque, perante uma defesa de calmeirões.
2	<i>par=ext10344-opi-97a-3</i> : Erro meu o não ter pedido informação sobre estes costumes portugueses menos brandos?
3	<i>par=ext249927-opi-97a-1</i> : Eu estou a meio caminho: entre a inteligência e a «facilidade», entre o ter rido muito ou o não ter rido nada .
4	<i>par=ext607210-eco-92a-2</i> : Confessa, no entanto, que o não ter tido negócios com Angola nestes anos não é alheio ao envolvimento político da sua mulher.
5	<i>par=ext804290-soc-94a-2</i> : Para José Filipe a questão põe-se a outro nível: o actual presidente, com 34 anos de idade, sem experiência autárquica, «está a tentar encontrar desculpas que, mais tarde, justifiquem perante os munícipes o não ter cumprido as promessas que fez ».
6	<i>par=ext1397015-nd-91b-1</i> : O não ter «as mãos sujas de sangue», o não ter sancionado a guerra civil faz dele uma bandeira para os independentes e os pacifistas.
7	<i>par=ext1451845-nd-95a-2</i> : O Portugal deste século deve a Salazar o não ter entrado na Segunda Guerra Mundial e a Costa Gomes o não ter entrado em guerra civil .
8	<i>par=ext1363922-pol-92a-1</i> : Mas a falha mais grave foi sem dúvida o não ter reclamado o direito de entrada em águas teoricamente ainda sob tutela portuguesa .
9	<i>par=ext31585-opi-96a-1</i> : No outro extremo, a CGTP, pela voz do seu coordenador Carvalho da Silva, indicava entre as várias razões pelas quais não assinou o acordo o não aceitar a flexibilidade de horário e a polivalência.
10	<i>par=ext1380439-pol-96a-1</i> : Para Hashimoto, o exercício de jardinagem é delicado, entre o não hostilizar o sentimento anti-americano e o não pôr em causa ou em perigo o tratado de segurança bilateral com Washington que constitui, para os dois países, uma ferramenta essencial em termos estratégicos e de defesa.
11	<i>par=ext1483561-clt-93b-2</i> : Ângela, a classicista, a leitora e estudiosa de Homero e Lucrécio, está condenada à cegueira (à cegueira da alma, o não ver o lado escondido, hediondo das coisas , e à cegueira do corpo como meio de preservar a crença na beleza clássica), à morte.
12	<i>par=ext1005817-pol-91a-1</i> : Se objectivamente, quorum não havia (251 era o número considerado mínimo) , « o não desiludir as pessoas que tinham deixado as suas casas» levou o Presidente da Convenção (que ontem à tarde se demitiu do cargo) a optar por discutir «mais questões políticas que jurídicas» e a abrir os trabalhos.
13	<i>par=ext107882-nd-95a-1</i> : O estar ilegal, o não ter papéis é um motivo de imenso sofrimento e exclusão social, com graves consequências para o próprio e para toda a sociedade.
14	<i>par=ext185703-soc-94b-1</i> : É que, por se tratar de um projecto-piloto, o número de vagas é bastante restrito e se requisitos essenciais como o não ter casa ou ter mais de 18 e menos de 50 anos vão ser determinantes, a vontade de cada um frequentar o curso não o será menos.

15	<i>par=ext189699-soc-92b-1</i> : Quanto aos trabalhadores propriamente ditos, as opiniões variam entre o não fazer comentários sem mais explicações e a desolação causada pelo impacto que os factos adquiriram saindo para o exterior.
16	<i>par=ext239104-clt-95b-2</i> : Não há escritor falhado, não há filho de conselheiro hidrocefalo, não há ricaço pândego, traficante odiento, cínico velho, bacharel vadio, amanuense inútil, que ao fazer a autópsia de si mesmo, reconhecendo-se falho, não tenha apelado para este hospício de S. Bento, onde o não ter cabeça rende três mil réis por dia, sobre as vantagens de se não ir preso, e de se poder arranjar, às tenças da eleição, para o resto da vida, uma chuchadeira burocrática."
17	<i>par=ext565050-nd-92a-1</i> : Se calhar, o não ser fadista desde o berço permite-lhe uma certa distância...
18	<i>par=ext665838-pol-93a-1</i> : A fuga para o Quartel do Carmo, de madrugada, o cerco da multidão, o temor da anarquia, a ideia do suicídio («Quando vi perdida a partida para o Governo jurei de mim para mim que não me apanhariam vivo e, se o general Spínola não tivesse ido buscar-me, estava resolvido a dar um tiro na cabeça»), a entrega do poder, a saída para a Pontinha dentro de uma Chaimite, os insultos, as pancadas na chaparia do veículo, ontem, o não receber notícias , o adivinhar mais do que saber, o sofrimento da família, a derrocada da vida, os manifestantes, os gritos, o perigo de um julgamento popular, agora, criam-lhe angústias indescritíveis.
19	<i>par=ext704158-pol-95b-2</i> : Mas o não haver guerra não significa que haja paz.
20	<i>par=ext1098842-pol-98a-2</i> : «O que pode dividir a nação é o sentimento de injustiça e o não haver representação democrática das legítimas aspirações regionais », avisa-se .
21	<i>par=ext1381791-pol-96a-2</i> : «Houve uma aproximação do PS, sem abolição do fundamental que é o não referendar princípios constitucionais ."
22	<i>par=ext1217958-soc-93b-1</i> : Os sintomas iniciais e a velocidade da progressão variam muito entre os indivíduos, mas os primeiros sintomas mais comuns são o tropeçar, o não ter força nas mãos para agarrar objectos, as câimbras, a voz rouca, a perda gradual da função dos membros e o enfraquecimento dos músculos do tronco e do pescoço, até que todas as actividades ficam afectadas.
23	<i>par=ext232364-clt-93b-1</i> : Seja qual for o tipo de música, é indispensável prender a atenção de quem ouve; o não acontecer nada é fatal (como foi, neste caso, o revirar do público nas cadeiras; mesmo aquele que no fim aplaudiu de pé -- sem entusiasmo).
24	<i>par=ext398429-clt-95a-2</i> : Ele identificar-se-ia com S. Francisco: o amor pela Natureza, o não ter uma pedra onde descansar a cabeça.
25	<i>par=ext712719-nd-95a-3</i> : As posições controversas de que foi acusado, ao que se sabe, foram o facto de não condenar o uso do preservativo, o defender a dignidade dos homossexuais, o não ter uma posição culpabilizadora e de marginalização dos divorciados recasados , o defender a possibilidade da ordenação de mulheres e de homens casados, e, ainda, o ter estado sempre ao lado dos excluídos.
26	<i>par=ext726107-opi-96a-2</i> : São questões procedimentais que têm sido utilizadas como expedientes para resolver um problema interno do PSD, que é o não ter uma posição própria sobre regionalização .
27	<i>par=ext285067-soc-91b-1</i> : Também Maria da Piedade Mano, da Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada, explicou que a morte é entendida pelos idosos como a falta de luz nos olhos, de som nos ouvidos e o não poder pensar .
28	<i>par=ext31585-opi-96a-1</i> : No outro extremo, a CGTP, pela voz do seu

	coordenador Carvalho da Silva, indicava entre as várias razões pelas quais não assinou o acordo o não aceitar a flexibilidade de horário e a polivalência .
29	<i>par=ext1333625-soc-93a-2</i> : «O único problema, numa determinada altura, foi o não haver mais máquinas para entrega , caso contrário, mais se teriam vendido», garante.
30	<i>par=ext189699-soc-92b-1</i> : Quanto aos trabalhadores propriamente ditos, as opiniões variam entre o não fazer comentários sem mais explicações e a desolação causada pelo impacto que os factos adquiriram saindo para o exterior.
31	<i>par=ext900757-pol-92b-2</i> : «Ele escolheu alguém que compensasse as suas fraquezas: o não ter cumprido o serviço militar , a sua ligação com os valores sociais liberais e a necessidade de reforçar a sua posição no Sul, a sua própria região natal».
32	<i>par=ext970169-clt-92b-1</i> : Mas o cinema é uma experiência colectiva num espaço público, e é o seu oposto: um não estar «sozinho em casa» .

A.V. Presença de auxiliares

1	<i>par=ext670376-pol-95b-2</i> : Daí o ter optado, não por um espaço fechado , como é seu hábito, mas por um comício a céu aberto , havendo até quem garanta que a praça vai encher.
2	<i>par=ext602132-soc-95b-2</i> : Irene Pivetti, que geralmente fala de si própria no masculino enquanto «o presidente» de uma das mais importantes instituições do país, agradeceu ao Papa o ter enviado uma carta às mulheres, mas acrescentou que devia escrever outra a pensar no homens «justamente porque hoje a questão feminina se transformou num tema de discussão de tal modo vasto que eles precisam de uma palavra de atenção».
3	<i>par=ext920918-pol-95a-1</i> : Não perdoam a «inexplicável passividade da ministra do Ambiente» nem a Luís Filipe Meneses, «o feroso responsável do PSD-Porto», o ter proposto uma manifestação pública , «como de repente esquecesse que ele próprio faz parte do Governo».
4	<i>par=ext1122268-soc-95b-1</i> : Os apoiantes de Novais não perdoam a Avides o ter criado uma comissão executiva (triumvirato saído da actual Mesa) que, na prática, «funciona com um mandato em branco» e em total «abuso de confiança»; «os assuntos já vêm cozinhados da comissão executiva e a Mesa limita-se a dar-lhes o aval», aponta Novais.
5	<i>par=ext1301179-pol-98b-1</i> : Já na prisão, os nigerianos devem-lhe o ter evitado uma guerra fratricida, que quase esteve para acontecer em Junho de 1993.
6	<i>par=ext1352713-pol-92a-2</i> : A cidade de maioria curda de Sirnak pagou caro o ter ignorado um ultimato à rendição feito ontem de manhã pelos militares turcos: à tarde, a aviação governamental metralhou-a e lançou bombas incendiárias, de acordo com uma fonte «digna de crédito» citada pela France Presse .
7	<i>par=ext666515-nd-95a-2</i> : «Uma delas foi o ter retirado o barulho da máquina de escrever .
8	<i>par=ext448750-soc-92a-1</i> : Traz uma papelada da polícia que, segundo ele, declara que o ter passado o sinal vermelho não constituía perigo para os peões.
9	<i>par=ext1210595-soc-94a-1</i> : Mas não é tal coisa que está em julgamento, lembra

	o juiz, tão-só o ter conduzido sob o efeito da bebida.
10	<i>par=ext1026157-soc-94a-1:</i> Isto é, no caso, que o ter tentado pôr a retrete no cano tinha que ser visto à luz humana daquilo que todos os dias cada um tem que fazer.
11	<i>par=ext550981-des-98b-1:</i> Importante foi também para ele o ter confirmado o resultado de seis metros obtido em Saint-Denis , em Junho passado, alegadamente conseguido graças à acção ilegal de suster a fasquia com a mão durante a queda.
12	<i>par=ext592455-soc-95b-1:</i> O triunfo, e o trunfo, de Jean Armand Bombardier, foi, de facto, o ter desafiado o isolamento da sua pequena aldeia de Valcourt , perdida entre montanhas nevadas, a cerca de 150 quilómetros de Montréal, nos já longínquos anos 30, e ter inventado um sistema de tracção, que permitia aos carros circularem sobre a neve e terrenos enlameados, onde mesmo os animais de carga se atolavam.
13	<i>par=ext862760-pol-97b-1:</i> A George Marchais apontam-lhe hoje os seus adversários o ter acompanhado o declínio do Partido Comunista Francês.
14	<i>par=ext913626-nd-91b-2:</i> A terapia foi fundamental, e com ela o ter chegado a compreender a mãe, e depois o ter encontrado o namorado com quem sabe bem estar, com quem foi bom voltar à vida.
15	<i>par=ext64013-nd-91b-1:</i> Daí o ter pedido a prorrogação da gestão controlada por mais um ano.
16	<i>par=ext321613-clt-95b-1:</i> (...) Ao rei de Portugal só falta, para ser um belo homem, o ter atingido a idade adulta.
17	<i>par=ext724213-pol-91b-2:</i> As suas críticas à actual direcção da ETA e o ter afirmado a necessidade de uma negociação levaram-no a ser considerado como um cancro pela organização armada.
18	<i>par=ext917829-soc-91b-1:</i> Sou dos que, graças a Deus, tive muitas tardes grandes, mas a feira de Manizales na Colômbia, em 1956, em que saí em ombros com os matadores depois de ter bandarilhado cinco toiros, a temporada de 55/56 no México com o prémio para o melhor bandarilheiro e, para não alongar, o mais grato, foi quando regresssei da América, a manifestação de apreço e carinho por parte do sindicato dos toureiros, que até teve a gentileza de me oferecer um placa em que me agradecem o ter honrado a classe dos bandarilheiros portugueses.
19	<i>par=ext171948-clt-94a-2:</i> Tem valido ao EZLN o ter tomado as distâncias , no terreno e nos comunicados, em relação ao extremismo oportunista que iniciou entretanto uma onda de atentados, insistindo no carácter puro da revolta contra os atropelos aos seus direitos.
20	<i>par=ext151827-soc-95b-2:</i> Escreveu, também, disse João Gaspar, que o ter estudado os princípios psicológicos em que se baseia a ilusão o ajudou a «não ser enganado pelas ilusões das próprias experiências científicas.»
21	<i>par=ext1468934-nd-94b-1:</i> Segundo os dois grupos políticos, apesar dos esforços tendentes a «branquear» a gestão de Eugénio Inocêncio durante o período em que esteve à frente da missão cabo-verdiano em Lisboa, o relatório do inquérito parlamentar reconhece que o antigo diplomata cometeu «irregularidades», entre elas o ter utilizado verbas do consulado para fins não previstos pela lei, ter colocado ilegalmente funcionários em casa, esbanjamento de recursos públicos etc.
22	<i>par=ext1492468-pol-92b-2:</i> O estudo revela ainda que o CDS não terá conseguido lucrar, em termos eleitorais, com o ter comandado a agenda política portuguesa em alguns dos meses mais recentes.

23	<i>par=ext600016-soc-95a-1</i> : O que não lhe perdoamos foi o ter abandonado a praça quando ainda havia um toiro para lidar a pé.
24	<i>par=ext522038-pol-93a-1</i> : Manuel Sérgio contou a história do PSN, o ter corrido o país dentro de um táxi , e a vitória que foi eleger um parlamentar nas legislativas e depois um outro nas regionais.
25	<i>par=ext1481466-soc-95a-1</i> : Por assim ser que se não estranhe o ter arrecadado o troféu que os para-quedistas instituíram para a melhor lide.
26	<i>par=ext119114-soc-94a-4</i> : Considero na minha vida um privilégio o ter sido aluno , na Escola Superior de Medicina Veterinária, do professor Freitas de Sousa, cientista brilhante, que sabia aliar a esta qualidade uma inteligência arguta, uma enorme estatura intelectual, uma bondade intrínseca, em suma, um assumido perfil humanista.
27	<i>par=ext155945-pol-95b-1</i> : Mais precisamente o ter sido candidato à presidência do então CDS , contra Monteiro, no Congresso do Altis, em 1992.
28	<i>par=ext1319154-pol-97a-1</i> : Mas apesar do currículo, do qual faz parte ainda o ter sido ministra da Educação do Governo do anterior Presidente conservador, Sixto Duran Ballen, em 1994, Abdala Bucaram mantinha-a na sombra.
29	<i>par=ext121965-clt-91b-1</i> : «Uma forma de agradecer à Bélgica o ter sido o catalizador das belas criações dos dois autores », concluiu.
30	<i>par=ext331788-pol-97a-2</i> : É típico desse entusiasmo o ter sido o russo a primeira língua estrangeira em que foi traduzido «O Capital», de Karl Marx.
31	<i>par=ext1146267-nd-96b-1</i> : Por mim, o que considero mais fascinante é o ter sido o homem da transição.
32	<i>par=ext252994-nd-94a-1</i> : A ilustração por computador tem uma outra característica: o deixar de existir um original -- com os meios tradicionais, é possível realizar uma série de ilustrações para um livro, por exemplo, e, a seguir, realizar uma exposição em que as pessoas levem os originais para casa.
33	<i>par=ext1048299-soc-92b-1</i> : «Entendemos que é uma atitude de mero folclore político que não tem qualquer resultado a não ser o deixar de servir as populações da região ».
34	<i>par=ext769557-des-91a-3</i> : Por um lado, o continuar a perseguir a ténue imagem do título nacional , não se deixando distanciar mais do FC Porto e Benfica; por outro, afastar as pretensões boavisteiras que vêm ainda o terceiro lugar, actualmente ocupado pelos leões, ao seu alcance.
35	<i>par=ext1540061-clt-94b-3</i> : «Houve sempre em mim uma luta entre o continuar a escrever o diário -- a sedução de escrever um diário -- e a crítica a essa sedução.
36	<i>par=ext678449-soc-95a-1</i> : Que se diga ainda que, vencida a inércia, é muito importante para a ANGT o poder diligenciar a sua filiação internacional , dado que parece ser bem mais fácil impor-se em Portugal carreando as experiências, que perder tempo na busca de soluções que há muito pelas outras aficions foram encontradas.
37	<i>par=ext601992-nd-91a-1</i> : Em The World Is Growing Old, Katharina Franck começa por opor música pesada e dinheiro a música suave e satisfação pessoal, acabando por concluir que esta sua visão se prende com o estar a envelhecer .

38	<i>par=ext250889-soc-97a-2</i> : Foi só após 22 anos de ostracismo que Uriel da Costa regressou à sinagoga de Amesterdão, penitenciando-se publicamente e aceitando as humilhantes punições decorrentes, que incluíram 39 vergastadas e o ser pisado por uma multidão de fiéis .
39	<i>par=ext687690-clt-94b-1</i> : Este país teve uma forte influência na sua obra, e sobretudo nos contos que lhe valeram o ser colocado por alguns críticos ao mesmo nível de Jorge Luís Borges .

A.VI. Coordenação sindética ou assindética entre nominalização da oração infinitiva e outras construções nominais

1	<i>par=ext335599-pol-95b-2</i> : Mais importante do que isso são os outros vectores da política de segurança: o retirar funções burocráticas, o concentrar meios para os tornar operacionais, o desenvolver a cooperação multilateral e bilateral , onde temos avançado imenso.
2	<i>par=ext1410681-soc-91b-2</i> : Foi bonito, como bonito foi também o apossar e derribar as duas vaquitas que se seguiram , com galopadas valorosas, varas em riste, rodopios de circunstância, beleza pujante, cultura velha do Ribatejo ganadeiro.
3	<i>par=ext940068-nd-95a-2</i> : O fervilhar de ideias, a descoberta de mundos diferentes, o afrontar o poder estabelecido , os ecos de uma Europa em mudança, o agitar de consciências adormecidas, as notícias difusas que nos chegavam de África, a leitura dos livros proibidos pela censura -- o Lobo de Oliveira viveu intensamente o desfazer do nevoeiro que abafava e amordaçava o nosso país.
4	<i>par=ext920824-soc-98a-2</i> : Cenas que criam ambientes precisos e que são facilmente descodificadas por qualquer pessoa com ou sem raízes no interior de Portugal: a comida, o vinho, a mesa, o trabalho, as lengalengas, o caminhar com uma mala na mão, o estar, o correr, o jogo do pau, as romarias, as festividades, o culto dos mortos, as cerimónias do Entrudo, as procissões, as feiras, as touradas, o depenar uma galinha, o vender flores, o contar o dinheiro , a conversa numa bar ou a construção / jogo de um caminho com os paralelepípedos da Rua da Rosa.
5	<i>par=ext456663-nd-95a-1</i> : Como bom cabo-verdiano, acrescenta, no entanto, que o conhecer novas culturas , o contacto com vários tipos de pessoas e, principalmente, o intercâmbio de conhecimentos enriquecem o ser humano.
6	<i>par=ext1135283-pol-94a-1</i> : Com o abrir e fechar a porta também nada tinha a ver o porteiro, que, envergando um uniforme de almirante com botões dourados, permanecia impassível contemplando os esforços de uma idosa turista francesa para empurrar a porta com o ombro ao mesmo tempo que arrastava penosamente a sua mala; alguns dias mais tarde, quando a fechadura encravou e os clientes não podiam nem entrar nem sair, o mesmo porteiro repetiu a afirmação da encarregada da limpeza: ele nada tinha a ver com o problema; se queríamos queixar-nos, devíamos fazê-lo junto do director.
7	<i>par=ext1215845-clt-94b-1</i> : R. -- Porque ainda não estou pronta para passar por todas as etapas do constrangimento que representa fazer teatro: o afrontar o público , o pânico de que o trac o medo me impeça de representar, o pânico de um buraco na memória...

8	<i>par=ext407160-nd-95b-1</i> : Partindo do principio que o canal nacional colocado à minha disposição era o 1º canal da RTP, entre uma programação variada e necessariamente boa, daria particular realce a um longo debate alargado à escala nacional, com várias equipas de exteriores espalhadas pelo país, em directo e em cadeia, em torno de um tema central que designo genericamente por «Educação Cívica»: lixo nas ruas e as responsabilidades imputáveis às pessoas, às escolas, às autarquias e ao poder central; o atendimento do público por parte de quem é pago para tal, como sejam os funcionários atrás de balcões e «guichets» dos correios, das repartições do Estado, os taxistas, os empregados de mesa, etc; a condução automóvel na cidade e na estrada; o fogo nas florestas, o levar o cãozinho a «passear», o cuspir no chão, e por aí adiante.
9	<i>par=ext1182916-soc-92a-1</i> : É a humilhação, o perder dignidade que é mentir, é o perder o emprego quando se é chamado.
10	<i>par=ext114288-clt-94b-1</i> : Viagem iniciática com os seus rituais de passagem para o estado adulto (o saborear a liberdade , a descoberta do amor, a vivência da traição, a experiência da prisão e da morte) , «Belos Cavalos» faz ecoar a nossa memória literária levando à evocação do herói mítico Gilgamesh ou dos cavaleiros da Távola Redonda (a sugestão da demanda do Graal e a referência à cavalaria e seus ideais) despojando as experiências do herói daquilo que é vernáculo, des-territoralizando as, embora o livro se construa através de uma atenção aos mínimos pormenores da paisagem que, mais do que cenário, se eleva à categoria de protagonista e transforma o livro num filme feito de palavras .
11	<i>par=ext1477084-clt-92b-1</i> : Outra lição sobre o estar no mundo e o enfrentar a vida , sem a veracidade da primeira.
12	<i>par=ext398468-soc-94b-1</i> : É que, por se tratar de um projecto piloto, o número de vagas é bastante restrito, e, se requisitos essenciais como o não ter casa ou ter mais de 18 e menos de 50 anos vão ser determinantes, a vontade de cada um em frequentar o curso não o vai ser menos.
13	<i>par=ext165761-clt-94a-1</i> : É, portanto, no geral, um regresso às fontes, o que exclui os grandes arranjos e a densidade orquestral, de forma a diminuir a distância entre o escrever e o gravar canções .
14	<i>par=ext469291-pol-92b-1</i> : No autocarro especial a caminho do Astródromo, um delegado do distrito de Columbia (Washington) faz-nos notar todo o trabalho pré-convenção: «a discussão da plataforma, o arranjar consensos, o propor emendas ».
15	<i>par=ext670881-soc-95a-1</i> : De uma forma necessariamente simplista, dir-se-á que, para se chegar a uma pena em concreto, é preciso saber quais são os máximos e mínimos legais, ter em atenção o grau de culpa do indivíduo que está a ser julgado e atender, ainda, aos fins de prevenção geral e especial que justificam a aplicação das penas, tais como o dar segurança à sociedade , o carácter de advertência individual e a busca da ressocialização do agente criminoso.
16	<i>par=ext1325516-pol-92a-1</i> : A corrupção das tremidas virtudes da solidariedade e da justiça social coloca a cenoura defronte do burro, forçando à agonia da rotina entre o ganhar e o gastar dinheiro .
17	<i>par=ext1363424-soc-94a-1</i> : É que tudo se joga em volta do conceito «consumo próprio» -- e da definição do acto de prestar assistência farmacêutica a uma clínica -- e o ter uma farmácia aberta , nem que seja apenas para beneficiários que usaram essa clínica.
18	<i>par=ext1395916-soc-95a-1</i> : Quem se não recorda de ter assistido a uma vacada

	ou garraizada carnavalesca, rindo com as tropelias a decorrer na arena, a par com o brincar saudável e o lançar papelinhos ou serpentinas?
19	<i>par=ext166741-clt-92a-2</i> : O concerto integra-se na digressão europeia que o músico norte-americano inicia no dia 27 de Junho em Munique e que serve dois objectivos: a promoção do seu último álbum, «Dangerous», e o lançar as bases para a Heal the World Foundation, uma organização de auxílio às crianças de todo o mundo criada por Jackson.
20	<i>par=ext223013-soc-92b-1</i> : Motivam raciocínios contraditórios sobre as coisas que ali estão: será predominantemente a visão conservadora, o conservar as certezas do que já conheço , ou terei como guia a coragem da mudança, a fé «melhorista» no futuro?
21	<i>par=ext647776-clt-94b-1</i> : Depois, aos 15 anos, a pintura e a sua descoberta: o mexer nas tintas, o experimentar as telas , um avanço, uma passagem para outra coisa.
22	<i>par=ext1270353-soc-91b-1</i> : No primeiro caso «manter a fachada» significa apenas que fica a «aparência» do património, a desculpabilização do complexo de culpa em relação ao mito do património, o lavar as mãos .
23	<i>par=ext815015-soc-92b-2</i> : Numa lista que compreende também a fome e a sede, os acidentes, o isolamento, a morte de um inimigo, de mulheres e crianças, a participação em tortura, assassinio e violação, surgem logo a seguir a vivência de uma situação de combate e o ter sofrido um ferimento .
24	<i>par=ext68899-clt-95b-2</i> : Entre o fazer uma reportagem e a revelação passa entre um a três meses: o tempo suficiente para me esquecer do que fiz.
25	<i>par=ext100530-clt-94a-2</i> : Eu estava dilacerada entre o ser uma atriz a interpretar uma personagem e a imagem do meu passado.
26	<i>par=ext852515-soc-91b-2</i> : O mesmo responsável francês contaria ainda uma conversa tida com o cardeal Ratzinger, para explicar ao presidente da Congregação vaticana para a Doutrina da Fé que não há incoerência entre o professar uma religião e a filiação maçónica.
27	<i>par=ext1339801-clt-93a-2</i> : Isto é: a resistência dos materiais em geral, os pneus a rolaem sobre o asfalto, o automatismo dos gestos para passar de terceira para quarta e logo depois de quarta para terceira, o haver uma coisa tão surpreendentemente simples como uma porta que se pode abrir e depois fechar.
28	<i>par=ext1076459-opi-98a-2</i> : Crer nos avanços da ciência e da técnica (e crer, bem entendido, pressupondo também os seus altos e baixos, os seus avanços e recuos, as suas certezas e os seus «blufs», o seu saltar barreiras e o seu tactear por pequeníssimos passos) é algo a que estamos de certo modo «obrigados».

B. Presença de infinitivo flexionado

B.I . Presença de determinante artigo definido a determinar nominalização da oração infinitiva

B. I. a. Determinante artigo definido + Infinitivo + Complemento verbal (SN acusativo / SPrep / Oração)

1	<i>par=ext1507248-pol-94a-2</i> : Todavia, os velhos do Restelo da política portuguesa não acreditam na estabilidade social e política na África lusófona, daí o voltarem as costas à relação atlântica, pensando apenas nas vantagens que os ecus de Bruxelas lhes proporcionam e hipotecando o futuro de um povo com história multissecular e de vocação universalista.
2	<i>par=ext1467678-nd-91a-2</i> : 6. Naquele filme, o Vitinho aconselha as crianças a irem para a cama, pois o irem para a cama cedo fá-las-á acordar mais fortes e mais espertas.
3	<i>par=ext1374547-des-92a-1</i> : O destino dos profetas é o espantarem os homens, de os atraírem .
4	<i>par=ext940398-soc-91a-2</i> : Como a televisão ainda só tem dois canais, as possibilidades de escolha são entre o mantermos o aparelho desligado , sintonizado no Canal 1 ou no Canal 2.
5	<i>par=ext7778-nd-91b-2</i> : É muito bonito o ele ir buscar às pessoas aquilo que quer .
6	<i>par=ext700420-soc-95a-3</i> : Lucrécio, um dos primeiros a analisá-la de modo naturalista e sem recorrer a seres mitológicos, assinalou bastante bem a dificuldade fundamental desta questão: o mais assombroso não seria o facto de um fabuloso e sábio criador ter inventado as palavras, mas sim o ele ter logrado explicar aos outros, sem as utilizar, o que eram essas palavras e como funcionavam .
7	<i>par=ext178815-clt-95a-1</i> : Mas o que distingue as suas fotografias não é o representarem um mundo utópico ao qual todos aspiram e no qual é, ao contrário do que se passa com a obra de Martin Parr, extremamente fácil às pessoas identificarem-se, mesmo que seja sob a forma de uma identificação ideal; não é o facto de «a imagem bela se confundir com a imagem da coisa bela»; o que o distingue (e faz pensar que ele seria sempre um grande fotógrafo, mesmo que tivesse nascido pobre como Lewis Hine ou August Sander) é a sua manifesta paixão pela vida, a capacidade de revelar a forma como a curiosidade gratuita pelo que acontece de novo à sua volta (invenções, amigos, mulheres) deu sentido à sua vida.
8	<i>par=ext1345243-nd-93a-2</i> : O que lhes conferiu individualidade, o serem uma espécie distinta da que habita o resto da Europa , começou há cerca de 2 milhões de anos quando uma forma africana atingiu todo o hemisfério Norte.

B. I. b. Determinante artigo definido + verbo “ser” no infinitivo + Predicativo do sujeito

1	<i>par=ext62414-nd-91b-5</i> : «talvez o serem casos em que o aborrecimento inspirou a grandeza».
2	<i>par=ext107937-clt-95b-2</i> : A brevidade dos títulos -- «O Segredo» e «Vanzetti» -- é o que ambas têm em comum e também o serem espectáculos representativos da nova dinâmica do teatro portuense : uma nova companhia (Visões Úteis) que procura e encontra caminhos originais; e uma companhia (TEP) com uma longa história, que pisa o terreno pouco batido do teatro documental.
3	<i>par=ext1096235-soc-98a-3</i> : Os burgueses de Portugal têm de pior que os outros o serem portugueses Antes, mil vezes antes aturar os burgueses da My Ireland», a sua «santa Irlanda».
4	<i>par=ext1483279-clt-92a-1</i> : Públicos que tinham em comum o serem gente comum , sem dinheiro para satisfazer devaneios, contentando-se com os sonhos (de gosto duvidoso) que lhes trazia Benny Hill.
5	<i>par=ext931649-eco-93a-1</i> : A utilização das indemnizações como medida de escala também tem sido bastante frequente, embora possua problemas próprios, como o serem as indemnizações a concretização de uma variável aleatória e a rapidez no pagamento de indemnizações poder ser uma variável de concorrência entre empresas.
6	<i>par=ext873122-pol-95b-1</i> : Na conferência de imprensa conjunta em Varsóvia que encerrou sexta-feira a parte política da deslocação, Walesa agradeceu a Kohl o ele ser um homem de palavra , ao confirmar as promessas feitas durante a sua primeira visita à Polónia, em 1989.

B. II. Modificação por advérbio

1	<i>par=ext538391-soc-93b-2</i> : É o estarem sempre a «mudar» acerca do país para onde querem ir.
2	<i>par=ext880612-clt-93a-1</i> : E quando chegamos a Fernão Mendes Pinto, que diz «se matam uns aos outros, por sendo natureza nossa, o teimarmos demasiado em nossas opiniões », é a marca do individualismo nacional que povoa a «Peregrinação».
3	<i>par=ext125881-clt-95a-7</i> : Talvez também faça parte da condição humana o estarem sempre enganados ».
4	<i>par=ext520182-clt-95b-1</i> : É que é característica comum a todos estes momentos de saldo o serem essencialmente oportunidades para os editores escoarem os seus «stocks», livrarem-se de alguns dos milhões de livros que acumulam em armazém.

B. III. Presença de argumentos internos dos verbos principais sob a forma de clíticos

1	<i>par=ext40274-soc-93a-2</i> : O grande dano provocado a Alice Belinha; o facto de Armanda e António terem decidido furtar aquela cassette em particular e não outra qualquer, dado o grande valor que lhe atribuíram logo que se aperceberam do conteúdo; o terem-na reproduzida e facultado a terceiros , e a decisão de a divulgar, aproveitando a notoriedade do casal na cidade, foram factos dados como provados e que indicavam, sem margem para dúvidas, que iria haver uma condenação.
2	<i>par=ext149177-pol-95a-2</i> : Agradeceu a todos o terem-lhe dado tudo :
3	<i>par=ext609772-clt-93b-2</i> : Agradeceu até aos leninistas o terem-na forçado a conhecer mundo , afastando-a de um destino mesquinho e doméstico.
4	<i>par=ext433535-clt-93b-1</i> : No fim, agradeceu aos responsáveis do programa, Carlos Mendes e Fernando Tordo, o terem-no levado à televisão para conversar sobre os seus gostos, as suas inclinações, enfim, a sua vida privada .
5	<i>par=ext1313969-des-91b-1</i> : Estou muito agradecido ao Team e ao Ni Amorim o terem-me proporcionado estes momentos de prazer ».

B. IV Presença de negação

1	<i>par=ext285013-des-92a-2</i> : Mas aos russos preocupa-os outra coisa: o não estarem preparados para o estatuto de desempregados.
2	<i>par=ext1155958-soc-96a-1</i> : «Não é uma questão de subsídio, mas, sim, o não criarem dificuldades ao nosso trabalho, como por exemplo, com a aprovação rápida dos nossos projectos.»
3	<i>par=ext1484423-nd-94b-2</i> : São factores importantes a habituação à vida e aos costumes, a conformidade com a ordem jurídica, o não constituírem perigo para a segurança interna e externa do país.
4	<i>par=ext1049810-clt-96a-1</i> : Daí o não serem raras afirmações como «nunca olhei para o céu para ver as estrelas , porque vivo numa cidade e sempre ouvi dizer que só nos sítios escuros é que elas se podem ver».
5	<i>par=ext1100716-des-91b-2</i> : Pena porque estas cousas fazem sempre pena; alívio, porque, na verdade, a unica solução é essa -- o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra.

B. V. Presença de auxiliares

1	<i>par=ext1226420-pol-95a-2</i> : É isso que nunca perdoaremos a esse estrategista americano e a esse copista infeliz dos guardas vermelhos de Pequim: o terem chamado a desgraça sobre aquela felicidade florida.
2	<i>par=ext1491008-soc-95a-4</i> : Entre outras coisas, o terem tentado resolver o problema do ensino artístico em Portugal , talvez o maior quebra-cabeças institucional e pedagógico de que há memória.
3	<i>par=ext898183-clt-95b-1</i> : Ao flirtarem consciente ou inconscientemente com o sucesso -- e daí o terem escolhido um modelo de sucesso já provado , como os Pearl Jam --, os Blind Zero arriscam uma exposição maciça.
4	<i>par=ext1240403-clt-92b-1</i> : Aos Genesis se deve, além da revolução no vestuário, o terem trazido o teatro para o rock.
5	<i>par=ext524491-opi-96a-2</i> : Olhando para o relógio e verificando que a conversa já ia longa, solicitei-lhe ainda uma opinião rápida sobre o estarmos a introduzir em Portugal uma experiência que, nos restantes países da Europa, tem tido resultados tão desanimadores e discutíveis.

B. VI. Coordenação entre nominalizações de orações infinitivas e outras construções nominais

1	<i>par=ext834942-soc-98b-2</i> : Os responsáveis camarários tinham, ainda assim, fartas compensações: podiam sempre influenciar certas decisões de política económica, fiscal ou urbanística a favor dos respectivos interesses; em determinadas circunstâncias festivas, eram brindados com géneros alimentares (lampreias, por exemplo) ou banquetes -- sublinho que não se tratava de corrupção, mas tão só de um obséquio que se fazia com normalidade a quem servia o burgo; mas a grande recompensa era, sem dúvida, a proeminência social, a consideração de que gozavam, o ocuparem os lugares dianteiros na Procissão do Corpo de Deus, o passarem à frente dos outros no açougue (hoje diríamos o talho e a peixaria) e, dessa forma, obterem a melhor carne e o melhor peixe.
---	---

Extraído de :

Corpus do CETEMPúblico. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>